

ÂNGELA T. FONTANA DE SOUZA

O OUTRO LADO DE UMA MESMA HISTÓRIA: A PRODUÇÃO LITERÁRIA
DESTINADA AO PÚBLICO INFANTO-JUVENIL
NO ESTADO DE MATO GROSSO (1980 – 2009)

CUIABÁ – MT

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ÂNGELA T. FONTANA DE SOUZA

O OUTRO LADO DE UMA MESMA HISTÓRIA: A PRODUÇÃO LITERÁRIA
DESTINADA AO PÚBLICO INFANTO-JUVENIL
NO ESTADO DE MATO GROSSO (1980 – 2009)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da universidade Federal de Mato Grosso como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem, sob a orientação da Professora Doutora Francelli Aparecida da Silva Mello.

CUIABÁ - MT

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

S719o Souza, Ângela T. Fontana.

O outro lado de uma mesma história: a produção literária destinada ao público infanto-juvenil no estado de Mato Grosso (1980-2009) / Ângela T. Fontana de Souza – 2009.

Xii, 224f. ; il. ; 30 cm. -- (inclui tabelas)

Orientadora: Francelli Aparecida da Silva Mello.
Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso.
Instituto de linguagens. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, 2009.

1. Literatura infantil. 2. Infanto-juvenil. 3. Literatura mato-grossense. I. Título.

CDU 821.134.3(817.2)-93

Permitida a reprodução parcial ou total desde que citada a fonte.

RESUMO

Partindo de um processo de investigação acerca da literatura destinada ao público infantil e juvenil no Estado de Mato Grosso, este trabalho tem por objetivo apresentar os títulos que compõem essa literatura, bem como fazer uma descrição panorâmica do desenvolvimento desse campo no Estado, observar as tendências, temáticas privilegiadas, aspectos da produção e circulação dessas obras, além de traçar um breve paralelo entre a literatura infantil brasileira e a mato-grossense e sua repercussão em Mato Grosso. Foram utilizados os estudos de Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Lígia Cademartori, Teresa Colomer, Roman Jakobson, Leonardo Arroyo, Maria da Glória Bordini, Elizabeth D'Angelo Serra, Antonio Candido, Nelly Novaes Coelho, Pierre Bourdieu, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: literatura infantil, infanto-juvenil, literatura mato-grossense

ABSTRACT

Starting of a process of inquiring about the literature destined to the childish and youthful public in the State of Mato Grosso, this work has for objective to present the titles that make part this literature, as well as making a panoramic description of the development of this field in the State, observing the trends, thematic privileged, aspects of the production and circulation of these workmanships, beyond tracing a short parallel between Brazilian children's literature and Mato-grossense and its repercussion in Mato Grosso. Had been used studies of Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Lígia Cademartori, Teresa Colomer, Roman Jakobson, Leonardo Arroyo, Maria da Gloria Bordini, Elizabeth D' Angelo Serra, Antonio Candido, Nelly Novaes Coelho, Pierre Bourdieu, among others.

KEY-WORDS: children's literature, youthful, mato-grossense literature

"Eu sou eu e minhas circunstâncias".

Ortega y Gasset

Para o mano e o pai (in memoria).

Para o Matheus e o Théo.

Agradeço

(...)
aos que me dizem terno adeus,
sem que lhes saiba os nomes seus,
(...)
Aos que não sabem que eu existo,
Até mesmo quando os assisto,
(...)

Carlos Drummond de Andrade

e a todos aqueles que estiveram ao meu lado no cansaço e na alegria destas linhas: meus filhos, meu marido, minha mãe, minha irmã, meus amigos, meus livros, meus discos...

Agradeço ainda à minha orientadora e aos meus professores por terem, cada um a seu modo, me ensinado a construir caminhos: Franceli, Sirlei, Juan Mederos e Mário Cezar.

Às minhas irmãs de alma e de sonhos: Marli e Ana Paula. À Allê, amiga-irmã de trilha e de banquinho... à Rose Antônia, ao Sandro... Porque estou sempre na companhia dos bons: ou discos, ou livros, ou amigos – novos ou velhos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
------------------	----

A LITERATURA INFANTIL E ALGUMAS HISTÓRIAS

1. Breve consideração sobre o surgimento da Literatura Infantil	17
2. A Literatura Infantil no Brasil	21
3. As fronteiras do texto literário.....	29

DOS PRIMEIROS REGISTROS

1. A investigação nos estabelecimentos	37
2. A jovem Literatura Infanto-juvenil no Estado de Mato Grosso	47
3. Panorama histórico da literatura para crianças e jovens em Mato Grosso	50
4. Literatura Infantil mato-grossense X Literatura Infantil brasileira: ressonâncias	56
5. A Literatura Infantil: narrativa em texto e imagem	61

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL QUE BROTA NO CERRADO MATO-GROSSENSE

1- Pensando o Meio Ambiente

<i>As meninas e o sabiá</i>	67
<i>O dia em que o caçador virou caça</i>	68
<i>Guerra no Pantanal</i>	68
<i>Covardia</i>	69
<i>O rio</i>	70
<i>A árvore e a cidade</i>	70
<i>Turma do Pantanal: em defesa da biosfera</i>	71

<i>Coleção Mundinho</i>	71
<i>A borboleta urbana</i>	72
<i>Conferência no cerrado</i>	72
<i>Menina Pantanal e a galerinha ecológica</i>	74
2- Fantasia	
<i>Natal tropical</i>	74
<i>Na terra da confusão</i>	75
3- Realidade social	
<i>O gato que amava Girl</i>	77
<i>O emigrante</i>	79
<i>Uma chance para Margarida</i>	79
<i>Rio de sonhos</i>	79
<i>Lingüiça</i>	80
<i>Mamãe, sonhei que era um menino de rua</i>	80
<i>João Ninguém</i>	81
<i>Cidadão, o cachorro feliz</i>	82
<i>Cabelo ruim?</i>	82
<i>O aprendiz</i>	82
<i>Iluminando os caminhos do aprendiz</i>	83
4- Humor	
<i>O papagaio besteirento e a velha cabulosa</i>	83
<i>Cayman & Filhote</i>	84
5- Lenda Revisitadas	
<i>Selva e chuva</i>	84
<i>Uma maneira simples de voar</i>	85
<i>Candimba</i>	88

<i>Histórias da vovó do Coxipó I</i>	89
<i>Histórias da vovó do Coxipó II</i>	89
6- Inspiração Clássica	
<i>Amarelinhos</i>	89
<i>A fábula do quase frito</i>	89
<i>O galo que pingava ouro</i>	92
<i>O menino órfão e o menino rei</i>	92
7- Poesia	
<i>Brincar de ver em versos</i>	92
<i>As andorinhas</i>	93
8- Preocupação Didático-Pedagógica	
<i>As aventuras de Zumbelha</i>	94
<i>O peixinho sabido e a cadeia alimentar</i>	94
<i>Clarinha, a nuvenzinha sapeca</i>	95
<i>Vovó Nana nana Nina</i>	95
<i>Dona Treleleca e seu Trelelequinho</i>	95
<i>O menino que queria ser cientista</i>	95
9- Biográficos	
<i>Tonho da Onça</i>	95
<i>Bugrinho, que menino é esse?</i>	95
10- Ficção	
<i>As aventuras do robô tagarela</i>	96
<i>Pantamons: uma aventura no Pantanal</i>	96
<i>Gota D'água</i>	97
11- Outros Títulos	
<i>Anedotas que papai contou</i>	97

<i>Cidadão, o cachorro feliz</i>	94
<i>Isso é coisa de pirata</i>	97
<i>Crescendo com as letras</i>	97
<i>Os alegrinhos</i>	97
<i>O gato Mingau</i>	97
<i>O grilo poeta</i>	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
BIBLIOGRAFIA	105
ANEXOS	110

INTRODUÇÃO

As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito. Ou pelo menos não era apenas isso. Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar.

Clarice Lispector

Este estudo nasceu da necessidade de reunir informações a respeito da produção literária infantil mato-grossense, que até o momento faz-se praticamente desconhecida do público infantil, juvenil e adulto em geral e da própria academia.

A literatura mato-grossense 'para adultos' vem sendo objeto de monografias, dissertações, seminários, grupos de estudos e encontros literários já há algum tempo, no entanto, a literatura infantil permanece à margem. Assim, um problema se coloca para o pesquisador que precisa trabalhar com fontes primárias. O primeiro entrave é localizá-la para conhecê-la. Por onde se começa? Não há estudos nem registros dessa literatura. Sabemos que existem livros editados aqui e ali, mas nenhum trabalho que deles faça menção.

Buscamos os autores e textos que compõem a literatura infantil mato-grossense, tentando desenhar o mapa dessa produção e compondo um quadro sócio-histórico da trajetória dessa literatura desde a década de 80 do século XX até nossos dias; fazendo uma descrição panorâmica de como esse campo se desenvolveu em Mato Grosso, como está hoje e quais títulos formam essa Literatura; observando as tendências, a temática privilegiada, a filiação literária dos escritores, bem como aspectos da produção, circulação e aplicação dessas obras. Enfim, observando todo o processo que envolve a Literatura Infantil neste Estado, além de traçar um breve paralelo entre a literatura infantil brasileira e sua repercussão em Mato Grosso, observando as tendências e o movimento editorial em relação ao volume de publicações.

É justamente a partir dos anos de 1980 que a produção de livros para crianças ganha o mercado brasileiro definitivamente, passando a ser consumida com mais avidez do que nos anos anteriores, tornando-se economicamente relevante; é nesse momento que a literatura infantil ganha espaço nos currículos das universidades, tornando-se objeto de estudo científico; é também nesse momento que a literatura infantil surge em Mato Grosso, conforme observa Hilda Gomes Dutra Magalhães em *História da Literatura de Mato Grosso: século XX* (2001).

No decorrer do trabalho esbarramos em diversos obstáculos: uma completa ausência de bibliografia de apoio específica sobre esta literatura infantil e juvenil mato-grossense, nenhuma tradição em pesquisa e a dificuldade em localizar as obras que compõem este acervo, já que muito pouco dele se encontra disponível em bibliotecas.

E como este é um campo que ainda não se consolidou, deixamos trilha aberta para aqueles que desejam uma pesquisa mais aprofundada, que desejam enveredar por um caminho de análise dessas obras e, de uma forma ou de outra, complementar este trabalho, seja preenchendo suas lacunas ou corrigindo-lhe os equívocos. Para o momento, nossa preocupação voltou-se para: quais os autores, quais as obras e o caminho percorrido por essa literatura. Este trabalho objetiva, portanto, investigar a existência de títulos para fazer conhecer as obras e apresentar informações básicas sobre seus conteúdos.

Na pesquisa foram utilizados dados colhidos em entrevistas semi-estruturadas com autores e editoras que possuem livros de literatura infantil e juvenil em seus catálogos de publicação. Houve investigação na Secretaria de Educação (SEDUC) sobre as políticas de incentivo ao livro infantil adotadas, tais como: cursos para crianças e professores, compra de material para bibliotecas infantis, interação acerca dos trabalhos realizados nas bibliotecas e livrarias envolvendo o público infantil, bem como levantamento das obras de literatura infanto-juvenil mato-grossense existentes nestes estabelecimentos, o consumo por este público e questionamento sobre em que momento das atividades essas obras são privilegiadas.

A investigação nos estabelecimentos foi feita no sentido de obter informações sobre o processo de construção e legitimação do campo literário infantil e juvenil mato-grossense.

No primeiro capítulo apresentamos breves considerações a respeito do surgimento da literatura infantil, primeiro em planos gerais para, em seguida, tratarmos da literatura infantil no Brasil, utilizando como apoio os estudos de Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Lígia Cademartori, Teresa Colomer, Roman Jakobson, Leonardo Arroyo, Maria da Glória Bordini, Elizabeth D'Angelo Serra, Antonio Candido, entre outros.

Ainda dentro do primeiro capítulo elabora-se um campo de discussão acerca das fronteiras, comumente estabelecidas entre a literatura infantil e a não infantil, entre o regional e o não regional, enfim, questões sobre territórios e fronteiras do campo literário, em se tratando ora de espaços ora de conceitos.

O segundo capítulo trata do processo de investigação acerca de como se estabelece o campo literário infantil em Mato Grosso, apresentação, distribuição e circulação das obras a partir de entrevistas semi-estruturadas e observações de campo. Os estabelecimentos investigados concentram-se na capital de Mato Grosso, lembrando que estabelecimentos como a Secretaria de Educação e a Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça regem todo o Estado, seja coordenando o sistema de ensino e elaborando listas de livros para distribuição – como é o caso da primeira -, seja na distribuição de livros publicados com a Lei de Incentivo para bibliotecas públicas das cidades do interior – como no caso da segunda. Em seguida, elaboramos um panorama histórico dessa produção para, posteriormente, estabelecer uma comparação entre o processo de desenvolvimento da literatura infantil brasileira e a mato-grossense. O capítulo é finalizado após uma discussão acerca da linguagem visual e da linguagem escrita, uma vez que ambas fazem parte do universo literário direcionado ao público infantil, justificando a atenção que se dá aos ilustradores dos livros no momento em que as obras são expostas.

No terceiro capítulo são apresentadas as obras que compõem essa literatura, encontradas até o momento em diferentes localidades. Conforme podemos verificar no quarto capítulo, são listadas obras de autores de diversas

idades do Estado, apesar de muitos desses autores utilizarem as editoras da capital. Os títulos são organizados por temas e alguns elementos de seus conteúdos são postos em evidência, sem maiores pretensões de análise.

Ao término, após as considerações finais, segue em anexo um quadro cronológico da literatura infanto-juvenil em Mato Grosso e, em seguida, informações a respeito dos escritores, ilustradores e arte educadores com o intuito de relacionar os nomes de homens e mulheres que, sob suas penas, traçam os rumos de parte da história literária de Mato Grosso. Apresentá-los tem por intenção, unicamente, a valorização e o fazer conhecer. Constam, em ordem alfabética, aqueles dos quais conseguimos obter informações. Por último, ordenados cronologicamente, estão os registros de correspondências e as transcrições das entrevistas realizadas, a fim de se fundamentar as afirmações feitas no corpo do trabalho.

Quanto à classificação, em se tratando da produção literária para crianças e adolescentes em Mato Grosso, entenderemos por literatura infantil e juvenil os textos que falam à experiência destas faixas etárias e aqueles que foram escritos para elas. Tomando como objeto estas obras, são tecidas considerações em torno das temáticas presentes e da configuração textual na qual se inscrevem.

Como tudo sempre parte de algum lugar, nosso objetivo é registrar a Literatura Infanto-Juvenil mato-grossense para que seja conhecida e divulgada, pois esta produção é parte da literatura mato-grossense e da história deste Estado.

A LITERATURA INFANTIL E ALGUMAS HISTÓRIAS

1. Breve consideração sobre o surgimento da literatura infantil

“Para conceituar a literatura infantil, é preciso proceder a uma consideração de ordem histórica, uma vez que não apenas o gênero tem uma origem determinável cronologicamente, como também seu aparecimento decorreu de exigências próprias da época. Assim, há um vínculo estreito entre seu nascimento e um processo social que marca indelevelmente a civilização européia moderna e, por extensão, ocidental.” (Zilberman, 2003,34-35)

Partindo dos estudos de Regina Zilberman (2003), vemos que o conceito de infância está associado à emergência da família burguesa, uma vez que tendo modificado os aparelhos ideológicos, esse conceito passa a visar à preservação e à unidade do lar, favorecendo a ascensão da instituição escolar, de práticas políticas - que tornaram obrigatórias a filantropia e o ensino - e o surgimento da pedagogia e da psicologia.

Os primeiros livros destinados à criança surgiram no final do século XVII, mas a primeira biblioteca infantil só foi inaugurada em 1920, em Bruxelas, quando, paralelamente, começaram a surgir os primeiros estudos sobre literatura infantil e juvenil. Segundo Colomer (2003), em 1921, em Barcelona, foram criadas as bibliotecas escolares circulantes destinadas às escolas públicas. A partir de esforços como estes, para a difusão da leitura, surgem os primeiros artigos em revistas educativas da época sobre literatura infantil e juvenil.

Segundo estudiosos do ramo como Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Lígia Cademartori, Teresa Colomer e outros, o crescimento editorial do livro infantil é, certamente, um dos responsáveis pela sua difusão. Foi ao longo dos anos de 1980, tanto no Brasil quanto em países da Europa¹, que a literatura infantil tornou-se mais presente no âmbito escolar, ocasionando, ainda nessa década, um excesso de oferta – como, por exemplo, os guias de leitura e

¹ Dado colhido no estudo de autores brasileiros bem como na obra de Teresa Colomer *A formação do leitor literário*; Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

propostas de trabalho escolar – e, com o excesso, acabou-se por provocar um efeito contrário, a ponto de vozes dos setores bibliotecários começarem a “defender a preservação de uma leitura livre das obrigações escolares”. (COLOMER, 2003 p.34)

Para Teresa Colomer (2003), a primeira preocupação em relação à literatura infantil foi a difusão de suas obras, a segunda foi o estabelecimento dos critérios sobre as obras que dariam forma a essa literatura.

A criança como sujeito social diferenciado que se torna evidente a partir do século XVIII, e a existência de um mercado sólido de obras destinadas à criança são fenômenos que se desenvolveram de forma inter-relacionada. Essa realidade é tão óbvia nos dias de hoje que acabamos nos esquecendo que tais fenômenos se deram recentemente. (COLOMER, 2003, p.160)

Em se tratando da história dessa literatura, os estudos nos revelam o seu surgimento no mercado livreiro no século XVIII, juntamente com o fenômeno da industrialização que provocou um esvaziamento do ambiente rural, inflando as grandes cidades e impulsionando o desenvolvimento e modernização em vários setores da sociedade na Europa. A escola passa a ser meio de solidificação política e ideológica da burguesia, tornando-se obrigatória para a criança - agora alvo da industrialização - passando a motivar o consumo de brinquedos e livros. Na análise de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2000: p.20), o livro infantil assume, portanto, desde o início, a condição de mercadoria, além de ser o instrumento pelo qual o adulto deixa clara a maneira como quer que a criança veja o mundo.

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão.

A aproximação entre a instituição e o gênero literário não é fortuita. Sintoma disso é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. (Zilberman, 2003, p.15-16)

Para Zilberman, a literatura infantil ainda permanece como uma “colônia” da pedagogia, instrumento de dominação da criança.

A literatura infantil (LI) ² como objeto de estudo é um fato considerado recente. Os livros para crianças estão determinados pelos limites daquilo que se julga ser compreensível dentro da capacidade do seu destinatário, além daquilo que o adulto deseja para ele (o destinatário).

Nos livros infantis, mais do que na maioria dos textos sociais, se reflete a maneira como uma sociedade deseja ser vista, e pode-se observar que modelos culturais dirigem os adultos às novas gerações e que itinerário de aprendizagem literária se pressupõe realizam os leitores, desde que nascem até sua adolescência. (Colomer, 2003,14)

Conforme dialogam Marisa Lajolo, Lígia Cademartori Magalhães, Regina Zilberman, Teresa Colomer entre outros, a LI, primeiramente, surgiu não como uma forma literária, mas como uma preocupação pedagógica, como meio de validar os costumes, a transmissão de valores; garantindo a organização social. O primeiro aspecto valorizado pelo adulto no texto escrito para a criança foi o utilitário e não o lúdico. Importou antes dirigir e controlar. Negou-se o sujeito, dando ao texto um papel normativo gravemente despreocupado com a questão estética. Todos os fatores de produção (criação, edição distribuição e consumo) foram sempre coordenados por adultos.

A LI e Juvenil situa-se entre a função literária e a função educativa, dividindo-se em dois campos de debate. De um lado, a LI enquanto tal e, de outro, a LI enquanto meio educativo (e doutrinário) onde, então, surge a discussão a respeito de se ela poderia, de fato, ser considerada “literatura”, se o termo seria adequado para nominar esses textos. Tais discussões, após exaustivas argumentações, levaram à afirmação de que um texto literário é caracterizado pela sua “literariedade”, sendo este o objeto de análise da teoria literária. (JAKOBSON,1923)

Sob essa perspectiva, a LI, conforme apontam os estudiosos, foi considerada uma literatura menor, o que levou muitos críticos e autores a buscarem nos textos para crianças marcas de literariedade que os colocassem

² De ora em diante poderemos nos referir à Literatura Infantil através da sigla LI.

no mesmo nível de valor literário que a então chamada “literatura para adultos”. O próprio adjetivo constituiu-se em elemento de classificação no diminutivo. A respeito dessa discriminação em função do adjetivo, podemos questionar os motivos, afinal, muitos de nós somos leitores desses livros. No entanto, “o interesse teórico concedido aos elementos pragmáticos da avaliação literária começaram, então, a desbloquear o tema do reconhecimento literário da literatura para a infância e juventude, ao entendê-la como uma forma específica de comunicação literária” (COLOMER, p.52) - a sua classificação enquanto forma literária é recente.

Nossos teóricos fazem distinção entre texto utilitário e estético; sendo utilitário aquele de interesse pedagógico com propósitos imediatistas e o estético aquele que está ligado à arte. Defendem a idéia de ser justamente na construção propriamente literária que esta literatura tem o que oferecer à criança. À parte os princípios unicamente educativos e de dominação, a história e o discurso trazem benefícios ao leitor, seja de ordem artística, histórica, informativa, de linguagem ou lúdica.

Os textos destinados à criança, enquanto literários, são meios expressivos que se utilizam das palavras e da imaginação como instrumentos vibrantes para a construção de sentidos, propiciando a ordenação das vivências, o conhecimento da realidade individual e social, fundamental na elaboração dos elementos essenciais que vão constituindo a identidade como um todo. Em se tratando dessas questões é importante falar em literariedade, pois, segundo Magalhães, “nem tudo que circula como livro destinado à criança é, de fato, literatura infantil. Há, no mercado, muita gratuidade e produções que não vão além do lugar-comum estético e ideológico”. (2006. p.28)

Para Salvato Telles de Menezes, a literatura possui, certamente, significado misterioso bem como filosófico e até doutrinário, além de mágico e mesmo disciplinar. Pode, também, ser tida como um passatempo, mas não como apenas isso. A manifestação, na literatura, de elementos da sua arte nos faz saber isto.

Dos dois termos que Horácio aplica à literatura – dulce e utile, ou seja, produtora de prazer e produtora de saber ou conhecimento – só a sua pertinente síntese nos pode conduzir a

uma apreciação justa. Dizer que a arte literária é útil, que produz ou proporciona saber, não significa que seja ciência, mas que não é mero passatempo, isto é, que tem sentido e profundidade intelectual. Dizer que a literatura é agradável não implica que seja divertida à maneira de passatempo, mas que é fonte de prazer espiritual, de recreio, no sentido etimológico de recriação. (Meneses, 1993,p.30)

E o devir íntimo de sua arte estará sempre disponível de ser imaginado ou investigado, considerando toda a profundidade expressiva de que ela é composta.

Portanto, a comunicação na literatura está destinada a incontáveis acumulações de sentido. Uma frase, uma palavra nos permite identificar um valor. A linguagem literária é essencialmente simbólica, o que nos capacita a realizar uma nova atribuição de sentido ao mesmo texto a cada nova leitura. Como toda produção de sentido, em seu caminho há muitas possibilidades que se concretizam, assim como a multiplicidade do universo de receptores que se apropriam do material e o resignificam de acordo com sua memória social.

Sobre a questão da barreira, em função do adjetivo, que se estabelece entre a literatura infantil e a “literatura para adultos”, retomaremos a discussão um pouco mais adiante.

2. A literatura infantil no Brasil

A literatura infantil apresenta, no Brasil, um campo de trabalho tão extenso e desconhecido, que ocorre com o investigador o que se passou com Cristóvão Colombo: pensa-se ter descoberto o caminho para as Índias quando, de fato, mal se tangenciou um continente inexplorado, cujo perfil ainda está por ser definido. À vastidão da empresa se somam os equívocos que cercam o objeto em pauta. Ainda aqui uma comparação com Colombo é elucidativa, porque a literatura infantil como o Novo Mundo no século XV, está envolvida por uma capa protetora de enganos e preconceitos que, ao mesmo tempo, a diminuem intelectualmente e reprimem uma averiguação que ponha em evidência sua validade estética ou suas fraquezas ideológicas. (Zilberman, 2003, 11)

No Brasil, a produção literária dirigida ao público infantil começa a ganhar espaço entre os séculos XIX e XX. No final do século XIX os livros infantis de maior circulação eram as traduções europeias. Somente a partir de 1886, com a publicação de *Contos infantis*, de Julia Lopes de Almeida, as traduções europeias começam a dividir espaço com obras de difusão de civismo e patriotismo. Seguem outras raras publicações de outros autores brasileiros, como Coelho Neto, Manuel Bonfim, Adelina Lopes Vieira, João Vieira de Almeida, Afonso Celso e Olavo Bilac, em meio às traduções e adaptações consagradas na Europa. Muitas dessas obras adaptadas não tinham sequer a cumplicidade do idioma, já que publicadas por editoras de Portugal, vinham num idioma distante da língua materna, o que desagradava em muito seu público.

As obras que começam a ser escritas e publicadas no país, mesmo que inspiradas em similares europeias, já apresentam um teor nacionalista, valorizando e exaltando as características da terra, manifestando o cuidado obsessivo com a linguagem, tomada como símbolo pátrio. Essas características são presença contínua em toda a produção infantil brasileira. O nacionalismo é tema dominante, as tradições populares são exploradas exaustivamente, sempre obedecendo a uma inclinação educativa. Como exemplo, temos Olavo Bilac em *A Pátria*:

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!

Criança! não verás nenhum país como este!
 Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
 A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,
 É um seio de mãe a transbordar carinhos.
 (...)
 Quem com seu suor a fecunda e umedece,
 Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como este:
 Imita na grandeza a terra em que nasceste!³

³ BILAC, Olavo. *A Pátria*. In: _____. *Poesias Infantis*. 17 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1949. p. 123-4.

A publicação de *A menina do narizinho arrebitado* de Monteiro Lobato em 1921, inaugura um segundo período na literatura infantil brasileira, revelando uma preocupação dos autores em escrever histórias numa linguagem que interessasse a criança. É a obra de Monteiro Lobato que rompe, no Brasil, com os procedimentos exclusivamente pedagógicos, possibilitando novas perspectivas de leitura para a criança, conforme assinala Lígia Cademartori Magalhães (1984).

Lobato estimula o leitor a construir seus próprios conceitos incitando-o a olhar criticamente para os problemas sociais, culturais, políticos e econômicos, ao mesmo tempo em que se diverte. A criança passa a interlocutora de uma obra que trata de assuntos sérios e complexos, mas de maneira simples, agradável e lúdica. O autor cria histórias onde não há verdades prontas e a liberdade é valorizada, estabelecendo uma nova moral, não mais aquela dos contos clássicos. Os pequenos leitores vão adquirindo consciência crítica e conhecimento de problemas concretos com um autor que acreditava na democracia e tornava clara essa idéia através dos personagens do sítio, livres para expressar suas opiniões e tomar decisões pelo voto. Toda essa realidade apresenta-se ao lado de um mundo mágico cheio de fantasia. A fantasia em Lobato não é alienante, mas opera como apoio do mundo real. Lobato é marco e referência máxima da nossa literatura – na medida em que escreve sobre o Brasil a partir de um novo olhar e faz do seu leitor um interlocutor com quem dialoga sobre questões antes atribuídas somente aos adultos.

Entre os anos de 1920–1945 a produção literária para crianças cresce consideravelmente, há um aumento no número de obras, volume de edições e interesse das editoras que passam a dedicar-se ao mercado livreiro nacional infantil. Os efeitos da Semana de Arte Moderna de 1922 se fazem ver nessa produção. Esse período representa um avanço para o Brasil, rumo ao processo de industrialização. O interesse dos intelectuais na modernização da sociedade, que teve início já no momento da Proclamação da República, é cada vez mais evidente. E a literatura infantil constitui-se uma janela de imagens dos contrastes que atravessam o país nesse período: um país moderno (?) e rural.

O segundo momento da literatura infantil brasileira é, diferentemente do primeiro, um período onde se criam histórias originais, prevalecendo o espaço rural como cenário de desenvolvimento da ação e fixação dos personagens. A linguagem é criadora, rompe com os padrões da norma culta, aproximando a escrita da oralidade sem infantilizá-la.

No terceiro período que vai do fim da Segunda Guerra Mundial (1945) a 1965, temos a consolidação da industrialização e urbanização do país, o golpe da ditadura militar, que não atinge a literatura infantil, e a preparação para o grande momento que se inicia na década de 70. Encontramos editoras especializadas em literatura para crianças, produções em série e respostas às exigências crescentes do mercado consumidor que se expande aceleradamente. Predominam as histórias transcorridas na floresta e no campo, o momento literário é fértil em termos quantitativos, no entanto, cai na repetitividade explorando o já conhecido e não aderindo à pesquisa renovadora. Rumo que levou a literatura infantil produzida no período a um menor reconhecimento e maior marginalização, não atraindo artistas de renome.

A Editora Abril publica, a partir de 1950 revistas em quadrinhos americanas. Os livros de histórias brasileiros apresentam a vida no campo, seja valorizando-a em contato com a natureza ou apresentando as dificuldades cada vez maiores que seus moradores enfrentam diante do processo de modernização e desvalorização da atividade rural como o plantio do café, por exemplo, em decadência irrefreável. O morador do sítio é apresentado por alguns narradores como pessoa ignorante e supersticiosa. O sítio passa então a ser objeto de curiosidade enquanto meio que propicia a exploração do desconhecido, do perigoso, lugar de aventura por um fim de semana ou nas férias escolares. Logo, o sítio, lugar ameno, é substituído pela floresta amazônica, natureza selvagem num território distante, desconhecido e misterioso, lugar perfeito para a aventura. A Amazônia, como espaço, não significava uma valorização da floresta brasileira, mas sim uma influência da cultura de massa, dos cinemas, seriados de aventura e livros de detetive, conforme assinalam Lajolo e Zilberman (1998).

Outra característica foi a infantilização da criança em livros que tematizavam a infância, utilizando símbolos literalmente infantis como bichos e bonecos, sempre num texto de postura doutrinária, inculcando ensinamentos morais e inculcando a obediência, principalmente. Sempre inspirados no conto de fadas e na fábula, temos textos comprometidos em transmitir para os pequenos os valores do mundo a partir da visão dos adultos. Estas obras produzidas em série, reduzindo o escritor a operário, são dirigidas à infância, no entanto, satisfazem não as expectativas de seu público leitor, mas do adulto, da família e da escola.

Em 1965, inicia-se o quarto período da literatura infantil brasileira que vem ganhando força com a multiplicação de instituições e programas voltados para a leitura e a discussão dessa literatura. Em 1966, surge a Fundação do Livro Escolar, em 1968, a Fundação Nacional do Livro Infantil, em 1973, o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil e as várias Associações de Professores de Língua e Literatura e também a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, criada em São Paulo, em 1979 (Lajolo e Zilberman - 2002).

A edição de obras infantis e juvenis aumenta expressivamente ao longo dos anos 70, havendo um investimento de grande capital em literatura infantil. Torna-se comum a visita de autores a escolas discutindo suas obras com as crianças. Os cursos universitários proliferam nas cidades médias e grandes, surgem livrarias organizadas em função do público infantil bem como escritores e artistas gráficos que se dedicam exclusivamente a esse tipo de produção, fazendo com que esse material conquistasse espaços cada vez maiores e um público fiel. A boa qualidade gráfica torna esse aspecto quase auto-suficiente. A literatura infantil ganha o prestígio de grandes nomes como Mário Quintana, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector.

A temática, à moda de Lobato, envereda pelo urbano numa tendência mais contestadora, falando de um Brasil atual, de suas crises e impasses. O livro trata de questões problemáticas da infância sob a ótica da criança; fala de preconceito racial, da marginalização social, desajustes familiares, frustrações, deficiências, pobreza; traz temas modernos como ficção científica e mistério policial. As histórias parecem sugerir um compromisso com a denúncia das

mazelas da sociedade. A incorporação da oralidade é uma característica marcante.

Segundo dados apresentados por Maria da Glória Bordini (1998)⁴, das obras dessa literatura publicadas no Brasil na década de 1980, 30% tratam do cotidiano infantil, abordando questões da vida doméstica, curiosidades infantis, brinquedos e travessuras, relações com pais e irmãos, aquisição de noções ou desejo de crescer; 27% trazem o conto fantástico, onde o caráter antropomórfico em que animais assumem o papel de personagens principais e heróis, objetos inanimados e reinos encantados em versões mais modernas é uma constante; 17% trazem a representação da vida de pessoas; 10% tratam de questões de História e da modernidade como: ecologia, vultos históricos, veículos, guerras, violência urbana, denúncia social; 7% trazem mistério e horror; 5% folclore e religião e o percentual restante faz paródia dos clássicos ou simplificação destes. São obras ora de modelo intimista, defesa da fantasia como refúgio, narrativas intimistas em clima fantástico, ora sobre a emancipação da mulher-mãe, separação dos pais, desestruturação familiar, abandono dos filhos, relações entre infância versus velhice; desníveis sociais ocasionados pela má distribuição de renda, criação de personagens fortes diante de barreiras sociais, denúncia de problemas em que crianças e adultos lutam lado a lado, genocídio de nações indígenas e a degradação da natureza. Enfim, “textos que tematizam, de modo simbólico, o mundo interior da criança” bem como social, “procurando expressar suas necessidades e apresentar soluções a seu alcance”. (BORDINI, 1998, p.42)

Outras tendências, bem como o folclore nacional, passeiam como temas, mas “não como antes, com seu componente crítico ou anedótico muitas vezes reprimido ou substituído por um sentido pedagógico” (BORDINI, 1998, p.42). Para Bordini, os contos populares são retomados no sentido cômico e de valorização, como também se vê na poesia, apesar de haver poucos livros do gênero com autores realmente bons.

⁴ Em obra organizada por Elizabeth D'Angelo Serra, publicada pela Editora Mercado de Letras com apoio da Associação de Leitura do Brasil (ALB) em comemoração aos 30 anos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. BORDINI, M. G. “A Literatura Infantil nos anos 80”. In: SERRA, Elizabeth D. *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

Autores estrangeiros são traduzidos novamente sem o preconceito da década anterior. No entanto, cresce o número de publicações sem nenhuma relevância onde muito se escreve, mas sempre sobre o mesmo, segundo afirma Bordini, ameaçando a qualidade artística e a força transformadora - o que ocorreu com muitas “coleções”⁵.

Bordini assinala, ainda, que na década de 70 “um enxame de livros e de autores foram publicados, sem que houvesse a possibilidade de uma reflexão sobre o que se publicava, por quê e para quê” e, no entanto, nos anos 80, “percebe-se que os profissionais da área começam a sentir necessidade de refletir sobre o papel da literatura infantil e juvenil, apontando caminhos e começando a detectar tendências”. (BORDINI, 1998, p.51)

A literatura infantil brasileira nos anos de 1990 sustenta-se pela herança de Lobato. Os jovens desfrutam da biblioteca que ele criou e é o momento em que tal produção passa a ser encarada como Literatura, definitivamente. Segundo Nina Gonçalves Lacerda (1998), a literatura para crianças e jovens que remetia para dentro da própria biblioteca era uma das linhas de força da literatura para jovens naqueles anos de 90 (p.65). São textos que conduzem seus personagens a uma visita a outros textos e personagens já clássicos, porque além de viver aquele presente de mudanças culturais, era importante conhecer de onde se partia.

A poesia infantil desse período opta pelo viés da existência ao mesmo tempo em que “veste várias fantasias” e trata das transformações na adolescência. O imaginário popular brasileiro é revisitado com “esmerado cuidado”. Há também, nestes anos de 90, a banalidade dos descartáveis com obras e edições de má qualidade. No entanto, segundo Lacerda, também há livros de grande respeito ao leitor, dentre os quais cita *Caixa Postal 1989* de Ângela Carneiro (1992) e a obra de um autor mato-grossense, Antonio de Pádua e Silva com *O Gato que amava Girl* (1994), além das obras *Um pai para Vinícius*, de Maria Dinorah (1995); *Contos da infância e da adolescência*, de Luiz Vilela; *Marta & William*, de Álvaro Cardoso Gomes entre outros.

⁵ A autora não cita o nome das coleções.

Lacerda trata ainda do crescimento em quantidade e qualidade dos livros informativos, além de citar as investigações de gênero como questão instigante da produção para jovens e crianças neste período. Para Lacerda, este caminho de ir e vir, sabendo onde se está e de onde se partiu, é a chance de escrever a própria história novamente e de forma diferente.

Estas questões relativas à Literatura Infantil parecem ter despertado o interesse de estudiosos e pesquisadores brasileiros a partir da década de 1950, sendo que, em 1951, a Imprensa Oficial publica em Belo Horizonte o livro *Problemas da Literatura Infantil*, de Cecília Meireles. É no final dos anos 60 e início da década de 70, com a promulgação da Nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Brasileira (Lei 5692 de 1971), que se observa o aumento de estudos e pesquisas, geralmente de caráter histórico sobre a literatura infantil e circulação de textos do “gênero” em sala de aula.

Como conseqüência da valorização de autores brasileiros imposta pela Lei nº 5692/71, introduz-se uma corrida ao registro da “gênese” do “gênero” no Brasil. Entretanto, a maioria dos autores aborda a questão partindo das origens da literatura infantil em diferentes países e fundamentando-se, principalmente, em autores estrangeiros.

Vários foram os pesquisadores que buscaram a teorização da literatura infantil. O pioneiro, Leonardo Arroyo (1968), apresenta um texto em que procura discutir aspectos referentes à moral, ética, estética, arte e adaptação às faixas etárias das obras destinadas ao público infantil.

Autores posteriores e mais próximos à década de 1990 tomam o texto de Arroyo como “guia” e, seguindo-lhe os passos, (re)escrevem a história dessa literatura, procurando acrescentar a parte que o autor apenas referenciou: a literatura pós-lobatiana.

Inúmeros trabalhos sobre literatura infantil têm mostrado que o teor dessas histórias não é tão ingênuo como se supõe. Tais obras não são, de fato, ocas como na opinião dos mais desavisados, mas possuem conteúdos sérios, temáticas sérias, abordadas ora de maneira objetiva, ora até filosófica.

Podemos dizer, seguramente, que a literatura infantil no Brasil como um todo ainda é pouco explorada. Um estudo sobre a produção literária voltada

para este público infanto-juvenil em Mato Grosso deve contribuir para preencher as lacunas desta história.

3. As fronteiras do texto literário

“(...)um regime alimentar, um regime sexual regulam, antes de tudo, misturas de corpos obrigatórias, necessárias ou permitidas. Até mesmo a tecnologia erra ao considerar as ferramentas nelas mesmas: estas só existem em relação às misturas que tornam possíveis ou que as tornam possíveis.”

Deleuze e Guattari

Antonio Candido já havia dito que sem dúvida há uma “literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados” (2000, p.139), e é compreensível que a produção de cada lugar tenha suas características, que as características do lugar marquem a sua produção literária, que devolve, literariamente, impressões, que por sua vez marcam os que nele vivem.

Com efeito, entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. (ibidem, p. 139)

Segundo o teórico, há literatura quando há um sistema de valores que enforma essa produção e dá sentido a tal atividade, quando há um público que dê ressonância a ela, quando se estabelece a continuidade.

Na medida em que a arte é (...) um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três (autor, obra, público), que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. (idem, op. cit, p.38)

Para Candido, a produção da obra de arte possui quatro momentos: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões de sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio” (CANDIDO,2000, p.21). Há, portanto, três elementos indissolúveis ligados à produção: autor, obra, público.

Podemos entender a obra

fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (...) o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (idem, ibidem, p.14)

E como bem define Hilda Gomes Dutra Magalhães em *História da Literatura de Mato Grosso: século XX* (2001, p.18), há que se considerar mato-grossense toda obra produzida por autores que nasceram ou que residem em Mato Grosso. Independente ainda de gerenciarem privilegiadamente as peculiaridades regionais ou apresentarem a temática dessas obras em um plano mais universal. “Tanto quanto os valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma, e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio”. (CANDIDO, 2000, p.32)

É importante, no entanto, não perdermos de vista o fator memória que, se traduzido como *tradição*, está entrelaçado ao que vem se chamar regionalismo. A ação de tentar fixar o que é tido como regional está expressamente firmada na necessidade de delimitar fronteiras, de demarcar um espaço, de identificar-se pela diferença, uma vez que *ser este é não ser aquele* e *ser ‘eu’ é não ser o outro*.

É essencial valorizarmos a diferença sem, no entanto, perder de vista que identidade não é algo estático, pronto e acabado, algo que se possa definir, mas algo em mutação. Todas essas características, todo esse movimento de valorização, supervalorização ou desprendimento em apresentar

elementos tomados como essencialmente regionais, constituem a literatura infanto-juvenil mato-grossense.

Sob uma outra perspectiva, Mário Cezar Silva Leite em *Mapas da mina: estudo de literatura em Mato Grosso* sintetiza que “pode-se ter um bom e eficaz discurso regionalista, mas nem sempre um bom discurso artístico” (p.230). O que significa que todas essas características da literatura produzida em nosso Estado não fazem significar necessariamente que todas as obras de literatura infanto-juvenil sejam de boa qualidade literária ⁶, no entanto, possuem a sua real importância enquanto registro, afinal, todas elas ajudam a escrever esse capítulo da história da literatura de Mato Grosso. E como toda arte, vai trilhando seu caminho, crescendo e amadurecendo rumo a um reconhecimento significativo dentro daquilo que se produz neste espaço.

Certamente o autor mato-grossense ‘por adoção’ possui um olhar diferenciado, sobre as mesmas questões, do autor que nasceu e cresceu com os elementos culturais pertencentes a esta terra. Possui uma abordagem diferenciada da cor local, daquilo que é considerado estritamente regional. “Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo”. (CANDIDO, 2000, p. 07)

A literatura infanto-juvenil mato-grossense está, certamente, entrecortada por múltiplos discursos, por ditos e não-ditos, ditos de dentro de sua história, da história de seu lugar, da história do lugar do outro, numa movimentação de sentidos ininterrupta. E fazendo uma referência à linguagem, o que escapa ao não-dito não desaparece, mas permanece às “margens dos sentidos”, num “discurso em suspenso”, sob a forma de um “vestígio” (ORLANDI, 1999, p.67), já que o silêncio é símbolo que permanece como suporte do vestígio discursivo.

Os sentidos produzidos apóiam-se tanto nas práticas discursivas do cotidiano da nossa cultura quanto nos repertórios ampliados dessas práticas,

⁶ Alguns livros podem ser considerados belíssimos sob algum aspecto e deficientes em outro. Há textos excelentes, ao passo que há alguns com problemas de construção, ora textual ora gramatical.

que se materializam em processos múltiplos de significação. Os elementos eleitos de uma obra aqui ou ali extrapolam, silenciosa ou discursivamente, os limites do significar. A maneira como se abordam e privilegiam os elementos dentro da narrativa de uma obra torna possível o movimento da subjetividade no discurso repleto de sentido, que possui existência nesse ou naquele território, para este ou para aquele autor e para o leitor. O elemento que se privilegia na narrativa das obras de literatura infanto-juvenil mato-grossense é fator essencial na condição do seu significar, assim como tudo o que não é dito é fator fundamental na condição do dizer. O sentido dizível é também tornado possível a partir do não dizível, absolutamente significável. Os elementos não eleitos como primordiais, são também oxigênio para o significar ininterrupto dos sentidos de uma obra dentro ou fora do 'seu lugar', sob a intenção de um ou de outro autor, sob o olhar de um ou de outro leitor.

É a diversidade quem escreve a história da literatura infantil e juvenil mato-grossense.

Tendo em vista o que foi exposto podemos nos perguntar até que ponto é compensatório estabelecer linhas divisórias. Elas, de fato, existem? Há como classificarmos um texto como sendo exclusivamente regional? O texto para pertencer a um lugar deve, necessariamente, ter sido escrito por um nativo? Se escrito por outro habitante deste lugar que não um nativo, deixará de pertencer a este lugar? Aqui, entramos inevitavelmente na questão das fronteiras, dos territórios demarcados - ou não.

Os textos literários são como territórios específicos e ao mesmo tempo transitórios. E o que delimita a área territorial do seu espaço são as suas fronteiras, ou seja, o limite, a linha divisória, o extremo, os confins, o contíguo. O que marca e define os limites fronteiriços de uma obra são as contigüidades do seu território, que se movem num ritmo ininterrupto, em uníssono ao contexto em que se encontra e aos quais se avizinha. As fronteiras são (re)construídas na interação com o outro, na disposição simbólica do momento, na edificação que se estabelece dentro de um sistema social abrangente. As histórias, portanto, não se resumem a um momento; narração de fatos; espaço físico estático, concreto; a pessoas específicas ou a valores determinados, já que o livro é produto circulante, de conteúdo prático e acima de tudo simbólico.

As linhas divisórias dos textos de literatura se demarcam a cada momento de acordo com o leitor e o seu lugar.

As construções só são possíveis pela multiplicidade. Assim como as construções identitárias se dão em face do 'outro', as fronteiras e os territórios da literatura, da leitura de um texto, se modificam em contato com outros. E são inúmeras as leituras que se cruzam: as leituras da linguagem, as leituras do pensamento, as leituras da memória, as leituras do tempo, as leituras do espaço, as leituras do corpo.

A literatura não existe enquanto elemento determinado, definido, acabado, algo que permanece o mesmo e possuiu desde sempre um único sentido. Ela não se delimita, pois é multidimensional, complexa e flexível. Uma determinada obra não está traçada a partir de um fim em si mesma. Suas fronteiras são manobráveis, se constroem estrategicamente - seja em um texto destinado ao adulto ou à criança. Uma mesma característica pode, articulada de modo diferente, opor-se ou identificar-se.

A literatura é dinâmica, sua leitura é um conjunto de possibilidades conectadas a inúmeras outras possibilidades e mudanças – o que não permite o seu encaixotamento dentro de uma classificação como sendo regional ou não-regional, menos ou mais literário se infantil ou não. A leitura que fazemos de um mesmo texto reformula-se com o simples passar do tempo, é mutável e jamais definitiva. Ela vai se constituindo a partir de elementos selecionados e da mudança propiciada por elementos descartados. É um movimento de trocas e escolhas que vai se formando lentamente através do tempo. A obra literária é circulante, maleável, se posta a cada momento de acordo com a (re)significação do entorno. Sob esse ponto de vista a idéia de obra pronta e acabada é um artifício.

Para um exemplo prático observemos a obra *Uma maneira simples de voar*, de Ivens Scaff, que o próprio escritor atribui à sua fase 'regional'. Temos o elemento "banana frita" que é o que guia, através do cheiro, as crianças para um lugar 'encantado' onde o tempo transcorre em ritmo diferente do tempo da vida real das crianças da história. Para as crianças do lugar onde se come banana frita e conhecem o seu cheiro, esse elemento tem um sentido específico, pois parte do lugar de onde elas se encontram, é familiar, o autor

está falando de algo que elas conhecem. Mas para a criança de uma outra localidade que só conhece o gosto e o cheiro da banana na versão natural, que não conhece esse modo de preparar a banana, o elemento “banana frita” continua dizendo, apenas de forma diferente. Ela imagina como seria a banana frita e imagina o seu cheiro. Não lhe é familiar, mas o elemento mágico do texto continua sendo mágico. E, a partir desse momento, a criança deste outro lugar passa a conhecer a banana de uma forma que não conhecia, adquire um conhecimento que passa a constar na sua experiência de vida. O seu modo de ver/conhecer a banana foi resignificado. Se imaginarmos uma outra situação onde aquela primeira criança, numa outra fase de sua vida, vivendo em outro lugar tenha deixado para trás o hábito de comer banana frita e lê a história, isso terá um sentido diferente do sentido que teria se ainda fosse uma coisa corriqueira. Da mesma maneira que mesmo não tendo se deslocado de um lugar para outro, mas os hábitos tenham se deslocado fazendo com que o que era tradicional em um momento tenha deixado de ser em outro, quando revisitado terá um sentido novo.

Sobre os elementos simbólicos há um fator importante para o leitor que pertence ao mesmo lugar que o referido na narrativa: o reconhecimento, a identificação. O leitor encontra o reflexo da sua imagem, a manifestação da sua própria vivência. Foi exatamente isso que motivou Ivens Scaff a começar escrever suas histórias: o desejo de reconhecer-se no espaço/ambiente/paisagem da história. É a partir da interação com o grupo social que o diálogo se estabelece. Certamente toda essa abordagem dos elementos de marcação simbólica tem o seu valor de formação histórica para o presente e para o futuro.

Um determinado texto ou obra literária significa de uma determinada maneira em um determinado momento e de outra em outro porque somos – indivíduos e objetos e, no caso, regiões e espaços - um processo em andamento, algo inacabado, em eterna (re)construção. O singular e o plural, o de dentro e o de fora vão se ajustando, alimentando-se um do outro. Todas as relações, sejam elas grupais ou interpessoais se entrecruzam, estão entrelaçadas infinitamente.

Essa reinvenção da própria cultura, o abraçar o velho nos moldes do novo, nada mais é do que circular por entre territórios, desterritorializar-se para reterritorializar-se. Resignificar-se por uma questão de sobrevivência. A reinvenção da tradição formaliza um 'nacionalismo regional'⁷ que é ritualizado como elemento original desde sempre. Isso se percebe claramente nas obras de literatura infanto-juvenil mato-grossense, por exemplo, que tratam de forma direcionada das questões culturais, tentando carimbar no texto os símbolos da cultura local.

As tradições são reinventadas. Para compreender essa movimentação basta olharmos para o entorno. Toda e qualquer mudança do entorno provoca um deslocamento, o nascimento de um sentido novo, e o novo é sempre único.

(...) fronteiras podem ter-se tornado mais do que linhas que definem o que está cercado daquele que não está, o ordenado do não-ordenado, ou o conhecido do desconhecido. Fronteiras marcam o limite onde a ausência se torna presença. Mas tais fronteiras parecem estar se dissolvendo. Elas aparecem menos como barricadas impermeáveis e mais como limiares, 'limen' através dos quais tomam lugar as comunicações e onde coisas e pessoas de diferentes categorias – local e distante, nativo e estrangeiro etc. – interagem. (SHIELDS, 1992, p.195.)

O regional e o não-regional, o de dentro e o de fora interagem, dialogam entre si, falam ao todo. Num momento, são, no outro, deixam de ser.

Uma obra é mato-grossense por questão de nascimento. É considerada regional pelas marcas que estão, em diferentes medidas, presentes nela, o que não impede que seja universal, uma vez que, sob os olhos de leitores distantes, os mesmos elementos, ora regionais, passem a produzir outros sentidos. Da mesma maneira o texto literário para dizer a este ou àquele independe de classificação de público. Somente a pluralidade é perdurável.

Além da questão do leitor e do seu lugar, que nos faz analisar o regional sob outro aspecto, há que se observar ainda a questão da imigração, proveniente principalmente das regiões Sul e Sudeste do país, após a divisão do Estado. O fluxo populacional interveio de diversas maneiras na cultura local, estabelecendo meios para o surgimento de novas linguagens, seja nos costumes ou nas artes - dentre elas a literatura.

⁷ Grifo meu.

Em se tratando da preocupação com a marcação simbólica, visivelmente presente em alguns autores da literatura infantil em Mato Grosso, essa questão torna-se perfeitamente explicável se pensarmos que o processo de desterritorialização – a globalização, a quebra de barreiras e o próprio fluxo populacional oriundo de outros Estados - pode terminar causando um sentimento de perda de identidade nos indivíduos, despertando neles a necessidade de fixar as particularidades a fim de preservar a singularidade, que os diferencia dentro do todo.

Mato Grosso aderiu às mais diferentes culturas oriundas de vários Estados do país, sem, contudo, perder a referência da cultura local. A cultura local permanece onde sempre esteve, principalmente em municípios como Barão de Melgaço, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Jangada, Nossa Senhora do Livramento, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio do Leverger, Várzea Grande e outros da chamada Baixada Cuiabana. A diversidade cultural que entrou no Estado, através da emigração, estabeleceu-se em lugares antes inexplorados, que passaram a ser explorados e habitados pelos colonizadores. A cultura dos emigrantes encontrou um ‘espaço vazio’⁸ para instalar-se. A cultura mato-grossense não está na extensão do Estado, mas concentrada na Baixada Cuiabana e, nesses lugares, tenta sobreviver bravamente à diversidade cultural que já é parte de Mato Grosso.

Sob outro olhar, portanto, a necessidade de fixar as particularidades, por parte de alguns autores, é também uma forma de resistência, o que melhor compreenderemos nas discussões que seguem.

⁸ Grifo meu.

DOS PRIMEIROS REGISTROS

...Arrancarle un jirón de clave, hundirle en el peor de los casos la flecha de la hipótesis, la anticipación del eclipse, reunir en un puño mental las riendas de esa multitud de caballos centelleantes y hostiles.

Júlio Cortazar, *Prosa del Observatório*

1. A investigação nos estabelecimentos

A Literatura Infantil como disciplina na escola superior passou a constar na grade curricular dos cursos de Letras e Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) a partir do ano de 1991 e 2007 como disciplina pedagógica e optativa respectivamente. Essa disciplina no curso de Pedagogia foi direcionada para o ensino de crianças de até seis anos de idade, constando em sua ementa que a Literatura Infantil deveria ser:

- Concebida enquanto uma manifestação cultural capaz de exercer uma comunicação significativa com a criança, levando-a ao contato com a estética e com o mundo da fantasia, estimulando o contato com o belo, a elaboração de afetos, o desenvolvimento da linguagem e da representação mental. Compreendendo a literatura enquanto manifestação cultural onde se encontram representações socialmente construídas, a disciplina deverá se preocupar com o aspecto ideológico da obra literária sem, contudo, desmerecer a obra enquanto um fenômeno de criação contextualizada em um tempo e um espaço. A disciplina deverá ser desenvolvida considerando a faixa etária dos alunos da educação infantil a quem os professores-licenciandos deverão atender na escola. Serão trabalhados conteúdos referentes a: história e situação atual; a obra literária infantil: evolução da concepção de leitor, características; a literatura e os princípios sócio-interacionistas; a função da literatura na construção da linguagem infantil; literatura enquanto informação e arte; o livro como lazer; a escolha do livro e análise do texto; a narrativa para crianças; poesia para crianças; a caixa que conta o conto; teatro e folclore; a linguagem dos quadrinhos.⁹

⁹ Fonte: site UFMT acesso em 20/06/2009.

No curso de Letras, a ementa já especifica essa literatura como sendo infantil e juvenil e enumera as atividades para o direcionamento que a disciplina pretende da seguinte maneira:

- Histórico da noção de infância. Natureza e fundamentos ideológicos da Literatura Infanto-juvenil. A especificidade da Literatura Infanto-juvenil do ponto de vista estético. O discurso estético e o utilitário. Leitura crítica de textos infanto-juvenis. Leitura e sociedade: a formação do leitor. A literatura infanto-juvenil no Brasil. A literatura e outras linguagens. O ensino da literatura.¹⁰

Nenhuma das ementas dos dois cursos ocupa-se, especificamente, em algum momento, da literatura local. A ausência de informações e referências bibliográficas da nossa literatura certamente não permitiu que as obras de autores mato-grossenses pudessem ser contempladas na universidade, até o momento. A abordagem da Literatura Infantil e Juvenil nas ementas acima ocorre sob uma visão geral daquilo que ela vem a ser, o método de ensino para o público ao qual se destina, conteúdos de referência a serem trabalhados, especificidade, leitura e direcionamento.

Também não temos notícias de encontros ou seminários realizados exclusivamente para a discussão da literatura voltada para crianças e jovens, tampouco voltados especificamente para a produção literária desse público no Estado.

Na Secretaria de Educação do Estado (SEDUC), tentamos obter informações sobre políticas de incentivo à literatura para crianças e jovens desde a década de 70 aos dias de hoje, em especial aquela produzida em Mato Grosso¹¹. Por uma questão burocrática e disponibilidade de pessoal não foi possível investigar desde a data pretendida tendo ao alcance somente as ações da Secretaria nos últimos anos. Mais especificamente desde o ano de 2007.

Há vários projetos sendo desenvolvidos, alguns contemplam a leitura fazendo com que a Secretaria dispense uma verba anual para a compra de livros. Entre os projetos desenvolvidos temos o “PRALER”, as “caixas de leitura” e o “cantinho da leitura” em sala de aula. Há também um projeto de

¹⁰ Fonte: idem.

¹¹ Todas as informações a respeito das instituições citadas no decorrer do trabalho foram obtidas através de entrevistas gravadas. Ver transcrições em anexo.

bibliotecas a partir de 2009, em que cada escola deverá ter a sua biblioteca, pois muitas ainda não possuem. A Secretaria pretende o fortalecimento das bibliotecas já existentes até 2010. Acontecem cursos de Práticas Pedagógicas que acabam contemplando a leitura. Fala-se também em futuros projetos de leitura para professores, uma vez que somente os alunos têm sido objeto de preocupação até o momento. De acordo com pesquisa da própria Secretaria, a prática da leitura entre professores é insuficiente.

Esses projetos são amplos e, conforme informações, os específicos e as ações ficam a cargo das escolas e não da Secretaria de Educação. Cada escola tem autonomia para, diante da sua realidade e necessidades, proceder de modo a supri-las, podendo ainda contar com um aumento de verba mediante a apresentação de projetos nesse sentido. Conforme consta no site da SEDUC, em se tratando do Projeto Político Pedagógico (PPP) “a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional uma das ‘incumbências’ de todas as escolas é a de ‘elaborar e executar a sua proposta pedagógica’, com a participação dos professores e dos demais segmentos da comunidade escolar”¹².

A literatura entra nas escolas através de livros enviados pelo Mec desde 2003, como por exemplo, a coleção “Literatura em minha casa”, que deveria ser cedida aos alunos, o que, infelizmente, não acontecia em muitas escolas por falta de as informações não chegarem adequadamente ao professores, ou às vezes por uma decisão irregular da própria escola. Há também as “caixas de leitura” enviadas pela SEDUC anualmente, desde 2007, para grande parte das escolas com séries iniciais. Cada caixa contém vinte livros em média e dispõe de títulos como *Dia e noite* (Mary França); *O gato e o novelo de lã* (Liliana); *A porta* (Cristina Von); *Um avião e uma viola, Brincadeira de sombra* (Ana Maria Machado); *O bebê que sabia brincar, Um bebê em forma de gente, Um amor de família* (Ziraldo); *Assim assado, A bruxinha atrapalhada* (Eva Furnari); *Banho* (Mariana Massarani); *Ciranda de anel e céu, Um pipi choveu aqui* (Sylvia Orthof); *Uma idéia solta no ar* (Pedro Bandeira); *O livro do papel* (Ruth Rocha e Otávio Roth); *A felicidade dos pais* (Rubem

¹² Fonte: <http://www.seduc.mt.gov.br/conteudo.php?sid=164&parent=15>

Alves); *Gota d'água* (Moacir Scliar); *A princesa de Bambuluá* (Luís Câmara Cascudo); *Cavaleiros das setes luas* (Bartolomeu Campos de Queirós); *O rouxinol e o imperador da China* (Hans Christian Andersen); *O selvagem* (Walcyr Carrasco); *Poema do milho* (Cora Coralina); volumes da coleção do Sítio do Pica Pau Amarelo, entre outros. Não há, portanto, nenhuma obra que pertença à literatura local.¹³

Na lista de livros para crianças do 6º ano em diante identificamos três livros regionais: *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais* (Elizabeth Madureira Siqueira); *O que é rasqueado cuiabano?* (Vera Arruda) e *Cabelo Ruim?* (Neuza Baptista), sendo este último de literatura infanto-juvenil mato-grossense, mas não conhecido como tal pelas professoras da SEDUC entrevistadas. Os outros livros constantes na lista são títulos como *Almanaque maluquinho* (Ziraldo); *Diário da Julieta* (Ziraldo); *Dom Quixote* (Miguel de Cervantes y Saavedra); *Maluquinho por bichos* (Ziraldo); os clássicos da literatura infantil brasileira como Monteiro Lobato e os clássicos juvenis como *O Ateneu* (Raul Pompéia); *Lucíola* (José de Alencar); *A Moreninha* (Joaquim Manuel de Macedo); *Iracema* (José de Alencar); *Dom Casmurro* (Machado de Assis); *Escrava Isaura* (Bernardo Guimarães); *O Mulato* (Aluísio Azevedo); *O cortiço* (Aluísio Azevedo); *Helena* (Machado de Assis); *Senhora* (José de Alencar), entre outros.

Esta é a primeira vez que um livro da produção local consta na lista de compras do Estado. No entanto, este livro segue sem nenhuma recomendação específica. Os dois primeiros livros levam no título uma identificação do local ao qual pertencem facilitando serem identificados, já no caso do terceiro, fica a cargo do professor investigar e apresentá-lo como literatura produzida no Estado.

Nenhum programa de ensino aponta especificamente para a Literatura Infanto-Juvenil mato-grossense. Na própria Secretaria de Educação não há conhecimento dessa literatura, conseqüentemente, não há programas voltados para ela. Também não há registros de que as escolas trabalhem nesse sentido. O que para nós é perfeitamente justificável, uma vez que tal produção

¹³ Ver listas completas no anexo 19.

encontra-se dispersa pelo Estado e sem visibilidade, sendo desconhecida também da Secretaria de Educação bem como de outros estabelecimentos.

A Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça ¹⁴ tem como prática a realização de atividades que favoreçam o consumo de literatura de modo geral. São oferecidas oficinas e cursos para contadores de histórias direcionados a professores, palestras sobre leitura e o projeto “Quero ler” que conta com a doação às crianças de kits de leitura feita por padrinhos que apóiam a instituição. Na biblioteca, as crianças de escolas com visitas agendadas contam com atividades lúdicas, brincadeiras, histórias com fantoches e vídeos educativos.

A Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça demonstra certa preocupação com a literatura infanto-juvenil mato-grossense na comemoração do dia nacional do livro realizada anualmente, em que os escritores mais conhecidos são chamados para ministrar palestras com alunos da rede pública, além de disponibilizar algumas obras em estandes de editoras locais, que participam do evento fazendo a divulgação de seu material. A biblioteca possui muitos livros dessa literatura, mas que passam despercebidos da própria monitora e da coordenação - que os recebe quando publicados pela Lei de Incentivo à Cultura. A biblioteca dispõe de amplo espaço para o público infantil e realiza atividades de leitura, no entanto, em nenhum momento a literatura local é privilegiada, não sendo apresentada, de modo direto, a seus freqüentadores. A biblioteca Estadual Estevão de Mendonça desempenha um papel importante dentro do Estado, mas não conhece toda a sua produção infantil, apesar de possuir um bom número dessas obras. Porém, com autores que desfrutam de certa visibilidade, como Ivens Scaff e Neuza Baptista, por exemplo, desenvolve um excelente trabalho, sempre abrindo espaço a eles em diversas ocasiões. Há, por parte da coordenação da biblioteca, um direcionamento para divulgar o trabalho desses escritores, e no que se refere às outras obras e autores que fazem parte do acervo, mas ainda desconhecidos, percebemos que a falta de divulgação se deve à necessidade de um levantamento nesse sentido dentro da própria Instituição.

¹⁴ Localizada no centro de Cuiabá, funciona no prédio do Palácio da Instrução, reconhecido em 1913 como de interesse para a preservação da memória de Mato Grosso e tombado como patrimônio histórico pela Fundação Cultural do Estado em 1983.

Durante o período de levantamento dessas obras no local, foi possível perceber que há uma rotatividade de funcionários na sala de Literatura Infantil, prejudicando a organização da mesma. Foi necessário abrir livro por livro para fazer a identificação de sua origem e posterior organização dos mesmos nas estantes condizentes, esforço não aproveitado, afinal, em um segundo momento de pesquisa no local, as obras da literatura regional encontravam-se totalmente dispersas novamente. Após o levantamento, a lista do material encontrado foi cedida, a pedido da coordenação, para conhecimento.

Em nenhuma das outras bibliotecas públicas da região central da capital foram encontradas obras dessa literatura, com exceção de apenas um exemplar de *A vovó do Coxipó II*, de autoria do diretor teatral Flávio Ferreira, encontrado na Biblioteca Saber Com Sabor.

A Biblioteca Pública Saber Com Sabor localiza-se na região central da capital. Trata-se de uma unidade da rede de bibliotecas mantidas e gerenciadas pela Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Lazer (SMEDEL) de Cuiabá, um projeto que teve início no ano de 2001 e é coordenado por Creuza Guimarães. A princípio, o projeto visava ao público infantil pelo fato de disponibilizar um maior número de obras para crianças, no entanto, com uma grande frequência de jovens e adultos, o espaço passou a voltar-se para esse público. Segundo a coordenadora, a mudança de público ocorreu não somente por conter livros para adultos, mas pelo fato de haver uma oferta de oficinas como artes visuais, trabalhos com argila, reciclagem e instrumentos musicais.

Há várias unidades espalhadas em bairros periféricos da capital como Dom Aquino, Pedregal, Santa Isabel, Osmar Cabral e Pedra 90, além de uma unidade na região central localizada na Praça Clóvis Cardoso e também uma unidade itinerante. Todos esses bairros são de comunidades tradicionais cuiabanas, com exceção do último. A biblioteca possui a “Sociedade dos Amigos da Saber com Sabor”, dirigida pelo jornalista e poeta Weller Marcos. Conta com um acervo de 50 mil títulos, variando entre publicações de literatura infanto-juvenil brasileira, obras de escritores mato-grossenses ‘para adultos’, clássicos nacionais e estrangeiros, além de periódicos como jornais, revistas, gibis, livros didáticos e dicionários.

A biblioteca itinerante funciona em um ônibus adaptado que circula por diversos bairros da Capital, podendo ser solicitado por telefone.

Visitando o “cantinho da leitura” nas livrarias mais representativas da capital, encontramos ambientes organizados e bem cuidados, sempre prontos para receber o público infantil, com monitores e programações específicas em datas comemorativas. As atividades dividem-se em ‘contação’ de histórias, teatro de fantoches, teatro com profissionais da área, brincadeiras, televisão e vídeo e auxílio individual na leitura. As crianças dispõem de um espaço lúdico e confortável onde podem escolher e folhear os livros à vontade, usufruindo de móveis adequados como cadeirinhas e mesas, casinha de fantoches, televisão e aparelho de disco digital para reprodução de filmes e desenhos animados, estantes com livros dos mais variados temas e formatos, bem como tapetes e almofadas para quando preferirem o chão. Estas lojas com ambientes favoráveis localizam-se em Shoppings Centers. Há, em algumas lojas, uma monitora disponível para as rodas de leitura, brincadeiras, teatro de fantoches e para manter os livros sempre ao alcance. Nas livrarias onde não há um profissional específico para o cantinho da leitura ocorre um revezamento dos atendentes para este ambiente.

A participação dos monitores se concentra sempre nos horários de maior movimento durante a semana e durante todo o período nos finais de semana, quando o fluxo de crianças é maior. Durante o fim de semana - principalmente início de mês - há um fluxo de 10 ou até 20 crianças em média em algumas lojas. No período de férias o movimento é maior e não se restringe somente aos finais de semana, ocorrendo durante toda a semana.

Durante o ano há, na programação de todos estes estabelecimentos, duas datas fixas em que acontecem atividades mais elaboradas, ou seja, um tema é eleito e trabalhado de forma mais cuidada. No Dia das Crianças e Natal acontecem apresentações de teatro, por exemplo, com grupos profissionais. No entanto, sempre há a possibilidade de, durante o ano, as escolas solicitarem agendamentos para visitas coletivas, onde o estabelecimento prepara uma programação especial para receber as crianças.

As escolas que freqüentam os espaços com seus alunos são tanto as da rede pública quanto da rede privada. As da rede privada agendam um

encontro com programação especial normalmente em datas comemorativas como o dia das mães, por exemplo, ao passo que as visitas de alunos das escolas da rede pública se dão mais em dias comuns, como prêmio por bom desempenho ou após a finalização de projetos.

Segundo informações obtidas através de entrevistas com monitores ¹⁵, há diferença de comportamento das crianças da rede pública para a privada. Na observação destes, aquelas do primeiro grupo são mais atenciosas no momento da leitura, tem mais curiosidade com os livros, são mais facilmente conduzidas durante o encontro, tudo parece novidade. Já as do segundo grupo são mais inquietas e preferem as brincadeiras. Nas lojas onde não há monitores a televisão é ligada com mais frequência e sempre no fim da tarde e à noite.

Há, por parte dos gerentes desses estabelecimentos, uma preocupação em planejar atividades para atrair esse público ¹⁶. Segundo eles, a vendagem de livros de literatura infantil é maior que a de livros juvenis. Normalmente os pais acompanham as crianças na compra dos livros. Quando as crianças são menores os pais influenciam na escolha, que, normalmente recai sobre os clássicos da literatura infantil. O consumo da obra de Monteiro Lobato também é sempre significativo.

Quando indagados sobre a venda de livros regionais para crianças, os entrevistados nas livrarias disseram que não é expressiva e não há muitos desses livros disponíveis.

Algumas obras de literatura mato-grossense foram encontradas entre as demais, no entanto, as monitoras e atendentes não as conheciam como tal. Apenas o livro *Uma maneira simples de voar* de Ivens Cuiabano Scaff era identificado como literatura produzida no Estado. Das obras escolhidas para a “Hora do conto”, momento em que as histórias são lidas para as crianças, nenhuma obra da literatura local costuma ser escolhida, pois a preferência recai sobre os clássicos infantis europeus.

¹⁵ Ver anexos, entrevista nº 06.

¹⁶ Ver anexos, entrevista nº 07.

Os gerentes dessas livrarias nos informaram que muitos autores mato-grossenses de literatura infantil que editam seus livros com recursos próprios procuram o estabelecimento para que suas obras possam constar nas estantes, no entanto, acabam desistindo diante dos custos - porcentagens e impostos altos -, tornando a negociação inviável. Em alguns casos ocorre o mesmo com as editoras locais, quando tentam negociar o material que possuem. Os livros encontrados não recebem cuidados quanto à apresentação visual, como exposição em vitrine ou mesmo organização nas estantes de maneira que despertem a curiosidade do público, nem mesmo em ofertas promocionais.

Os estabelecimentos pesquisados demonstram uma grande preocupação em atrair a criança para junto dos livros, em mantê-las no ambiente por tempo razoável bem como em despertar-lhes o desejo de retorno. As livrarias preocupam-se em fazer com que este público continue presente nas férias escolares. As livrarias desempenham trabalhos excelentes junto a seu público, no entanto, não possuem nenhuma espécie de direcionamento às obras infanto-juvenis mato-grossenses, objetos de nossa investigação. A Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça é a única a contemplar essa literatura, mesmo que restrita a alguns autores, até o momento. No nosso entender isso se justifica, de certa forma, em virtude do desconhecimento da existência dessas obras.

Entrevistando diversos autores desses livros, as queixas em relação à distribuição e divulgação coincidem quando se trata dos problemas enfrentados em todas as etapas do processo: da edição à distribuição. Com grande dificuldade em conseguir que seus projetos sejam contemplados pela Lei de Incentivo à Cultura (Lei Hermes de Abreu nº. 6702/95 e Decreto 963/95), alguns optam por uma publicação com recursos próprios, o que acarreta na redução da tiragem, fazendo com que a circulação seja infinitamente menor. Os autores que conseguem a aprovação de seus projetos pela Lei de Incentivo reclamam de que a verba liberada é sempre inferior à descrita pelo projeto, fazendo com que optem por reduzir a qualidade do material e a tiragem para alcançar o valor cedido, ou ocorre de completarem a verba com recursos próprios para que não se perca em qualidade, mantendo o projeto original.

Do material editado com apoio da Lei de Incentivo, uma determinada quantia deve ser doada, mas os autores não recebem notícia a respeito do seu destino. Não são chamados para fazer esse acompanhamento ou campanha de divulgação.

Nas editoras obtivemos informações de que a tiragem dessas obras fica em torno de mil exemplares quando o projeto é realizado através da Lei de Incentivo, e de trezentos exemplares quando com recursos do próprio autor. Os editores falam da dificuldade que enfrentam ao lado dos escritores para conseguir apoio do governo, bem como da dificuldade na divulgação e da consequente falta de interesse do público em adquirir os livros. Segundo eles, este talvez seja o maior entrave: a aquisição das obras por parte do público.

Os livros publicados com recursos próprios são mais difíceis de serem encontrados, pois além de atingirem um público menor em razão da tiragem reduzida, a distribuição acaba sendo feita exclusivamente pelos próprios escritores, e nem sempre conseguimos encontrá-los em bibliotecas e livrarias. Por esse motivo acreditamos haver muitas outras obras não localizadas.

O colégio Máster Júnior ¹⁷ de Cuiabá realiza, há dez anos, sempre no mês de aniversário da cidade, o projeto intitulado “Cuiabanidade” que no ano de 2008 voltou-se para escritores mato-grossenses, dentre eles alguns com livros publicados para crianças e adolescentes. Foi a primeira vez que o evento voltou-se para a produção literária local. Os artistas trabalhados pelos professores e alunos do colégio foram: Aclyse de Mattos, Gabriel de Mattos, Neuza Baptista, Vera e Zuleika, Flávio Ferreira, Moisés Martins, Lucinda Persona, Juliano Moreno, Emílio Antunes, Moacyr de Freitas, Maria de Lourdes Oliveira, Manoel de Barros, Ivens Scaff, Juliano Moreno, Sebastião Carlos Gomes e Lázaro Papazian Chaú.

Os alunos, de posse dos livros, trabalharam em sala com os temas abordados, fizeram rodas de leitura e debate, aos quais alguns autores estiveram presentes, além de terem produzido um vídeo do livro *Uma Maneira Simples de Voar*, do autor Ivens Scaff.

¹⁷ Fonte: (informativo oficial do Colégio Máster Júnior publicado em julho de 2008 – edição 02)

Há que se falar ainda em contadores de histórias ou arte educadores, nomes como os de Maurício Leite, Carlos Gattass Pessoa, Elizete Nunes e Clóvis Rezendes Matos ¹⁸. Todos eles realizam trabalhos independentes levando livros e histórias a qualquer lugar onde haja aglomerado de crianças e preocupam-se em proporcionar momentos de leitura e lazer, fazendo da Literatura um bem de consumo natural.

A literatura infantil e juvenil na escola, o cantinho da leitura em bibliotecas e livrarias, a oferta cada vez maior de livros específicos às faixas etárias correspondentes, a preocupação crescente com a leitura, são fatores que contribuem cada vez mais para o contato da criança com a literatura. Há apenas que se organizar programas de divulgação para que as obras para crianças produzidas em Mato Grosso conquistem o seu espaço nesses lugares.

2. A jovem literatura infanto-juvenil no Estado de Mato Grosso

Toda *obra* é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma 'expressão'. A *literatura*, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, - para chegar a uma 'comunicação'. (CANDIDO – 2000)

Se pensarmos na literatura infantil mato-grossense e no processo de legitimação da literatura infantil brasileira em relação à literatura não-infantil, não é de se estranhar que esta receba maior atenção do que aquela, e que sua valorização só aconteça a partir de um amadurecimento em relação à produção da literatura como um todo. Conforme argumentam Lajolo e Zilberman (2003, p. 11), é como se a menoridade de seu público a empurrasse para um patamar inferior.

¹⁸ Maiores informações sobre contadores de histórias e arte educadores no anexo 02, intitulado *Nomes da Literatura Infanto-Juvenil em Mato grosso*.

O próprio adjetivo *infantil*, questão já tão discutida por nossos teóricos, acaba endereçando essa produção a um público de menor tamanho, o que talvez signifique, para muitos, de menor importância. O adjetivo já pressupõe o tema, a linguagem, o destinatário, encaixotando essa literatura numa perspectiva também menor. Idéia gravemente falsa. Como se falar à criança fosse falar a uma minoria sem voz e sem autonomia que deve ser conduzida sob a égide daqueles que tem autoridade, experiência e sabedoria suficientes para serem seus condutores. Os mesmos condutores que até bem poucos dias reduziam à sua própria realidade a realidade da criança, considerando-a como um adulto em miniatura por mais de dois séculos após a declaração de Rousseau ¹⁹, de que a criança era um ser peculiar e que o adulto deveria esforçar-se para compreendê-la em função dela mesma e não de si próprio.

No entanto, não se deve cair no exagero oposto, esquecendo-se de que a criança é um ser em formação e necessita de ajustes e orientação, afinal, não é um ser diferente que vive num mundo à parte. De fato, a criança é “o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos” (CHARLOT – 1979, p.108). É importante lembrar que todas as ações em relação à literatura infantil, desde a sua escritura até a execução, comercialização e aquisição são feitas por um adulto.

No que se refere à literatura produzida em Mato Grosso, há ainda uma outra questão agravante que deixa a nossa literatura infantil sem o alcance de um relevo que a torne mais visível: uma completa falta de divulgação. O não tratamento da produção local se dá pelo desconhecimento – ou seja, a situação de anonimato em que a grande maioria das obras se encontra - e não por outro motivo, conforme bem afirma a Professora Ana Arlinda ²⁰, dificultando, assim, uma interação por parte das editoras, autores e das principais instituições de Mato Grosso num programa de divulgação dessa literatura a seu público - nas escolas, por exemplo. Não que uma literatura feita para crianças seja produzida exclusivamente para o ambiente escolar. É uma literatura para ser lida por todos - pais, filhos, professores e alunos - e em todos os lugares. Mas para que haja um público leitor é indispensável que seja conhecida deste, que se

¹⁹ J.J. ROUSSEAU, Emílio ou Da Educação, 1762.

²⁰ Ver correspondência no anexo 18.

oportunize o acesso e a apresentação desta literatura para aqueles a quem ela se destina. Assim como ausente nas bibliotecas escolares, é também ausente na grande maioria das bibliotecas públicas e livrarias. Começar uma divulgação pelos ambientes onde este público se concentra é um caminho viável.

Apresentar o que se produz no Estado para os seus é de fundamental importância. Não basta apenas existir, é preciso fazer-se conhecer, tanto por uma questão de legitimação quanto de valorização. Além de vasto material de estudo para a academia, é o ambiente onde o leitor se vê retratado, uma vez que muitas das narrativas partem do seu lugar.

A literatura infanto-juvenil de Mato Grosso é uma jovem em processo de amadurecimento. É uma literatura recente em relação à brasileira do mesmo gênero e também em relação à produção literária mato-grossense para ‘adultos’, que existe desde o século XVIII. É uma produção contando com apenas vinte e poucos anos, porém, recém-nascida na práxis historiográfica. Não encontramos, até este momento, nenhum trabalho de registro ou de estudo dessa literatura, apenas menções raras e dispersas de dois ou três livros. A ausência absoluta de material e a deficiente divulgação de obras publicadas impuseram muitos obstáculos na realização deste trabalho, que acreditamos ainda incompleto devido à extensão do território mato-grossense e à dificuldade de localizar escritores e suas obras, principalmente aqueles que se encontram mais distantes.

Mario Cezar Silva Leite ao prefaciar a obra da professora Hilda Gomes Magalhães, escreve:

Hoje os debates literários ou mesmo críticos não se estabelecem entre aqueles que estão produzindo. Poucos escritores comentam sobre os trabalhos de outros escritores, pouco as academias e os cursos de Letras do Estado se debruçam ou se preocupam com o tema. (p.11)

Naquele “hoje” esta era a realidade da literatura mato-grossense ‘para adultos’. O livro da professora Hilda Gomes Magalhães foi, certamente, um impulso para a mudança. No nosso “hoje” podemos perceber que muito já se faz por essa literatura. Os estudos e encontros em nome dela na própria academia nos fazem saber isso.

Nossos escritores bem como os artistas da imagem que ilustram muitas dessas obras – não nos esqueçamos deles - precisam ver seus trabalhos sendo objeto de estudos e discussão. Precisam habituar-se à crítica e aceitá-la nas duas mãos. É sempre importante refletir sobre outros olhares.

3. Panorama histórico da literatura para crianças e jovens em Mato Grosso

A literatura infanto-juvenil mato-grossense passou por um período de preparação, até finalmente concretizar-se nos anos de 1980. Essa produção para crianças e jovens é relativamente recente se comparada à brasileira como um todo. Creio que isso se justifique pela história do desenvolvimento do Estado. Deve-se levar em consideração que o cenário cultural em Mato Grosso tem um crescimento significativo, em grande parte, devido ao desenvolvimento econômico e segue ganhando mais espaço com o incentivo da Lei Hermes de Abreu, criada em 12 de dezembro de 1991, que favoreceu o investimento de empresas em projetos culturais.

No momento em que se inicia, no Brasil, o quarto período na história da literatura infantil, conforme divisão de Marisa Lajolo e Regina Zilberman em *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*, temos em Mato Grosso um panorama cultural desenvolvendo-se a passos contínuos. Em 10 de dezembro de 1970 é criada a UFMT e sua editora chega dois anos mais tarde. No ano de 1975, a cultura no Estado ganha apoio com a Fundação Cultural de Mato Grosso, instituição do Salão Jovem Arte Mato-grossense, recuperação da antiga Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça e, um marco para a história de Mato Grosso, a divisão do Estado, em 1977.

Nesse período, nota-se uma efervescência cultural no Estado. Nas observações de Hilda Gomes Dutra Magalhães (2001), é nesse momento que o teatro amador ganha maior espaço, há uma poética preocupada com questões fundiárias, com o erotismo, com a metalinguagem - emblemas da pós-modernidade - e surge uma literatura destinada ao público infanto-juvenil.

A literatura infantil desse período, de acordo com informações obtidas com a pesquisadora e escritora Hilda Gomes Magalhães, estaria presente nas peças teatrais desenvolvidas para o público infantil e juvenil no momento em que o teatro começa a se desenvolver nas escolas. Tais peças seriam de caráter didático e moralizante, muitas dessas escolas eram dirigidas por entidades religiosas. No entanto, segundo Magalhães, essa produção teria se perdido, não sendo possível encontrar nada a respeito.²¹

Nossa pesquisa confirma a inexistência de obras impressas na década de 70. Nada foi encontrado. E sobre a afirmação que a autora nos faz a respeito das obras teatrais voltadas para o público infanto-juvenil é, de fato, uma possibilidade fortemente amparada pelo teor dos textos teatrais mato-grossenses para crianças e jovens do período de 1980 em diante, estudados pela professora Catarina Sant'Ana,²² nos quais a densidade dos textos revela uma arte amadurecida. Supostamente, portanto, firmada num crescimento e experiência iniciados em década anterior.

Sant'Ana, no ensaio *Mitocrítica e mitanálise: elementos para o estudo do imaginário dos textos teatrais mato-grossenses para crianças e jovens – 1980-1992*, publicado na revista *Educação Pública*, de 1994, observa que a origem do teatro mato-grossense do século XX está nas instituições escolares, circulando tanto na capital como em cidades do interior sempre para um público heterogêneo. As obras trazem um texto com discurso engajado, abordando problemas sócio-culturais e político-econômicos da região, apresentando “certo empenho ‘pedagógico’ característico do teatro brasileiro dos idos anos 60” (1994, p.139). Tais peças apresentam o quadro histórico do Estado quando da sua divisão em 1977, aspectos da colonização e os seus reflexos na economia, relações sociais, língua e cultura; fazendo, no entanto, persistirem os valores culturais anteriores a tais transformações. Portanto, a literatura voltada para crianças e jovens, que a professora Hilda Gomes Magalhães afirma ter surgido na década de 70, estaria supostamente no teatro, acredita-se. Mas, infelizmente, nenhuma obra do gênero chegou até nós.

²¹ Informações obtidas em correspondência trocada com a pesquisadora. Ver anexo 17.

²² Professora Doutora do Departamento de Fundamentos do Teatro da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

O primeiro livro de literatura infanto-juvenil do Estado de Mato Grosso foi publicado em maio de 1987 com apoio da UFMT, SESC e da Editora Entrelinhas. Este livro, da escritora Maria das Graças Campos, intitula-se *As meninas e o sabiá* e inaugura uma nova etapa da história literária no Estado. É o marco concreto da literatura infanto-juvenil mato-grossense.

De apelo fortemente ecológico, além de poético e “voz de denúncia”, a obra nos faz refletir sobre o papel dos textos escritos para crianças numa vertente engajada. Apresenta uma das tendências da literatura brasileira e nos informa sobre os acontecimentos históricos desse período em Mato Grosso, como exemplo, a luta pela criação do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães e a derrubada, em pleno século XX, da centenária igreja matriz da cidade de Poconé por garimpeiros, em virtude de uma lenda que dizia haver ouro enterrado nos alicerces da construção.

Com três mil exemplares, é considerado ainda um dos livros de maior tiragem até este momento. O lançamento da obra também merece menção, tendo sido realizado pela autora no dia nacional do meio ambiente, sob uma árvore, na Praça da República, no centro da capital mato-grossense, numa sessão de autógrafos e distribuição gratuita ao lado de Maurício Leite, arte-educador, contador de histórias infantis e na época representante em Mato Grosso da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. A obra ganhou repercussão em vários jornais da capital e resenhas de críticos literários como Yasmim Jamil Nadaf e também visibilidade em congressos sobre meio ambiente realizados em outros estados brasileiros como a Bahia, por exemplo, onde teve novo lançamento.

No ano de 1989, temos o livro *O dia em que o caçador virou caça*, de Fernando Antonio de Almeida, publicado em Rondonópolis, também de teor ecológico e educativo. Almeida constrói um texto em defesa do Pantanal e sua fauna.

Em 1990 o escritor e poeta mato-grossense Aclyse de Mattos publica, pela editora Vozes, do Rio de Janeiro, o livro *Natal tropical*. Uma obra absolutamente descontraída, que prima pelo lúdico e interage do início ao fim com o leitor, estabelecendo uma dinâmica diferente a cada página sem desviar-se da narrativa em primeiro plano. Aclyse inova na composição e no

dinamismo, utilizando-se de vários elementos de linguagem escrita e plástica para construir um texto crítico e cheio de movimento. O escritor não segue uma tendência, cria a sua própria.

Antônio de Pádua e Silva lança, em 1991, o primeiro de uma série de quatro livros publicados pela Atual Editora, de São Paulo. São histórias bem arranjadas, cheias de ação e mistério, escritas com a habilidade de um contador. Estes são os primeiros livros juvenis de nossa literatura. Silva obteve grande alcance de público tendo sua obra comercializada em escala nacional e o reconhecimento da crítica literária brasileira, no ano de 1998, com o livro *O gato que amava Girl*.

Nos anos que se seguem, os livros do gênero continuam surgindo gradativamente. Primeiro com intervalos razoáveis para posteriormente começarem a surgir com mais frequência. Assim, as publicações vão se sucedendo e estabelecendo os rumos dessa literatura.

Nossos registros trazem, além de livros, revistas em quadrinhos como a *Revista Cuiabana em Quadrinhos Gonçalinho* (1992) e a revista *Nico & Lau* (?). Dos livros catalogados, posteriores aos três primeiros já citados, listando em ordem cronológica, temos: *Guerra no Pantanal* (1991), *Selva e chuva* (1992), *Na terra da confusão* (1993) e *O gato que amava Girl* (1994), todos de Antônio de Pádua e Silva; *O imigrante* (1994), *O rio* (1995) e *Covardia* (1995), de Maria do Carmo Alves de Souza; *Mamãe sonhei que era um menino de rua* (1996) e *A fábula do quase frito* (1996), de Ivens Cuiabano Scaff; *Isso é coisa de pirata* (1996), de Wander Antunes; *Uma maneira simples de voar* (1997) e *O papagaio besteirento e a velha cabulosa* (1999), de Ivens Cuiabano Scaff; *Crescendo com as letras* (1999), de Antônio Soares Gomes; *Clarinha, a nuvenzinha sapeca* (2000), de Elizete Nunes; *Gota d'Água* (2000), de Marlon Carvalho de Souza Rocha; *Os alegrinhos* (2000), de Maria Auxiliadora de Paula Macieski; *Pintou sujeira* (2001) e *Vovó Naná nana Nina* (2002), de Elizete Nunes; *O gato Mingau* (2002), de Zélia dos Santos Diniz; *Cayman & Filhote* (2002) e *Turma do Pantanal: em defesa da biosfera* (2002), de Valdemar Souza; *O Aprendiz* (2002), de Miriam Botelho dos Santos; *Candimba* (2002), de Heliara Costa e Wander Antunes; *Coleção Mundinho* (2003), em 5 volumes de Richard Mason; *Amarelinhos* (2003), *Uma chance para Margarida* (2003) e *Rio*

de sonhos (2003), de Maria do Carmo Alves de Souza; *O galo que pingava ouro* (2003), de Sebastiana Moreira de Souza Alves; *A borboleta Urbana* (2003), de Maria Auxiliadora de Paula Macieski; *Pantamons: uma aventura no Pantanal* (2004), de Marlon Carvalho de Souza Rocha; *Iluminando os caminhos do aprendiz* (2004), organizado por Miriam Botelho dos Santos; *Brincar de ver em versos* (2004), de Altair da Silva Moraes; *O peixinho sabido e a cadeia alimentar* (2004), de Rubens Gimenez Rodrigues Filho; *A árvore e a cidade* (2005) e *João Ninguém* (2005), de Maria do Carmo Alves de Souza; *A gata Bana visita o Pantanal* (2005), de Maria de Lourdes Figueiredo Bastos da Silva Ramos; *O menino que queria ser cientista* (2006), de Carlos Gabriel Zucher Oliveira; *Tonho da Onça* (2006), de Olga Carvalho de Souza e Laís Maria da Cunha Fagundes; *Anedotas que papai contou* (2006), de Cidinha Carvalho; *Cabelo ruim?* (2006), de Neuza Baptista Pinto; *Cidadão, o cachorro feliz* (2006), de Dolores Cruz Roselli; *As andorinhas* (2006), de Paulo Wagner; *Cuiabá: duas novelas* (2006), de Gabriel de Mattos; *As aventuras de Zumbelha* (2007), de Marli Batista dos Reis Santos; *As aventuras do robô Tagarela* (2008), de Scheila Couto; *Dona Treleleca e seu Trelelequinho* (2008), de Danuza Soares Lenzi; *Bugrinho, que menino é esse?* (2008), de Daniela Freire; *Conferência no cerrado* (2008), de Durval de França e Cristina Campos; *O menino órfão e o menino rei* (2009), de Ivens Cuiabano Scaff.

Em 1992, Wander Antunes publicava a revista *Gonçalinho*, com roteiros de Aclyse de Mattos. No mesmo ano, Ivens Cuiabano Scaff ganhou um concurso promovido pela Secretaria de Cultura do Estado, que tinha como prêmio a publicação da obra vencedora. A secretaria não cumpriu sua promessa. Certo tempo depois, quando prestava serviços para o Estado, Ivens encontrou *Uma maneira simples de voar* trancada em um armário. A obra só foi publicada anos mais tarde pelo próprio autor. Segundo Ivens, este livro inicialmente seria um conto breve com a finalidade de ser impresso e distribuído em uma feira de livros infantis que estava sendo organizada por uma amiga, o que não ocorreu devido ao fato de não conseguir terminar a história resumidamente. O que era para ser um conto tornou-se seu primeiro livro de literatura infantil, no entanto, o terceiro por ordem de publicação.

Em 1995, Aclyse e Gabriel de Mattos, juntamente com o caricaturista Generino Oliveira Rocha, faziam o suplemento de domingo do jornal *Diário de Cuiabá* intitulado *Diarinho*. Publicavam contos e quadrinhos infantis.

Em 1996, era criada por Ivens Scaff e Wander Antunes a Editora Tempo Presente, um selo que simbolizava a parceria entre os dois artistas na publicação de suas obras. A união dos artistas resultou na edição do primeiro livro infantil de Scaff com ilustrações de Antunes, abrindo caminho para os que viriam mais tarde.

A partir do ano 2000, as publicações começam a se intensificar e vão surgindo novos nomes no rol de autores. Os temas apontam para a diversidade. Alguns livros começam a ser divulgados.

Importante observar que as obras com maior visibilidade fora do Estado, como no caso dos livros de Antônio de Pádua e Silva e Aclyse de Mattos, foram publicadas por editoras da região Sudeste, o que nos faz atentar para a questão do lugar que Mato Grosso ocupa no cenário nacional. As obras publicadas por editoras locais não conseguem, ainda, adentrar nesse cenário com facilidade.

Segundo discussão apresentada por Pierre Bourdieu, é necessário considerar a circulação, as relações de produção e consumo. Mato Grosso é um Estado de volume populacional inferior aos Estados da região Sudeste do país, além das longas distâncias que separam suas cidades, fazendo com que a própria circulação dos bens simbólicos se restrinja em pontos de aglomeração, ocasionando uma quase falta de diálogo dentro do próprio Estado – como é o caso da chamada ‘cultura mato-grossense’, concentrada na Baixada Cuiabana e as demais localidades fazendo circular a cultura do sulista, do nordestino, do paulista, e assim por diante. Portanto, um primeiro problema se apresenta dentro do próprio Estado: como ganhar força para ganhar visibilidade?

A história da vida intelectual e artística das sociedades (...) revela-se através da história das transformações da função do sistema de produção de bens simbólicos e da própria estrutura destes bens, transformações correlatas à constituição progressiva de um campo intelectual e artístico, ou seja, à autonomização

progressiva do sistema de relações de produção, circulação e consumo de bens simbólicos. (BOURDIEU, 1992, p.99)

Na medida em que o campo artístico e intelectual se estabelece, ganha força e autonomia, no entanto, segue de mãos dadas com o mercado, e este só é possível se vinculado a um público consumidor – lembrando Antonio Candido quando trata da questão autor/obra/público.

Em Mato Grosso há artistas que conquistaram sua autonomia dentro dos limites do Estado somente, e há outros - poucos – que alcançaram reconhecimento nacional – como os já citados – e internacional, como no caso do quadrinista Wander Antunes e o ilustrador Ricardo Leite ²³.

O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos (...) é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidade residem na própria natureza dos bens simbólicos. (Idem, ibidem, p.102)

Para Bourdieu, portanto, a ação está na própria lei do campo e não em um vício de natureza.

4. Literatura infantil mato-grossense X literatura infantil brasileira: ressonâncias

A literatura infantil começa a ser produzida em Mato Grosso na segunda metade dos anos de 1980, mais de um século depois do seu surgimento no Brasil e sessenta anos depois da publicação do primeiro livro que revolucionou a Literatura 'brasileira' para crianças no Brasil, o livro *A menina do narizinho arrebitado* de Monteiro Lobato.

Se traçarmos um paralelo entre a literatura infantil brasileira e a mato-grossense a partir dos anos de 1970, observando o crescimento, tendências estéticas, temas e cronologia, notaremos algumas ressonâncias bem como desencontros.

²³ Ver biografia dos artistas no anexo 02, intitulado *Nomes da Literatura Infanto-Juvenil em Mato Grosso*.

Na literatura brasileira do gênero na década de 70 predominavam textos de cunho contestatário, se expressava a insatisfação com o regime político que dominava o país. Essa voz de contestação política só será ouvida no teatro para crianças e jovens da década seguinte em Mato Grosso.

Em 1970 no Brasil não temos somente obras de cunho realista, mas aquelas que, à moda de Lobato, fazem realidade e fantasia se interpenetrarem. Em Mato Grosso podemos encontrar alguma ressonância destes elementos em uma das obras de Ivens Scaff dos anos 90, onde realidade e fantasia entrelaçam-se com naturalidade. No Brasil de 70, os textos são também intimistas, procurando expressar, sempre de modo simbólico, os sentimentos infantis.

Sobre a revisitação de contos clássicos em forma de paródia, prática adotada por Marina Colasanti, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Fernanda Lopes de Almeida e Chico Buarque na literatura infantil brasileira, o mesmo também ocorre na literatura mato-grossense em alguns livros de Ivens Scaff.

Nos anos 80, anos mais liberalizados, tudo podia ser matéria de criação. Temos os contos de fadas de origem nacional, recuperação do elemento cômico dos contos populares, histórias de aventuras, o conto policial, o conto de horror e as novelas sentimentais. Multiplicam-se as séries de “coleções” e os livros de poemas que para crianças eram poucos, anteriores a essa data. Cresce o público de livros de literatura juvenil, difundem-se os contadores de histórias que freqüentam várias instituições culturais como escolas, livrarias e creches. Os profissionais da área começam a refletir sobre o papel da literatura infantil e juvenil. Os temas começam a circular entre a relatividade de valores, a democracia e os diários íntimos. Os projetos gráficos dos livros para crianças começam a melhorar significativamente.

Os contadores de histórias em Mato Grosso surgem também na década de 80. Temos Maurício Leite, Carlos Gattass Pessoa e mais tarde, nos anos 90, temos Elizete Nunes, que, a partir de 2000, passa a publicar suas próprias histórias. A edição de “coleções” e a poesia infantil surgem a partir de 2000, com publicações de Richard Mason e Altair da Silva Moraes respectivamente, sendo que este último também dá à sua obra um caráter de

diário íntimo. Os livros juvenis são da década de 90, com excelentes histórias policiais e de aventura escritas por Antônio de Pádua e Silva.

A primeira obra da literatura infantil mato-grossense (1987) trás um engajamento político, ecológico, dialogando com muitas obras produzidas no Brasil nessa época. Segundo Bordini (Serra, 1998), temas como a valorização da fauna e da flora e a preocupação com a natureza são temas extremamente explorados na literatura infantil brasileira por volta de 1988 até 1990.

Na literatura infantil brasileira dos anos 90, circulam obras com temas como a fome, a violência, o progresso, a produção de riquezas, as dignidades perdidas, a igualdade, a desigualdade, o consumo, a diversão, a felicidade, a ruína, a esperança, a desesperança e o aviltamento dos seres. Despede-se da utopia e fala-se em corrupção, escândalos e sexualidade juvenil, ou seja, o mal também vira tema de literatura infanto-juvenil. O folclore é retomado, crescem os livros informativos e a fantasia transfere-se para a poesia. Está em voga visitar tendências.

Alguns destes temas podem ser encontrados na literatura infantil mato-grossense da década de 90 em diante, no entanto, o que ocorre em Mato Grosso, de fato, é uma grande diversidade de tendências, como no resto do país. Temos desde obras realistas, engajadas e de denúncia da década de 80 a contos de fadas em 2009. Aparecem obras com vários estilos e temas que passeiam do folclórico ao intimista, do ecológico ao conto de fadas.

Nos anos de 1970, em Mato Grosso, não havia sequer escritores dessa literatura. Os estudos e pesquisas da produção local não são uma realidade até hoje, tudo ainda depende de atos de sementeira, do apoio de instituições, do acesso aos livros e do crescimento do público leitor. Serão necessários trabalhos, pesquisas, encontros, seminários, debates e continuidade no aumento de obras para que essa produção seja mais amplamente reconhecida.

Os textos da literatura infantil brasileira desse período são marcados por aspectos da chamada brasilidade ou localismo, o que na literatura mato-grossense, de modo geral, será mais comumente chamado de regionalismo, característica fortemente presente na década de 90 das obras infantis. Na

capital do Estado acontecia, na década de 90 do século XX, o auge da “cuiabanidade”²⁴, como os românticos na literatura brasileira da década de 30 e 40 do século XIX, entusiasmados com a brasilidade. Em alguns autores os aspectos simbólicos parecem surgir como uma necessidade de expressão. Lá os nacionalistas, aqui os regionalistas.

Os escritores e artistas do romantismo/nacionalismo intencionavam criar uma cultura genuinamente brasileira e, para tanto, procuravam expressar modos autênticos, livres de influências européias, utilizando elementos próprios da terra a fim de estabelecer uma marca cheia de originalidade. O mesmo ocorre em Mato Grosso na medida em que os símbolos da cultura local vão sendo valorizados e repetidamente utilizados como estratégia para fixar e ‘preservar’ aquilo que é próprio daquilo que é influência externa.

A linguagem também é pensada e utilizada com o intuito de demarcar ‘território’. No Romantismo, o falar específico de cada região brasileira, bem como os vocábulos indígenas, era levado para o texto literário com a mesma intenção de estabelecer e fixar uma identidade própria. Do mesmo modo, a utilização de expressões da linguagem local nos livros de literatura infanto-juvenil mato-grossense é um indício de valoração, tentativa de fortalecimento da desejada identidade, da particularidade daquilo que representa.

Segundo afirma Pascale Casanova (2002, p.53), em se tratando de língua e literatura, uma contribui para o enobrecimento da outra. E em se tratando do Estado e da literatura, é por meio da língua que ambos “contribuem mutuamente, reforçando-se, para se fundar”.

Desde muito cedo, o combate para impor uma língua e fazer uma literatura existir é o mesmo que o combate para impor a legitimidade de um novo estado soberano. (...) No caso das literaturas “pequenas”, a emergência de uma nova literatura é

²⁴ Em Cuiabá temos duas articulações culturais distintas: cuiabanidade e cuiabania. A primeira é o substrato da cultura popular local que espontaneamente se espalhou pela Baixada Cuiabana e é sua matriz. A segunda é a apropriação discursiva da primeira pela elite local, refratária ao seu conteúdo popular mas dependente de sua qualidade, visto órfã da elite nacional onde sempre se situou subalterna. Com a chegada dos forasteiros, pretensos cavaleiros da modernidade, tal engodo galvanizou compulsoriamente a elite local porque já tinha cooptado a nacional, sua referência, mas deixou seqüelas. Daí a cuiabania ser algo esquizofrênico, que persegue o poder de forma obstinada, submetendo-se acriticamente a ele, porque depende de suas benesses econômicas, lesando a cultura, vítima de tais veleidades. (SILVA, 2009)

indissociável do surgimento de uma nova “nação”. (CASANOVA, 2002, p.135)

Para Casanova, língua e nação, literatura e política, são instrumentos um do outro, inseparáveis. É por meio de seus instrumentos e com eles que a “nação” surge e se fortalece. E no que se refere a nós, seja a “nação” mato-grossense ou a “nação” brasileira como um todo, isso se reforça. Cada espaço que emerge ganha autonomia em relação ao seu outro.

Nas obras de Lobato já havia o registro da fala coloquial brasileira, mais tarde consagrada pelo Modernismo. A intenção do autor era clara: a inovação de possibilidades, a exploração de potencialidades sempre marcadas pelo humor. Assim, Lobato fez do folclore um tema presente e valorizado, elemento de criação original. Alguns autores mato-grossenses que fazem registros da linguagem coloquial cuiabana na literatura infantil, talvez o façam mais pela intenção de um registro histórico da peculiaridade que pelo humor – diferindo do teatro mato-grossense, nesse aspecto.

Todos os elementos simbólicos são valorizados na medida em que não são tomados por entusiasmo, modismos, atrações pitorescas, imposição de tendências estéticas passageiras ou como apenas elementos decorativos ou que forcem uma classificação. Os símbolos, enquanto elementos representativos, não precisam ser pinçados para dentro do texto para que ele pertença ao seu lugar. O valor está na naturalidade e não no esforço do enfeite.

Nos anos 80, a literatura infantil brasileira apropria-se dos meios de massa, possui menor dificuldade narrativa que a década anterior, abandona de vez os textos fantásticos para tratar de temas do cotidiano. Os livros são distribuídos em massa nas escolas e as iniciativas de contato entre autores e estudantes, prática que já havia se iniciado nos anos 70, agora se intensifica. Em Mato Grosso, as visitas a escolas dos autores infantis só acontece nos anos de 1990, com o início da publicação de material correspondente.

5. Literatura infantil: narrativa em texto e imagem

Textos e imagens (...) podem ser lados dessa multifacetada, essencialmente humana e valiosa moeda: a arte.

Rui de Oliveira

A literatura infantil é uma espécie singular de arte, pois não está limitada a uma forma específica, nenhuma forma a aprisiona. Ela passeia livremente da ficção para a realidade, agrega ao texto a ilustração que é uma outra forma de leitura, além de possuir modalidades próprias como os contos de encantamento, contos de fadas e personificação de animais.

A amplitude da literatura infantil, a maleabilidade dos textos, a criatividade, a permeabilidade ocorre em função de sua relação com o leitor, ainda sem acúmulo de experiências, com um horizonte inteiro em construção.

Em relação aos contos de fadas, de acordo com o que defende Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas*, lançado em 1975, estes são capazes de alcançar os recantos mais recônditos do subconsciente, contribuindo no alargamento de horizontes em proporção muito superior às narrativas realistas que não mostram nada além do que já é. Os contos de fadas, segundo Wells (1988 p.192), são a experiência mais poderosa pela qual passa a criança no processo de descoberta da linguagem, em função da carga simbólica em que se apóia, são a possibilidade de criação do possível e do imaginário por meio da palavra.

Zilberman (2003) defende que as histórias narradas são como horizontes amplos e ordenados que, independentemente de serem realistas ou ficcionais colocam o novo leitor diante do mundo, ampliando, em razão de sua ainda recente existência, as limitadas experiências. A compreensão da criança é detectada no desenvolvimento da sua capacidade narrativa, descritiva e de análise da conduta dos personagens e na expectativa em relação a eles.

As histórias, bem como o mundo, também são passíveis de serem narradas/lidas através das imagens. As imagens, assim como as narrativas, sendo realistas ou ficcionais, também colocam a criança diante do mundo,

possuem tanto encantamento quanto um conto de fadas. E em se tratando de literatura para crianças, onde muitos livros são ilustrados, há que se fazer menção a ela.

Nos últimos tempos a incorporação de recursos não-verbais nas edições de livros para crianças e adolescentes vem ampliando-se aceleradamente. As técnicas de ilustração, a qualidade das imagens e suas funções significativas bem como os materiais utilizados para confeccioná-las também vem desenvolvendo-se cada vez mais. Os textos não são somente textos, as ilustrações não são somente ilustrações. O sentido tradicional dessa arte é absolutamente novo.

A intervenção da ilustração nos textos infantis proporciona um duplo desenvolvimento literário na criança; é o efeito de dois textos narrativos, é a possibilidade de duas formas de leitura; a possibilidade narrativa através da imagem e a relação texto-imagem. O primeiro contato da criança com a literatura, a primeira leitura, o contato com o processo narrativo, a relação com a compreensão narrativa quando ainda não é capaz de compreender os símbolos da escrita, ocorre através das imagens. Esta atividade se constitui em um ambiente de desenvolvimento da habilidade interpretativa em função do texto implícito que as ilustrações constroem.

A gravura instiga na criança a palavra. Segundo Walter Benjamin (1994), graças às imagens, a criança “aprende, ao mesmo tempo, a linguagem oral e a linguagem escrita” (p.242). A imagem é descrita com palavras e nela a criança as inscreve.

Ricardo Azevedo, escritor e ilustrador, observa que lastimavelmente o interesse maior das pessoas está no texto escrito e menor na ilustração, apesar de toda riqueza narrativa que esta pode conter. Talvez devido ao fato de ser mais comum as pessoas receberem uma formação mais sólida em literatura que em artes plásticas e acabarem achando que o texto é a parte mais importante e a ilustração uma espécie de enfeite (Serra,1998).

Podemos constatar isso nos livros que discutem questões dos textos para crianças e jovens. Nem todos tratam das ilustrações. Sabemos o nome de muitos escritores, já dos ilustradores, somente de alguns poucos.

No Brasil, não há estudos críticos sobre a imagem impressa da mesma forma que há da pintura, da escultura e da arquitetura. A ilustração é uma das ramificações das artes plásticas e há muita falta de informação sobre imagens se compararmos ao que se tem sobre o texto escrito, o que não contribui para o exame e a avaliação das ilustrações de um livro.

A ilustração, sem dúvida, tem o seu fator de importância. É por ela que a criança – visual por natureza – começa. Para Azevedo é importante saber se a ilustração é boa ou não, se dialoga com o texto, se acrescenta significado ao texto, se são óbvias demais ou não e de que forma ela se relaciona com a mancha do texto dentro da página. Nem sempre a técnica utilizada é importante. Um desenho simples, às vezes, consegue dialogar melhor com o texto do que aquele todo rebuscado e cheio de pretensões técnicas.

O trabalho do ilustrador é de criatividade. De acordo com Azevedo, o ilustrador criativo amplia o potencial significativo do texto. É importante que o ilustrador saiba onde funciona, na construção narrativa, a parceria da palavra com a imagem. Onde a ilustração não deve entrar e onde ela auxilia na compreensão. É necessário saber para que faixa etária o texto se destina.

Cada ilustrador dará ao texto a imagem resultante da sua leitura deste, resultado da subjetividade e plurisignificação pessoal. Segundo um grande ilustrador no cenário da literatura infanto-juvenil brasileira, Rui de Oliveira, em *Pelos Jardins Boboli*, “a arte de ilustrar está assentada no equilíbrio e na harmonia entre a imaginação verbal e a imaginação visual”, peculiares a cada artista (2008, p.33).

Os livros bem ilustrados treinam a criança a ler não somente palavras, mas também imagens. A imagem é ainda estratégia para preencher na imaginação da criança algum campo que, através da linguagem somente, poderia ficar vago de construção imagética.

A arte de ilustrar se localiza mais na sombra do que nos aspectos simbólicos da palavra. O olhar pergunta mais para o que está na escuridão do que para o que está nos significados dos objetos representados à luz. A ilustração não se origina diretamente do texto, mas de sua aura. (idem, p.32)

No entanto, é preciso saber exatamente onde elas devem ou não entrar, onde se fazem necessárias ou são dispensáveis.

Não podemos esquecer que a imagem literária se autojustifica, ou seja, não precisa necessariamente de qualquer imagem-visual ou de recursos além de seu silêncio. Em muitos momentos do texto, a palavra possui um universo abstrato que deve ser preservado. Nem tudo pertence ao universo da ilustração. (Oliveira, 2008, p. 33)

É de inestimável valor poder encantar-se com uma boa ilustração. Perder-se para logo se descobrir nela. A ilustração desperta na criança o prazer do contato com as artes. A ilustração é, sem dúvida, um texto com milhares de palavras, é uma forma de linguagem não verbal cheia de significados.

No Brasil, vemos poucos trabalhos críticos sobre o tema, ao passo que muita atenção se tem dado aos textos. Em Mato Grosso, tudo ainda está nascendo. Assim como escritores dessa literatura, há profissionais das artes visuais que desenvolvem esse tipo de trabalho desde a década de 90, como Marcelo Velasco, Ricardo Leite, Wander Antunes, entre outros.

Apesar de a maioria de nossos ilustradores estarem ainda em processo de amadurecimento e de somente nos últimos anos nossos livros terem começado a melhorar graficamente, possibilitando assim uma apresentação mais detalhada da qualidade das ilustrações, creio já ser possível um debate sobre identidade visual e de traduzibilidade de ilustrações por duas razões: a originalidade e a personalidade cultural que apresentam. Debruçarmo-nos num estudo sobre o trabalho de nossos ilustradores é tão importante quanto o debate sobre os textos de nossos escritores, afinal, o produto final que é o livro compreende tanto o texto quanto a ilustração. É mais do que necessário iniciar um estudo sobre o trabalho desses profissionais. E o estudo e a crítica da imagem exigem uma atenção especial, bem como profundo conhecimento do tema. Do mesmo modo que é necessário possuir habilidade para lidar com a linguagem visual, é preciso habilidade para saber lê-la criticamente. Que venham críticos com domínio teórico da retórica da imagem, com sensibilidade tal que não ultrapassem o tênue limite do discurso verbal que recai sobre a ilustração, não correndo o risco de análises inoportunas sobre a arte da imagem impressa.

Como já dito anteriormente, nossos ilustradores, assim como escritores, precisam ver seus trabalhos sendo objetos de estudo, discussão e crítica. Por esse motivo fizemos questão de mencionar os ilustradores de cada obra e, quando possível, alguma informação a respeito.

Se a leitura de imagens fosse uma tradição escolar certamente teríamos mais apreciadores da arte como um todo. Para Oliveira, a imagem é geradora de conhecimento, “as imagens de um livro criam a memória visual das crianças, a leitura harmoniosa e participativa da palavra e da ilustração amplia o significado e o alcance lúdico e simbólico de um livro”, de um texto, ou seja, da linguagem. (OLIVEIRA, 2008, p. 33)

Lembremos que nem todos os livros vêm acompanhados de ilustrações, o que se justifica em função da faixa etária a que é direcionado. Ao passo que a criança vai adquirindo maturidade literária e consumindo livros com uma linguagem mais elaborada, os próprios recursos lingüísticos vão substituindo as ilustrações dos textos.

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL QUE BROTA NO CERRADO MATO-GROSSENSE

Mas isso, tão em-pé, tão perto, ainda nuveava, nos ocultos do futuro. Quem sabe o que essas pedras em redor estão aquecendo, e que em uma hora vão transformar, de dentro da dureza delas, como pássaro nascido?

Guimarães Rosa

Neste capítulo, apresentamos os títulos que compõem a literatura infanto-juvenil em Mato Grosso.

Como já ficou dito neste trabalho, nosso objetivo é antes mapear a produção literária infanto-juvenil mato-grossense, detectando-lhe as tendências, do que fazer uma análise exaustiva das obras em sua individualidade. Uma análise mais profunda é, certamente, tema para trabalhos que poderão ser pensados para o futuro.

As obras estão organizadas por temas e ordenadas por data de publicação. A escolha dos livros acompanhados de textos que tratam do seu conteúdo com maior detalhamento não se deu por questão de importância, mas por mostrarem-se mais representativos das tendências da literatura em estudo. A recorrência dos temas, portanto, influenciou na escolha e as demais obras seguem com breves observações²⁵.

Os temas identificados estão relacionados ao meio ambiente, a questões regionais e sociais, lendas e também à fantasia; são de inspiração clássica, humor e poesia - em planos gerais. Uma mesma obra pode tratar de vários temas, no entanto, a classificação se dá por aquele que nos pareceu em primeiro plano. Informações como data de publicação e editora não serão registradas somente quando tais dados não constarem nas obras.

Seguem os títulos.

²⁵ Não chamaremos de 'breves análises' por serem linhas mais informativas, a respeito do tema dos livros, do que propriamente analíticas. Isso em função da brevidade com que os livros se apresentam ou, às vezes, possuindo poucos elementos de análise, ou ainda, em função da indisponibilidade de exemplares para leitura.

1 – Pensando o meio ambiente

AS MENINAS E O SABIÁ - MARIA DAS GRAÇAS CAMPOS

As meninas e o sabiá, publicado em maio de 1987, é o primeiro livro da literatura infanto-juvenil mato-grossense e também da editora Entrelinhas. O livro traz, no diálogo de quatro meninas que se reúnem debaixo de frondosas árvores, questões de cunho político e ecológico. A obra sai em defesa da natureza, apontando as atrocidades praticadas pelo homem em relação ao meio ambiente e criticando a inação das autoridades. As agressões relacionadas vão desde o despejo de lixo atômico na Amazônia – manchete em jornais da época – ao despejo de mercúrio nos rios pelas mineradoras, queimadas, consumismo que degrada o meio, pesca predatória, destruição de patrimônios históricos, entre outros.

As personagens, após se darem conta dos crimes contra o meio, praticados pelos homens, iniciam o planejamento de uma passeata com faixas e bandeiras ecológicas, afinal, caberia a elas – crianças – fazer algo para mudar o rumo das coisas.

As crianças são claramente intimadas a abraçar a causa, uma vez que os adultos estavam destruindo o planeta. O chamado é feito através de um manifesto entregue a elas por um pássaro, onde se lê:

De todos os pássaros da Chapada dos Guimarães para todas as crianças do cerrado, Pantanal e Amazônia. (...)

Só as crianças poderão nos salvar. Se elas fossem autoridades, não haveria abuso de poder. Não haveria demagogia e nem mentiras.

Se as crianças fossem autoridades não haveria violência, nem fome no planeta. Se as crianças fossem autoridades, não haveria preconceito e nem discriminação. Se as crianças dominassem a Terra, não deixariam desbravar todas as matas. Os rios teriam vida. Preservariam os animais. Não deixariam demolir os bens históricos e patrimônios culturais. Se elas fossem autoridades, haveria igualdade de direitos e o poder seria a paz. (p. 19)

A obra contextualiza o momento histórico em que foi escrita, tratando da luta pela criação do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães e a destruição de uma igreja, considerada patrimônio histórico, por mineradoras

que buscavam, em virtude de uma lenda, ouro em seus alicerces, na cidade de Poconé.

A história é escrita em terceira pessoa e com discurso direto. Apresenta poemas que exaltam a natureza e traz no relato a descrição de várias espécies de árvores frutíferas e grandes copas, bem como da beleza dos pássaros e peixes do rio Cuiabá.

A ilustração do interior da obra pertence à artista francesa Maty Vitart, em preto e branco, com folhas de árvores e espécies de pássaros e peixes espalhados pelas folhas do livro. A capa foi feita pelo artista gráfico, desenhista, poeta e músico Amaury Lobo, onde, tendo como fundo os paredões da Chapada dos Guimarães, uma multidão se aglomera em protesto, ao lado de aves e animais que pedem o fim da poluição do ar e dos rios provocadas pelo mercúrio, agrotóxicos e esgotos; jacarés pantaneiros se armam contra os coureiros, pássaros convidam a cantar e a terra pede o fim do consumismo.

O livro foi editado em papel simples e montagem artesanal.

O DIA EM QUE O CAÇADOR VIROU CAÇA - FERNANDO ANTONIO DE ALMEIDA

Em *O dia em que o caçador virou caça*, publicado em 1989, Fernando Antonio de Almeida apresenta a biodiversidade pantaneira e trata do respeito que se deve à natureza. As ilustrações são de Nilson Machado, estilizadas, expressivas, em traço forte e em preto e branco para serem coloridas pelo leitor.

GUERRA NO PANTANAL – ANTÔNIO DE PÁDUA E SILVA

Guerra no Pantanal, de Antônio de Pádua e Silva, foi publicado em 1991 na série Era Outra Vez da Atual Editora e ilustrado por Verônica Nakazone. O livro traz como protagonista Pé-de-Banda, personagem que está presente em três dos quatro livros do autor. A história é narrada em terceira

pessoa em discurso direto, com períodos curtos e algumas expressões específicas do linguajar da região onde os fatos acontecem.

Guerra no Pantanal é uma aventura que traz espécies animais e vegetais do Pantanal brasileiro, estabelece uma comparação entre a vida na cidade e a vida junto da natureza e trata da questão do meio ambiente no Brasil de hoje. Os heróis desta aventura lutam contra um bando de coureiros que agem livremente no Pantanal, promovendo uma matança de jacarés para a comercialização do couro destes animais com compradores estrangeiros. Pádua deixa claro, nas entrelinhas, que os países estrangeiros contribuem diretamente com essas ações. Além da crítica ao comércio ilegal que impulsiona o extermínio de animais, dividindo a responsabilidade entre brasileiros e estrangeiros, o autor apresenta o conceito de que inteligência vale mais que força bruta. É na personagem de Brasilino – um velho pantaneiro detentor não só de sabedoria de vida e intimidade com a sua terra, mas também de conhecimento científico, adquirido com um ecologista estrangeiro – que o autor expõe as suas críticas e também faz os seus elogios. Brasilino, que faz jus ao seu nome, e o ecologista estrangeiro representam, cada um, a parcela de seus países que tenta combater as más ações daqueles que ignoram o desrespeito à vida, a crueldade praticada contra os animais e o meio ambiente, provocando o desequilíbrio da natureza e a destruição do planeta. Os mocinhos da história vencem os bandidos e salvam os jacarés. Sabem que não acabaram com o mal, mas continuarão lutando contra ele.

O narrador descreve em detalhes o Pantanal com sua fauna e flora, fazendo com que o leitor fotografe na memória cada cena descrita. Dá ao pantaneiro o seu devido valor e respeito, aponta as falhas do governo e do órgão público encarregado de dar proteção ao meio ambiente e romantiza a vida na natureza, onde não existe ganância nem pressa.

COVARDIA – MARIA DO CARMO ALVES DE SOUZA

Covardia, escrito por Maria do Carmo Alves de Souza e publicado pela editora Paulus em 1995, é uma história contada em versos curtos, de teor pedagógico, onde a autora faz crítica ao mau hábito de prender pássaros em

gaiolas. A princípio a prisão do pássaro se dá por diversão, na atitude inocente de uma criança, que logo em seguida adquire consciência sobre seu ato e percebe que só em liberdade o pássaro poderia ser feliz. A autora instrui o leitor da necessidade de respeitar e preservar a vida na natureza.

O artista Soares ilustra os versos em página cheia e cores variadas.

O RIO – MARIA DO CARMO ALVES DE SOUZA

O *rio*, publicado pela editora Paulus em 1995, também narrado em versos e de teor fortemente didático-pedagógico, traz informações sobre a trajetória de um rio que nasce limpo, cheio de vida desde a nascente no alto da serra, passando pela selva, por fazendas e vilas, alimentando e matando a sede de animais e pessoas, mas que, ao chegar na cidade, está morto, cheio de dejetos das fábricas e casas.

O rio, de Maria do Carmo Alves de Souza, nos remete a *Os rios morrem de sede*, obra de Wander Priolli, publicada em 1976. A ilustração de Soares segue os padrões dos livros anteriores.

A ÁRVORE E A CIDADE – MARIA DO CARMO ALVES DE SOUZA

A árvore e a cidade, publicado pela editora Central do Texto em 2005, é a história de uma gameleira centenária, testemunha do desaparecimento da floresta e do surgimento e crescimento da cidade, até ser cortada para dar lugar a novas casas.

Maria do Carmo Alves de Souza trata, mais uma vez, de questões ambientais. Intenciona conscientizar a criança sobre a destruição da natureza e instruí-la a respeito da preservação.

A autora visa sensibilizar o leitor, o que fica claro na fala de uma das personagens, que lamenta:

Amanhã, quando eu voltar da escola, não haverá mais nada dela aqui, só o chão machucado e o sol quente, queimando esta terra tão acostumada com a sombra... Então eu vou chorar, por

não ter mais os galhos dela para eu subir e me balançar... Os passarinhos daqui, todos vão se mudar (...) (p. 18)

O livro foi ilustrado por Joel Bueno e impresso em papel 100% reciclado.

TURMA DO PANTANAL: em defesa da biosfera – VALDEMAR SOUZA

Turma do Pantanal: em defesa da biosfera, escrito por Valdemar Souza, é uma publicação em formato de quadrinhos, onde animais pantaneiros protagonizam a história. Os animais, personificados, fazem piadas, se divertem e dão lições de preservação da natureza. A revista está recheada de atividades e jogos, proporcionando interação com o público. Os personagens são: o jacaré Chico Arisco, a onça Zé Gatão, o tuiuí Jubuca e o tamanduá Bandeira. Publicado em 2002.

COLEÇÃO MUNDINHO - RICHARD MASON

A *Coleção Mundinho* é composta de cinco volumes que possuem como foco questões de cunho ambiental, mostrando em cada volume um ecossistema específico. São eles: vol.1 - Mundinho no Cerrado; vol.2 – Mundinho no Pantanal; vol.3 – Mundinho na Floresta; vol. 4 – Mundinho na Cidade; vol.5 – Mundinho na Fazenda. A coleção foi publicada pela editora TantaTinta em 2003 e relançada em um único volume em 2009.

As aventuras são protagonizadas por Mundinho, um quati com espírito aventureiro nascido no cerrado e cheio de desejos de conhecer outros lugares. Mundinho é muito curioso e faz amizade facilmente.

É através da coragem, ousadia e comunicabilidade da personagem central que o autor faz desfilarem diante do leitor uma grande quantidade de espécies de animais específicos de cada região, apresentando suas características e seus hábitos. Há informações sobre a fauna e a flora brasileira, preservação ambiental e conceitos de cidadania, além de questões sobre desmatamento, queimadas, poluição e o lixo das grandes cidades.

As páginas de cada volume da coleção são extremamente coloridas. A ilustração é do próprio autor, rica em detalhes, de plasticidade pontual e beleza artística. O autor faz de seu trabalho um meio de divulgação da fauna e flora do Pantanal que segundo ele são pouco conhecidas das crianças brasileiras. Para Mason, criar um texto e ilustrá-lo é parte de sua preocupação com o aprimoramento da educação infantil – didático-pedagógica.

A BORBOLETA URBANA - MARIA AUXILIADORA DE PAULA MACIESKI

Em *A borboleta Urbana*, publicado em 2005, Macieski constrói um texto simples e direto, intencionando despertar no leitor o pensamento crítico e a atenção para questões muito em voga na sociedade moderna, como preservação do meio ambiente. No livro, a autora, por meio da fotografia, registra cenários como o Jardim Botânico no Rio de Janeiro e a fauna e a flora do Pantanal mato-grossense.

CONFERÊNCIA NO CERRADO – CRISTINA CAMPOS E DURVAL DE FREITAS

Publicada pela TantaTinta Editora, em 2008, com ilustrações de Ricardo Leite, *Conferência no cerrado* é uma obra escrita originalmente por Durval de França e recriada por Cristina Campos. Mescla o sobrenatural a uma realidade imposta ao meio ambiente.

Os protagonistas que dão seguimento ao texto são seres fantásticos do folclore mato-grossense e brasileiro. São personagens que povoam o imaginário de culturas tradicionais da baixada cuiabana dentre outros, como por exemplo: Currupira, Troá, Tibanaré, Pé de Garrafa, Mãe do Morro, Negrinho d'Água, Boitatá, Minhocão e Saci Pererê. São seres que habitam regiões como Baía de Chacororé em Barão de Melgaço, Água Fria, Pari, Santo Antonio do Rio Abaixo, Nossa Senhora da Guia, Serra do Cachimbo, Serra Geral, Serra do Roncador, cabeceira do rio Aripuanã, Pantanal e cerrado. São forças protetoras da natureza que, indignadas com as ações do homem, reúnem-se em uma caverna sagrada na Chapada dos Guimarães para tomar

providências a respeito de todo o mal-estar que o bicho homem vem causando à natureza.

O livro trata do desequilíbrio da natureza ocasionado pela interferência humana através do uso abusivo de fertilizantes e pesticidas que poluem o ar, o solo e a água. Cita os desmatamentos e queimadas descontroladas que, além de provocarem mudanças nos ciclos climáticos, colocam espécies de animais, peixes, aves e até insetos, em risco de extinção, sem falar nas espécies vegetais que vão desaparecendo. Com o aumento acelerado de áreas de culturas, juntamente com o garimpo, ocorre a perda de grandes áreas de florestas e rios, o que acaba empurrando os animais para outras áreas e tribos indígenas inteiras vão sendo expulsas de seus territórios e começam a se extinguir. A obra denuncia a desestruturação de famílias de ribeirinhos que, com a construção de barragens, foram transferidos de suas terras para regiões totalmente adversas, ficando impedidos de realizarem suas atividades tradicionais. Durval e Cristina não economizam causas, falando ainda do lixo deixado por turistas que visitam as reservas.

A narrativa mescla uma linguagem ora simples ora mais elaborada, informando o seu leitor das causas e conseqüências de ações impensadas em relação ao meio ambiente. Tudo isso ao mesmo tempo em que narra viagens fantásticas e apresenta um lugar com valor histórico sob um olhar místico.

Ao final do texto é apresentada ao leitor uma atitude que pode solucionar todos estes problemas.

O tema da assembléia de bichos e outros seres é lugar comum na literatura infantil brasileira. Aparece em *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato e em *O Coleira Preta* (1978), de Francisco Marins.

A ilustração de Ricardo Leite reforça a idéia de misticismo presente na obra. Ricardo cria desenhos universais, apreciados não só por um público infanto-juvenil como também adulto.

MENINA PANTANAL e a galerinha ecológica – GENERINO OLIVEIRA

ROCHA

A revista em quadrinhos *Menina Pantanal*, publicada pela editora Tanta Tinta em 2008, tem como personagens crianças de diversas etnias, incluindo índios, negros, europeus, orientais, sulistas e o mato-grossense, entre outros, numa clara alusão aos diversos povos e culturas que se juntam no Estado.

O autor leva para o texto personagens das lendas mato-grossenses, recontando-as de modo conciso e, delas, aproveitando elementos no desenvolvimento do enredo. As crianças das diferentes culturas convivem em harmonia, juntas vivem muitas aventuras e aprendem sobre conservação do meio ambiente, cultura pantaneira e recursos naturais da mata Atlântica.

A obra trata de solidariedade, respeito mútuo, valorização e preservação do meio além de trazer atividades interativas.

Generino dá aos personagens características físicas específicas, fazendo com que o leitor identifique facilmente o seu lugar de origem. A narrativa é bem construída e as expressões e os planos de cada quadro compõem um texto visual de qualidade. O roteiro, as histórias e o desenho dos personagens são todos do autor.

Outros títulos sobre o tema:

Pintou sujeira – Elizete Nunes

A gata Bana visita o Pantanal – Maria de Lourdes Figueiredo Bastos da Silva Ramos

2 - Fantasia**NATAL TROPICAL** – ACLYSE DE MATTOS

Natal tropical, escrito por Aclyse de Mattos, ilustrado por Patrícia Gwinner e publicado pela Vozes, em 1990, é uma história de natal adaptada

para um país sem neve, de muito sol e praia. O Papai Noel construído por Aclyse é um empresário bem sucedido, com um tipo físico que em nada lembra o Noel gordinho a que estamos acostumados. Ainda usa gorro e barba, mas veste regata e bermuda, é magro, bronzeado e gosta muito de sombra, água de coco e carnaval.

O Papai Noel que Aclyse nos apresenta resolveu, em pleno natal, tirar umas férias em sua ilha no Brasil, localizada mais precisamente na Bahia, tendo deixado um anjinho etíope tomando conta da produção de brinquedos em sua fábrica no Pólo Norte.

O livro mescla a narrativa com história em quadrinhos. Os desenhos de Patrícia Gwinner estão traçados em preto e branco, prontos para serem coloridos da maneira que o leitor desejar. Os elementos do texto interagem com a criança não apenas pela narrativa, mas pelos desenhos que podem ser coloridos, pelos balões com frases escritas ao contrário para serem lidas com espelho, pacotes de presentes com letras misturadas que a criança deve ligar de acordo com uma seqüência numérica para descobrir o que tem dentro, balões ou desenhos a serem completados, desenhos com abas que podem ser recortados e colados para criar um novo cenário, labirintos para encontrar o caminho, além de personagens trazidos de outras histórias como os piratas e o próprio Nabu, o etíope guloso com osso amarrado no cabelo e asas.

Há ainda a personificação de animais como a rena e o papagaio que interagem na história, além de uma estrela. Durante o desenrolar dos acontecimentos, onde Nabu e Noel tentam encontrar uma solução para o desaparecimento do vidro colorido usado pra fazer bolinhas de gude, há um romance entre papagaios, criando quase uma história paralela, não interferindo em momento algum nos acontecimentos da narrativa principal.

NA TERRA DA CONFUSÃO – ANTÔNIO DE PÁDUA E SILVA

O livro *Na terra da confusão* foi publicado em 1993, na série Tirando de Letra, com ilustrações de Mauro Soares. O livro conta a história fictícia da cidade natal do autor, São Gotardo, no Estado de Minas Gerais, que, a princípio, chamava-se Arraial da Confusão. A descoberta pelo autor desta

curiosidade a respeito de sua terra acende-lhe a imaginação. O resultado é o que se lê.

O autor constrói uma narrativa dentro de outra narrativa, agregando à segunda elementos do realismo fantástico. A história é narrada em terceira pessoa em discurso direto por um narrador onisciente que faz desfilar diante do leitor uma enorme gama de personagens, todos 'nomeados' por apelidos que fazem referência a quem são, a suas personalidades. As Marias, por exemplo, - seja Maria Polidora ou Pimenta ou Gasparina ou Rodela ou Magrela - nunca se separam, vão sempre umas com as outras ao passo que os Zés, que são sempre de alguém - da Tina, do Lino, do Ré... - juntam-se em defesa própria. Pé-de-Banda, Ápis, Mancha, Marçona, Tibofe, Rosa da Ambrósia, Bié, Tiú, Pernalhada, Duardão, Orelha-de-Burro, Desacupa, Foguinho entre outros, nomeiam a individualidade, a personalidade própria, diferindo dos Manés, Zés, Marias, Gabriéis, Rafaéis e Mizaéis, sem uma particularidade que os identifique dentro do todo. O nome não só nomeia como retrata o personagem.

Em *Na Terra da Confusão* tudo tem princípio em um grande temporal que alimenta a história fantástica contada por Rosa – na história, uma 'rosa' especial. O temporal, de tão forte, leva muitas coisas da vila, inclusive a noção de tempo dos moradores. A ausência do tempo faz com que as pessoas não somente percam a noção de data como a noção de ordem.

Na primeira parte da narrativa o leitor já percebe a presença de elementos fantásticos, no entanto é na segunda parte que estes elementos se acentuam trazendo para o texto personagens da literatura mundial. Na viagem de Pé-de-Banda e seus amigos, a bordo de uma charrete em busca de resposta para a pergunta que toma conta de todos os moradores do Arraial - "Em que dia, mês e ano estamos?" -, os meninos cruzam com os personagens mais curiosos de suas vidas. Encontram-se com Mané Proust, um senhor bem vestido que anda em busca do tempo perdido, no entanto, não o mesmo tempo que buscam os meninos. Encontram-se com Alberto Aí-Tem, um velhinho de cabelos desalinhados e inquieto que fala de coisas estranhas como a teoria da relatividade, viagem na velocidade da luz, o nascimento do universo há aproximadamente 20 bilhões de anos, a partir de uma explosão chamada Big-Bang, e relata mirabolantes teorias sobre o tempo. Encontram-se com Jaime

Joyce, um senhor aficionado pelo tempo, no entanto, o tempo marcado por seu relógio, porque com ele irá escrever um livro grande e perfeito que contará a história de um único dia na vida de uma pessoa. Por último, encontram na beira da estrada um velho cego chamado Borges, que com ares de bruxo anuncia que o tempo da confusão está terminado, fazendo uma série de revelações fantásticas sobre um futuro próximo onde tudo se esclarece.

Esta é uma dessas histórias sobre o tempo e o que se ganha e se perde com ele. Tudo gira em torno do tempo. O tempo que passa, o tempo que se deseja fazer voltar ou que se cria, o tempo que se foi e deixa de existir, que escapa à memória. O tempo que é o mesmo e sempre outro, que importa tanto, mas que ninguém consegue apreender.

3 – Realidade social

O GATO QUE AMAVA GIRL – ANTÔNIO DE PÁDUA E SILVA

O gato que amava Girl, publicado pela Atual Editora em 1994, como parte da série *Transas e Tramas* e com ilustrações de Olavo Tenório Cavalcante, é uma história narrada em primeira pessoa por um gato de rua, mais precisamente das ruas sujas da região do Porto em Cuiabá.

O narrador se apaixona por uma menina prostituída, Girl. É um gato que vive na rua, tem vida de menino abandonado. O animalzinho é a chave da narrativa, é um observador que conhece o submundo, a vida marginal de Cuiabá, perambula por becos, bocas de fumo, prostíbulos da região do Porto, rouba comida na feira, descansa às margens de um rio que morre diante de seus olhos e mora debaixo da ponte na companhia de uma criança de quatro anos, abandonada.

O gato-narrador revela-nos sentimentos bem humanos diante dos acontecimentos, da violência cotidiana que enfrenta para sobreviver, da mesma maneira que as crianças abandonadas com quem divide companhia. É um herói incapaz de um ato heróico, afinal, a sua interferência no desenvolvimento

dos fatos é impossível, sendo um gato, no entanto, o seu curioso ponto de vista nos revela uma história completa.

Com o gato preto que amava a menina Girl, o autor nos faz entrar nas casas antigas que se apinham pelas ruas do Porto, sempre pela janela. De cima dos muros espreitamos todos os quintais, chegando ao beco do Lobo ou ao da Lama, onde meninos se reúnem, cúmplices de calçadas, de noites ao relento, da fome e de quartos cheirando a mofo. Vemos o rio de águas barrentas, “o rio que de tão calado parecia aceitar toda a podridão do mundo” (p.18), o mesmo rio de lavadeiras e também de sepulturas.

As situações que envolvem o gato que amava Girl são muito reais. É uma história que retrata a realidade desse lugar no momento em que a obra era escrita. Retrata as relações existentes em um local específico, no entanto, universal. Com temática bastante próxima da abordada por Jorge Amado em *Capitães da Areia*, o autor traz à tona a realidade das crianças que viviam nas ruas do Porto nos anos de 1990: crianças sem lar, sem família, convivendo precocemente com drogas, sexo e morte, além de doenças como a Aids e o extermínio de menores praticado por policiais corruptos com o consentimento de autoridades do alto escalão da época. Esta é uma obra de crítica social e o autor a escreve a partir de seu contato, como jornalista, com as ruas do bairro Porto, em Cuiabá; entrevistas com menores e documentos jornalísticos aos quais possuía acesso.

A presença de gírias e expressões populares nos diálogos é acentuada, refletindo o modo de falar e de pensar das pessoas do lugar onde transcorrem os acontecimentos. Somos espectadores da vida de vendedores, pescadores, cachaceiros, meninos e policiais; da ruptura da família e do amor impossível.

O autor constrói as personagens de maneira a revelar de cada uma as características psicológicas, não economizando ainda em adjetivos que os tipificam fisicamente. Imprime ao enredo um ar de mistério, cercado um dos personagens com características de herói – o negrinho Badô, moleque cheio de ginga e inteligência que ninguém sabia de onde tinha surgido – e fazendo referência ao Negrinho d'Água, lenda do folclore mato-grossense.

A estrutura da obra é formada por capítulos curtos e apresenta uma trama bem resolvida. Em *O Gato que amava Girl*, Pádua atrai a atenção da crítica brasileira, consagrando-se como escritor. A história termina sem um final feliz. É realista, poética e triste.

O EMIGRANTE – MARIA DO CARMO ALVES DE SOUZA

Em *O emigrante*, publicado pela editora Paulus em 1995, a autora faz clara alusão à emigração de famílias da região sul do país para o centro-oeste em busca de novas terras e melhores condições de vida. O texto é narrado em terceira pessoa com períodos longos e traz, além da referência ao fato histórico, algumas informações sobre as características da ave que protagoniza a história.

A ilustração é de Soares, em tons fortes onde predomina o verde, cor da ave e da paisagem. A composição é simples e ao mesmo tempo detalhista.

UMA CHANCE PARA MARGARIDA – MARIA DO CARMO ALVES DE SOUZA

Uma chance para Margarida é a história de uma flor que sonha em morar em um jardim onde haja bons amigos, água e espaço para crescer livremente. A autora trata das adversidades da vida e da necessidade de carinho e cuidados que todos os seres vivos têm. Ilustrado por Renato Fernandes e Andréia Seller.²⁶ Publicado em 2003.

RIO DE SONHOS – MARIA DO CARMO ALVES DE SOUZA

Rio de sonhos aponta as diferenças da natureza em seu estado original e depois da interferência humana. Através da imaginação de um menino o leitor é levado a uma viagem pelo fundo do rio, para um diálogo com os peixes e grandes aventuras. A paisagem do lugar e os sonhos da criança tornam-se apenas lembranças com a chegada da usina hidroelétrica que faz a

²⁶ Os ilustradores da coleção “Encantos da Natureza”, formada pelos títulos: *Uma chance para Margarida*, *Rio de sonhos* e *Amarelinhos*, optaram por um estilo de desenho primitivo, sem perspectiva e colorido com lápis de cor, numa clara referência aos desenhos feitos por crianças da faixa etária à qual a obra se destina.

paisagem – o rio, a cachoeira, a casa – do local onde o menino vivia, desaparecer para dar lugar a um imenso lago de águas calmas. O rio sobrevive apenas na memória do adulto que o menino se torna.

A obra é dedicada aos ribeirinhos que tiveram que abandonar, com o represamento dos rios, suas casas e o modo de vida que possuíam. Ilustrado por Renato Fernandes de Souza e Andréia Seller.²⁷ Publicado em 2003.

LINGÜÍÇA - ADELINA PONTES SIQUEIRA

Contando a história de um cãozinho abandonado pelo dono, o livro trabalha a questão da solidariedade, a preservação da natureza e os cuidados com os seres vivos. As imagens são artesanais, feitas pelo sistema de colagem, produzido pela própria autora. Publicado em 2002.

MAMÃE SONHEI QUE ERA UM MENINO DE RUA – IVENS CUIABANO SCAFF

Mamãe sonhei que era um menino de rua, ilustrado por Wander Antunes e publicado em 1996, pela Tempo Presente, traz uma temática de cunho social. Trata de uma questão grave em nosso país: as crianças que vivem na rua, sem lar, sem família e escola. A narrativa se dá em versos rimados livre e assimetricamente.

Ivens constrói dois personagens que fogem à figuração tradicional de classes sociais em histórias contadas. O menino morador de rua, Alemão, é branco de cabelos claros e Maninho, que possui família, um lar, estabilidade social e vai à escola, é negro.

Na inversão de tipos percebemos onde o autor deseja chegar. Além da crítica social, deixa clara sua intenção em falar de preconceito racial.

Os incidentes na história ocorrem pelo fato de Maninho tomar o caminho mais longo da escola para casa a fim de comer sozinho os bombons que havia ganho da professora. É o egoísmo, embora inocente, que o faz ser perseguido por um bando de meninos maiores e que faz com que se perca nas

²⁷ Idem.

ruas da cidade. No entanto, esses são os fatos que o levam ao encontro de Alemão, com quem os bombons são divididos e que o fazem descobrir um lado da vida que ele desconhecia até então. O autor consegue, além de falar em preconceito racial e social, tratar de questões sobre comportamento, pecado capital e boa ação em relação ao próximo.

O enredo é linear e a caracterização das personagens é mais psicológica do que física, esta fica por conta da ilustração. O ambiente são as ruas da cidade e os fatos transcorrem no espaço entre a escola e a casa de Maninho.

Mamãe sonhei que era um menino de rua é o primeiro livro de literatura infantil publicado pelo autor. A ilustração é toda em preto e branco. Os tons escuros são predominantes, o que acaba reforçando a idéia de simplicidade e nenhum luxo do cenário, das ruas onde vive o menino Alemão. Muitas cenas se dão no escuro da noite. O traço de Wander Antunes é certo e extremamente expressivo. Os desenhos são de página inteira e dialogam com a narrativa. O jogo de perspectiva que o desenhista estabelece como uma brincadeira é evidente em todas as cenas.

JOÃO NINGUÉM – MARIA DO CARMO ALVES DE SOUZA

Em *João Ninguém*, Maria do Carmo Alves de Souza trata da escola como elemento fundamental na vida de uma pessoa. Deixa clara a idéia de que um futuro impiedoso espera aquelas crianças que não vão à escola. A autora utiliza-se do texto para fazer um alerta, a pais e filhos, da importância da formação escolar, mostrando que a vida pode ser muito penosa para aqueles que não possuem uma instrução institucional. É uma história triste e comum em um país como o Brasil.

As ilustrações são de Joel Bueno, que traduz em imagens, com grande sensibilidade, toda a tristeza e o desamparo vividos pelo personagem principal. A obra foi publicada pela Central do Texto no ano de 2005.

CIDADÃO, O CACHORRO FELIZ – DOLORES CRUZ ROSELLI

Cidadão, o cachorro feliz, lançado em 2006, é uma história baseada em fatos reais, tratando do direito à vida e de humanidades. Fala da importância dos animais e da natureza na vida do ser humano.

CABELO RUIM? A história de três meninas aprendendo a se aceitar -
NEUZA BAPTISTA PINTO

Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar, foi publicado em 2006 com apoio da Lei de Incentivo e tendo a segunda edição lançada em 2007 pela editora Tanta Tinta.

A autora fala de todos os conflitos internos e externos, pelos quais passam as personagens em função de seus cabelos crespos e propõe ao leitor questionamentos em relação aos padrões de beleza ditados pela mídia. Neuza Baptista Pinto conduz suas personagens à descoberta da beleza própria e a auto-aceitação. Aborda a questão do estranhamento diante do diferente a partir de perguntas óbvias, mas que levam a questionamentos profundos, como por exemplo:

Vocês acham normal ter vergonha do cabelo? (...) Vocês acham normal não poder ficar com ele como ele é, ter que ficar fazendo alguma coisa com ele: alisar, esticar, prender...? (p. 22). Eu só queria deixar o meu cabelo ser do jeito que ele é e não sentir vergonha dele. (p. 23) Então não posso arrumar meu cabelo do jeito que quiser? (...) Meu cabelo não é ruim, nem bom. Só é diferente... (p. 34)

O texto, de cunho realista, é narrado em terceira pessoa, com linguagem dinâmica, divertida e acontecimentos que evoluem rapidamente. As ilustrações são de Nara Silver, traçadas à mão com grafite e coloridas digitalmente em CorelDraw. Os contornos da artista são marcados em preto, utilizando perspectiva, combinação de cores, esquema de tons em degrade, luz e sombra. O traço é caricatural.

Outros títulos sobre o tema:

O aprendiz – Miriam Botelho dos Santos

Iluminando os caminhos do aprendiz - Míriam Botelho dos Santos

4 - Humor

O PAPAGAIO BESTEIRENTO E A VELHA CABULOSA – IVENS CUIABANO SCAFF

Publicado em 1999, também pela Tempo Presente, *O papagaio besteirento e a velha cabulosa* é uma história de humor sobre um papagaio mal-humorado que fala muito palavrão. O enredo dialoga com um livro anterior do autor, *A Fábula do Quase Frito*. Esta é uma história paralela, e nos conta sobre o papagaio que morava na casa das crianças que acolheram Quase Frito na ocasião do incêndio no morro de Santo Antonio e ocorre, pelo que percebemos através da narrativa, simultaneamente àquela, no entanto, a personagem principal desta versão é o papagaio, um anti-herói.

O autor traz, mesclada a esta história, uma lenda dos índios bororos, considerados, segundo o texto, “os gregos do Novo Mundo”. Tamanha a riqueza em lendas dessa tribo, cujo símbolo é justamente o papagaio.

O título da obra nos remete a uma conhecida piada brasileira, cujos personagens são justamente um papagaio e uma velha. O livro é de leitura rápida, narrado em discurso direto.

É ilustrado por Wander Antunes que acentua fortemente as expressões faciais e corporais dando bastante movimento aos personagens. Nessa obra o artista trabalha mais com o branco do que com os tons de preto, diferindo um pouco dos livros ilustrados por ele anteriormente.

CAYMAN & FILHOTE - VALDEMAR SOUZA

Utilizando-se de uma linguagem dinâmica e humor sutil, Valdemar Souza propõe ao leitor uma postura reflexiva sobre o meio ambiente através do diálogo entre Cayman, um jacaré calado e cheio de experiência de vida, e Filhote, um filhote de sucuri que adora contar vantagens a respeito dos botes de sua mãe.

Através de um humor filosófico, o cartunista constrói um trajeto de conscientização dos vários segmentos sociais em relação ao respeito que se deve à natureza.

Os desenhos são feitos a mão em papel opalino. A ilustração é de traço simples e expressivo, revelando, em figuras estilizadas, além da fauna, também a flora do Pantanal. As tiras são breves e fortemente cômicas. A obra foi publicada em 2002.

5 – Lendas Revisitadas

SELVA E CHUVA – ANTÔNIO DE PÁDUA E SILVA

Selva e chuva foi publicado pela Atual Editora em 1992, na série Conte Outra Vez, com ilustrações de Cecília Iwashita. O livro traz mais uma história com o personagem Pé-de-Banda, desta vez no Vale do Guaporé, que nasce na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, em Mato Grosso, se estendendo até o estado de Rondônia. Guaporé em língua indígena significa “vale do deserto”.

O livro fala da descoberta da sexualidade na puberdade, da pluralidade cultural, dos mistérios da vida selvagem, do contato cada vez mais profundo com a natureza e da aventura de salvar um búfalo sagrado. O búfalo sagrado é uma das muitas crenças e lendas da região do Vale do Guaporé e serve de mote para a heróica missão do personagem principal – é uma dessas histórias que revelam um Brasil povoado por seres fantásticos.

O autor fala, sob o ponto de vista cultural, da diferença de comportamento existente entre índios e brancos em relação a determinadas situações e hábitos. O espaço natural ocupa um lugar de destaque na história e colabora no desenvolvimento das relações entre as personagens. O autor nos faz observar que o aspecto físico da região influencia diretamente no modo de vida de seus habitantes. Não há referência sobre o tempo histórico, no entanto, há elementos que nos fazem crer tratar-se do contemporâneo.

Na descrição do cenário são utilizadas diversas figuras de linguagem, dando à narrativa um caráter poético.

UMA MANEIRA SIMPLES DE VOAR – IVENS CUIABANO SCAFF

O livro *Uma maneira simples de voar*, ilustrado por Marcelo Velasco, foi publicado pela primeira vez em 1997, pela Tempo Presente em preto e branco, com ilustrações adaptadas a bico de pena. A segunda edição veio em 2006, nove anos mais tarde, publicada pela editora Entrelinhas, em novo formato e com os desenhos coloridos e originais. Este foi o primeiro livro de literatura infanto-juvenil escrito pelo autor, no entanto, o terceiro a ser publicado.

Este livro, segundo o próprio autor, é fluvial por abordar a cultura da água, falar de um mito que é recorrente nas comunidades à beira do rio: o Minhocão.

Temos como tema central a amizade e podemos dividir a história em duas partes. A primeira é mais estática, descritiva, onde o autor estabelece os fios da trama. Todos os acontecimentos, toda a ação fica reservada para a segunda parte, onde surge a problemática e há referência a vários outros mitos do folclore mato-grossense e também brasileiro.

Há quatro personagens: a menina Ade, o menino Andriel, o velho Amis e a velha Frô. Ade é a personagem principal, uma menina curiosa, perguntadeira. Ninguém gostava de ficar respondendo às suas perguntas, exceto o velho Amis, que respondia a todas, às vezes até mesmo antes de ela perguntar. Amis é o morador do sítio para onde a menina vai a fim de obter resposta a todas as suas perguntas. É através do velho que o narrador fala das riquezas do cerrado e do rio. Amis é um sabedor, conhece o cerrado e o rio como a palma de sua mão. Fala sobre as lendas do Minhocão do Pari, o Minhocão do Engordador, a Mãe d'água, o Negrinho d'água e explica que para conseguir ver o povo da água é necessário esfregar gordura de peixe no corpo para tirar o cheiro de gente. São nos momentos de diálogo da menina e o velho que o narrador faz desfilarem a riqueza da natureza e da cultura mato-grossense diante do leitor.

Há uma grande quantidade de aves, peixes e animais citados, comuns na região e que fazem parte do dia-a-dia do ribeirinho, do morador do cerrado e do Pantanal. O autor faz um inventário sobre a abundância da natureza local.

Das espécies de peixes citadas temos: piraputangas, pacupevas, bagres, jaús, cacharas, pintados, piquiras, lambaris, riscadinhos, vacas-brancas, duro-duros, chum-chuns, rapa-canoas, bigodudos, pacus, piavas, botoados e dourados. Durante os passeios vemos jaçanãs, gaviões nos galhos das piúvas, garças, tuiuiús, admiramos as asas das cigarras jaós e libélulas, ninhos de japuira pendurados como se fossem frutas, joão-pinto que é alaranjado e preto, vemos cajueiros, figueiras, pés de pequi, sentimos o cheiro da manga em floração e ouvimos o canto da seriema.

Andriel é o amigo de Ade, um menino observador que consegue desvendar o segredo dos caminhos do cerrado e crê no sobrenatural, pedindo ajuda aos peixes, aos animais, às aves e ao saci para encontrar sua amiga que naufragou juntamente com Amis depois de uma grande tempestade. É ele quem pede ajuda à velha Frô para encontrar os desaparecidos. Quando na tempestade, Amis e Ade, chamando um pelo outro formam a palavra poderosa “Amizade”, tema da história, o minhocão é despertado de seu sono profundo e engole os naufragos para depois cuspi-los na margem do rio abaixo. Andriel sozinho não poderia encontrá-los.

“Siá Frô” representa a benzedeira, detentora de conhecimento popular. É ela quem prepara a vela na cuia que encontra os afogados que o rio não quer devolver. E para despertar o velho e a menina que estavam envoltos por uma gosma espessa, colhe no cerrado, com o auxílio de Andriel, que recebe ajuda do saci e de seu redemoinho, as ervas certas para o banho que os trará novamente à vida. As ervas colhidas são: canela de ema, boldo, picão, carqueja, flor de piúva-amarela, flor de piúva-roxa, flor de tarumã, louro branco, louro preto, casca de cambará, seiva de figueira e marcela, além de raminhos de saran, suco de mangava, coroa de frade, marmelo e ninho de japuira.

O cenário, como já observamos, é o cerrado mato-grossense, a beira do rio e o Pantanal, além da paisagem de Chapada dos Guimarães, vista ao longe. O tempo transcorre linearmente, apesar de se dar em planos distintos. O tempo dentro do cerrado, no sítio de Amis, corre numa velocidade diferente do tempo que passa fora dele. A idéia é de que dentro do cerrado ele é melhor aproveitado do que quando se está fora dele. Fora do sítio do velho Amis o tempo é tedioso e não se consegue fazer muitas coisas.

A história é contada por um narrador observador em discurso direto e períodos curtos. Está dividida em títulos, sempre poéticos, que separam os acontecimentos em pequenos capítulos. O livro é alinhavado por uma simbologia que não se confunde, seja nos elementos que particularizam um lugar, nos nomes e seus significados ou simplesmente numa fita de cabelo amarela representando a sabedoria. Texto e ilustração dialogam.

Na primeira parte, “O Cerrado dos Caminhos que se Cruzam”, temos uma visão panorâmica do cerrado entrecortado de caminhos como um labirinto, como de fato é tratado no texto: “O segredo desse lugar é que ele só tem uma entrada e uma saída.” (1997-07) O caminho certo, no entanto, é facilmente encontrado na hora do almoço, bastando seguir o cheiro da banana frita, conforme a descoberta da menina. A banana frita é um dos pratos típicos mais freqüentes na mesa dos moradores dessa região. E o labirinto nos remete à deusa da mitologia grega Ariadne, do qual poderíamos supor ter originado o nome da personagem principal Ade, a primeira a descobrir que o cheiro da banana sendo frita era capaz, como um novelo, de conduzir o aventureiro dos caminhos do cerrado até um lugar seguro.

Além de todos os elementos regionais como paisagem, fauna, flora, lendas, e pratos típicos, o autor preocupa-se em registrar a linguagem com expressões próprias como por exemplo: *s’menino*, *zune daqui*, entre outras. Há ainda os brinquedos e brincadeiras com que as crianças brincavam: queimada, passa-meu-bom-barqueiro, roda, boneca, polícia e ladrão, bolita e finca-finca.

A história termina com o início do período de águas do Pantanal, momento em que aparece um touro azul, forte e pacífico como a amizade que os une e leva as crianças em seu lombo para fora dessa região que começa a ficar alagada: um lugar rio abaixo onde o minhocão deixou o velho e a menina em segurança, já dentro do Pantanal, muito distante do sítio.

No decorrer da história o narrador encontra espaço para citar o descontrolado das queimadas e falar do quanto a desobediência pode ser perigosa, afinal, foi a desobediência de Ade que provocou o acidente com a canoa levando às conseqüências descritas.

Há questionamentos extremamente poéticos no decorrer da narrativa feitos pela menina, como por exemplo: “É para ninar os peixes que tamborila a chuva sobre o rio?”(1997-17), “Esses peixes se lembram das baías da sua infância?”(1997-19), “Se as estrelas são eternas, como é que elas parecem tão meninas?”(1997-24) ou em frases do narrador como “O segredo da vida é que existem muitos caminhos.”(1997-59) e a frase que intitula e finaliza o livro: “E seguiram caminhando de mãos dadas, que é uma maneira muito fácil de voar”(1997-61).

Marcelo Velasco é audacioso nos desenhos, seja na fuga a um padrão determinado, indo de desenhos realistas a fantásticos e animados, seja na utilização de materiais que variam do lápis de cor aquarelável, à tinta a óleo, ao nanquim e ao acrílico. Tudo sobre papel de texturas também variadas como opaline, schüller, cartão e a utilização de ferramentas como o aerógrafo.

As imagens desenhadas são como fotografias da paisagem local, podendo facilmente ser reconhecidas por moradores da região. Na capa do livro, onde vemos as crianças voando de mãos dadas, a perspectiva escolhida pelo ilustrador faz com que o nosso olhar sobre a figura parta dos pés das crianças, pois aparecem em primeiro plano. Pés sujos de quem anda descalço, remetendo-nos a uma idéia de simplicidade e da amizade sincera que se apóia na simplicidade, fazendo com que o desenho reforce o tema central da história.

CANDIMBA – HELIARA COSTA E WANDER ANTUNES

Heliara Costa e Wander Antunes lançam em 2002, no Museu do Rio, uma adaptação livre de *Candimba*, uma lenda do folclore mato-grossense. Dedicada a Dunga Rodrigues, autora de “Lendas Cuiabanas”, os autores narram a história de Candimba em outra versão, diferindo em alguns pontos daquela contada por Dunga em seus registros. Ilustrada por Wander Antunes, a publicação sai com análise de Mário Cezar Silva Leite.²⁸

²⁸ Doutor em Comunicação e Semiótica, professor de Literatura Brasileira no curso de Letras e dos Programas de Mestrado em Estudos Literários (Letras/IL) e Estudos Culturais (Comunicação/ IL) da UFMT.

Na lenda recontada por Heliara e Wander, o menino Candimba passa de vilão à vítima do preconceito das pessoas. Aqui, a maldade não está em Candimba e sim dentro de cada um daqueles que o julgam, que o rejeitam. E é no isolamento que ele vai buscar a si mesmo, vai buscar a sua verdade e a sua felicidade ‘para sempre’.

A publicação possui formato de revista em quadrinhos, no entanto, os desenhos são de página inteira. As cenas são ambientadas em espaço familiar, trazendo imagens da beira do rio Cuiabá com vista para o morro de Santo Antonio. Candimba está muito próximo da natureza assim como próximo de outras personagens do folclore brasileiro como o Curupira, o Lobisomem, o Saci Pererê e o Troá. É ao lado deles que Candimba tem, na versão dos autores, um final feliz, conforme podemos ver nas duas últimas páginas. Nas palavras de Leite “o Candimba sai da solidão e isolamento, sai das explicações racionais da história para se inserir nos campos e horizontes da lenda”.

Outros títulos sobre o tema:

Histórias da vovó do Coxipó I – Flávio Ferreira

Histórias da vovó do Coxipó II – Flávio Ferreira

6 – Inspiração Clássica

AMARELINHOS – MARIA DO CARMO ALVES DE SOUZA

Em *Amarelinhos*, publicado em 2003, a autora cria uma história com fundo moralizante, como as fábulas. Faz crítica à atitude grosseira dos adultos e à desobediência aos pais. Ilustrado por Maria Estela Rodrigues de Souza.²⁹

A FÁBULA DO QUASE FRITO – IVENS CUIABANO SCAFF

A fábula do Quase Frito, publicado pela primeira vez em 1996, teve uma segunda edição em 1997. Como o próprio título sugere trata-se de uma

²⁹ Ver nota de roda-pé nº 19.

fábula, alusão à história do Patinho Feio, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, além de fazer alusão a duas personagens das fábulas de Esopo: a cigarra e a formiga. Há, ainda, referências a personagens do folclore mato-grossense como o curupira, mãe-do-morro e minhocão.

A história trata de um animal que não pode ser identificado após sofrer queimaduras durante um incêndio na mata do morro de Santo Antonio, próximo à cidade de Cuiabá. Três crianças que estavam no local a passeio encontram o sobrevivente durante a fuga levando-o para casa, a fim de salvá-lo. A história gira em torno da identidade do animal, desconhecida até mesmo para ele próprio. O animal não identificado é chamado pelo apelido de Quase Frito, numa referência ao seu estado.

Quase Frito, um pássaro japuira, é o personagem principal e o único a ser nomeado. O suspense em torno de sua identidade é mantido até o final da história, onde o pássaro com suas características e hábitos é revelado ao leitor. O texto é narrado na segunda pessoa do plural e só sabemos que são três crianças através da ilustração, onde são retratadas com características físicas bem diferentes, representando três raças. Muitos animais e plantas da região são citados no texto, dando uma rápida descrição da fauna e da flora que cerca o morro de Santo Antonio, ambiente de onde a história parte e termina. O citado morro é muito conhecido em Cuiabá e região por ser o único num raio de mais ou menos 50 quilômetros em planície pantaneira, estando a 500 metros acima do nível do mar e com altura de 236 metros.

O morro de Santo Antonio, localizado no município de Santo Antonio de Leverger e a 35 quilômetros de Cuiabá, possui grande importância na história do Estado por ter sido usado, por sua posição geográfica estratégica, como ponto de sentinelas do rio Cuiabá durante a Guerra do Paraguai, tendo ainda sido considerado pelo povo bororo como uma espécie de santuário, dando origem a algumas lendas. O morro faz parte de lendas e do imaginário da região contadas pelos mais antigos, como por exemplo, a que o autor cita no livro: a lenda da piraputanga de ouro que viveria dentro de um lago no topo do morro, tido pelos mais antigos como um vulcão adormecido.

O pedido de ajuda de Quase Frito a uma “velha muito velha” que seria uma benzedeira da comunidade que vive no pé do morro, faz referência à sabedoria dos mais velhos bem como à cultura local.

Além de muitas informações a respeito da fauna, flora, cultura local e referências literárias, o autor critica o descontrole das queimadas que atingem o cerrado em período de estiagem causando a destruição da mata e morte de animais que habitam a região.

No decorrer do texto encontramos uma mescla de narrativa com poesia ou trechos da história recontados em versos rimados. Há algumas frases que o autor utiliza repetidas vezes, fazendo-as funcionar como um estribilho tanto na narrativa quanto na poesia. Na narrativa temos como exemplo o trecho:

Porque você está chorando tanto, Quase Frito? Quase Frito está com fome? Quase Frito está com sede? Mas Quase Frito não parava de chorar. Chorou. Chorou. Quando os soluços foram espaçando, perguntaram de novo: Quase Frito, por que você chorava tanto?

E na poesia os versos

Vou cantar, cantar, cantar

Trabalhar

Descansar

Voar, voar.

cantados pelos pássaros japuira. O recurso utilizado pelo autor é sutilmente explicado nas linhas seguintes, onde fala que sempre estavam contando a mesma história (a fábula da cigarra e a formiga), mas ninguém se zangava porque todo mundo gosta de história repetida, referindo-se ainda a uma característica do comportamento infantil.

Em *A Fábula do Quase Frito*, o texto ocupa tanto espaço quanto os desenhos de Wander Antunes. Este livro segue o ritmo do anterior, em formato simples e ilustração em preto e branco. Os tons escuros variam do preto ao cinza e são predominantes, no entanto, o branco consegue maior destaque da ilustração em função da localização, sempre ao centro da página chamando a

atenção para elementos específicos. Aqui, Wander é propositalmente econômico nos detalhes, fazendo ocupar a página apenas o “personagem” ao qual deseja dar destaque.

O GALO QUE PINGAVA OURO – TIANA DE SOUZA ALVES

O galo que pingava ouro, de autoria de Tiana de Souza Alves, é uma história de amizade entre um menino e um pintinho que se transforma em um galo cantor, porém, desafinado. Sob ameaças de ser levado para a panela, o galo, em um estranho ritual de tomar água e ciscar o chão, faz surgir gotas de ouro para todos os lados dentro do galinheiro. As gotas de ouro poupam o galo da panela e transformam a vida da família para sempre. A história lembra-nos o clássico *A galinha dos ovos de ouro*, no entanto, com um final mais feliz, onde o galo e todos os personagens mudam-se para uma casa maior e cheia de conforto. A história nos deixa clara a idéia de “... e viveram felizes para sempre”.

Outros títulos sobre o tema:

O menino órfão e o menino rei– Ivens Cuiabano Scaff

7 - Poesia

BRINCAR DE VER EM VERSOS – ALTAIR DA SILVA MORAES

Em *Brincar de ver em versos*, publicado em 2004, Altair da Silva Moraes propõe-se a aguçar nas crianças a sensibilidade e o gosto pela poesia, afinal, são elas que guardam a marca original do deslumbramento. O desejo do autor é tentar preservar a sensação de estranheza com a qual a criança olha o mundo. Para tanto, escreve um livro de poesias com temas do cotidiano infantil, fala de peraltice, das broncas da mãe e o amor por ela, faz poesia sobre os brinquedos e as brincadeiras.

O poeta cria uma personagem, Ana Beatriz, uma menina de dez anos de idade que está cursando a quinta série, mora com seus pais, um irmão, tia, avô, avó e seus animais de estimação. A menina escreve sobre todas as coisas que ama e que estão à sua volta. Ana Beatriz é esperta, atenciosa e observadora. Gosta de escrever e faz um diário como se fosse um álbum de família, só que em versos. Escreve sobre sua família, seus amigos, os animais de estimação e todo e qualquer acontecimento no dia-a-dia que mexem com os seus sentimentos.

O que encontramos no livro é a leitura de mundo de uma criança de dez anos de idade, que brinca de casinha e esconde-esconde, pula amarelinha, toma banho de cachoeira, gosta do contato com a natureza, faz planos para quando for gente grande, tem medo das histórias de assombração contadas pela tia, adora enviar recados poéticos aos seus amigos pelo celular, conta como é ruim ficar doente e como é bom ter férias, diverte-se observando a personalidade de seu gato e seu cachorro e revela o quanto não gosta de programas bobos de televisão. Prefere brincar. Ana Beatriz lê a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, à qual chama de DUDA, e transforma os quatorze artigos em versos para mobilizar os colegas na escola e na vizinhança.

O autor encontrou uma maneira divertida e direta de falar à criança. Criou uma personagem cheia de humor inteligente, que faz crítica ao que acha que está errado e valoriza a família. Os textos em versos livres escritos pela personagem são como fotografias dos momentos de sua vida.

O livro, em formato quadrado e de fácil manipulação foi ilustrado por Rodrigo Vinícius de Moraes Gonçalves. Traz em cada página pequenos desenhos, prontos para serem coloridos pelo leitor.

Outros títulos sobre o tema:

As andorinhas – Paulo Wagner

8 – Preocupação didático-pedagógica

AS AVENTURAS DE ZUMBELHA – MARLI BATISTA DOS REIS SANTOS

As aventuras de Zumbelha, escrito por Marli Batista dos Reis Santos, foi publicado com recursos próprios no ano de 2007, impresso pela Gráfica e Editora Sanches Ltda, em Tangará da Serra, com uma tiragem de mil exemplares.

O livro, desenhado e ilustrado por Roseval Pereira Santos, possui duas personagens: um inseto e um animal, que personificados realizam as ações relatadas por um narrador onisciente. A história é ambientada no campo, a narrativa se dá através de períodos curtos, sempre terminados por palavras finalizadas com o dígrafo “lh”. A história é simples e a autora centra-se na construção fonética e não no desenvolvimento das ações. Faz-nos lembrar o poema infantil *A Bolha*, de Cecília Meireles.

O PEIXINHO SABIDO E A CADEIA ALIMENTAR - RUBENS GIMENEZ

RODRIGUES FILHO

O peixinho sabido e a cadeia alimentar, publicado em 2005, é um livro educativo, de teor didático-pedagógico preocupado em informar o leitor sobre os mecanismos sociais, estimulando a criança a olhar para a vida sob outro aspecto. O livro faz parte da coleção *Você sabia...?*, com ilustrações do artista Generino Oliveira Rocha.

Outros títulos sobre o tema:

Clarinha, a nuvenzinha sapeca – Elizete Nunes

Vovó Nana nana Nina – Elizete Nunes

Dona Treleleca e seu Trelelezinho – Danuza Soares Lenzi

O menino que queria ser cientista – Carlos Gabriel Zucher Oliveira

9 - Biográficos

TONHO DA ONÇA - OLGA CARVALHO DE SOUZA E LAIS MARIA DA CUNHA FAGUNDES

O livro, editado pela KCM Editora em 2006, com texto de Olga Carvalho de Souza e ilustração e pesquisa de Laís Maria da Cunha Fagundes, nos conta a história de um caçador de onças da região Centro-Oeste, conhecido como Tonho da Onça, que passou muitos anos de sua vida caçando e matando onças. Só após a visita de uma fada, segundo conta, compreendeu a falta de sentido dos seus atos, momento a partir do qual decidiu mudar de atitude.

A história de Tonho da Onça nos lembra, em muito, o conto *Meu tio o lauretê*, de Guimarães Rosa, onde a personagem principal era um matador de onças que, apaixonando-se por uma delas, entra em um processo de “onçaização”, passando a desistir de sua atividade exterminadora quando compreende que as onças eram, na verdade, sua família.

O livro é baseado na história real de Antônio Teodoro de Melo Neto, nascido em Coxim no ano de 1945 e residente na cidade de Rondonópolis, no Estado de Mato Grosso. Foi escrito por Olga Carvalho após um trabalho de pesquisa e entrevistas gravadas com o protagonista, realizadas por Laís Maria da Cunha Fagundes.

BUGRINHO, QUE MENINO É ESSE? – DANIELA FREIRE

Bugrinho, que menino é esse? registra a biografia do poeta mato-grossense Silva Freire, para crianças. Conta sobre a infância de Silva Freire nas ruas da capital mato-grossense, sua trajetória como homem das letras, o amor pela família e a presença marcante na infância dos filhos. O livro revela, além da intimidade do poeta e sua personalidade, a sua relação com a palavra, com o escritor Wladimir Dias Pino e o poeta Manoel de Barros.

Daniela Freire escreveu o livro como quem espreita uma conversa ao pé-do-ouvido entre o poeta e as suas infâncias. Segundo a autora, o diálogo já estava pronto nos escritos de Silva Freire, bastou que ela os olhasse com mais apuro.

O livro é ilustrado por Marcelo Velasco que compõe as imagens a partir de retratos do álbum de família do poeta, memória fotográfica e imaginação de artista. Marcelo, diferentemente dos livros que ilustrou anteriormente, optou por dar mais unidade visual às ilustrações, utilizando caneta nanquim e lápis de cor aquarelável. A obra foi publicada em 2008 pela editora Entrelinhas em Cuiabá.

10 – Ficção Científica

AS AVENTURAS DO ROBÔ TAGARELA - SCHEILA COUTO

Scheila Couto escreve uma obra de ficção científica onde aborda temas universais como ecologia, tecnologia e direitos humanos. A história acontece no ano de 3100. O espaço é intergaláctico e a evolução tecnológica e humana não possuem limites. Em *As aventuras do robô Tagarela*, publicado em 2008, a base do desenvolvimento da civilização futura não é a tecnologia, mas a evolução espiritual coletiva.

PANTAMONS: UMA AVENTURA NO PANTANAL – MARLON CARVALHO DE SOUZA ROCHA

Pantamons conta a história de um cientista que decide criar animais manipulados geneticamente, a fim de conter a extinção daqueles que se encontram ameaçados. A manipulação genética é modificada e faz com que os animais sejam portadores de poderes sobrenaturais. O enredo gira em torno das aventuras vividas pelo cientista ao tentar recapturá-los após uma fuga em massa do laboratório.

Outros títulos sobre o tema:

Gota D'água – Marlon Carvalho de Souza Rocha

11 – Outros títulos:

Anedotas que papai contou – Cidinha Carvalho

Isso é coisa de pirata – Wander Antunes

Crescendo com as letras – Antônio Soares Gomes

Os alegrinhos – Maria Auxiliadora de Paula Macieski

O gato Mingau – Zélia Diniz

O grilo poeta – Maria Auxiliadora de Paula Macieski

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhum homem é uma ilha, sozinho em si mesmo; cada homem é parte do continente, parte do todo; se um seixo for levado pelo mar, a Europa fica menor, como se fosse um promontório, assim como se fosse uma parte de seus amigos ou mesmo sua; a morte de qualquer homem me diminui, porque eu sou parte da humanidade; e por isso, nunca procure saber por quem os sinos doam, eles doam por ti.

John Donne

A literatura infanto-juvenil mato-grossense desenvolve-se, desde o seu surgimento, lenta e continuamente. Enfrenta ainda dificuldades em relação à divulgação de livros, distribuição e valorização. Enquanto a literatura mato-grossense 'para adultos' conquista espaço cada vez mais significativo, tanto na academia quanto em relação ao público em geral, as obras produzidas e direcionadas para a criança permanecem ainda à margem. Há ausência de bibliografia de apoio específica sobre esta literatura, uma tradição em pesquisa incipiente e certa dificuldade em localizar as obras que compõem este acervo, já que muito pouco se encontra disponível nas bibliotecas centrais e mais raramente em bibliotecas escolares. Há uma quantidade razoável de obras que compõem essa literatura, no entanto, é recente a preocupação de alguns estudiosos com tal produção.

Em Mato Grosso, a produção de livros para criança é quantitativamente significativa se pensarmos no fato de que não é ainda conhecida pela maior parte de seu público. Não há um programa de divulgação e incentivo para o consumo das obras. Além do problema da leitura entre crianças e jovens, que hoje preocupa pais e educadores, há o fato de que os livros produzidos em Mato Grosso não chegam às bibliotecas escolares. A distribuição é feita pelos próprios autores, que conseguem fazer a obra chegar somente até os amigos e familiares, e em alguns casos acabam ocupando somente mais um espaço na estante das casas, muitas vezes fora do alcance de mãozinhas que os folheiem. Todos os autores têm a mesma queixa, sentem-se desmotivados por não conseguirem atingir uma quantidade de público razoável e não receberem apoio de nenhuma instituição ou órgão do

governo no que se refere à distribuição. Publicam os livros com ajuda de leis de incentivo ou na grande maioria das vezes com recursos próprios, em pequena escala e sem alcance satisfatório.³⁰

Neste trabalho, cujo objetivo foi observar a produção literária infantil mato-grossense também como parte do que chamamos regionalismo, vimos que os temas abordados num primeiro momento como singulares de um determinado espaço, revelaram-se num movimento de 'ir e vir', constituindo um território sem fronteira que se territorializa, desterritorializa e reterritorializa para continuar significando.

A unidade só é possível em um espaço articulado. Para ser singular é necessário, antes, ser universal. Assim, a literatura infanto-juvenil em Mato Grosso constrói a sua narrativa valorizando o seu ambiente cultural não apenas na diferença, mas na hibridização. Movimenta-se do individual para o global e deste para aquele. Nesta perspectiva, a literatura infantil desse espaço específico converte-se em um cenário multideterminado, onde o 'de dentro' e o 'de fora' se interpenetram, revelando uma sinuosidade fronteiriça e uma individualidade sem a rigidez da determinação definitiva. Assim como os sistemas culturais se movimentam, a produção literária infantil em Mato Grosso é migrante, promovida pluralmente dentro de um espaço por um grupo específico.

O movimento do nosso 'eu local' e do 'eu global' ou 'eu interior' e 'eu exterior' ou aquilo que 'realmente somos' e aquilo que 'aparentamos ser', vai constituindo-se em elemento de edificação identitária em todos os aspectos da nossa existência enquanto seres. Os representantes simbólicos tomados ou não como tema nas obras de literatura infanto-juvenil mato-grossense, através do tempo são, sem dúvida, uma exigência de construção identitária. A maneira como esses símbolos significam valorativamente processa-se num movimento de mutação ininterrupto e reticular, por força temporal.

Somos uma construção narrativa autônoma. Destacamo-nos tanto pela diferença quanto pela universalidade. Pertencemos a um cenário

³⁰ Todas as informações registradas foram obtidas mediante entrevistas realizadas com diversos autores, bem como editores, responsáveis por estabelecimentos que trabalham com literatura e a Secretaria de Educação deste Estado. Ver entrevistas nos anexos.

multideterminado cujo destaque vai além do multiculturalismo étnico composto pelos atores de nossa formação. *Somos*, também e principalmente na maneira como (re)visitamos a nós mesmos e nos resignificamos. Reunimos o 'de dentro' e o 'de fora' sem deixarmos de ser singulares, sem deixar-nos perder do que nos significa diante do Outro. Não nos confundimos, nos transformamos sem prejuízo. Reinventamo-nos em nosso cotidiano.

A literatura é uma força específica de comunicação. E o diálogo que se estabelece na literatura infantil em Mato Grosso é concreto, constitui-se como meio que reafirma a localização dos seus sujeitos leitores. Vem desenvolvendo-se e amadurecendo. Os temas não são necessariamente os escolhidos pelo leitor criança, mas os eleitos pela sociedade, pela escola, pela família e mediados pelo livro – como sempre na história da literatura infantil –, mas, de uma forma ou de outra, estabelecem um diálogo entre estas instituições e o público a que se destina. Não foi nossa intenção, neste trabalho, tratar do grau de qualidade literária dos livros existentes, mas ressaltar a capacidade de diálogo estabelecida por eles entre a criança e o meio e a sua parcela de contribuição na construção do campo literário no Estado de Mato Grosso.

Como vimos, nas obras encontradas nesta pesquisa, não existe *uma* temática privilegiada. Os temas abordados são de uma diversidade significativa, são os mesmos explorados pela literatura infantil do resto do país, apenas adaptados ao cenário, à cultura local. Há uma valorização dos costumes e da paisagem local bem como uma preocupação com questões universais: ecologia, educação no trânsito, problemas sociais, valorização da família, humor, poesia. As histórias ora desenvolvem-se em ambientes familiares como o Pantanal, a beira do Rio Cuiabá, bairros e ruas da cidade, ora não fazem referência a um espaço físico específico, trabalhando apenas com questões de cunho moral.

Alguns autores fazem da paisagem local seu mote principal, fazendo da fauna e da flora o traço constante de suas obras, não diferindo de algumas obras de literatura mato-grossense para adultos ou ainda da literatura brasileira não-infantil, onde a presença da natureza e a exaltação da paisagem são características marcantes não somente desde o romantismo, mas desde o

período da colonização, tomadas como principais elementos de tradução do nacionalismo. A criança é chamada a exaltar a sua terra em eterna primavera e a defendê-la daqueles que dela fazem mau uso, mostrando-lhe, por exemplo, o sofrimento dos animais perseguidos por caçadores e a devastação das belezas do cerrado com as queimadas, tragédia provocada pelo homem, que se repete a cada período de seca numa proporção assustadora em nosso Estado. Temos a imagem idealizada da infância, panfletária, na linha do politicamente correto – filão bastante explorados pelos editores e escritores. As narrativas de modo geral adotam uma perspectiva nostálgica ou transformam a paisagem local em pano de fundo para várias aventuras.

A criança é, na maioria das vezes, a protagonista da história, ora no papel de heroína, ora condutora das mais diversas aventuras onde sempre se aprende algo interessante referente à moral ou às riquezas da terra – herança bilaciana ainda presente em muitos textos para crianças. Em outros momentos os protagonistas são os próprios animais, que personificados e sempre muito curiosos, levam o leitor numa viagem pelo Pantanal, pelo cerrado, ou até mesmo pela cidade, mostrando as coisas sob uma ótica diferente daquela que a criança está habituada, instigando-a a analisar o comportamento do homem da maneira como ‘os animais os vêem’ – remetendo às velhas fábulas. As exortações ocorrem de forma indireta, particularizando-se naquilo que a terra tem de melhor. As aventuras se dão de forma lúdica, ora apóiam-se no real, ora na ficção, sempre instigando a imaginação de seu público.

O tom “moderno” fica por conta da insistência nas questões ecológicas como a destruição da natureza e caça predatória de animais, e também das questões sociais, dos desajustes, da diferença, de valores, constituindo em denúncia da desigualdade e da injustiça e elogio da amizade, do engajamento na luta por causas nobres. Podendo-se observar, também nisto, um hibridismo estrutural, ou seja, a literatura infantil em Mato Grosso transita entre a tradição e a modernidade.

A poesia surge em rimas ou no canto de pássaros do Pantanal; no valor da amizade ou no cotidiano das casas; nas aventuras desses pequenos e grandes heróis anônimos que lutam contra o massacre dos animais ou a

destruição do cerrado pelo fogo; nos prazeres da vida simples na beira do rio Cuiabá, dentro da canoa de um ribeirão ou na revisitação das lendas urbanas que embalavam o imaginário da infância mato-grossense de outros dias.

Há ainda histórias que procuram desobrigar-se da prioridade unicamente educativa - preocupação constante da pedagogia - e apresentam-se com uma função exclusivamente literária.

A linguagem utilizada é sempre acessível, simples e em alguns casos recheada de expressões típicas. Há, por parte dos mais regionalistas, uma preocupação com as expressões usadas na região, levando para o texto, com cuidado, o que se identifica como 'falar cuiabano', 'falar do ribeirão', e 'falar do pantaneiro'.

É interessante observarmos que os autores que constroem essa literatura são profissionais das mais diversas áreas. Temos como escritores pessoas diretamente ligadas à arte, como também aquelas de outras áreas que se dedicam à escritura de textos voltados para a criança. Todas se voltam para essa atividade com a mesma intenção. Escolheram escrever para o público infantil motivadas por uma espécie de preocupação em preservar memórias ou preocupadas com alguns aspectos da formação infantil, ou ainda, motivadas simplesmente pelo prazer de escrever, de contar histórias.³¹

Em se tratando de regionalismo nos livros de literatura infanto-juvenil mato-grossense, notamos que em algumas obras os autores preocupam-se unicamente com a idéia de localismo, que explora tudo que é típico, especial de uma determinada região, tudo que traduz uma peculiaridade local. Este é, inclusive, um aspecto no qual algumas histórias, presas a essas questões emblemáticas, acabam se perdendo, caindo na superficialidade em função de um saudosismo exagerado. No entanto, há outras em que se vê essa questão tratada com maior equilíbrio, sem o exagero da intenção.

No geral, as obras da produção literária mato-grossense oferecem diversidade temática, diversidade de ambiente, de estilo e de recursos. Há essa preocupação por parte de alguns autores com as questões regionais,

³¹ Informações colhidas num encontro com autores de Literatura Infantil mato-grossense na escola Master Júnior de Cuiabá.

escrevendo para seu público a partir daquilo que lhe é familiar, com o intuito de preservar-lhe na memória características que são peculiares da sua terra, inculcando-lhe os valores dessa chamada identidade cultural. Há ainda aqueles autores que não têm no regionalismo seu mote principal, fazem dele apenas uma parte do todo que desejam alcançar, não supervalorizando aquilo que é da terra através de uma apresentação exageradamente romantizada, ou ainda nem fazendo menção ao estritamente regional.

Na história da literatura brasileira como um todo, percebemos momentos em que as peculiaridades, os localismos, os emblemas, são postos em primeiro plano, e não diferentemente na literatura mato-grossense 'para adultos'. Este parece ser um rito de passagem, primeiro o exagero para depois se chegar ao equilíbrio. O caminho é o mesmo, e todos o percorrem, cada um à sua maneira.

Na literatura mato-grossense notamos duas tendências: uma universal e outra regional, ambas com inclinações didático-pedagógicas – sob um olhar generalizado. Na tendência universal temos a diversidade, uma literatura dialogando com o 'de dentro' e o 'de fora', o plural. Aquela com características regionais, por sua vez, se subdivide em ufanista e engajada. A vertente 'regional-ufanista' está voltada para a manutenção da tradição, demonstrando certa resistência à "invasão", à redemarcação territorial – culturalmente falando. Já a vertente 'regional-engajada', mais moderna se comparada à brasileira, traz a denúncia, tratando do grande problema da destruição pelas queimadas, da caça predatória, do descuido com as belezas naturais.

Em relação ao regionalismo na literatura, podemos dizer que a literatura regional está para a construção do campo literário em Mato Grosso assim como o Romantismo está para a construção do campo literário no Brasil. Não sabemos se essa produção, em relação à literatura brasileira, vive uma defasagem histórica – mas que aqui é atual, revelando que problemas ancestrais ainda não foram resolvidos – ou se essa literatura vive o reflexo dessa produção brasileira da década de 90, onde a diversidade, bem como a revisitação de tendências de períodos anteriores convivem harmoniosamente, constituindo uma nova característica/tendência na literatura.

Finalmente, todas estas obras que compõem a produção literária de Mato Grosso nos revelam a constituição de etapas fundamentais para a construção da 'identidade' e da história cultural do Estado de Mato Grosso.

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 8ed. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

AZEVEDO, Ricardo. "Texto e Imagem: diálogos e linguagens dentro do livro". In: SERRA, Elizabeth D. *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora F. Bernadini. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1986.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal)

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 10ª ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BERNS, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. Marcus V. Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BILAC, Olavo. A Pátria. In: ____ *Poesias Infantis*. 17 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1949. p. 123-4.

BORDINI, Maria da Glória. "A Literatura Infantil nos anos 80". In: SERRA, Elizabeth D. *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. 2ª ed. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CALÍOPE: PRESENÇA CLÁSSICA / Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, Depto. de Letras Clássicas da UFRJ – Vol. 11. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e cultura*, vol. 24, setembro de 1972.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz editores, 2000.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel, 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARLOT, Bernard. *A mistificação Pedagógica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLÉGIO MASTER JÚNIOR. *Informativo oficial do Colégio Master Júnior*. Cuiabá, Nº 02, julho/2008.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*; Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

CORTÁZAR, Julio. *Posa del Observatório*. Libro Commemorativo del Año Internacional del Libro. Barcelona, Editorial Lumen, 1972.

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros Multimodais e Multiletramento. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

HQMANIACS.COM. *Revista online sobre quadrinhos*. Disponível em: <http://hqmaniacs.uol.com.br/principal.asp?acao=home> Acesso em: 02/10/2009.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. Trad. Isidoro Blikstein e José P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

LACERDA, Nilma Gonçalves. “A Literatura para crianças e jovens nos anos 90”. In: SERRA, Elizabeth D. *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

LAJOLO, Marisa. & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História & Histórias*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

LEITE, Mário Cezar Silva (org.). *Mapas da Mina: estudos de literatura em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

LOPES, Filipe. *O contador de histórias*. Disponível em: <http://www.ocontadordehistorias.com/entrevistas/entrevista0207.html> Acesso em: 19/06/2009.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: Unicen publicações, 2001.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MENESES, Salvato Telles de. *Jornal de Letras*, Lisboa, 16–22/03/1993 – p.30.

MORAES, Fabiano. *O mundo através das histórias*. Disponível em: <http://74.125.47.132/search?q=cache:bhjRV1utqjEJ:www.fabianomoraes.com.br/escritos.asp%3Fcod%3D7+mauricio+leite+contador+de+hist%C3%B3rias&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 22/09/2008

MÜTZENBERG, João. *Livros a mãos-cheias: uma contribuição para a história da produção editorial em Mato Grosso (1970 – 2003)*. Cuiabá, 2006.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 4ª ed. São Paulo: Moraes, 1981.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. *Leitura, Literatura Infantil e Doutrinação da Criança*. Cuiabá-MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso: Entrelinhas, 2005.

OLIVEIRA, Rui de. *Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas-São Paulo: Unicamp, 1997.

ORTEGA Y GASSET, J. *Meditações do Quixote*. São Paulo: Iberoamericana, 1967.

_____. *O Tema de nosso tempo*. Madrid : Revista del Occidente.

ROSA, J. Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Abril, 1983.

SANDRONI, Laura Constancia. “Retrospectiva da literatura infantil brasileira”. *Cadernos da PUC/RJ*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, n. 33, 1980.

SANT’ANA, Catarina. *Mitocrítica e mitanálise: elementos para o estudo do imaginário dos textos teatrais mato-grossenses para crianças e jovens – 1980-1992*. In: Revista Educação Pública. Cuiabá, v.3.n4, jul. – dez. 1994.

SERRA, Elizabeth D. *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Tadeu. *Cuiabanidade e Cuiabania*. Disponível em: <http://74.125.93.132/search?q=cache:snEcsMNrgNoJ:www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php%3Fcod%3D261278+o+que+%C3%A9+cuiabanidade&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 29/08/2009.

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

SHIELDS, R. *Sociedade e Espaço*, vol. 10. Londres: Blackell Publishers ,1992.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. & LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: História, autores e textos*. São Paulo, Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina. & MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo, Ática, 1984.

Sites visitados:

<http://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=9&cid=25781>

http://www.al.mt.gov.br/V2008/ViewConteudo.asp?no_codigo=8688

<http://www.leffa.pro.br/textos/multimodal.pdf>

<http://74.125.47.132/search?q=cache:3Z2rPoTbrlKJ:roedoresdelivros.blogspot.com/2008/05/marina-e-mauricio-no-salo.html+mauricio+leite+contador+de+hist%C3%B3rias&cd=7&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

<http://74.125.93.132/search?q=cache:dFHd3uvu2WYJ:www.maxpress.com.br/noticia.asp%3FTIPO%3DPA%26SQINF%3D379577+carl%C3%A3o+dos+bonecos&cd=15&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

<http://topcuiaba.com.br/conteudo.php?cid=2560&parent=4&sid=4>

ANEXO 01 – Quadro Cronológico da Literatura Infanto-Juvenil em Mato Grosso

PERÍODO	AUTOR	OBRAS	CONTEXTO HISTÓRICO
1970	-	-	- Início do fluxo migratório no Estado; - Criação da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso).
1972	-	-	- Implantação da Editora da UFMT.
1975	-	-	- Instituição da Fundação Cultural de Mato Grosso e do Salão Jovem Arte Mato-grossense; - Recuperação da Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça.
1977	-	-	- O teatro amador começa a ganhar espaço; - É baixada a portaria de criação do primeiro corpo musical que deu origem a atual Orquestra Sinfônica da UFMT.

1978	-	-	<p>- Forte aporte de recursos do Governo Federal, intensificando a ocupação amazônica com a abertura de novas fronteiras para intenso fluxo migratório de pessoas que vieram do sul do país. Esse último período marca o surgimento de novas cidades em Mato Grosso, a população cresceu mais que o dobro, fazendo surgir novos núcleos de poder político e econômico, provocando um forte impulso na economia baseada no agro-negócio.</p>
1980	-	-	<p>- A cena cultural do Estado, na década de 80, começa a movimentar-se em várias direções, conectando Cuiabá a várias metrópoles;</p> <p>- O teatro se fortalece com o grupo Cena Onze dirigido por Flávio Ferreira;</p> <p>- Arte educadores e contadores de história como Clóvis Rezendes Matos, Carlos Gattass Pessoa e Maurício Leite iniciam carreira.</p>
1986	-	-	<p>- Criação do Museu Rondon pela UFMT;</p> <p>- Campanha nacional pela criação do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães, realizada pela comunidade civil.</p>

1987	Maria das Graças Campos	- As meninas e o sabiá	- A Entrelinhas edita seu primeiro livro <i>As meninas e o sabiá</i> de Maria das Graças Campos
1989	Fernando Antonio de Almeida	- O dia em que o caçador virou caça	- É criado o Parque Nacional de Chapada dos Guimarães pelo Decreto Federal 97.656 de 12 de abril de 1989.
1990	Aclyse de Mattos	- Natal tropical	
1991	Antônio de Pádua e Silva	- Guerra no Pantanal	- Criação da Lei de Incentivo à Cultura Hermes de Abreu; - Criação do Grupo de Siriri <i>Flor Ribeirinha</i> .
1992		- Selva e chuva	- Realização do 1º Festival de Cinema e Vídeo de Cuiabá
1993	Antônio de Pádua e Silva	- Na terra da confusão	
1994		- O gato que amava Girl	
		- O emigrante	
1995	Maria do Carmo Alves de souza	- O rio - Covardia	- Aclyse de Mattos, Gabriel de Mattos e Generino Oliveira Rocha publicam no <i>Diarinho</i> , suplemento infantil do jornal <i>Diário de Cuiabá</i> .

1996	Ivens Cuiabano Scaff	<ul style="list-style-type: none"> - Mamãe sonhei que era um menino de rua - A fábula do Quase Frito 	<ul style="list-style-type: none"> - Wander Antunes ao lado de Ivens Scaff cria a editora Tempo Presente, dando início a uma parceria que resulta em várias publicações;
	Wander Antunes	<ul style="list-style-type: none"> - Isso é coisa de pirata 	<ul style="list-style-type: none"> - Mato Grosso entra para o cenário nacional com a produção de grãos.
1997	Ivens Cuiabano Scaff	<ul style="list-style-type: none"> - Uma maneira simples de voar 	<ul style="list-style-type: none"> - A cultura pantaneira continua prevalecendo na capital, apesar de pelo menos metade de seus quase mais de quinhentos mil habitantes ser formada por "forasteiros".
1998	-	-	<ul style="list-style-type: none"> - O autor Antonio de Pádua e Silva tem reconhecimento da crítica nacional com o livro <i>O gato que amava Girl</i>
1999	Ivens Cuiabano Scaff	<ul style="list-style-type: none"> - O papagaio besteirento e a velha cabulosa 	<ul style="list-style-type: none"> - Mato Grosso é o Estado com maior índice de incêndios ocasionados ao meio ambiente.
	Antônio Soares Gomes	<ul style="list-style-type: none"> - Crescendo com as letras 	

2000	Elizete Nunes	- Clarinha, a nuvenzinha sapeca	- Realização do 1º Festival de Cururu e Siriri de Mato Grosso (tradição cultural regional)
	Marlon Carvalho de Souza Rocha	- A invasão dos Maya Jyns - Gota d'água	
	Maria Auxiliadora de Paula Macieski	- Os alegrinhos	
2001	Elizete Nunes	- Pintou Sujeira	- Realização do primeiro festival de música alternativa de Mato Grosso intitulado <i>Festival Calango</i> .
2002		- Vovó Nana nana Nina	- Uma organização cultural coletiva informal de Cuiabá cria o <i>Espaço Cubo</i> , fomentando um mercado autoral, alternativo e auto-sustentável em Mato Grosso.
	Zélia dos Santos Diniz	- O gato Mingau	
	Mirian Botelho dos Santos	- O aprendiz	
	Heliara Costa e Wander Antunes	- Candimba	

2003	Richard Mason	- Coleção Mundinho	- Formação da <i>Vanguard</i> , banda de folk rock de Cuiabá, pelo vocalista e violonista Helio Flanders. A primeira do Estado a ganhar visibilidade nacional.
	Maria do Carmo Alves de Souza	- Amarelinhos - Uma chance para Margarida - Rio de sonhos	
	Sebastiana Moreira de Souza Alves	- O galo que pingava ouro	- Entre 2003 e 2004 o Estado teve o segundo maior crescimento econômico do país atrás apenas do Amazonas, com crescimento do PIB em 10,3% nesses anos.
	Maria Auxiliadora de Paula Macieski	- A borboleta Urbana	
2004	Mirian Botelho dos Santos	- Iluminando os caminhos do Aprendiz	
	Altair da Silva Moraes	- Brincar de ver em versos	
	Rubens Gimenez Rodrigues Filho	- O peixinho Sabido e a cadeia alimentar	
2005	Maria do Carmo Alves de Souza	- A árvore e a cidade - João Ninguém	- Realização da 1ª Bienal de Música Contemporânea de Mato Grosso;
	Maria de Lourdes Figueiredo Bastos da Silva Ramos	- A gata Bana Visita o Pantanal	- O município de Sorriso tem a maior área plantada de soja do mundo, com 578 mil hectares.

2006	Carlos Gabriel Zucher	- O menino que queria ser cientista	<p>- Mato Grosso realiza a primeira feira do livro da América Latina: a Literamérica;</p> <p>- Instalação do Museu da Imagem e do Som de Cuiabá (MISC);</p> <p>- O Estado desponta com o maior rebanho bovino nacional.</p>
	Olga Carvalho de Souza e Laís Maria da Cunha Fagundes	- Tonho da Onça	
	Cidinha Carvalho	- Anedotas que papai contou	
	Neuza Baptista Pinto	- Cabelo ruim?	
	Dolores Cruz Roselli	- Cidadão, o cachorro feliz	
	Paulo Wagner	- As andorinhas	
	Adelina Pontes	- Casos Lembrados, Casos Contados	
	Gabriel de Mattos	- Cuiabá: duas novelas	
2007	Marli Batista dos Reis Santos	- As aventuras de Zumbelha	<p>- Realização da primeira Mostra Internacional de Teatro Infantil (MITI) de Cuiabá;</p> <p>- Artistas mato-grossenses passam a integrar o Festival Palco Giratório Brasil.</p>
2008	Scheila Couto	- As aventuras do robô Tagarela	
	Danuza Soares Lenzi	- Dona Treleleca e seu Trelelequinho	
	Daniela Freire	- Bugrinho, que menino é esse?	
	Durval de França e Cristina Campos	- Conferência no cerrado	

2009	Ivens Cuiabano Scaff	- O menino órfão e o menino rei	
------	----------------------	---------------------------------	--

Informações históricas colhidas nos sites abaixo relacionados:

<http://www.cultura.mt.gov.br/TNX/index.php?sid=21>

http://www.ufmt.br/servicos/evento/coordenacao_cultura/even_informacoes_sin_fonia_solidaria_220908.htm

<http://www.overmundo.com.br/overblog/espaco-cultural-ao-cubo>

[http://ondequando.com/local/4231/Museu-Rondon-\(Mr\)/](http://ondequando.com/local/4231/Museu-Rondon-(Mr)/)

http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./snuc/index.html&cont_eudo=./snuc/artigos/chapada.html

<http://www.secom.mt.gov.br/imprime.php?cid=154&sid=13>

<http://www.aviculturaindustrial.com.br/PortalGessulli/WebSite/Noticias/soja-cresce-no-mt,20091008082355 E 470,20081118093836 S 464.aspx>

http://www.portalbrasil.net/estados_mt.htm

<http://www.secom.mt.gov.br/imprime.php?cid=12715&sid=13>

<http://www.cultura.mt.gov.br/conteudo.php?sid=54&cid=1833&parent=0>

<http://miscuiaba.ning.com/profile/MISCMuseudalImagemedoSomdeCuiaba>

<http://www.secom.mt.gov.br/ng2/conteudo.php?sid=13&cid=28737&parent=0>

<http://mitinet.blogspot.com/>

ANEXO 02 – NOMES DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL EM MATO GROSSO

ACLULSE DE MATTOS

Aclyse de Mattos é, como ele mesmo costuma dizer, “escritor poeta nas horas cheias e professor nas horas vagas”. Nasceu na Cuiabá de 1958 e cresceu correndo por ruas de terra, aguadas por seu avô. Sempre brincou de fazer música e gibis. Escreveu, além de *Natal Tropical*, vários livros de poemas: *Assalto a mão amada* (1985), *O sexofonista* (1986), *Quem muito olha a lua fica louco* (2000), *Um olhar sobre a cidade* (2002), este último ao lado do fotógrafo Laércio Miranda. Ganhou vários prêmios ao longo de sua carreira, tanto estaduais quanto nacionais. Costuma escrever contos com a luz apagada para não incomodar os peixes do aquário.

ADELINA PONTES SIQUEIRA

Adelina Pontes Siqueira nasceu em Cuiabá e, em 2006, aos 63 anos de idade, participou do primeiro concurso literário de contos para melhor idade, tendo um conto selecionado e publicado no livro *Casos lembrados, casos contados*, obtendo um segundo volume no ano de 2008. Publicou, ainda em 2006, ao lado de autores mato-grossenses, poesias no livro *Trafegando com poesias*, organizado pela escritora Mônica Tempel. Em 2002 lançou o livro infantil *Lingüiça*.

ALTAIR DA SILVA MORAES

Altair da Silva Moraes, já falecido, nasceu em Cuiabá em 1943. Estudou em seminário Salesiano, chegando a fazer Filosofia. Isto foi fundamental para aquisição de uma sólida cultura de humanidades. Graduou-se em Medicina em 1971. Foi oficial reformado do Exército Brasileiro e exerceu a atividade médica em seu consultório nas áreas de Nutrologia e Medicina Preventiva. Deixou “Amor de ir e de Ficar”, livro de poesia sobre o tema “ficar”, ainda não publicado, além de outras obras incompletas. O nome de Altair da Silva Moraes

torna-se conhecido com a participação do autor no Prêmio Adeptus de Literatura tendo sido classificado em primeiro lugar. Juntamente com outros nomes, Altair renova o círculo de autores mato-grossenses.

ANTÔNIO DE PÁDUA E SILVA

Antônio de Pádua e Silva nasceu em São Gotardo, Minas Gerais e morou em diversas cidades antes de fixar residência em Cuiabá (MT), onde residiu por mais de vinte anos e fez carreira como jornalista. Pádua começou a escrever para jovens a partir de suas viagens como repórter, que o levaram a percorrer vários estados do Brasil. Possui quatro títulos infanto-juvenis publicados, todos pela Atual Editora. Faleceu em sua cidade natal no ano de 2003 aos 48 anos de idade.

Pádua atuou em diversos veículos de comunicação, entre eles a TV Centro América, TV Cidade Verde, TBO, Diário de Cuiabá, Correio Várzea-Grandense, RDM, Revista Contato, Jornal do Dia e Secretaria de Imprensa da Assembléia Legislativa, e nos últimos anos de sua vida dedicou-se ao site Quebra Torto.

Era um profissional que se destacava pelo texto considerado “brilhante” e pelo seu jeito “irreverente e provocador”. “Ele dominava a língua como poucos. Era um jornalista ético, de humor ácido, irônico, beirando o sarcasmo”, definiu o sócio de Pádua, o jornalista Lourenzo Falcão.

ANTÔNIO SOARES GOMES

Antônio Soares Gomes é professor universitário, poeta e contista mato-grossense, natural de Poxoréu e morador da capital do Estado desde 1975, formando-se em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Mato Grosso no ano de 1980. Publicou o livro de poesias *Retrato do cotidiano* (1998), o livro de contos *Defuntos presunçosos* (1998), o infanto-juvenil *Crescendo com as letras* (1999) e *Impurezas do espelho* (2002), este último sobre a vida, o amor e a morte.

CARLOS GABRIEL ZUCHER OLIVEIRA

Carlos Gabriel Zucher Oliveira nasceu em Porto Velho (RO) em 17 de abril de 1997 e vive em Cuiabá. Publicou, pela editora KCM, seu primeiro livro, lançado na Feira Internacional do Livro (Literamérica) em 2006, na capital mato-grossense. O escritor mirim revela que possui outras histórias prontas para serem editadas, dependendo apenas de oportunidade.

CARLOS GATTASS PESSOA

Carlos Gattass Pessoa, mais conhecido como Carlão dos Bonecos, iniciou atuando no teatro e desempenhou vários trabalhos relacionados a arte. Desde 1980, trabalha como arte educador e contador de histórias, manipula mamulengos, títeres, polichinelos, fantoches, marochas, dedoches ou marionetes. Conta suas histórias sempre acompanhado dos bonecos que ele mesmo confecciona. As marionetes funcionam como mediadoras de leitura.

Carlos Gattass Pessoa ministra oficinas onde ensina as crianças a confeccionarem os seus próprios fantoches, dedoches e marionetes, pois acredita no poder da imaginação e na capacidade criadora de seu público. Fabrica bonecos para companhias de teatro que percorrem o Brasil e também já circulou pelo território brasileiro levando seus bonecos na peça *Vó Guilé*. Desenvolve o seu trabalho em escolas, bibliotecas e espaços públicos.

Pessoa é referência em Mato Grosso quando se trata de manipulação, fabricação de bonecos, teatro com fantoches e 'contação' de histórias.

CIDINHA CARVALHO

Cidinha Carvalho nasceu em Mato Grosso do Sul, formou-se em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso. Reside em Cuiabá e atua na educação pública. Publicou os romances *Busca interior* (2003), *Opção!* (2004) e o livro de contos *Histórias, casos e anedotas que papai contou* (2006).

CLÓVIS REZENDES MATOS

Clóvis Matos é historiador e produtor cultural. Nas horas vagas atua como Papai Noel e arte educador. Desenvolve projetos sérios, sempre voltados para a formação literária de meninos e meninas, homens e mulheres de lugares onde os livros não circulam com muita facilidade. Clóvis não possui só uma maleta de leitura no seu saco de Papai Noel, mas uma biblioteca inteira, que vai onde o povo está.

Além de promover feiras de livros em lugares de aglomeração popular, o arte educador vem montando e mantendo, com recursos próprios ou doações, bibliotecas em bairros periféricos ou lugares estratégicos na capital. Tem planos de percorrer todo o Estado e o desejo de contribuir para um Brasil de grandes leitores. Como um grande homem, já começou fazendo o melhor que pode, a partir do seu lugar.³²

CRISTINA CAMPOS

Maria Cristina de Aguiar Campos é graduada em Letras, especialista em Língua Portuguesa, Semiótica, Semiótica da Cultura, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia (IFMT), em Cuiabá, desde 1992. Publicou: *Pantanal Mato-grossense: o semantismo das águas profundas* (2004) e *Conferência no Cerrado* (2008). É produtora da publicação literativa Dazibao, com professores e alunos do IFMT e outras redes de ensino, é revisora e organizadora de diversas obras como as coleções *Aroeira* e *Ipê Roxo*, da Editora Carlini & Caniato, e da revista científica *Profiscientia*, do IFMT. É pesquisadora e secretária do GT Literatura Oral e Popular da ANPOLL e do RG Dicke³³, da UFMT. Maria Cristina nasceu em Presidente Prudente (SP) em 1962.

³² Maiores informações acessar o blog Inclusão Literária pelo seguinte endereço: <http://clovisrezendesmatos.blogspot.com/>

³³ Grupo de Estudos *Ricardo Guilherme Dicke* que promove congressos anuais de Literatura em Cuiabá.

DANIELA FREIRE

Daniela Barros da Silva Freire Andrade é Doutora em Psicologia e pesquisadora em Educação. Doutorou-se pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2006. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso na graduação e pós-graduação. É a filha mais velha do poeta mato-grossense Silva Freire. Dentre várias publicações como pesquisadora, experimenta, agora, aventurar-se pela literatura infantil.

DANUZA SOARES LENZI

(Não foi possível obter informações)

DOLORES CRUZ ROSELLI

(Não foi possível obter informações)

DURVAL DE FRANÇA

Durval de França era professor graduado em Biologia pela Universidade Federal de Goiás e em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso, especialista em Didática pela Faculdade de Educação de Assis (SP). Publicou *Quadra do Tempo* (1975), *Pântanos* (1984), *Pantanal e a mãe do morro* (1996) e também crônicas e contos em jornais mato-grossenses, além das peças *Sonhos de Tereza* e *Quadra do Tempo* (1975). Faleceu em Cuiabá, no ano de 1998.

ELIZETE NUNES

(Não foi possível obter informações)

FERNANDO ANTONIO DE ALMEIDA

Fernando Antonio de Almeida é engenheiro de pesca formado pela universidade Rural da Paraíba, radialista e professor. Nasceu em Esperança,

(PB) e mudou-se para Rondonópolis (MT) no ano de 1979, onde já atuou como Secretário de Educação. Publicou vários títulos: *Lamentos a dois*, *O dia em que o caçador virou caça*, *O menino da Beira Rio e seus indefesos amigos* e *A delícia surgiu da oca*.

FLÁVIO FERREIRA

Flávio José Ferreira é advogado, professor universitário, ator e diretor teatral. Fundou, na década de 1990, o grupo de teatro Cena Onze que traz em sua trajetória peças de sucesso como *O louco nosso de cada dia*, *Saudades de Silva Freire*, *Bailei na curva*, *O filho*, *Flicts* que é uma adaptação de um clássico de Ziraldo, entre outros. São mais de 25 peças produzidas com o grupo Cena Onze e vários projetos de grupos teatrais em comunidades carentes da periferia da capital. Em literatura publicou *Até quando?*, *Histórias da vovó do Coxipó I*, *Assumindo-me* e *Histórias da vovó do Coxipó II*.

GABRIEL DE MATTOS

Gabriel de Mattos nasceu em Mina Gerais e logo cedo mudou-se para Mato Grosso. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, arquiteto, professor universitário e mestre em Educação. Tem várias publicações desde 1988 em revistas como *Vôte!*, *Verso & Prosa*, *HQ Express* e *Canalha!*. Sua obra é composta de artigos, contos, histórias em quadrinhos e crônicas. Publicou *A Geringonça* (2002), *Cuiabá: duas novelas* (2003) e *República Transatlântica* (2005) editado pela Carlini & Caniato e *Quadricrônicas* (2005). Em 2005, também pela editora TantaTinta, lançou, ao lado do ilustrador Ricardo Leite, o álbum de histórias em quadrinhos *Destino: Oeste*.

GENERINO OLIVEIRA ROCHA

Generino Oliveira Rocha é escritor, caricaturista, jornalista, publicitário e autor de várias histórias em quadrinhos. Nasceu na cidade de Poxoréu, interior de Mato Grosso, no dia 21 de junho de 1970. Reside atualmente em

Cuiabá. É autor de *Menina Pantanal e a galerinha ecológica* (2008), publicada pela editora TantaTinta e *Ângela, a garota Pantanal*. Rocha escreveu, entre 1995 e 1997, ao lado de artistas como Aclyse e Gabriel de Mattos, no suplemento infantil semanal *Diarinho*, do jornal *Diário de Cuiabá*, onde, comprometido com o público infantil, criou a personagem *Menina Pantanal*. Além de publicadas em Mato Grosso, suas histórias em quadrinhos também estão no Estado de Mato Grosso do Sul.

Rocha é autodidata. Começou com o estilo acadêmico e, nos anos 90, por imposição do mercado, passou a desenvolver o traço caricatural e depois o infantil. Dentre as obras ilustradas para outros autores estão *Entre Deus e o diabo* e *Novas lendas de Mato Grosso*, do jornalista Weller Marcos e *O peixinho sabido e a cadeia alimentar*, do escritor mirim Rubens Gimenez Rodrigues Filho.

HELIARA COSTA

Heliara Aparecida Costa é professora da UNIC (Universidade de Cuiabá), especialista em Didática do Ensino Superior. Publicou, ao lado de Wander Antunes, a revista em quadrinhos *Candimba*, uma adaptação livre de uma lenda mato-grossense.

IVENS CUIABANO SCAFF

Ivens Cuiabano Scaff é poeta, escritor, autor teatral, professor e médico. Nasceu em Cuiabá no ano de 1951, cresceu nas ruas do Porto entre livros e as histórias daqueles que chegavam e partiam. Possui vários livros de poesia publicados. Vive na capital mato-grossense e escreve no caminho de casa para o trabalho.

JOEL ANTÔNIO BUENO DA SILVA

Joel Antônio Bueno da Silva é formado em desenho artístico, história em quadrinhos e desenho publicitário pelo Ensino Técnico Paulista. Ilustrou, durante 20 anos, livros didáticos e paradidáticos no Estado de São Paulo. São

nos livros de História, Geografia, Ciências e Português da Editora Ática que seus desenhos são encontrados com mais frequência. Passou a residir em Cuiabá desde o ano de 2005, onde tem realizado seus trabalhos.

LAIS MARIA DA CUNHA FAGUNDES

Laís Maria da Cunha Fagundes nasceu em Porto Alegre (RS), reside em Rondonópolis (MT) desde 1987. É professora aposentada na área de Biologia pela rede estadual de ensino na cidade de Rondonópolis. Formou-se em artes plásticas pela UNIC (Universidade de Cuiabá) e teve seus trabalhos expostos em Cuiabá e na cidade do Porto, em Portugal.

MARCELO VELASCO

Marcelo Velasco e Silva é artista visual, ilustrador e professor de arte. Nasceu em 07 de outubro em 1963, em Cuiabá – MT. Graduiu-se em Educação Artística pela Universidade de Brasília, habilitando-se em artes plásticas e desenho. É mestre em Estudos de Linguagem, pela Universidade Federal de Mato Grosso. Começou a pintar em 1978 na companhia de Douglas Marques de Sá, Charles Mayer e Jô Oliveira além de ter sido aluno de Mary Vieira e outros. Foi incentivado por Humberto Espindola e Aline Figueiredo. Trabalhou com o carnavalesco Fernando Pinto (já falecido), no Rio de Janeiro, de 1983 até 1987. Profissionalmente, Marcelo passou do figurativo ao abstrato pelo domínio de técnicas e amadurecimento de estilo. Atualmente trabalha com a pintura figurativa e é um estudioso da arte expressionista e contemporânea.

Desde o início dos anos de 1980, trabalha fazendo capas de livros, cartazes e ilustrações. Fez ilustrações para a revista Contato e ilustrou os seguintes livros: *Bugrinho, que menino é esse?*, de Daniela Freire, editado pela Entrelinhas em Cuiabá, no ano de 2008; *Uma Maneira Simples de Voar*, de Ivens Cuiabano Scaff, também editado pela Entrelinhas em 2006, além da primeira edição deste mesmo livro, em versão preto e branco, de 1997, publicada pela Tempo Presente; a cartilha *Manejo Florestal Sustentável – Plante esta idéia*, lançada pelo SENAI-DR/MT, 2006; a cartilha *Fogo: um perigo*

constante, de Romildo Gonçalves da Silva, editado em Brasília – DF, pela Editora IBAMA em 2004; a cartilha *Projeto Vida Nova: a subsistência da família rural*, escrita por vários autores, lançada pela EMPAER-MT, em Cuiabá no ano de 2003; a cartilha *A Proteção aos Nossos Rios* elaborada por Vilma Maria Cavinatto, lançada pela PRODEAGRO, de Cuiabá - MT em 1995; e *A Verde Cuiabá*, de sua autoria, com textos de Cel. Octayde J. da Silva em Brasília – DF, no ano de 1985. Compôs o cenário do último livro de Ivens Scaff, *O menino órfão e o menino rei*, e modelou a face do escritor e do arte educador Carlos Gattass Pessoa nos bonecos que compõe o livro.

Atualmente é professor de arte e pesquisador do IFET (CEFET/MT) e artista visual.

MARIA AUXILIADORA DE PAULA MACIESKI

Maria Auxiliadora de Paula Macieski nasceu em Cuiabá, é bióloga, professora e ilustradora. Publicou *Os alegrinhos* (2000), *O grilo poeta* (2002) e *A borboleta Urbana* (2005). A autora possui ainda mais três obras, prontas para serem publicadas.

MARIA DAS GRAÇAS CAMPOS

Maria das Graças Campos nasceu em Governador Valadares (MG) no dia 12 de março de 1954. Formou-se em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso em 1982. Iniciou nas letras mato-grossenses como poeta na década de 1980, vencendo, ao lado de outros nomes da nossa literatura, o primeiro concurso de poesia promovido pelo jornal *Fim de Semana*, de Cuiabá. A autora, assim como os outros artistas, tiveram seus trabalhos publicados em livro, sob o título de *A nova poesia de Mato Grosso*. Sua produção integra ainda um dos pequenos cadernos do programa *Poetas Vivos da Casa da Cultura* na capital do Estado e o livro *Trafegando com poesia* (2006), que também reúne vários artistas já conhecidos no Estado. É a pena de Maria das Graças Campos que dá início à produção literária voltada para o público infanto-juvenil em Mato Grosso com a obra *As meninas e o sabiá* (1987).

MARIA DE LOURDES FIGUEIREDO BASTOS DA SILVA RAMOS

Maria de Lourdes Figueiredo Bastos da Silva Ramos nasceu em 20 de agosto de 1924 no casarão de Nhonhô de Manducá, na Rua Barão de Melgaço, em Cuiabá (MT). Mudou-se para São Paulo aos oito anos de idade após seu pai, funcionário federal, ser transferido. Publicou o primeiro livro, intitulado *Menina de Cuiabá*, em 1983 em São Paulo. É afiliada da União Brasileira de Escritores (UBE), membro da Ordem Nacional do Escritor (ONE), da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia (ASBRAP) e correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Participa do grupo de intelectuais “Pensão Jundiá”.

Livros publicados: *Menina de Cuiabá* (1983), *Campeando lembranças* (1999), *Relembrando os festejos do Senhor Divino* (2000), *Um olhar para a Cuiabá de Cláudio e Raimundo Bastos* (2002).

Participação em antologias: *Pensionista I, Pensionistas II, Pensionistas III, O buquê e o sonho* e *O porquê do buquê*, todos de 1991.

No prelo: *Tacuru: contando histórias na cozinha*, editora Entrelinhas.

A publicar: *Cartas paulistanas, Atravessando o tempo, Caderno de viagem: uma volta por Portugal medieval, Encontro de crônicas* e *A arte bela de Ignez Corrêa da Costa*.

MARIA DO CARMO ALVES DE SOUZA

Maria do Carmo Alves de Souza é pedagoga formada pela Universidade Federal de Mato Grosso e especializou-se em Educação Ambiental. Atualmente é professora das séries iniciais do sistema público de ensino do Estado de Mato Grosso, em Matupá, município a 700 km de Cuiabá, no extremo norte da Amazônia mato-grossense. Possui seis histórias publicadas, todas na área de educação ambiental, destinadas ao público infanto-juvenil.

A autora publicou, pela editora Paulus, em 1995, a coleção *Natureza Amiga* composta pelos títulos *O emigrante, Covardia*, e *O rio*. No ano de 2003 lançou a coleção *Encantos da Natureza* com os seguintes títulos: *Uma chance*

para *Margarida*, *Rio de sonhos* e *Amarelinhos*. Em 2005 publicou, pela editora Central do Texto, os livros *João Ninguém* e *A árvore e a cidade*.

MARLI BATISTA DOS REIS SANTOS

Marli Batista dos Reis Santos nasceu em São Paulo, capital, em 26 de janeiro de 1963 e reside atualmente em Tangará da Serra (MT). cursou Pedagogia e especializou-se em Orientação Educacional no Estado de São Paulo. Preocupada com a alfabetização nas séries iniciais, escreveu, partindo de sua prática em sala de aula, um texto de utilidade nas séries iniciais que pode ser utilizado para complementar atividades com ênfase na ortografia do “lh”.

MARLON CARVALHO DE SOUZA ROCHA

Marlon Carvalho de Souza Rocha nasceu em Cuiabá em 12 de setembro de 1989. Publicou *Gota D'água* (1999) que reúne histórias escritas pelo autor como atividades escolares entre os anos de 1996 e 1999 e *Pantamons: uma aventura no Pantanal* (2004).

MAURÍCIO LEITE

Maurício Leite, que em 1987 representava no Estado a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil parte de Mato Grosso para o mundo com uma mala de histórias a serem contadas para crianças de todos os lugares, é o criador do projeto “Mala de Leitura”, que desde os anos 80 vem ganhando adeptos e imitadores por onde passa. Hoje, Maurício Leite é uma referência mundial quando o assunto é promover a leitura, ministrando palestras, oficinas e seminários em simpósios internacionais de contadores de história, percorrendo o Brasil e países do mundo, principalmente os de língua portuguesa como Angola, Moçambique, Portugal e outros, porque acredita no poder da oralidade para a formação do ser humano. Trabalha com comunidades indígenas da Ilha do Bananal em Mato Grosso, onde desenvolve um projeto diferenciado que consiste em contar histórias com brinquedos e

animais esculpidos em talo de buriti, atividade desenvolvida a partir da habilidade dos moradores para suprir a ausência de livros, uma vez que a comunidade não os possuía. Estas esculturas deram origem a um museu itinerante que hoje fornece algumas peças com exclusividade para o Museu de História Natural em Manhattam.

Em comunidades distantes da África como Kuanza Sul, Kibala, Mussende, Wako Kungo e outras, Maurício Leite contou histórias a crianças que nunca haviam visto um livro na vida e por lá implantou 40 malas de leitura. Maurício trabalha com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP. É considerado um dos principais agentes de leitura do mundo. Está no documentário *Histórias*, o primeiro realizado no Brasil sobre contadores de histórias que reúne arte educadores de diferentes regiões do Brasil bem como de outros países como Espanha, Camarões e Ghana, onde os artistas falam da tradição de contar histórias em seus países. Todos eles retratam a universalidade da oralidade e do ato de contar histórias.

MÍRIAN BOTELHO DOS SANTOS

(Não foi possível obter informações)

NARA SILVER

Nara Silver nasceu em Goiânia no ano de 1985, graduou-se em Design de Moda pela Uniderp (MS) e atualmente cursa Design de Interiores em Cuiabá. Aprendeu a desenhar aos 3 anos de idade nos livros, nas paredes e nos lençóis da casa de sua mãe. Os primeiros livros de técnicas de desenho ganhou aos 10 anos, um presente do escritor e poeta Ivens Cuiabano Scaff. Artistas como Vitória Basaia e Jonas Barros a inspiraram a produzir, no entanto, Nara criou o seu próprio estilo que é caricato. Gosta de cores e de desenhar corpos, principalmente femininos.

Ilustrou o livro *Cabelo ruim?*, da escritora Neuza Baptista. Trabalha como designer gráfico, ilustradora e com criação, assessoria e figurino de moda.

NEUZA BAPTISTA PINTO

Neuza Baptista Pinto nasceu em Lençóis Paulista (SP) em 24 de junho de 1975. Formou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso em 2001 e trabalha como jornalista. Leitora voraz desde a infância, escreveu *Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar* a partir de sua própria história de vida. O livro foi publicado pela primeira vez em 2006 com apoio da Lei de Incentivo e em 2007 uma segunda edição foi publicada pela Editora Tanta Tinta.

Segundo informações obtidas com a autora, o trabalho tem despertado o interesse de pais, educadores, pesquisadores, ONGs e outras entidades de outros Estados – a saber Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, Distrito Federal e São Paulo -, que frequentemente solicitam o material e o utilizam como base para o desenvolvimento de trabalhos com crianças, adolescentes e jovens negros, discutindo temas como diversidade, auto-aceitação, auto-estima e racismo.

Destacam-se, entre as entidades, a Ong Estimativa, do Rio de Janeiro, e o Núcleo de Produção de Material Didático Alternativo, ligado à Universidade Estadual de Londrina.

Por tratar de um tema atual e de interesse da coletividade, o livro também chamou a atenção de entidades como a Fundação Palmares, que publicou resenha sobre o assunto em seu site, o mesmo tendo sido feito pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). Uma entrevista da autora sobre o assunto foi publicada pela revista *Viração*, voltada para o público jovem, com sede em São Paulo.

Em 2008, o livro foi sugerido como dica de leitura nos Cadernos da Conferência Nacional de Juventude, no item “Diversidade”. No mesmo ano, a autora participou como convidada no projeto “Cuiabanidades”, realizado pelo Colégio Master Júnior, em Cuiabá, onde o livro foi trabalhado com crianças da segunda série do Ensino Fundamental.

O livro já foi trabalhado também em escolas públicas de Cuiabá, no Projeto “Siminina”, da Prefeitura Municipal de Cuiabá, na Seletiva de Basquete de Rua (Sebar), organizada pela Central Única das Favelas no bairro Pedra 90

e na Gincana do Saber, organizada pelo coletivo “Favelativa”, no bairro Jardim Vitória, entre outros eventos.

A idéia do livro inspirou o grupo teatral Vida, de Cuiabá, que encenou a peça *A história do cabelo ruim* na 1ª Mostra Internacional de Teatro Infantil (MITI) de Cuiabá, em outubro de 2007, e na Feira do Livro, promovida pela Secretaria de Estado de Cultura em 2008.

Do livro surgiu também o projeto “Cabelo Ruim”, iniciativa da editora TantaTinta, que prevê a circulação do livro, da peça e palestras sobre a questão racial em 30 municípios de Mato Grosso. O projeto foi aprovado pela Lei Rouanet em 2008.

Ainda em 2008, iniciou-se uma parceria do projeto com a Central Única das Favelas, onde ele foi inserido no “Núcleo Maria Maria”, cujo objetivo é desenvolver ações voltadas para as mulheres da periferia. Desta parceria, surgiu também o projeto “Circuito Pixaim”³⁴, que realiza oficinas de tranças e de leitura, entre outras, para mulheres do bairro Alvorada, em Cuiabá. Este

³⁴ “Pixaim” é o nome de um programa que está inserido no Núcleo Maria Maria da Central Única das Favelas de Mato Grosso (CUFA-MT). O objetivo deste núcleo é desenvolver ações voltadas para mulheres da periferia. A primeira ação do programa é o projeto “Circuito Pixaim”, cujo objetivo é levar a vários grupos sociais, em especial às mulheres e meninas negras, a discussão sobre os padrões de beleza socialmente aceitos e sua relação com as características específicas da estética dos negros. Em especial, trata do cabelo crespo e sua beleza, oferecendo elementos que permitam aos participantes questionar estes padrões de beleza. O Circuito Pixaim prevê diversas ações. A primeira delas será realizada no bairro Alvorada, periferia de Cuiabá, onde serão oferecidas oficinas e palestras, atividades cujo objetivo é estimular o surgimento de novas idéias sobre a questão racial, a estética, a beleza. Neste primeiro momento, o trabalho teve duração de dois meses. Foram oferecidas oficinas de tranças Afro, leitura e teatro, gratuitas e abertas a qualquer pessoa interessada. Também foi realizada uma palestra sobre violência de gênero, além de intervenções de membros do Movimento Negro, que aconteceram durante a realização do projeto, trazendo para o grupo reflexões e experiências sobre a questão racial. Além deste projeto, há outro encaminhado, mas ainda sem definição. Ele foi aprovado pela Lei Rouanet, e prevê a circulação do projeto em 30 cidades do interior do Estado.

projeto está em execução com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura de Cuiabá.³⁵

NILSON MACHADO

Nilson Machado, natural da cidade de Rondonópolis (MT), é artista plástico, professor de artes e gerente do Centro Cultural José Sobrinho, na mesma cidade.

OLGA CARVALHO DE SOUZA

Olga Carvalho de Souza formou-se em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso, fez pós-graduação em Gestão Escolar pelo ICE (Instituto Cuiabano de Educação) e atua como professora regente de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino na cidade de Rondonópolis (MT), com participação em concursos de literatura em âmbito estadual e nacional. É artista plástica e artesã.

PAULO WAGNER

Paulo Wagner Moura de Oliveira nasceu em Fortaleza em 29 de novembro de 1960. Mudou-se para Mato Grosso em 1982, formou-se em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso e reside em Barra do Garças, no interior do Estado. Paulo Wagner é produtor de vídeo, roteirista, jornalista e apresentador de programa televisivo. Apresentou o programa *Trocando Idéias*, voltado para o público jovem. Publicou os livros *Naupássaros* e *Itinerário das Cinzas*, ambos de cordéis urbanos, em 1978. Escreveu também a peça infantil *Gaiola: uma fábula ecológica*.

RICARDO LEITE

Ricardo Leite tem formação técnica em Desenho Industrial, no entanto, se dedica ao design gráfico e aos quadrinhos, sua paixão. Desenvolveu

³⁵ Todas estas informações foram escritas pela própria autora em uma troca de e-mails.

estampas em camisetas para o Japão, ilustrou livros educativos na Austrália, colaborou em várias cartilhas, livros infantis, ilustrações publicitárias e animações em 2D para comerciais. Contribuiu na primeira fase do suplemento *Diarinho*, do jornal Diário de Cuiabá, fez colaborações na *ZHQmagazine*, ilustrou a história *Destino de Julius Caesar* para a revista AGE HQ, da Caesartes Editores, publicou sua personagem Bebel Blues na HQ-Revista do Quadrinho Brasileiro e trabalhos no jornal Folha do Estado. Classificou-se em primeiro lugar na categoria História em Quadrinhos no X Salão Nacional de Humor e Quadrinhos de Ribeirão Preto 2001, com a HQ Lhéovis. Adaptou para os quadrinhos, juntamente com Marcelo Cabral nas cores, os personagens de teatro Nico e Lau e ilustrou o livro *Conferência no cerrado*. Realizou e participou de alguns movimentos culturais na capital do Estado, envolvendo esportes radicais, música, rpg, fotografia, teatro e, claro, oficina e exposição de quadrinhos. Desenvolve projetos de design e ilustração e quadrinhos nas áreas publicitária e editorial.

RICHARD MASON

Richard Mason, autor da *Coleção Mundinho*, é inglês e vive em Mato Grosso, mais precisamente em Chapada dos Guimarães, há mais de quarenta anos. Possui grande interesse pela fauna e flora brasileira e preocupa-se com a formação infantil. Dedicou-se à produção de livros com o intuito de fazer a fauna pantaneira conhecida de crianças de lugares distantes.

RUBENS GIMENEZ RODRIGUES FILHO

Rubens Gimenez Rodrigues Filho é escritor mirim nascido em Várzea Grande (MT) em 22 de outubro de 1995. É autor de *O peixinho sabido e a cadeia alimentar*, lançado em 2005. Em 2004, Rodrigues Filho era responsável pela coluna social mirim *Cantinho da garotada* da *Revista de Mato Grosso*.

SCHEILA COUTO

Scheila Couto nasceu no Rio de Janeiro e reside em Cuiabá. Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo, é artista plástica, tradutora, poeta e escritora. Escreveu a peça infantil *Dona cigarra e as formigas no 3º milênio* (2001). Com a peça ganhou nove prêmios em festivais escolares, incluindo o de Melhor Espetáculo Infantil. Publicou *As aventuras do robô Tagarela* (2008).

TIANA DE SOUZA ALVES

Sebastiana Moreira de Souza Alves nasceu em 10 de setembro de 1969, na cidade de Paranapoema – PR, e vive há 21 anos em Mato Grosso, onde fez o magistério e graduou-se em Letras pela UNEMAT. Mora na cidade de Várzea Grande. Escreveu, além de outros textos não publicados, *O Galo que Pingava Ouro*, um dos volumes da coleção 20x20 publicada em 2003 pela Editora Armazém de Idéias, de Belo Horizonte – MG.

VALDEMAR SOUZA

Valdemar de Souza é cartunista e artista plástico, cria personagens de histórias em quadrinhos com informações sobre a fauna e a cultura pantaneira.

Nasceu em Alto Garças (MT) em 10 de agosto de 1955 e reside há muito em Cuiabá. Iniciou a vida artística aos 25 anos pintando retratos. Possui telas comercializadas no exterior.

WANDER ANTUNES

Wander Antunes é um renomado quadrinista que vive em Cuiabá e permite que sua obra ande sem rédeas pelo mundo. Começou na cena cuiabana com a revista em quadrinhos *Gonçálinho*, publicou o livro *Isso é coisa de Pirata* com o selo da Tempo Presente, uma parceria com o escritor e poeta Ivens Scaff. Pensando em criar um meio para a publicação das obras de artistas mato-grossenses que, como ele, não possuíam espaço para tal, criou a revista *Vote!*, atingindo razoável número de edições. Encabeçou vários projetos e hoje está no quinto álbum de *Um Paradis Distant (Um Paraíso Distante)*,

publicado pela editora suíça Editions Paquet, com lançamento no Festival de Angouleme, na França.

Antunes ficou conhecido no Brasil com o álbum *Crônicas da Província*, lançado pela Via Lettera, e por seu trabalho na extinta revista *Canalha*, publicada pela Brainstore, com edição especial pela Opera Graphica.

Wander Antunes ganhou, juntamente com o artista argentino Walter Taborda, o *Prix Marlysa: lê coup de coeur* no Festival de Chambéry, na França, pelo álbum *Big Bill est mort (Big Bill está morto)*. Antunes também é autor de *L'Œil du Diable*, com desenhos de Tirso Cons e da série Ernie Adams, com arte do brasileiro José Aguiar.³⁶

ZELIA DINIZ

Zélia dos Santos Diniz nasceu em Pacatuba (CE) em 28 de fevereiro de 1938, mudando-se para Mato Grosso no ano de 1967 e passando a residir na cidade de Barra do Garças. Formou-se em Pedagogia pela Universidade de Lins no Estado de São Paulo e especializou-se em Metodologia do Ensino Superior e em Filosofia da História e História Regional. Zélia dos Santos Diniz é membro da Academia de Letras Cultura e Artes do Centro Oeste. Publicou livros de literatura infanto-juvenil e livros paradidáticos com ênfase na história regional.

³⁶ Fonte:

(http://74.125.113.132/search?q=cache:ob88wG3g6aoJ:hqmaniacs.uol.com.br/principal.asp%3Facao%3Dnoticias%26cod_noticia%3D6917+wander+antunes&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br) Acessado em 02/10/2009.

Anexo 03 – Entrevista realizada em março de 2008 com Tânia Bjork (secretária do setor de Bibliotecas – SEDUC)

Ângela Fontana – Poderia me falar sobre políticas de incentivo à literatura em Mato Grosso?

Tânia Bjork – Uma política não tem. Por que? Porque todo o Estado tem que trabalhar a literatura de acordo com a sua realidade. E isso a própria lei prevê. Então, por exemplo, geografia, português, história... a literatura não é para se criar uma disciplina a mais. A literatura tem que ser trabalhada dentro do currículo. Até está havendo muitos equívocos, teve jornalista que foi conversar lá na Secretaria e eu acredito que deva ter entendido mal. Disse que tinha uma lei... não tem, não é criado uma disciplina a parte, é pra fazer parte do currículo. Assim como as relações étnico raciais tem que passar por todo o currículo da escola, a literatura também. Não é pra se criar mais uma disciplina. Primeiro que a própria matriz curricular não vai comportar mais disciplinas. O professor vai ter que adequar ao planejamento, ao próprio projeto político-pedagógico, a absorver isso.

Ângela Fontana – A respeito da distribuição de livros da literatura mato-grossense, programas de incentivo... ?

Tânia Bjork – Não. Ainda não temos. Neste ano, como nós tivemos... quem pode responder sobre isso é a professora Silvia, que é a coordenadora do programa da biblioteca. Ela tem a listagem do que vai ser feito, quais são as proposições que a SEDUC tem nesse sentido. Agora, até o momento é o que eu te disse. Porque assim... livro didático para ensino médio, eu posso te responder no que for pedagógico, porque eu falo, eu passo para os professores a orientação na hora da escolha, como atrelar essa escolha ao projeto político-pedagógico. O professor tem que ser consciente, e como ele vai escolher esse livro adequado à realidade dele, local. Enfim, é o pedagógico. Agora, distribuição, reserva técnica, existem pessoas que cuidam disso. No caso da reserva técnica de livro didático é a professora Teresinha... Tem coisa que se eu falar que sei responder vou te dar um dado furado e nós não podemos fazer isso.

Anexo 04 – Entrevista realizada em março de 2008 com MARIA DOLORES FREITAS (Coordenadora de Gestão dos CEFAPROS – Centro de Formação dos Professores de Educação Básica - SEDUC)

Ângela Fontana – Gostaria que você me falasse sobre a realização de programas direcionados aos professores de literatura.

Maria Dolores Freitas – Foi feito o PAAR (Plano de Ações Articuladas) do Ministério da Educação e todos os municípios do Estado de Mato Grosso vão ter, porque o MEC ta fazendo, só que por prioridade. Mato Grosso, junto ao Ministério da Educação solicitou... porque ele fez uma formação pra equipe e pediu pra fazer em todo o Estado, nós temo o IDEB de todos os municípios do Estado e fizemos também da rede Estadual e com isso ver as necessidades, porque o IDEB trabalha pra fazer o plano de ação articulada... com quatro dimensões que é a... primeira é de Gestão, a segunda é de Formação Inicial e Continuada, então faz todo um levantamento. A terceira é da Prática Pedagógica, daí nas práticas pedagógicas que entra a leitura. Então esse material é todo um diagnóstico, é um questionamento que fala das quatro dimensões. Então a primeira dimensão é Gestão Educacional. Tem projeto político-pedagógico, tem conselho deliberativo, mais um monte de coisa. No segundo, ele vai falar da Formação Inicial e Continuada pra crianças, jovens e adultos. Tem todo um programa. Na dimensão três ele fala das práticas pedagógicas e aqui ele faz um diagnóstico do Programa relativo à Formação Inicial e também do incentivo a leitura para professor e aluno. Então quando a gente vai na escola fazer o diagnóstico, a gente percebe que não tem programa de incentivo de leitura. Então aqui a gente tem um diagnóstico do que que o Estado faz. Então é aquilo que eu falei pra você. Nesse diagnóstico mostra as escolas que tem os projetos, as que não tem os projetos de formação, principalmente. Então, por exemplo, o que que a gente detectou? Que a escola até que faz projeto de leitura pro aluno, mas pro professor não tem. Quando faz o diagnóstico, ele tem também ações de correção que tem programas para corrigir. Então esse material que nós estamos adquirindo, que agora está indo para o Estado todo, é porque de acordo com a demanda, com as necessidades. A gente vê que tem necessidade porque a gente já conhece.

Então a gente vai implantar para o Estado todo. O CEALI que é alfabetização para o 1º ciclo e aí... assim... nesse material tem um que vai falar sobre leitura. Cada escola faz o seu projeto. Então não tem assim uma ação, um projeto de leitura da Secretaria de Educação. A gente dá toda essa orientação para as escolas formarem seu cantinho da leitura, pra escola desenvolver projetos de incentivo à leitura. Dentro do Programa de Formação, a gente fala da importância da escrita, da leitura, mas não voltado pra um programa específico. É mais orientação. A gente tem criança nos municípios que chegam aos oito, nove anos de idade que não estão lendo e escrevendo. Então o que que a gente precisa? De focar o trabalho na alfabetização. Então nós estamos aí nessa correria porque é material que ta indo, adquirindo... do CEALE pra criança voltado só par o 1º ciclo, uma formação pra três mil professores. Tem programas que já aconteceram. Essa semana teve pós (graduação) em Rondonópolis. Quando o professor vê que o aluno tem dificuldade na leitura, ele vem. Esse aqui é um grupo de professores pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais. Fazem dez anos que eles trabalham com isso. Trabalham só a parte da leitura e da escrita, treinando professores. Então é um material todo voltado para o professor. Orientar o trabalho dele em sala de aula. Eles vieram, teve um encontro com a gente. Fizeram esse trabalho com a gente e nesse dia e depois nós pegamos só os alfabetizadores. Fizeram uma semana de planejamento com esses alfabetizadores. Parece que as coisas... é muito difícil surtir efeito, demora demais. Mas tem que começar. Aí tem o apoio do governo do Estado, do governo federal. Esse Gestar... tivemos convênio com o Ministério, depois, do Estado.

Anexo 05 – Entrevista realizada em março de 2008 com EDILAMAR DA S. BRANDINI (Coordenadora de Ensino Fundamental – SEDUC)

Ângela Fontana – Gostaria que você me falasse a respeito dos projetos para o incentivo da leitura que a Secretaria desenvolve. Como funcionam esses projetos? Há algum voltado para a literatura mato-grossense, especificamente?

Edilamar da S. Brandini - A nossa meta é de que cada criança leia quatro livros por mês, só que ainda não conseguimos essa meta, mas estamos trabalhando. Tem turma que conseguiu, tem turma que não. Claro, de acordo com cada faixa etária. Tem criança que não sabe ler, mas tem as gravuras, eles fazem leitura visual. Então eles fazem a leitura e contam história. A professora lê a história e depois, pela gravura, cada um deles reconta a história. Até porque, não sei se você já trabalhou com alfabetização, é assim que eles fazem, né?! Toda criança pequena que pega uma gravura, ela faz uma leitura, isso que eu tô falando, uma leitura deles, pra depois passar para uma leitura decodificada. Então é nesse sentido que a gente trabalha, de acordo com cada faixa etária. O 2º ciclo, a partir de 2009, nós pretendemos, né?!... A Regina está vendo essa questão de orçamento e tudo. A gente pretende que cada turma tenha também a caixa de literatura. A gente tem um orçamento e ele é muito alto, não sei se a gente vai ter perna, mas a gente tem vontade.

Ângela Fontana – Como funciona a caixa de literatura?

Edilamar da S. Brandini – Bem, na verdade, em cada sala do 1º ciclo que são a 1ª, 2ª e 3ª fase, estaria a caixa de literatura pra trabalhar com as crianças. Aí a gente compra... nós temos a caixa nível I, nível II e nível III, então a gente vê as escolas que tem três turmas, a gente manda cada turma uma caixa, depois tem que fazer o rodízio. Mais ou menos de acordo com o nível das crianças os professores vão trabalhando os livros e depois fazem um trabalho e encerra.

Ângela Fontana – As caixas vão para todas as escolas da rede?

Edilamar da S. Brandini – Nós estamos... na verdade a gente faz o acompanhamento da aprendizagem do 1º ciclo, que é a 1ª, 2ª e 3ª fase e cada uma das escolas, menos as escolas rurais, as de mais difícil acesso que a

gente não faz o acompanhamento. Então essas não receberam o material. A gente focou mais no trabalho que a gente estava... entre outros motivos... fortalecer a aprendizagem das crianças e até avaliar também... o diferencial... então, nem todas receberam. Pouca! Porque a gente não consegue acompanhar pela distância, mas mesmo assim a gente tem incentivado eles a comprarem literatura, a terem na sala de aula um ambiente adequado. Então isso a gente trabalha em todas as escolas. Esse trabalho do acompanhamento é uma parceria entre Secretaria com o Instituto Ayrton Senna. A gente é parceiro, então faz um trabalho coletivo e esse material é um material selecionado pra atender essas turmas. A gente vê a editora e escolhe pelos títulos, ou é uma coisa que a gente já conhecia. Nossa preocupação é com livro pra criança de seis anos. Então é aquele mais visual. Então tem as faixas diferenciadas. É mais ou menos a questão de... o que que a criança já tem condições de estar trabalhando.

Ângela Fontana – Como é feito o controle de leitura? Os professores enviam um relatório mensal ou bimestral de como está sendo esse processo nas escolas?

Edilamar da S. Brandini – Nós fazemos acompanhamento. Todo mês a gente tem... tem o SIAD que é um sistema de informação... quantos livros cada criança lê... então a gente tem isso a nível de escola. Tem os dados também do acompanhamento que cada criança tem que ler quatro livros por mês. Claro! De acordo com o nível de cada criança. Então a gente tem acompanhado isso. Tem alguns que estão atingindo a meta, alguns que não estão atingindo a meta ainda, mas a gente tem feito esse acompanhamento sim. A gente gostaria que fosse mais, mas como é um processo, a gente sabe, ainda vai... pelo que a gente percebeu... desde o ano passado a gente tem incentivado. Mesmo não tendo os livros, eles sempre tiveram essa meta de estar fazendo leituras.

Ângela Fontana – Houve, nos anos anteriores, outros projetos nesse sentido?

Edilamar da S. Brandini – Bom, a Secretaria sempre tem investido em material, além daquele que ela passa pra escola, que a escola tem uma verba bimestral. Dessa verba a escola já tem percentual pra comprar material pedagógico e isso é a escola que decide. E além desse material sempre acabam investindo em livro, literatura. Independente de projeto a gente vê,

mais ou menos, a lista do material que vem pra gente analisar, nós verificamos se é dentro do que a gente imagina que a escola está fazendo porque nós também somos da escola, então a gente pega alguns exemplares, de acordo com a necessidade, pra estar mandando.

Ângela Fontana - Você está há quanto tempo aqui? Você estava em sala de aula antes?

Edilamar da S. Brandini – Eu comecei a trabalhar aqui em fevereiro desse ano (2008). Eu sou professora alfabetizadora e trabalhei também no CEFAPRO³⁷ como coordenadora de formação e agora estou aqui na Secretaria. Estou na Educação de Mato Grosso desde 1988.

Ângela Fontana – Você tem lembrança de algum projeto voltado pra leitura e literatura do Estado, nesse período, final da década de 80 e na década de 90?

Edilamar da S. Brandini – Assim... incentivar a questão da leitura geral até que a Secretaria tem incentivado. Agora, essa questão de projeto, isso fica a par de cada escola, porque cada escola tem um trabalho diferenciado. Eu conheço vários projetos de incentivo à leitura geral, das escolas. Por exemplo, eu trabalhei muito em... no município de Juara, no interior. Lá tem muita leitura, tem sala de leitura, tem... são várias as alternativas que a escola tem feito. A Secretaria incentiva, mas você não pode fazer um trabalho com cada escola, cabe aos professores. Você conhece essa realidade, né?!

Ângela Fontana – Você poderia me informar o número de escolas que foram contempladas com as caixas de literatura?

Edilamar da S. Brandini – No meu acompanhamento nós temos 443 escolas, mas eu posso olhar no sistema... quatrocentos e quarenta e poucas escolas no Estado todo... que a gente faz acompanhamento.

Ângela Fontana – São quantas escolas no Estado?

Edilamar da S. Brandini – São 578 com ensino fundamental. Não só ensino fundamental, mas com ensino fundamental e 598. É que nem todas tem o 1º ciclo. Tem ensino fundamnetal, mas não tem o 1º ciclo. Assim... que a gente não acompanha são pouquíssimas, são apenas algumas escolas da zona rural

³⁷ Centro de Formação de Professores

que a gente não tem acesso. Porque eu preciso dos dados... porque como a gente faz acompanhamento é um acompanhamento muito pontual. Eu preciso... por exemplo, dia trinta fecha o mês, então a escola tem cinco dias pra mandar os dados pro CEFAPRO, pro CEFAPRO transferir os dados pra gente. Então é assim: as escolas que não tem essa condição a gente não colocou. Então são poucas escolas.

Ângela Fontana – Mas as caixas de literatura foram enviadas para elas?

Edilamar da S. Brandini – Não. Nessas, não. Nem todas, algumas a gente manda, mas nem todas. A gente até tentou encaminhar, mas a gente não mandou, mas a gente ainda vai... fazer esse trabalho, a gente ainda tem os livros lá pra mandar. Porque assim... no corre-corre da gente na Secretaria, a gente acaba não tendo tempo, né?! Mas a nossa vontade é de que todas recebam. Até porque esse material fica de um ano para o outro. Você sabe que os livros de literatura... eles não tem... (validade).

Ângela Fontana – Como esse projeto se chama?

Edilamar da S. Brandini – Acompanhamento da Aprendizagem do 1º ciclo. Agora, a nível de Instituto Ayrton Senna, se chama Circuito Campeão. Se você entrar no site do Instituto Ayrton Senna, tem no site o Programa Circuito Campeão. Aí, ele trabalha vários Estados, inclusive Mato Grosso. Lá tem informação também. Dá pra você pegar lá... então... cada escola recebe uma verba bimestral. Dessa verba bimestral, “X” dela é pra manutenção da escola e “X” dela é pro pedagógico, né?! Então a gente tem incentivado que tem que comprar livro para as crianças. Cada escola tem que incentivar mesmo a questão da leitura. E aí... Fortalecendo essa ação na Secretaria a gente tem levado um dinheiro por ano e tem comprado alguns livros pra mandar para as escolas. Até pra reforçar também as bibliotecas. Então a gente tem feito esse trabalho pra incentivar mesmo.

ANEXO 06 - Entrevista realizada em abril de 2008, concedida por Kamila Cristina Dias da Rosa, monitora do cantinho da leitura da Livraria Janina (unidade Pantanal) sob a gerência de Leandro Cerqueira.

Ângela Fontana - Quais as atividades do cantinho da leitura no dia-a-dia?

Kamila Cristina - Temos teatros, fantoches, brincadeiras, histórias contadas, leituras em conjunto, leituras à vontade.

Ângela Fontana - Há algum tipo de atividade específica para datas comemorativas?

Kamila Cristina - Nós temos algumas atividades fixas que são oferecidas pela livraria. Tem a do dia das crianças e natal. Nesses dias tem uma programação completa com apresentação de teatro, sessões de leitura, brincadeira e fantoches.

Ângela Fontana - Há espaço para atividades extras como visitas de escolas, por exemplo?

Kamila Cristina - Sempre tem agendamento que as escolas fazem. Vem criança tanto das escolas particulares como das escolas do estado e do município. Os da particular vem mais em dia comemorativo, dia das mães... Os das outras vem em dia comum mesmo. Eles dependem de ônibus da prefeitura. No dia das mães desse ano, uma escola particular aí agendou pra comemorar aqui. As mães vieram pensando que era uma palestra e quando chegaram foi uma surpresa. Os filhos estavam esperando escondido e trouxeram uma flor pra cada uma e fizeram as apresentações. Leram poesia e contaram historinha para as mães. Foi tudo ao contrário, eles é que liam pra elas e cuidavam delas. Foi muito lindo.

Ângela Fontana - Como as crianças se comportam normalmente?

Kamila Cristina - Os alunos das escolas públicas são mais atenciosos com a leitura, tem mais curiosidade, enquanto o normal da maioria dos alunos das outras escolas que são pagas são mais inquietos e preferem as brincadeiras. Acho que é porque pros alunos que não são das particulares tudo é novidade.

Acho que eles não tem muito contato com esse mundo. Os alunos das escolas pagas tem outro nível de vida, tem mais condições, já estão mais acostumados... mas eles obedecem menos.

Ângela Fontana - O fluxo de crianças é grande? Há dias e horários de maior movimento?

Kamila Cristina - Todo fim de semana, principalmente início de mês que eu acho que é quando os pais recebem. Agora, nas férias vem umas vinte crianças mais ou menos. Chega e sai, mas sempre tem umas vinte. No período de férias o movimento é maior e não é só fim de semana não. Aí elas vem durante toda a semana.

Ângela Fontana - Existe um momento em que os livros de autores mato-grossenses são privilegiados?

Kamila Cristina - Olha... não. Tem esses aqui que eu sei que é daqui do estado (Uma Maneira Simples de Voar – Ivens Scaff), mas eu nunca leio com as crianças porque elas nunca escolhem ele na hora da leitura coletiva. Na hora da leitura individual algumas sempre pegam. É que na hora da roda de leitura elas querem as historinhas de conto de fadas, aquelas mais antigas. É o que elas mais gostam. Mas de vez em quando alguém compra. Acho que não tá num lugar muito bom. Ele não tá chamando muita atenção.

Ângela Fontana - Que tipo de livro vende mais?

Kamila Cristina - Ah! Sempre aqueles das histórias mais antigas mesmo: Branca de Neve, Cinderela... o Monteiro Lobato sempre vende muito, mas isso depende da idade. Os maiores gostam mais desses outros. É que já leram esses, né? E tem esses livros que quando você abre se monta todo, é um cenário em cima de cada página... esses, todos eles adoram.

Ângela Fontana - Na hora da compra as crianças são influenciadas pelos adultos ou escolhem sozinhas?

Kamila Cristina - Depende. Depende da idade. Quando é pequenininho os pais acabam direcionando, mas quando eles já são maiores... aí eles mesmos escolhem o que eles querem, não adianta.

Ângela Fontana - Em relação às crianças que freqüentam esse espaço, são as mesmas?

Kamila Cristina - Tem umas que vem sempre, mas tem muita criança diferente.

ANEXO 07 – Entrevista realizada em abril de 2008, concedida por Marilene Almeida, gerente de vendas da Livraria Janina (unidade 3 Américas).

Ângela Fontana - Quais as atividades do cantinho da leitura no dia-a-dia?

Marilene Almeida - Temos a televisão pra passar filmes e desenhos animados, a casinha de fantoches, teatro em datas comemorativas... e sempre deixamos as crianças à vontade nesse espaço para estar folheando os livros.

Ângela Fontana - Há uma monitora para acompanhar as crianças?

Marilene Almeida - Não. Aqui nessa livraria nós não temos, mas quando precisa sempre vem a monitora da nossa outra loja lá no shopping Pantanal. Ela vem quando as escolas agendam, quando tem uma programação especial. Aí ela faz roda de leitura, conta historinha, faz brincadeiras... é bem legal. Por em quanto nós não temos uma monitora. A gente tinha, mas agora não tem mais. Precisamos organizar isso novamente.

Ângela Fontana - E como é feito o acompanhamento das crianças nos outros dias?

Marilene Almeida - Bem, aí a gente se reveza. Sempre tem um dos atendentes auxiliando as crianças, mostrando livrinhos, pegando. Às vezes alguém conta uma história... Mas sempre tem alguém ajudando aqui.

Ângela Fontana – A monitora da outra loja vem com freqüência? Ocorrem muitos agendamentos?

Marilene Almeida - Assim... sempre tem agendamento com escolas. Ela vem, mas quando é uma turma muito grande a gente faz que nem no natal e no dia das crianças. Contratamos uma equipe de teatro profissional pra realizar brincadeiras com as crianças.

Ângela Fontana - Como é a programação nessas datas específicas, como o dia das crianças e natal?

Marilene Almeida - Como eu te falei, nós contratamos uma equipe de teatro profissional. E tem de tudo... o teatro, brincadeiras, roda de leitura e

escolhemos sempre um tema. Cada ano é trabalhado um tema diferente e toda a programação é feita em cima desse tema. Nesse ano de 2008 foi circo.

Ângela Fontana - Quais escolas costumam trazer seus alunos, escolas públicas ou privadas? Qual a faixa etária dessas crianças?

Marilene Almeida - Vem de todas. Vem criança de maternal até 2ª, 3ª série... de 2 a 7 anos. Tivemos a visita de uma escola municipal de Várzea Grande com 40 alunos. A visita foi uma forma de premiar as crianças da escola depois que terminaram o projeto "Soletrando". Acontece de elas virem como prêmio de bons resultados escolares também. Aquelas que se dedicam mais na escola e atingem um bom nível, mas as outras acabam vindo juntas. Nesse dia foi feita uma apresentação do material e brincadeiras.

Ângela Fontana - Há preocupação em planejar atividades para atrair esse público infantil? Desde quando a Livraria Janina vem se preocupando com essa questão do "cantinho da leitura"?

Marilene Almeida - Olha... eu tô aqui desde 2004 e desde que eu tô aqui tem essa preocupação... nos preocupamos em trazer a criança pra livraria, em fazer ela se sentir a vontade e se interessar pelos livros.

Ângela Fontana - A televisão é ligada com muita frequência?

Marilene Almeida - Nós costumamos ligar a tv em horário de mais movimento de crianças, normalmente final de tarde e à noite.

Ângela Fontana - Vocês têm muitos livros de autores mato-grossenses? Vende bem?

Marilene Almeida - Temos um pouco e até que vende, mas alguns autores não conseguem deixar os livros aqui, então quase não temos... e são poucos autores, né?

Ângela Fontana - O que ocorre para que alguns autores não consigam deixar seus livros para serem comercializados aqui?

Marilene Almeida - A dificuldade de alguns autores em deixar suas obras para serem vendidas aqui na livraria é o valor dos impostos. Eles teriam que elevar

o valor do livro e aí fica muito caro pra eles e não conseguem vender. Então preferem vender sozinhos.

Ângela Fontana - A vendagem de livros de lit. infantil é maior que a de livros juvenis?

Marilene Almeida - Os clássicos saem bastante, principalmente para os menores. A venda de Lobato é sempre. Gostam muito das histórias do Sítio

Ângela Fontana - Que tipo de livro vende mais?

Marilene Almeida - Normalmente os pais vêm com as crianças para a escolha dos livros. Quando as crianças são menores os pais acabam influenciando na escolha, mas quando são maiores já fazem as suas escolhas... o que preferem.

ANEXO 08 – Entrevista concedida por “Anônimo”³⁸, vendedora da LIVRARIA ADEPTUS (unidade 3 Américas). Setembro de 2008.

Ângela Fontana – Gostaria de saber como funciona o cantinho da leitura aqui na livraria. Como são as programações e o fluxo de crianças.

Anônimo – Olha, a gente tem um fluxo de crianças bom. Sempre tem criança aqui. Eles gostam de vir e sentar nessas cadeirinhas pra ver os livros. Adoram. A gente tá sempre por perto pra ajudar pegar os livros e ler alguma ... explicar alguma coisa que eles não conseguem. Eles gostam mesmo de ficar nesse cantinho. Ficam horas.

Ângela Fontana – A televisão é ligada com frequência?

Anônimo – Não. A gente só liga quando tem alguma coisa especial pra passar pra eles, dia de muita criança na loja. Aí, eles se distraem e fica mais fácil atender de um em um.

Ângela Fontana – Vocês utilizam a casinha de fantoches com frequência? Quem costuma contar as histórias?

Anônimo – Assim, a gente ... a casinha de fantoches é usada mais em dia que tem alguma comemoração, que daí tem bastante criança. Mas a gente planeja e o gerente contrata uma equipe. Tem uma funcionária que também gosta de contar história na casinha, aí a gente conta pra eles. Mas usa mesmo quando tem muita criança ou quando é comemoração de alguma coisa... dia da criança, natal, essas datas. Vem o pessoal e faz teatro, brincadeiras, muitas coisas. Eles adoram. Tem criança que tá sempre aqui.

Ângela Fontana – Que tipo de histórias eles mais lêem? Que livro vende mais?

Anônimo – Eles gostam muito do Lobato ou os contos de Grimm que vende bem também.

Ângela Fontana – E quanto aos livros de literatura mato-grossense?

Anônimo – Como assim?

³⁸ Entrevista concedida por uma vendedora da livraria sob a condição de que seu nome não constasse nos registros. O motivo não foi revelado.

Ângela Fontana – Os livros infantis escritos por autores mato-grossenses. As crianças lêem muitos deles?

Anônimo – Olha, não sei. Nunca vi.

Ângela Fontana – Mas vocês têm vários deles aqui. Eu estava olhando e encontrei alguns. (Vou até as estantes, pego os livros e os apresento à vendedora como sendo literatura produzida no Estado)

Anônimo – Nossa, eu não sabia que esses eram de autores daqui. As crianças de vez em quando pegam e olham, mas vende muito pouco. Eles estão aí. Ah! É mesmo, eles... daquela editora, a Tanta Tinta. É daqui mesmo.

Ângela Fontana – Existe algum momento das atividades em que eles são privilegiados? Vocês os mostram para as crianças, colocam ao alcance para que sejam folheados? Ou usam para contar histórias?

Anônimo – Não. Eles estão aí no meio dos outros, mas a gente mesmo não pega. De vez em quando as crianças olham sim.

ANEXO 09 – Entrevista realizada em julho de 2008 com o escritor e poeta IVENS CUIABANO SCAFF

(Obs.: Alguns minutos do início da entrevista foram perdidos em função de uma pane no instrumento de gravação utilizado no momento da conversa. O material perdido é mínimo, não prejudicando, assim, as informações desejadas. A transcrição tem início, portanto, a partir do momento em que a fala é captada pelo aparelho.)

Ivens Cuiabano Scaff – ...tem aquela “História de Mato Grosso” pra criança. Acho que é o primeiro nosso, que é o pai e o filho. É um famosão aí da Academia de Letras que não gostava de ser chamado pelo nome dele... ah! depois eu lembro do nome.

Ângela Fontana – Muitas obras não têm ficha catalográfica, então muitas vezes eu não consigo saber o ano de publicação deles.

Ivens Cuiabano Scaff – É. Mas o “Papagaio...” é de 99.

Ângela Fontana – A capa dele é bem diferente, né?!

Ivens Cuiabano Scaff – É. Isso é porque é desenho do Wander, que eu gosto bastante, mas me disseram, por exemplo, que esse desenho é muito difícil pra criança. Eu não acho. É bonito, sabe? Olha só como é. O Wander pra mim é um artista completo, sabe?!

Ângela Fontana – Concordo com você. O Wander Antunes é um artista e tanto. E... Ivens, me fale sobre a distribuição.

Ivens Cuiabano Scaff – A gente consegue fazer o livro por causa da lei de incentivo, embora, por exemplo, a lei de incentivo... para o meu livro deste ano me deu um quarto do que eu pedi. Então a gente teve que correr atrás com recursos próprios, porque senão o negócio não saía. O primeiro “Uma Maneira Simples de Voar” tem esse formato pequeno, o que saiu agora é em formato maior e foi bancado inteiramente pela Entrelinhas, porque eu tenho uma história com a Maria Teresa. Foi a Maria Teresa quem fez a primeira diagramação do livro recortando coisas, quando não existia computador, quando não existia nada. Então eu, Maria Teresa e Marcelo ilustrador... a gente

vem tentando mexer com esse livro tem vinte anos. Num momento desistimos, aí ela falou: “Vou fazer do jeito que eu tinha bolado”. Então ela bancou inteiro. Então... agora, vamos dizer que a gente não consiga bancar e consiga empobrecer o livro pra poder encaixar no que a lei fala. Primeiro que não tem critério nenhum pra eles mexerem no livro, por exemplo, eu fiquei extremamente aborrecido quando uma amiga minha, que fez um livro de história infantil... Ela pediu e deram o valor total pra ela e depois eu fui saber que tem coisa de umas editoras serem mais agraciadas do que outras. É uma coisa desagradável. Não é com um critério científico, sabe?! Nós colocamos tudo no papel, com o que que ia gastar cada coisa. Por exemplo, nesse último livro nós fizemos dezenove bonecos para serem fotografados. Marionetes. E teve um personagem que foi usado só uma vez, só numa foto. Então tá lá o personagem foi usado só uma vez, mas não podia ficar sem ele, tinha que ter essa foto. E depois vamos falar: consegue publicar. Aí, até o lançamento é complicado porque você tem um custo, aí tem que arcar com o custo também. E a distribuição? A distribuição... por exemplo, nossos livros estão na livraria Janina. Teve uma outra livraria aí que os nossos livros não ficaram porque o esquema que foi proposto pra editora era complicado, tinha uma porcentagem que a editora achou exagerada. Quer dizer, nem em Cuiabá eu estou nas duas rodas de livrarias. E as livrarias... é aquela história de você tratar igual pessoas diferentes, você é meio injusto. Então eu acho que a gente merecia um tratamento especial por ser daqui, por estar lutando, por não fazer parte das grandes editoras, pra compensar essa dificuldade que a gente tem. E você não vê nenhuma livraria fazendo promoção com os livros da gente, não colocam os livros como oferta da semana. Você chega lá e os vendedores não sabem que existe o livro. A gente, de vez em quando, manda alguém lá pra testar e eles dizem: “Ah! não conheço esse livro”. Então você teria que ser tratado diferente pra conseguir uma igualdade. Mas eu sei que é muito difícil, muito complicado.

Ângela Fontana – E por parte do governo, existe algum incentivo nessa questão da distribuição?

Ivens Cuiabano Scaff – Não tem. Existiu um grupo chamado “Alimento” que era amigo do livro. Nunca fui chamado pra isso. E eu não ia lá de intrometido e depois eu soube que o grupo se desfez. Então, veja bem, eu gostaria que meu

livro estivesse pelo menos nas bibliotecas, mas não tem um caminho oficial. Então eu tenho que chegar lá e falar pro secretário, ou de Educação ou Cultura, não sei: olha! eu tenho esse livro”. E aí, depender do meu conhecimento, da minha influência, que é um caminho personalista. Primeiro que você tem que pedir, ele tem que ir com a sua cara, tem que ver em quem você votou na última eleição e se acaso você conseguir, você vai sofrer crítica: “Ah! Ivens é conhecido, então ele consegue as coisas”. Então, como não tem caminho oficial eu até agora não me animei de pegar o meu livrinho, colocar embaixo do braço e falar assim: você pode botar nas livrarias? Não é nem nas livrarias, mas nas bibliotecas. É complicado isso. E eu... eu tenho até um nome, porque sou médico e todo mundo me conhece. Eu sou amigo de toda a turma. Teve uma época que a gente fazia muita coisa junto. A Chica Capilé, o Aclyse, Wander, Lucinda entrou também. Então, eu conheço muita gente. Já fui coordenador de Cultura, fui conselheiro de Cultura do Estado e como eu não tenho muita aresta eu vou em tudo quanto é coisa que eu consigo ir. Às vezes eu saio do consultório 9:30... 10:00 horas, mas no que eu consigo ir eu vou. Então eu acabo conhecendo todo mundo. Talvez pra mim fosse, de todas as pessoas que eu conheço, fosse mais difícil do que para os outros, mas essa história de estender um esforço, ficar aquela coisa meio personalizada, e depois ainda não conseguir ou, se conseguir, alguém ficar falando... tudo isso cansa muito. E qual seria o caminho? O caminho seria muito fácil. Seria abrir as inscrições, um conselho veria o que seria interessante e ou sugeriria ou compraria para as escolas a cada ano. Eu não vejo muita dificuldade nisso. E a hora que a gente cobra da Educação a Educação fala que é da Cultura e a Cultura fala que é da Educação. É complicado. Eu quero a sua lista de obras mato-grossenses, seu levantamento pra eu conhecer também. Vou correr atrás.

Ângela Fontana – Então, do governo você nunca recebeu nenhuma espécie de incentivo?

Ivens Cuiabano Scaff – Não, nenhuma.

Ângela Fontana – E qual a tiragem das obras, em média?

Ivens Cuiabano Scaff – Olha, eu já fiz tiragem de 3.500. Foram todos de 3.500. o primeiro não foi pela lei. Nós fizemos “Uma Maneira Simples de Voar”,

“A Fábula do Quase Frito”, que teve duas versões. A primeira versão começava com uma HQ. Eu não sei nem se ainda existe esse exemplar, porque era a turma do Gonçalinho escutando um mais velho contar a história e aí introduzia a história do Quase Frito. Tem “Pena Azul” que é um texto que eu fiz há muitos anos e pensei até que estava perdido, mas o Wander tinha guardado. E aí, ele foi incluído no projeto “Eu leio, eu escrevo”. Olha aí, eu to falando que nunca teve incentivo... Foi o seguinte: para as crianças até o quarto ano primário tinha que ler a história e recriar a história e porque teve um concurso. Acho que se você entrar na Secretaria é capaz de ter isso. Foi na Bienal, na última Bienal. E para o ginásio foi um conto do Francisco Gabriel, que é arquiteto e escritor, irmão do Aclyse de Mattos. Francisco Gabriel de Matos. E pra mais adultos foi uma poesia da Marilza Ribeiro, “Um Certo Homem da América”. Então as crianças recebiam esse material e liam e cada um na sua faixa reescrevia a história. E teve... olha, a divulgação foi muito grande, porque foi o Estado inteiro pra isso. Foi legal. Eu acho que eu tenho um, não sei. Se eu encontrar eu telefono pra você. Primeiro ele saiu como publicação nossa mesmo. Eu e o Wander inventamos essa editora Tempo Presente, que na verdade nunca existiu. Era só pra colocar “editora do autor” e era o Modelo (supermercado) quem bancava e a gente distribuía. E depois ele entrou nesse projeto “Eu leio, eu escrevo”. Essa foi a única divulgação que a gente teve até agora. Pouca coisa. Eu até brincava com aquela moça que era esposa do Secretário de Cultura, o João Carlos... a Leonor. Eu falava: agora eu sou Best Seller, o que e tal. E esse foi. Agora, gozado... você não tem retorno direito pra saber o que aconteceu. Esqueceram até de me convidar no dia da entrega do prêmio. Eu fui saber depois que entregaram e tal. Esqueceram de me convidar (risos). Eu fui saber depois que me entregaram e tal. Agora eu acho que essa divulgação, pelo menos nas bibliotecas, já mudava muita coisa. Porque o que tá acontecendo comigo agora... porque teve uma época que a gente contratou um vendedor da editora Moderna pra chegar e falar: “Tem esse livro também, o autor vem conversar aqui”. Foi na época do Quase Frito. A editora Moderna chamou esse cara... ele que me contou essa história, ele nem ta mais lá. Chamou esse cara e disse: “Não faça isso”. Aí, ele chegou pra mim e disse: “Olha, não vou poder fazer isso. Eles foram claros. Não posso”. Como se a gente fosse concorrer com eles, né?! A editora Moderna é a que mais vende

livro. Mas aconteceu isso. Eu acho que tem espaço pra todo mundo. Naquela época os livros não eram caros, porque o formato, o acabamento que a Maria Teresa dá hoje, é muito mais elaborado. Sai mais caro. Eu sou amigo dos dois. Do Wander e da Maria Teresa. O Wander gosta de um projeto mais simples. Inclusive ele faz uma espécie de publicação em papel jornal “Estação Bispo”. Então ele faz trinta mil, quarenta mil exemplares e distribui. Com ele eu fiz esses mais simples. E quando a Maria Teresa quis fazer muito elaborado, eu estranhei muito. Eu disse: mas Maria Teresa, isso não vai dar certo, vai ficar muito caro. Mas o fato é o seguinte: a gente não conseguia vender os livros mais simples e o elaborado consegue. É a coisa mais estranha, isso. Nós já estamos acima de novecentos livros vendidos. Esse é o “Uma Maneira...”. nós vendemos muito no lançamento, aí vendemos muito no colégio Notre Dame de Lourdes, no colégio São Gonçalo, que eles foram adotados, aí você vende de bloco, mas essa venda de todo dia é muito pequena. Então a saída é o Estado comprar. E tem caminhos pra isso. (...) Achei que você ia perguntar pra quem eu escrevo. Essa é a pergunta mais difícil pra mim. Olha, teve essa semana da leitura, né?! Não sei se você foi no evento. Pois é, foi uma vergonha. Uma vergonha! A professora não sabia o que que ela tava fazendo ali. Os alunos não foram preparados. A criançada numa agitação total. O pessoal da organização falou que nos outros dias de manhã foi diferente. Eu queria até ver os outros dias, mas eu... Olha, eu tenho até uma cancha de mexer com platéia, porque eu sou professor, já fiz show com Vera Capilé. Eu tenho jeito pra isso, mas eu não conseguia controlar as crianças. A cada vez que eu chamava uma criança lá em cima pra tentar conversar, explicar o que era um livro, a platéia começava a xingar a criança de um apelido completamente pejorativo. Começaram a xingar o menino de cara de sapo. Eu fui perdendo mesmo a... sei lá. Foi muito esquisito. E aí, você vê, em termos de mídia falaram que foi um sucesso. Então tem muito dessas coisas. A coisa não funciona e depois na mídia fica bonito. Por exemplo, saiu no jornal... veicula, mas a coisa em si não funcionou, não. Não que eu seja totalmente a favor da Bienal. Eu acho aquela Bienal muito esquisita, eu acho ela muito grande. Eu tenho a impressão que ela é muito cara, mas essa é a impressão de fora. Os editores reclamam da Bienal. Fica muito caro pra eles fazerem os estandes e o retorno foi muito pouco. Os

editores gostariam também de colocar os livros nas escolas. É complicada essa história aí.

Ângela Fontana – Sobre a motivação pra escrever literatura infantil?

Ivens Cuiabano Scaff – Eu acho que basicamente lobatiano. Eu passei a minha infância inteira lendo Andersen e Lobato. Eu acho maravilhoso. Engraçado que eu não gosto muito de Grimm, mas Andersen pra mim... na primeira viagem que eu conseguir fazer pra Europa, eu tenho que ir lá pra ver a estátua da sereiazinha lá na estrada do... E aquela história do Andersen, o final nunca é completamente feliz. Ele é impressionante. Eu ficava grilado, porque não tinha história ambientada aqui. Eu ficava lendo e eu gostava, mas eu preenchia aquilo na minha imaginação com paisagens nossas. Mas a primeira vez que eu falei: vou escrever pra crianças, foi uma vez que teve um concurso no SESC, que eu escrevi sobre uma... eu perdi isso aí... escrevi sobre uma lagoa que teria no Morro de Santo Antonio, que tem uma peraputanga de ouro e tem uma lenda cuiabana, né?! Não sei se só da minha época. Eu escrevi uma coisinha sobre isso. Aí, esse “Uma Maneira...” foi um pedido de uma menina que estava organizando uma feira. Ela queria um folheto sobre o minhocão. E aí eu fui escrever o folheto que não ficou pronto a tempo, porque eu não conseguia parar de escrever e aí eu fui até metade do livro, que é a história da menina que encontra o minhocão. Aí, eu achei que a menina tinha que ter um par e se você reparar são dois pares. A menina e o velho e o menino e a velha. Naquela época eu estava lendo muito young e anima e tal e eu fui encaixando as coisas. E por exemplo “Mamãe, Sonhei Que Era Um Menino de Rua” saiu pronto assim. Tem umas coisas que saem meio prontas, né?! Então é a grande dificuldade que eu acho. É pra quem que eu tô escrevendo. Agora eu tô pensando mais nisso. Mas os outros eu acho que escrevi pra mim. Foi uma coisa assim meio... ué, mas porque que não tem livro assim, o cenário e a ambientação em Mato Grosso? Mato Grosso não existe? Porque se minha pátria também é parte do livro, Mato Grosso não existe na pátria, sei lá o que. Então, agora que eu escrevi uma coisa que eu mirei, assim. Que é... chama... já está sendo ilustrado pelo Marcelo Velasco, já está sendo diagramado pela Maria Teresa. Então, a Maria Teresa diagrama e deixa as manchas pro Marcelo ver o que vai colocar ali. Claro que aí o Marcelo empurra

O texto pra lá e fala: "Não quero assim". Aí é aquela coisa, né?! A idéia original, graças a Deus, nunca é a final. Chama-se "Mamãe Loba e Mamãe das Cavernas", porque eu não gosto de cachorro, sabe?! Eu sou impressionado, porque a maioria das pessoas que eu gosto, gosta de cachorro. Então, é uma coisa estranha, né?! Seria até mais fácil se eu gostasse de cachorro. Eu não gosto de gato, eu não gosto de nada. não gosto de bicho. Eu gosto de peixe. Meus amigos de infância eram os peixes. Eu nadava no rio no meio dos peixes. Então esse livro eu fiz, imagino que pra criança entre seis e nove anos. Que é o primeiro momento que um homem fica amigo de um cachorro. Só que eu botei a mamãe, que ia chamar Mamãe Cachorra, mas aí alguém me alertou a tempo, então virou "Mamãe Loba e Mamãe das Cavernas". É o primeiro momento que eles estabelecem amizade. E ela é cheia de brincadeiras justamente porque eu estava visando mais criança. Mamãe loba tinha três medos. Papai das cavernas... então cada um tinha três medos e eles foram desistindo do medo e foram se unindo pra se proteger. Um dos medos era um do outro e eles vão desfazendo aquilo. Eu gostei muito da história, porque por exemplo, a "Fábula do Quase Frito" algumas mães amigas me falaram: "Ivens, não dá pra escrever um troço mais curto?". Porque a criançada que escutar a noite e nunca que acaba. Falei: eu vou tentar fazer isso. Aí, minhas histórias ficaram um pouco temáticas, por exemplo, o "...Quase Frito" eu fui ver uma apresentação numa escola que eles encenaram e eu não sei se por falta de dinheiro eles foram tirando o cenário, foram descascando a história. Hora que eu olhei: mas meu Deus, é a história do "Patinho Feio" e não tinha notado. O "Patinho Feio" não sabe que bicho ele é. O Quase Frito é um bicho queimado que não sabe se é formiga, se é cigarra ou se ele é um bicho preguiça. Aí, eu falei: saiu igualzinho! Tomara que ninguém note essas coisas. Aí, o "Mamãe, Sonhei Que Era Um Menino de Rua" eu quis falar sobre essa coisa de a gente achar que a gente não tem nada a ver com isso. Foi pra provocar mesmo. E eu me senti muito feliz, porque teve um dia nas escolas que teve um menino que fez uma pergunta que tava na cara que foi o pai que fez, que era a seguinte: "E você? O que você já fez pra resolver a questão do menino de rua?". Tenho a impressão que ele pediu pro pai e a mãe pra ajudar e o pai e a mãe ficaram furiosos. E eu acho que aí eu atingi meu objetivo. E o "Papagaio Besteirento...", ele é completamente metido. Ele acha que ele é descendente dos papagaios

símbolo dos bororos. É uma confusão. Eu gosto desse livro porque ele é uma piada. Eu usei o papagaio da piada e no meio eu uso uma lenda bororo. Tem outra história que é um bicho do Pantanal e que só as crianças sabem o ninho, qualquer coisa assim. E elas fazem um mapa. Aí vem uma equipe de Miami que quer levar o bicho pra um aquário daqueles. E começa assim. pra menina eles falam... eles mandam uma professora de biologia, e encanta ela com o conhecimento e promete um estágio num lugar. Pro menino eles dão uma carretilha. Então são cinco desses personagens que vão sendo conquistados e começam a achar que o melhor lugar pro bicho é o aquário. E tem um menino, ou uma menina, eu ainda não sei como eu vou fazer, que ele não... o pedaço dele (do mapa), ele não entrega. E ele começa a ser discriminado pelos outros, mas eu não sei fechar esse livro, mas eu vou descobrir. Eu acho que vou... que esse... eu queria falar que com corrupção você não fala sim ou não. Você vai entrando e a hora que assusta todo mundo é corrupto. Eu tenho essa experiência, eu perdi muitos amigos que foram se metendo nesses caminhos e depois falam assim: “Ah! mas você só pensa em trabalhar, você não se diverte, né?! Você não vai pro manso, sei lá pra onde.

Ângela Fontana – Achei o tema desse livro muito interessante.

Ivens Cuiabano Scaff – Esse é muito bacana, né?! Esse eu vou acertar a mão.

Ângela Fontana – O menino ou a menina vai ter que ter uma personalidade forte pra não se deixar convencer.

Ivens Cuiabano Scaff – É, porque... ele começa a ser o vilão do grupo. É ele que ta desestruturando o grupo. Ele é o chato, mas é o salvador. Aí eu tenho que ver onde que eu vou esconder, não sei se vai ter que perder a memória... alguma coisa eu vou ter que fazer.

Ângela Fontana – você escreve vários livros ao mesmo tempo ou prioriza um. Como é?

Ivens Cuiabano Scaff – Agora eu estou priorizando “O Soldado Grego”, porque eu me apaixonei pela história. Aí aparecem livros super bacanas, né?! Apareceu agora um livro de filosofia, um fantástico sobre a civilização grega, o porquê das coisas. Porque que eles eram comerciantes, porque que eles eram

navegadores. Então, agora eu resolvi montar o avô do menino. Aí, o povo fala: “Mas quando sai isso?”. O meu problema é que fazer medicina é muito complicado. Um primo meu pediu uma coisa rápida. Eu to montando uma história de um rapaz e uma moça que estão encenando Romeu e Julieta. Só que ele é drogado, vai lá porque foi indicado pela terapeuta e ela é uma jovem atriz com tudo pela frente. E há um embate dos dois e eles acabam transando sem camisinha na cena do sepulcro. Aí ele descobre que está com Aids, que é uma coisa. Esse é um projeto que meu primo quer apresentar pra depois discutir modos de transmissão da doença. Então eu to revirando um jeito... Eu consegui baixar da internet o texto e só selecionei três cenas. A cena do sepulcro pra usar as frases de Shakespeare. Esse eu estou maravilhado. E de repente eu faço um romance infanto-juvenil.

Ângela Fontana – Esse ainda está na cabeça?

Ivens Cuiabano Scaff – Não. Esse já tá... já deletei vários trechos e deixei só os que vou usar. O que ta pronto é só “Estela e os Magos”. “Mamãe Loba...” já está diagramado e falta o Marcelo desenhar. E “O Menino Órfão e o Menino Rei” dia dezessete sai da gráfica. O livro com a história sobre a Grécia tem como título provisório “Telêmaco na Praia”, porque eu escolhi Telêmaco e depois descobri que o filho do Ulisses também chamava Telêmaco. Eu devo ter lido e esquecido. Eu queria um nome grego, mas... Todas as histórias estão lá na “Odisséia”, a história da Branca de Neve, do Caçador... alguém já falou... até estava conversando com um amigo meu... O Homero sempre que você lê, você encontra uma coisa nova. E olha quanta coisa tem pra fazer na vida. Maria Teresa queria que eu escrevesse sobre o momento zero da história. A história de dois meninos que vieram andando... mas eu não queria escrever pra criança porque é uma história de crueldade, de gente ruim. Mas na história de Homero isso é péssimo também, mas uma hora eu vou dar jeito nisso. Porque qual é o tom pra você escrever pra criança? Se for pra escrever pra adolescente eu posso fazer isso, porque o pessoal era... como dizer... o ser humano era “rudo” (risos).

Ângela Fontana – Sobre a escolha dos temas, eles surgem a partir de um estudo ou você escolhe, programa?

Ivens Cuiabano Scaff – Pois é, eu estava falando que cada um... o “Papagaio...” é sobre personalidades insolentes, “Mamãe Sonhei...” é sobre a solidariedade e crítica social, no “...Quase Frito” é sobre ecologia, mas isso eu vi depois. Com tema proposital são os que vêm depois, o “Mamãe Loba...”, o resto vai saindo assim, não sei como. Até porque... tem uma coisa que eu considero uma sacanagem comigo. Eu dou aula na Federal, eu dou aula na Unic, eu atendo pacientes com Aids no Estado, faço consultório e hospital. Quer dizer... não tem uma hora pra eu parar, ficar pensando e tal... então eu tô sempre fazendo o que me vem na idéia, aí eu anoto. Por exemplo, esse livro “Estela e os Magos”, eu quis escrever sobre luto. Eu perdi muita gente na família, eu quis escrever sobre isso. E eu comecei a ficar grilado porque Deus não aparecia na história. Eu falei: mas como é que eu vou escrever uma coisa sobre morte e não vou entrar no céu. Aí, um amigo me falou: “Deus está inteirinho aqui, você só não falou o nome dele”. Eu converso muito, como estamos conversando aqui. Aí, eu tô inventando personagens sempre. Aí, o pessoal dá opinião e tal. Mas de maneira geral, os meus amigos não leram meus livros. Eu tenho amigos de todo tipo, mas não é um pessoal que gosta de ler e isso faz falta completamente. E como eu não tenho formação, eu não fiz faculdade de Letras, eu não tenho uma turma pra discutir literatura. Se eu tivesse tempo... uma pessoa que eu tenho um pouco disso é o Wander, apesar de agora a gente estar muito afastado, mas toda história dele ele dá um grito: “Eu quero que você leia”. Até porque, às vezes, ele está inseguro... será que esse pedaço ficou bom? Ficou ótimo. Eu falo: Está ótimo! Não mexa nisso. Porque ele é daqueles que quer mexer em tudo, né?! Tem um livro maravilhoso dele, história em quadrinho sobre o pai que alugava a filha. Agradeça a mim. Eu não deixei ele mudar muita coisa, porque ele achava que não estava bom. Mas fora Wander e Aclyse que eu encontro de vez em quando, não tenho convivência com pessoas que escrevem. Você escreve?

Ângela Fontana – Eu rabisco. Mas todo mundo rabisca alguma coisa, né?!

Ivens Cuiabano Scaff – Eu tenho um versinho altamente provocativo: “Desde que fiz Letras, nunca mais cometi versos”. Você trava.

Ângela Fontana – Acho que a teoria seca a gente.

Ivens Cuiabano Scaff – A teoria nos deixa secos. Acho que a gente tem que ir até o limite do ridículo e depois fazer o caminho de volta. Porque eu fico... A minha poesia... minha poesia... tem hora que eu falo: isso não é mais poesia, é qualquer outra coisa, umas frases soltas... aí, falam: “Isso é poesia infantil?” Aí eu sou muito grilado com a poesia, porque eu li muito mais poesia. Eu gosto. E eu vou fazer esse espetáculo esse ano. Fizeram um boneco com a minha cara. Aí, eu pedi pro Marcelo, ele vai refazer o boneco pra que ele possa mexer a boca. Isso é segredo ainda. Em vez de foto da gente no livro, tem a foto do boneco. Eu e o Carlão. E eu quero usar esse boneco pra uma das coisas que eu mais gosto. Vou fazer um espetáculo, mas só poema. Poema em linha reta do Fernando Pessoa. Aquelas coisas mais... e eu manipulando. Vamos ver se vai dar certo. Hoje no café da manhã eu vi um livrinho de capa preta que é igualzinho a capa do “Excalibur” e do “Inimigo de Deus”. A história do Merlin, mas eu não conhecia a moça lá na padaria pra perguntar sobre o que era, mas eu decorei a capa do livro. Ah! Eu tenho tudo, o Santo Graal, tem o livro do Jorge sobre a morte do Arthur. Agora, se eu conseguir fechar esse livro da Grécia, meu próximo vai ser ler “As Mil e Uma Noites”. É lindo, né?!

Ângela Fontana – Gostaria que você me falasse sobre os elementos simbólicos em *Uma Maneira Simples de Voar*.

Ivens Cuiabano Scaff – A história inicial era uma menina muito curiosa e o seu par é o velho, a figura do saber. A menina consegue chegar no sítio porque é curiosa, então ela chega no sítio pelo sensorial. É o cheiro da banana frita. Enquanto o menino chega no sítio pelo raciocínio. Como ela trouxe manga e não era época de manga, ele tinha que achar um lugar que cheirava manga. Então ele é o “animus”, a figura mais racional e ela a figura mais feminina, o “anima”. A velha eu quis lembrar um pouco as nossas. Enquanto o velho guarda um saber mais prático, ele sabe onde que tem o peixe, isso e aquilo. Ela é a que tem o saber mais místico, por isso que eu fiz uma provocação, não sei se você nota que o nome dela é Branca Flor, Blanche Fleur. Todas as mulheres misteriosas do ciclo arturiano são Blanche Fleur. Tem uma que é a mais importante que se apaixona por um cavaleiro e ela seduz ele pra defender o castelo dela que está sitiado, mas tem muitas mulheres na literatura com esse nome, Blanche Fleur. Eu dei esse nome como lembrança. Eu sou

apaixonado pela história de Arthur. Eu faço uma brincadeira com o tempo, o tempo corre mais devagar, o tempo corre mais depressa. Agora, o touro azul é tudo a ver e não tem nada pelo seguinte: uma amiga minha que é poetisa, falou assim pra mim: “eu gostei tanto daquela simbologia da adolescência que é a hora que eles montam num boi brabo e não sabe pra onde é que ele vai te levar”. Eu falei: Ah! Obrigada, mas eu não tinha pensado em nada disso. O touro azul, ele é azul primeiro porque azul é uma cor fantástica, né?! Mas, meu pai contava história e quando ele acabava a história e eu queria mais, porque eu sou filho de pais bem mais velhos, meu pai é de 1907 e eu sou de 1951. Bem, não é tão mais velho, mas na época eu achava que era mais velho. Então ele contava muita história e quando não tinha história ele contava uma história do touro azul, que não era de história nenhuma, sabe?! Ele fazia ligação entre as histórias e segundo o pessoal lá de casa o papai contava o que dava na cabeça dele. Ele foi com o touro azul no banco, encontrou o gerente, sabe... ele fantasiava. A figura do touro é uma figura de força. Gozado que nós vivemos num Estado de pecuária e o touro é submetido. Apesar de que essa idéia nunca passou pela minha cabeça, o touro pra mim sempre foi uma idéia de força, depois eu fui saber que a religião de Mitra, que veio antes do cristianismo... deus sol... que a comemoração é 25 de dezembro, o touro é importantíssimo. Mas eu não sabia nessa época. Eu criei ele mais pra fazer essa figura de uma coisa poderosa que eles subiram em cima e tal. Agora, tem coisas que eu peguei no próprio folclore. A história da cuia, aquilo é uma tradição nossa. O minhocão é uma tradição nossa, o negrinho d'água é uma tradição nossa. Naquela história das ervas que ela consegue resgatá-los, eu só usei ervas medicinais, eu não conheço ervas, eu fiz uma brincadeira e falei: Ah! eu vou usar erva medicinal. Agora, depois que eu fiz aquilo de eles serem vomitados pelo minhocão... eu não sei se você repara... Jonas! E depois eu fui ler Jonas e descobri que Jonas é uma alegoria da morte de Cristo. Cristo passa 3 dias e 3 noites no escuro da morte. A gente não sabe nem se Jonas existiu ou se era uma alegoria do que viria depois. Engraçado que essas coisas não passam pela cabeça da gente. Eu não falei: eu vou usar isso. Agora o sítio em si... claro! Eu sempre fui apaixonado pelo Sítio do Pica-pau Amarelo, mas esse sítio, se você for olhar ele geograficamente, ele é um sítio na beira do rio Cuiabá. Eu falo de algumas coisas geográficas, eu falo do Minhocão do

Engorgador, eu falo Minhocão do Pari, que são duas localidades do Rio Cuiabá. Quando eu fui em Tangará vender o livro e dar uma palestra na universidade um gaúcho perguntou o que que aquilo tinha a ver com Tangará. Aí eu falei: olha, hoje eu fui numa escola e o porteiro da escola me falou que existe o minhocão aqui no sítio do seu fulano, na beira do Rio Sepotuba. Olha, eu acho que o que eu escrevi aqui serve pra qualquer civilização fluvial. Mas ele quis dar a entender, tipo: vocês cuiabanos não tem jeito. Achei aquilo tão... ele não tinha lido o livro... não conhece as lendas, tava por fora e não sei o que ele queria questionar. Eu tive a sorte de encontrar esse porteiro porque ele me garantiu que é verdade, que lá existia. Eu faço uma brincadeira, eu não sei se você notou, que os ladrilhos da casa são vermelhos, porque eu tenho uma sobrinha que quando ela era pequena, ela era invocada onde que iam dar o caminho de ladrilhos do Mágico de Oz. Ela segue um caminho onde ninguém sabe onde vai parar. Eu pensei: vamos ver que é que vai descobrir. E é vermelho porque é uma coisa muito cuiabana, a gente usa muito com vermelho. Eu fiz uma brincadeira e falei: acho que ninguém vai notar isso, vai achar que foi só uma coisa do cenário cultural. E o menino chama *Andriel* porque Andri é homem e *el* porque são todos os anjos: Rafael, Gabriel e Miguel.

Ângela Fontana – E sobre a personalidade da menina?

Ivens Cuiabano Scaff – Ela é muito curiosa, né?! Ela tem uma coisa que eu tinha na infância. Ela tinha tédio. Tudo que tinha pra fazer ela já fez, ela quer outra coisa. Eu acho que ela era igual aquela frase da Clarice Lispector: “liberdade não me basta, o que eu quero ainda não tem nome”. É aquela coisa assim, ela quer um mundo novo, ela quer descobrir, criar um mundo novo. O menino já é tão comportado porque o menino foi criado em função dela, quem existia primeiro era ela. Tem hora que eu gosto mais dele e tem hora que eu gosto mais dela. Agora, na minha... eu falo isso no texto... na hora que eu apresento a menina, na primeira vez que ela aparece... eu imaginei ela muito pequenininha, muito pequenininha mesmo, do velho assustar em ver o que aquela menina estar fazendo sozinha ali, e o Marcelo cresceu a menina. Então, o que move a menina é essa curiosidade, essa ansiedade, mas não a ansiedade de uma coisa ruim. O mundo dela não cabe ela, ela quer mais, aí

ela encontra o velho. Dá a impressão que não tinha ouvidos no mundo dela, aí ela encontra respostas. Eu não sei se falo isso no texto, mas a impressão que eu quero passar é a de novas perguntas, é uma coisa que não pára. E a amizade com o menino... ele é o único que nota a fala dela, apesar do tempo do sítio ser diferente. Como ele gosta dela, ele sente a falta dela.

Ângela Fontana – Em relação ao processo de ilustração, você e o Marcelo chegam a conversar e combinar alguma coisa? Existe a sua intervenção ou a criação é totalmente dele?

Ivens Scaff Cuiabano – Olha, esse livro foi desenhado a muito tempo atrás, numa época em que o Marcelo tinha mais tempo e eu tinha mais tempo. Então cada cena que ele fazia, eu ia lá pro ateliê dele e a gente conversava todas as coisas, inclusive do desenho. Então era um lance de curtir mesmo. Por exemplo, o primeiro desenho que ele fez foi do minhocão e eu adorei o desenho do minhocão. O segundo desenho foi da menina e tem coisa que na hora você estranha, por exemplo, essa história de que eu imaginava a menina muito menor. Aí, olhei de novo e gostei. Acho que eu interferei pouco, porque... Acontece que o pai do Marcelo tinha um sítio na beira do rio e acho que ele viajou na história por conta disso. Então eu já gostava do risco dele, já gostava das paisagens, já conhecia a obra dele. Então eu não me lembro de nenhum conflito. Eu chegava lá e ficava maravilhado. Lembro do dia que eu cheguei e vi o velho e a menina vomitados pelo minhocão com aquela gosma, aí eu chorei. Aí criou um problema quando ficou pronto, porque ficou caro e aí não tinha como fazer, sabe?! Aí foi por isso que demorou tanto tempo. Aí nós tínhamos a versão que o Marcelo fez toda em bico de pena pra gente poder... pela lei tinha um teto pra gente pedir, só que naquela época a gente respeitava o teto e eles davam a quantidade que você especificasse, depois começou a história dos cortes porque tinham uns abusos e aí o corte virou uma rotina e muita coisa deixou de ser feita por várias pessoas, mas a minha relação com o Marcelo em relação aos desenhos era assim: eu chegava lá e ficava maravilhado, até porque eu sou desenhista frustrado, eu não desenho porque eu acho que só pode ser desenhista quem desenha todo dia. Porque senão você não pega o traço e o Marcelo... eu gosto muito do desenho do Marcelo. Eu quero fazer um trabalho com o Jonas porque eu gosto muito da pintura do Jonas. O Jonas tem

uma coisa criativa, tem aquela coisa de ser sempre ousado. Agora, o próximo livro “Mamãe Loba...” é com o Marcelo também. Aí fico enchendo o saco dele, entro na internet, pego pintura rupestre e mando, fico pressionando. Ele tem o ritmo dele.

Ângela Fontana – Em relação à revisão?

Ivens Cuiabano Scaff – Teve coisa que eu não aceitei. Teve coisa que ela sacou, por exemplo, tem uma hora que eu falo que o menino volta pra puxar a espada na estrebaria. Aí ela escreveu: por mais que seja época medieval, ninguém guardava espada na hospedaria. Eu troquei as palavras. Então, tem umas coisas que ela me livrou, mas tem outras que eu falei: isso não. Porque eu tive um outro revisor num outro livro que eu falava assim: “estava ficando tardinha, tardinha” e o revisor cortou o segundo “tardinha”. Era um professor de português daqueles antigão, sabe?! E tudo que era coloquial ele desfez. A sorte foi que eu tinha guardado o texto. A Eliete foi bem. Ela não mexeu no texto, só na clareza. Porque tem coisa que a gente não nota se ficou claro. Agora, depois de tudo pronto, depois que ela já tinha revisado, que eu já tinha revisado, devolvido pra ela... A gente conversando... Porque a gente revisou, mas o digitador fez algumas modificações, aí apareceram duas frases truncadas. Menina, eu vou parar. Ah! menina, se eu ... eu falo demais. Se não parar aqui ficamos até de tarde. (risos)

Ângela Fontana – Obrigada, Ivens. Foi maravilhoso.

ANEXO 10 – Entrevista realizada em agosto de 2008 com o artista plástico e cartunista VALDEMAR SOUZA

Ângela Fontana – Valdemar, como surgiu a idéia do cartum, como você criou os personagens?

Valdemar Souza – Inicialmente foi o seguinte. Uma vez, indo para o Porto do Jofre, me deparei com uma sucuri engolindo um jacaré. Paramos o carro. Olha que coisa interessante! E o jacaré se debatia tentando sobreviver. Eles (as pessoas que o acompanhavam) queriam tirar e eu falei: não! É a lei da natureza. Eles é que resolvam o problema deles, nós estamos aqui como observadores. No outro dia, quando retornamos, você não acredita! Estavam lá do mesmo jeito, só que a sucuri já tinha engolido metade do jacaré e ele estava vivo ainda. E tem uma outra coisa que aconteceu quando estávamos lá. Tinha um senhor atirando nos passarinhos menores. Eu perguntei a ele: “Por que você mata os passarinhos?” Ele me respondeu: “E mato por nada, não. É só pra treinar a pontaria. Quanto menor, melhor. É pra ver se eu sou bom de tiro.” Essas coisas mexeram comigo. Eu pensei: eu devo fazer alguma coisa sobre isso. Então comecei a escrever. Fiz dois cartuns pequenos que tinham o cara atirando nos passarinhos pra treinar a pontaria. Aí, nasceu Cayman & Filhote da cena do jacaré e a sucuri debaixo da ponte. Aí, a idéia de fazer o cartum foi crescendo. Mas no início eu desenhava muito mal. Os desenhos não me satisfaziam. Então eu fui treinando, treinando até o desenho ficar compatível com o texto. Agora está sendo legal. Tem pessoas que são fãs do cartum.

Ângela Fontana – Isso foi em que ano, você se recorda?

Valdemar Souza – Ah! Isso foi há uns vinte anos atrás. Mais ou menos entre 1987 ou 88 ou 89... que nasceu a idéia do *Cayman e Filhote*. A idéia nasceu de um fato real.

Ângela Fontana – E quando foi que você conseguiu transformar essa idéia em livro?

Valdemar Souza – Então, eu fiquei com o material pronto. Na época do governo Dante aprovaram para ser publicado pela lei de incentivo e fazer mil exemplares. Foi publicado, mas eu, com muita inexperiência não soube conduzir o material. Não estava maduro comercialmente para lidar com isso. Então todos os exemplares foram vendidos muito rapidamente. Depois eu recebia ligação de várias pessoas, inclusive de hotéis que queriam o material para fornecer aos turistas e eu já não tinha mais. Aí, fui me envolvendo com publicidade e deixando o material de lado. Agora quero retomar esse projeto. Já tenho uma segunda edição pronta. Pretendo lançar. Estava pensando até em fazer uma publicação dupla, uma coisa bem bacana, porque o primeiro exemplar teve uma tiragem tão pequena que ninguém conhece o material, ninguém tem acesso. Recebi o telefonema de uma pessoa do *Diário de São Paulo* pedindo o material. Eles adoraram o material, mas acabei perdendo o contato. Este é um material juvenil e para adulto também, porque eu uso uma linguagem mais direcionada. Tem todo um teor poético e filosófico, é cheio de humor. Alguns artistas, amigos meus, gostam tanto que me chamam pra criar mais tiras, fazer o trabalho juntos. Mas não dá certo. É um casamento do autor com a obra. A outra pessoa não vai entender... criar... dar o sentido da mesma maneira. Desafina. Eles admiram o trabalho e querem participar. Mas cada um tem um jeito. Por exemplo, eu falo da estricnina, aquele veneno que colocam pra matar capivara. E falo de uma maneira que não atinge ninguém, mas alerta. Falo apenas do problema. Meu irmão me diz: “Nossa! Como eu gosto desse cartum. Ele faz você pensar.” Aí ele produziu uns dez textos. Eu fui ver e fica totalmente sem sentido. Ficou outra mentalidade. Então a obra é muito do autor. O desenho e a escrita estão ligados. É um casamento. É igual a pintura dos meus quadros. Eles têm uma estética e umas cores que se você fizer de outra maneira não funciona. Eu tenho um esboço que fiz pra uma pessoa que adora esse desenho (fala apontando um de seus quadros), mas ela foi pintar e não funcionou. Acabou. Usou só a estrutura, não conseguiu um bom resultado. Tem que estar afinado na mesma sintonia, senão não funciona.

Ângela Fontana – Que material você utilizou pra fazer os desenhos do *Cayman & Filhote*?

Valdemar Souza – Papel opalino ou qualquer coisa. Geralmente esboço com uma lapiseira e faço acabamento com nanquim... pincel mesmo.

Ângela Fontana – Como foi o início da sua vida de artista?

Valdemar Souza – Eu comecei a trabalhar muito novo e tinha que ter muita criatividade, porque minha mãe era muito pobre e eram sete irmãos pra criar. E eu não gostava de ser empregado de ninguém. Eu comecei vendendo picolé, mas eu não gostava de vender onde todo mundo vendia, então eu ia nos lugares mais longe, onde tinha o pessoal que fazia tijolo, cerâmica... então eu vendia tudo rapidamente. Quando alguém descobria minha trilha eu logo fazia outra. Eu gostava de fazer diferente. E eu gostava muito de desenho. Uma vez, tinha um senhor trabalhando, chamado peixinho. Ele desenhou o Pateta. Eu fiquei olhando e ele disse: “Guri, você gosta de desenho? Eu tô precisando de alguém pra me ajudar lá.” Eu disse: “Eu quero aprender, porque eu gosto de desenho.” Ele perguntou: “Você desenha?” Eu falei: “Não”. Mas ele falou: “Você pode aprender.” Aí... legal! Aí, já comecei ajudando, lavando pincéis. E um dia ele tava pintando, terminou e o cara perguntou: “Quanto é?” Trezentos reais, por exemplo. E eu falei: “Meu Deus! É dinheiro pra caramba. É isso que eu quero. Além de ser uma coisa que eu gosto, dá dinheiro.” Aí, comecei a trabalhar lá na firma dele. Fui fazendo letras, trabalhando. Fui adquirindo intimidade com as tintas. E, de repente, eu já me deparei comigo montando minha própria firma. Em três anos eu já trabalhava por conta. Eu devia ter uns 14 anos quando comecei a trabalhar.

Ângela Fontana – quando você começou a pintar suas telas?

Valdemar Souza – Eu comecei já tinha 25 anos. Comecei fazendo retrato. Eu gostava muito daquela academia da pintura perfeita. E foi uma escola maravilhosa. Hoje, talvez, o meu modernismo seja bonito e muito aceito justamente por essa técnica que eu aprendi com esse movimento, essa academia, por eu ter estudado a parte mais certinha da arte. Porque ninguém recebe um retrato se não for a pessoa que você desenhou. Ninguém vai receber o pai se não for o pai, ou a mãe se não for a mãe.

Anexo 11 – Entrevista realizada em outubro de 2008 com SALIME DAIGE MARQUES (Coordenadora da Biblioteca Pública Estevão de Mendonça)

Ângela Fontana – Salime, você poderia me falar sobre o papel da Biblioteca Pública Estevão de Mendonça em Mato Grosso, bem como sobre os projetos de leitura e literatura infantil mato-grossense, desenvolvidos por ela?

Salime Daige marques – Eu gostaria primeiro de informar sobre a Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça. Ela tem tido um papel muito importante, porque ela é vinculada à Secretaria de Estado de Cultura e por ela ser referencial literário. Nesse caso de se aumentar o acesso à leitura, o acesso ao livro, ela tem um diferencial de todas as outras bibliotecas, porque ela é fomentadora, é ela que instiga, ela que tem que ser modelo vivo de uma biblioteca. Modelo! Dentro dessa Biblioteca Estadual existe um outro setor que administra todas as bibliotecas públicas municipais do Estado de Mato Grosso, que é o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, na qual é vinculado a Fundação Biblioteca Nacional. É uma responsabilidade, porque além de sermos uma biblioteca modelo pra capital e pra outros que aqui visitam e vem até buscar inspiração de montagem e de acesso a livros, ela também tem esse setor aqui que administra as bibliotecas do Estado com papel. Pelo Sistema Estadual ela tem um papel de repassar livros da lei de fomento à cultura, que os autores têm uma porcentagem, contrapartida pra deixar pra cultura. Nós repassamos esses livros. Bem como o papel fundamental do sistema de qualificar os agentes de bibliotecas públicas dos municípios e fomentar também as ações do governo federal, como no caso, no momento nós estamos dando continuidade com implantação e modernização de bibliotecas que já desde 2005 tem sido repassado pro Estado através do Ministério da Cultura. E agora os ponto de mais cultura, que tudo tem a ver com espaço de leitura, com cantinho de leitura e que é um dos objetivos, porque acreditamos que esse cantinho de leitura, esse espaço de leitura nada mais é do que um estímulo pra que a sociedade se torne uma futura leitora. Eu me sinto honrada, porque tem

sido um desafio dar continuidade às ações federais e ao mesmo tempo tem iniciativa estadual. E é isso que tem proporcionado a alegria e o prazer de ver a biblioteca depois de sua reforma. Porque este prédio foi restaurado em 2004. Passou pela quarta reforma e também a AMPA, que são os produtores de algodão. Foram eles, que o governo capta através deles pra que todo esse prédio fosse reformado. Eu falo reformado e não restaurado, porque ela foi incrementada no piso, na frente com granito, as laterais nos corredores do piso inferior aqui do piso térreo estão com ladrilhos na parede. Isso não tinha, não é original. O restauro não deveria tocar na originalidade do prédio. E depois disso, então, a AMPA, depois da estrutura física ela então passa a entregar para o governo, pra Secretaria do Estado de Cultura, os mobiliários, os equipamentos, entregam o auditório todo. Tem 44 poltronas, passaram pra gente o telão, toda a climatização do espaço pra dar conforto à sociedade. Eu fico assim, pensando que a gente vem participando de eventos a nível federal, encontros de bibliotecas, de coordenadores de bibliotecas de todo o país e agora existe um modelo de referencial que vai surgir, espelhando em bibliotecas da América Latina – Bogotá, Chile – pra que essas bibliotecas sejam referencial, modelo. Existem já quatro Estados no Brasil que vão ser referencia desse protótipo, desse modelo de biblioteca que estão assemelhando da América Latina. Mato Grosso infelizmente não foi contemplado. É isso que nós reivindicamos... que todas as capitais tenham uma biblioteca de referência. O que é isso? A biblioteca referência é uma biblioteca que hoje... nós estamos... a verdade... está tendo uma evasão dentro das bibliotecas. Pelo fato da competitividade com internet, né?! Por que então esse movimento de acesso a internet gratuita à sociedade? É por causa disso. Porque ta faltando um trabalho pedagógico pra que estimule e haja um concurso ou motivação pedagógica ligada na área de... talvez de professor de informática com pedagogia, com ênfase em pedagogia ou pedagogia com ênfase em informática, pra que dê continuidade, estimule o aluno a sair das salas só de bate-papo, que também não é uma coisa tão negativa, porque na verdade ta exigindo que a sociedade, o jovem, expresse o que sente na escrita. Isso, a maioria das vezes, já é um caminho pra escrever uma carta. O orkut tá preparando isso, né?! Mesmo que de uma forma equivocada, com códigos, mas eles estão passando o que sentem. Isso já é um livro. Precisa então

desses profissionais, nessas linhas, pra direcionar. E ainda mais que nós estamos na era da informática, o que melhorava ainda para as bibliotecas, porque elas precisam... já existem livros eletrônicos, informações eletrônicas, online... informações, divulgações de acesso. Tudo é conhecimento, tudo é importante pra construção de um pensamento, de uma ideologia. As bibliotecas... os protótipos de referência de biblioteca vão ser como um mini-shopping, pra que atraia principalmente jovens e crianças. Com campo jovem, com uma linguagem jovem, campos infantis com linguagens infantis. Sempre inserindo o virtual. É muito legal mesmo. Tirando um pouco das mesas e cadeiras e nos espaços de leitura com pufes e tapetes pra que a pessoa se sinta bem a vontade. Existe também um espaço que é um mini cinema, onde você vai ter vários documentários de artistas e escritores ali te dando um feedback no seu trabalho. Tornando um pouco mais dinâmica e não passiva. Então há possibilidade também de um restaurante, lógico que tudo muito bem definido, cada um no seu espaço pra que não interfira e continue preservando essa questão do livro, da preservação de tudo isso. A biblioteca não está longe, esta que você está aqui. Nós estamos trabalhando com o setor. Se você entrar no acervo geral, logo você entra no setor de Mato Grosso. Se você entrar no setor de Mato Grosso, tem (obras). Agora estamos fazendo um projeto no qual fazemos parte da agenda única e na prefeitura na semana da consciência negra, onde temos uma sala afro. E há essa atividade cultural com várias atrações e palestras excelentes... a questão da diferença racial ou da crítica. Temos que levar a conscientização, o que que é, porque consciência negra... nesse dia. Vai ter algumas pessoas que são negras, pessoas da área de cultura que vão ta falando. Nós tentamos... a biblioteca tenta caminhar... lógico que não são todas as atividades pedagógicas, datas comemorativas que se faz necessária uma demanda muito grande com o Estado, não é só local, mas é legal porque agora nós estamos com os gerentes que não tinham. Mas agora nós temos o atendimento, o gerente de atendimento de literatura que ta podendo dar um olhar mais específico pra essas áreas, uma vez que nós somos os maiores incentivadores e modelos pra que possa ser espelhado. É o mesmo que um estímulo pra que aconteça a literatura dentro do Estado de Mato Grosso. Nós temos um cadastro. Aqui a gente cadastra todas as bibliotecas dos municípios. Existe uma biblioteca municipal em cada município.

E essas bibliotecas são cadastradas aqui conosco, onde nós pegamos a lei de criação dela por ser criada no município. Um formulário que de dois em dois anos os municípios preenchem, que são cadastros, comandos, quem é o dirigente, quem responde, quem é o agente da biblioteca, quantos livros tem, se tem computador, se não tem. Periodicamente eles estão passando relatório, informando quais as atividades pedagógicas que eles estão recebendo, qualificação nossa, periodicamente. E agora nós estamos trabalhando com cursos. Nós tiramos, que antes os cursos de qualificação de agente era só aqui. Descentralizamos pra alcançar maior nível de municípios nas direções. Nós descentralizamos e isso tem sido bom. E eles estão compreendendo a necessidade. Existe um sistema que está olhando por eles, estão qualificando, que eles precisam vir buscar livros... Além disso, existe a contrapartida do município. Quando se falta lei de criação, tá lá, o prefeito assegura a manutenção desse espaço, a permanência do agente de biblioteca nesse espaço. Vamos solicitar do sistema estadual de qualificação pra mandarem esses agentes. Outra coisa importante é a distribuição dos livros que são repassados pelos autores. E nós repassamos para as bibliotecas que são cadastradas e ativas, pra que estes livros realmente tenham oportunidade e dêem oportunidade de acesso à comunidade local. Então é dessa forma que a gente controla os municípios que estão funcionando ou não. E como a gente viaja e vai... agora até vai ter uma sistematização maior de controle, de como está funcionando. Não existe bibliotecário a nível de país. Há uma necessidade muito grande desse profissional e no Estado de Mato Grosso é a mesma situação ou pior, porque só Rondonópolis tem o curso de biblioteconomia. Antes estava aqui com a UNIRONDON (Universidade de Rondonópolis), saiu e foi pra Rondonópolis. Então, o que que a gente tá fazendo? Toda vez que eu vou num município, eu tenho que contratar bibliotecário, porque ainda não existe no quadro, então o atual gestor, o Secretário, está lutando pra que aconteça o concurso público, pra que tenha efetivo o papel do bibliotecário dentro da capital, dentro dessa biblioteca. Outra coisa importante é como, então, administrar essas bibliotecas do estado, se não tem bibliotecário? Então toda vez que a gente qualifica, a gente contrata o bibliotecário, orientado na parte pedagógica das necessidades que os próprios agentes repassam através de relatórios pra nós. Nós contratamos o bibliotecário, repassamos o que é

importante, o que deve ser feito fora a parte de registro, catalogação, classificação. Sempre fica a desejar, a classificação. Por quê? Precisa de um bibliotecário contínuo, porque livro nunca para de chegar. Todo dia tem que ser registrado uma doação de livro porque a comunidade também doa. Existe um critério e só o bibliotecário faz isso. Então como é que o Estado está pensando em resolver isso? Com o consórcio intermunicipal que existe na AMM (Associação Mato-grossense dos Municípios), pra que possamos inserir dentro desse consórcio o bibliotecário. Aí vai entrar no edital pra que a gente possa levantar onde que tem bibliotecário disponível para os respectivos pólos e com um limite de verbas, um salário dentro do piso deles, que é em torno de 2.600 no momento. Pra que ele possa estar atendendo o coro de acordo com a quantificação de municípios por pólo, alcance um ou dois bibliotecários. E durante o mês ele faz todo aquele trabalho, deixe a tarefa dele dentro da biblioteca para o agente e o principal, que é a classificação, ele faz e deixa orientado como deve ser feito esse arranjo nas estantes. Eu acredito que se nós conseguirmos... era pra ter fechado esse ano, mas a demanda foi muito grande. Houve mudança de gestão, nós não conseguimos fazer isso, mas já foi pensado, deixamos o projeto lá pra que fosse pensado e acredito que início do ano que vem a gente retoma esse projeto. A questão é de alcançar também, porque como nós somos estimuladores da leitura, de acesso ao livro, nós somos preocupados também com alguns pontos de leitura pra que alcance resultado positivo que são os presídios. Nós já começamos a visitar alguns presídios e nós estamos também fechando uma parceria. Acredito que ainda esse ano com a SEJUSP, a CEMA, pra que as madeiras apreendidas possam se transformar em baús, onde a SEJUSP já se prontificou a fazer esses baús e a cultura entrando com livros pra que esses baús cheguem aos presídios, à zona rural, que existe já um projeto, nada mais é que uma consequência do projeto que é “Arca das Letras” a nível federal. E quem quer, também pode entrar no blog, no site, eles estão aí prontos pra atender a zona rural, assentamentos.

Ângela Fontana – Em relação à literatura regional, existe uma preocupação ou ela acaba entrando sem muito destaque?

Salime Daige marques – Todas as ações, nós temos nos preocupado em dar ênfase aos autores mato-grossenses, dar visibilidade às atividades culturais mato-grossenses. Então, o que estamos fazendo? É aniversário de Cuiabá e eu preciso alcançar, é aniversário da biblioteca, que é uma data importante em março, alcançar os bairros com troca de livros que nós já começamos fazer. O ano que vem, se Deus quiser em 2009 nós vamos alcançar novamente essa proposta. Vamos fazer o papel da biblioteca, destinar livros mesmo. E alcançar bairros carentes, longe do centro. E também as atividades de bate-papo com os escritores, vira e mexe tem um autor aqui. E nós estamos trabalhando com essa feira do livro. É a terceira feira do livro que a gente faz, onde nós estamos incentivando os escritores e as editoras, que não basta fazer um mega evento, uma festa literária, não é isso que nós queremos. Queremos que se tornem costumeiras essas ações de visibilidade dos livros que estão dentro da livraria, uma vez que eles mesmos falam que o público não entra em uma livraria pra comprar livro. É raro. A não ser que você esteja fazendo um mestrado ou doutorado e o professor pediu um livro. É raro que alguém entre espontaneamente dentro de uma editora. Então nós estamos tentando fazer esporadicamente essas feiras ou uma ação cultural como foi dessa vez a leitura na praça. Tentamos tirar a feira e passar pra Leitura na Praça, que é uma coisa mais simples e tem esse objetivo da Secretaria de Estado de Cultura, que se torne hábito de leitura em cada canto, em cada espaço. E os livros baratos... as editoras precisam compreender isso. Se não lêem, por que continuar com preços altos? Lógico que tem livros que realmente não tem como baixar, mas há possibilidade de vender livros que estimulem a leitura com um preço baixo. Mas acontece que o Estado de Mato Grosso ainda não tem a lei estadual do livro, se não me engano tem leis. A FAPEMAT tem sido uma parceira, porque ela tem sido incentivadora pra autores independentes, dispondo de verba pra editar esses livros. Há muitos livros bons, retratos da história de Mato Grosso e outros temas importantes que estão na mão da FAPEMAT também e de outras editoras, porque eles fazem direto pelas editoras. Então tendo um projeto em lei, nós vamos poder conduzir todos esses livros que são sempre editados via instituição, via editora, pra que passe pro propósito legal dos fatos. E que ainda não existe. Por enquanto, eu que fico ligando e falando: “Olha, existe esse tema pra distribuição de livro... Você quer,

eu ajuda”. Ainda há uma falta de conhecimento também desse sistema que a gente tem tentado falar. Agora isso melhorou. Olha pra trás,, olha a caixa de livro que eu estou mandando pra um município só. Isso é legal. Significa que nós estamos... é um trabalho de formiga que a gente vem fazendo desde 2005, porque em 2003 eu tive a missão de desmontar o prédio, o próprio palácio, a biblioteca, aí foi um processo de limpeza e higienização dos livros. Em 2004, quando o governador entregou, aí eu tive a missão de comprar todos os equipamentos, mobiliários, junto com a AMPA, que foi quem proporcionou a possibilidade de comprar todo esse material que eles doaram. Só final de 2004 que a gente terminou e realmente nós começamos a reativar o sistema de biblioteca e dar continuidade às ações locais. São muitas atividades locais que a gente vem realizando. É dando oportunidade aos escritores mato-grossenses... Nós temos sido, como eu te disse, nós somos fomentadores, nós somos modelo. Muitos municípios... porque... todo mundo trabalha unido. Então quando os municípios olham, se inspiram. Eu já tive relato de vários municípios dizendo assim pra mim... escolas também... instituições... “Olha, pegamos a idéia do bate-papo com autores”, sabe, falando que estão conhecendo mais aos autores, os livros. Então, todas as vezes, a gente dá ênfase aos escritores mato-grossenses. Então ouvi falar que eu estou fazendo um trabalho sobre o nacional é raro, porque até em contação de história nós já temos artistas dentro do Estado que estão tendo “Know how” pra dar continuidade na parte pedagógica de orientar e apresentar e contação de histórias. O Carlão dos Bonecos, a Dorotéia que é a Elizete, a Alice com contação de histórias. Alice tem sido uma companheira e a gente fala que precisa fazer isso e aquilo. Então, pra mim, ela tem sido um referencial, porque ela ta fazendo Pedagogia também. Então é uma artista aí que tem desenvolvido um trabalho cuiabano, ela tem buscado lendas, histórias a nível clássico, infantil, e tudo mais dentro do Estado de Mato Grosso. E outros que agora vem surgindo. Trabalhos de grupos teatrais que é o Mosaico. Tem o João, não consigo me lembrar o nome dele. Tem três grupos aí de jovens mesmo, que ama a literatura, tem declamado poesias na praça. Nós tivemos uma iniciativa no início do ano quando trouxe Cléo, de... que é uma artista contadora de história de São Paulo... e tentamos recrutar um pouquinho, juntar um pouquinho desses artistas. Foi muito legal. Pro ano que vem nós também

queremos fazer um congresso, tanto de bibliotecários... porque não somos habilitados, não somos bibliotecários, somos profissionais amadores. Os profissionais que estão entrando também com os contadores de história, ou que vem pegando livros e interpretando pra área teatral. Isso é muito importante porque eles adaptam na língua da criança e do jovem. Isso é muito importante. Isso é incentivo à leitura. Isso é uma forma de incentivar você a pegar um livro. Eu mesma, quando estava no Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, vi uma apresentação do livro *Senhora*, que tod mundo lê, as escolas lêem. Eu nunca tinha visto, não tinha gostado muito porque é um pouco grosso e tal, mas a forma como a escritora fez a adaptação do livro, na linguagem teatral, na linguagem jovem... eu falei “Gente! Até eu nunca li dessa forma. Até eu vou ler de novo”. Aí escutei que eles fizeram uma adaptação. Que dizer, me atraiu a pegar o livro novamente e ler. Isso é legal. É isso que nós precisamos fazer e isso que nós estamos incentivando. O Estado de Mato Grosso está caminhando. Está surgindo artista, estão surgindo escritores, autores. Autores nós temos. Na linha infantil tem Ivens Scaff, tem essa Elizete que agora ta na área de contação de história com bonecas, as histórias são dela. Tem Richard Mason com a coleção *Mundinho*, tem Gabriel de Mattos, Aclyse de Mattos e vários que ainda estão despontando aí, que a gente ta tendo visibilidade, na verdade ta aí e cabe a nós estarmos dando visibilidade a eles.

Ângela Fontana – Ano passado eu estive aqui fazendo um levantamento dos livros de obras infantis mato-grossenses e encontrei 66 obras. Isso foi uma surpresa pra nós, porque não esperávamos tanto. As pessoas conhecem todo esse material?

Salime Daige marques – O que nós estamos fazendo agora, no momento, é realmente a informação. Estamos com todos os equipamentos. Acredito que ano que vem... estamos preparando toda a base, já deveria ter acontecido, mas primeiro nós perdemos o sinal da internet e depois perdemos o bibliotecário. Então, agora nessa gestão, vamos estar estruturando a base. Acreditamos que o ano que vem nós vamos estar informatizando os acervos aí... o Secretário tem cobrado muito de nós. Ele quer dar acessibilidade aos livros que nós estamos oferecendo, nós somos ricos em livros, porque eu sei... porque eu sou formada em Música pela UFMT e tem livros que eu sempre

necessitei e que, às vezes, teve que comprar e que o Estado tem. Acervos maravilhosos vem chegando do Rio de Janeiro, da Fundação Biblioteca Nacional, doação da Petrobrás e de outras instituições que o Estado recebe. Então nós somos referencial em obras também.

Ângela Fontana - Além desse projeto “Leitura na Praça”, que acontece pelo terceiro ano consecutivo, há outro voltado para a divulgação de autores do Estado ou somente esse?

Salime Daige marques – Olha, o espaço que é a cultura, a biblioteca... nós estamos dentro de um prédio tombado, um patrimônio histórico a nível nacional. Nós estamos recebendo livros infantis, todas as ações que a gente faz dentro da biblioteca é voltada para as crianças, para conhecerem esses autores, bater papo com os autores. Nós estamos estudando agora... eu não ia falar porque tudo ainda está no papel, preciso de autorização e consenso dos meus chefes maiores, ainda não está dentro do nosso espaço assegurar, que é oferecer espaço, já que o modelo de biblioteca para os dias de hoje, vai ser futuramente, é o mini-shopping. É um encontro pra você bater papo, trocar idéias, um espaço também aos escritores, rodas de contadores de histórias, rodas de autores trocando idéias, de poesias... Isso já vem sendo proposto, mas quando nós terminarmos a feira do livro que eu pude... vendo um debate entre Aclyse, Sodré e Luciene Carvalho, que é poeta, houve uma discussão da linguagem poética, do resgate da história da linguagem, a forma de expressão... foi muito legal, e ali eu tive a idéia: porque não proporcionar pelo menos uma vez por mês um encontro pra esses artistas e escritores aqui dentro da biblioteca?

Ângela Fontana – Isso seria maravilhoso! Eu estive em uma entrevista com o Ivens e ele reclamou justamente isso. Ficou surpreso quando eu disse que tinha um levantamento inicial de 66 livros de literatura infantil de autores mato-grossenses e me pediu a lista, porque precisa saber de outras pessoas que estão escrevendo. Isso quer dizer que eles mesmos não se conhecem.

Salime Daige marques – Eu vou aproveitar e gostaria de pedir pra você, já que está gravando, que você me passasse também essa lista do levantamento, por gentileza. Porque em cima dele eu posso dar um empurrão. Porque muitos livros entram, vão entrando, vão sendo registrados, mas vão se tornando um só

dentro das prateleiras. Agora que nós conseguimos uma menina da Pedagogia, de Letras, que estão ali dando incentivo à leitura, porque há também uma necessidade de concurso público pra Secretaria de Cultura. Nós temos poucos funcionários. Então, se nós temos riquíssimos livros, precisamos de atividades culturais, de mostrar, de dar possibilidade para os autores. E nós estamos caminhando. De 2005 pra cá nós caminhamos muito. Não é o suficiente, mas não ficamos parados. Sobre esse levantamento... Nossa! Muitas vezes o que acontece... é na hora da classificação dos livros, eu não tenho como vigiar... são tantos livros... e quem vai fazer isso é o próprio bibliotecário. E o que acontece também é que muda muito de agente. Nem sempre se interessam. Nós temos livros de geografia, fora os de Mato Grosso com Elizabeth Madureira, também na linguagem infantil. A questão do curso de qualificação dos agentes... todas as vezes que a Secretaria de Cultura faz um curso em um pólo, nós estamos convidando a SEDUC, a UNEMAT pra estar presente... convidar, recrutar os professores daqueles pólos pra que estejam presente. Por quê? Nós acreditamos que não tem como a biblioteca caminhar sem a escola. A escola é a base de uma orientação pra uma pesquisa. Nós precisamos saber o que falta pra elas em livro pra que a biblioteca pública amplie. As duas de braços dados. Não tem como trabalharmos sozinhos. Eu sei que agora existe MEC e sei que o MEC está com esse projeto de uma biblioteca em cada escola e que vai beneficiar esses alunos, mas isso não teria a função da biblioteca pública do município, de ampliar, uma vez que nós não atendemos a escola, nós atendemos a comunidade local, seja UNEMAT, seja uma universidade, uma faculdade, seja uma instituição específica, seja a escola, mas ampliando a leitura que a escola não tem. Ela tem que dar o braço, ela tem que ser o alicerce da escola. É um espaço também público, onde eles podem ter... ajudar a dar sensibilidade às ações pedagógicas que eu posso oferecer pra escola, pra eles desenvolverem aulas. É comunicação, é entrelaçar a integração das Secretarias. Devagar eu estou tentando. Eu gostaria que muitas vezes a SEDUC falasse: Salime, nós vamos organizar concursos, tem como você ir junto? Lá vou trabalhar nas escolas. Vou montar uma biblioteca de referência na escola. Tem como você vir fazer isso? Trabalharmos num só pensamento. Aí nós vamos tirar essa realidade da educação do Estado de Mato Grosso: alunos sem interesse, alunos que vem pra dentro de uma biblioteca pública e

eles não vem com tema definido, porque o professor não sabe o que está pedindo em específico. E eu tenho que estar aqui com os meus agentes, tentando interpretar, porque o tema é tão amplo que a gente não sabe o que realmente o professor quer. Por isso que nós estamos convidando a Educação, junto com a Cultura, pra que possamos, diante dos professores, junto com os agentes de biblioteca, falarem uma linguagem só, porque um completa o outro.

Anexo 12 – Entrevista realizada em outubro de 2008 com LARISSA DE CARVALHO (Gerente de Biblioteca da Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça)

Ângela Fontana – Larissa, gostaria que você me falasse sobre o funcionamento da Sala de Literatura Infantil aqui na Biblioteca Pública.

Larissa de Carvalho – Nesse ano a Sala de Literatura Infantil esteve fechada por falta de funcionário. Não por falta de estrutura porque, graças a Deus, ela é muito bem estruturada, com bastante obras de Monteiro Lobato, bem estruturada em relação a televisão. Tem bastante fitas didáticas das *Crianças Criativas*. Mas graças a uma parceria que nós fizemos com o CIEE (Centro de Integração Empresa Escola), vieram mais estagiárias pra nós e reativamos a sala de Literatura Infantil. Veio a Ana Maura que é responsável pela sala de Literatura Infantil. Com isso reativamos a sala. Para reativação da sala bolamos uma outra parceria da Secretaria de Cultura, com a UNIC (Universidade de Cuiabá), onde a UNIC entrou com o curso de Pedagogia e trouxe seis estagiárias. E abrimos as atividades de apresentações pedagógicas. Entramos em contato com as escolas e as convidamos pra participar conosco, onde as estagiárias do curso de Pedagogia apresentavam fantoches, atividades com fantoches das obras de Monteiro Lobato, as dancinhas com as músicas e também as atividades pedagógicas como dobraduras, depois finalizava e assistiam ao vídeo do Minhocão do Pari, narrado por Nico e Lau, que é bem tradicional de Cuiabá. E eles subiam pra sala, onde está toda a estrutura, com cadeirinhas e mesas. Onde as estagiárias faziam o momento do conto, contavam historinhas para as crianças e finalizavam as atividades. E o nosso foco eram as creches, escolas municipais, o lar da criança que infelizmente não pôde comparecer nesses dias, porque foram poucos dias. Foi do dia 15 de setembro ao dia 30. Dava gosto de ver as crianças das escolas municipais, porque eram aquelas crianças que acho nunca tiveram esse contato. Acho que não tem atividade nessa área. As escolas particulares sempre fazem cotas com os pais e levam a criança no zoológico, em bibliotecas, museus. As crianças das escolas municipais não têm. Então eles adoram ter esse contato com a biblioteca, ver esse mundo onde acontecem as leituras, porque eles não devem

ter esse contato. Você via nos olhinhos delas que não viram vídeo, não sabiam o que era assistir um vídeo. Então, quando elas entraram na salinha e viram aqueles bichos grandes, ficaram encantados com tudo aquilo. Então pra nós foi gratificante. Levar o quê? O incentivo à leitura, um pouquinho da literatura mato-grossense, um pouquinho da literatura universal, a brasileira, afeto às crianças. Eu falava para as professoras que elas (as crianças) iriam aprender brincando. Então ali com as dobraduras, eles poderiam desenhar, poderiam recortar, desenhar barquinho, desenhar outras coisas. Então, isso que era interessante, brincar aprendendo, levar um pouquinho de literatura pra eles e também do dia 4 ao dia 8 vai acontecer a semana da cultura, a Leitura na Praça. Vamos continuar as programações. Como a sala já está estruturada, nós vamos colocar mais uma casinha de fantoche, montar e ficar lá pra toda criança que vier visitar, toda e qualquer escola que venha visitar a biblioteca tenha esse momento de interação, de atividade sem fazer parcerias. As estagiárias gostaram tanto que ano que vem vão estar fazendo outro projeto pra voltar a fazer novamente, a gente vai voltar a convidar as escolas de novo. Só que geralmente as escolas não tem acesso a transporte, é difícil pra elas conseguir vir aqui. Por quê? Depende de transporte. Transporte só tem a prefeitura e na prefeitura é muito escasso, eles pouco conseguem transporte com o ônibus, que já destinado pra passeio. Então demanda um tempo muito grande. Como a gente começou há duas semanas em contato com as escolas, então elas não tiveram tempo hábil pra colocar na agenda da prefeitura, pra disponibilizar o ônibus. Então várias crianças, como o lar da criança que eu fiquei com dor no coração, mas infelizmente eles não puderam vir. Mas vamos continuar. Não que sejam só parcerias, mas que seja cotidiano, todo dia. Toda criancinha que vier visitar vai ter a estagiária lá em cima que vai poder contar história com fantoche. Já tem o vídeo que eles podem apresentar, o vídeo do Minhocão do Pari, dentre outros que a gente quer adquirir no próximo ano, pra que seja cotidiano. Com certeza vai aumentar o fluxo de pessoas, de crianças na biblioteca, e é isso que a gente quer. A sala de literatura infantil é desconhecida por muitos, vários professores que vem aqui, vem no acervo geral fazer pesquisa na área de Educação, saúde e desconhece a sala de Literatura Infantil. Queremos divulgar mais essa sala. As crianças, quando chegam lá naquela sala, ficam encantadas. Então a gente quer aumentar o

fluxo de crianças dentro dela e, se Deus quiser, vamos aumentar o ano que vem.

Ângela Fontana – Houve algum momento em que as obras de literatura mato-grossense foram privilegiadas?

Larissa de Carvalho – Não, em nenhum momento, porque na realidade o vídeo do Minhocão do Pari é uma lenda que é fixada por vários professores. Então é muito visado, por isso que a gente priorizou o Minhocão do Pari. Mas em nenhum momento foi. Na época foi o que mais chamou a atenção das crianças, por isso que a gente ainda frisa o Minhocão do Pari.

Ângela Fontana – Além dessa programação, existem outros momentos em que a literatura produzida no Estado é privilegiada?

Larissa de Carvalho – Porque na realidade, tudo é voltado para as obras da literatura em geral, mas não as obras de Mato Grosso. Monteiro Lobato...

Ângela Fontana – E sobre a nova programação, como vai ser a semana da Leitura na Praça?

Larissa de Carvalho – Começa amanhã, dia 4, e vai até sábado. É o dia todo, das 8:00 às 18:00 horas, na praça onde todas as editoras vão participar conosco. Qual é o objetivo da Leitura na Praça? Toda e qualquer pessoa que estiver passando vai poder entrar. Todas as escolas vão estar participando conosco. Mas qual é o intuito? As editoras vão estar colocando um preço mais acessível: um, dois, três reais. Então... para que todo mundo que estiver passando tenha interesse em comprar um livrinho e levar pra casa, pelo menos um. Nós estamos incentivando a leitura dessa forma. Então a Salime, que é a coordenadora, entrou em contato com as editoras e fechou pra colocar um preço mais acessível, pra levar um pouquinho mais de leitura pra eles. Aí, vai ter o momento onde vai entrar o SENAI que são os nossos parceiros. A gente vai apresentar teatro, danças. Vamos colocar um dia de diversão e aprendizado. Vai ser quase a mesma coisa que aqui, porém, lá vai ter os livros pra comprar. Vai ser um momento de interação. É voltado pra quem? Pro público em geral. Vão ter os livros, inclusive da Neuza Baptista que é a autora do livro *Cabelo Ruim*? E estarão levando também um pouquinho do seu

trabalho e um pouquinho da literatura e leitura pro pessoal que participar conosco.

Ângela Fontana – Dos autores mato-grossenses teremos somente a Neuza?

Larissa de Carvalho – Não. Vai ter mais, mas eu não sei, não tenho acesso a todos, mas eu posso pegar essa informação pra você, mas não é só a Neuza Baptista, não. A maioria é mato-grossense. Eu acho que vai ter em torno de umas oito ou nove escritoras mato-grossense. Eu vou pegar pra você certinho.

Ângela Fontana – E sobre as editoras?

Larissa de Carvalho – é o primeiro ano que eu to aqui, mas todo ano eles fazem parceria. Então eles já sabem. E o lucro pra eles, pras editoras, é como divulgação e como venda de livros. Então pra eles é muito gratificante e pra nós em ter eles participando. Tem a parceria da Rede Cemat (Centrais Elétricas de Mato Grosso), que entrou com a parceria das camisetas. Mas vão ser quatro dias bem legais. A Neuza Baptista, eu to te dizendo porque ela vai estar conosco na semana da Cultura Negra, em homenagem a Zumbi dos Palmares, nos dias 17 e 18 de novembro, onde a Neuza vai estar novamente fazendo a aula de bate-papo com os alunos e vai estar divulgando um pouquinho mais do trabalho dela no *Cabelo Ruim?* Vai ter a apresentação de atividades, danças afro, capoeiras e mais o Miti (Mostra Internacional de Teatro Infantil). Então vai ter o penteado afro que as meninas da Vivian Hair e Ana Fashion vão estar conosco, fazendo os penteados afro. Fora a exposição de quadros, fotos, banner e no final, o vídeo de líderes negros, como Zumbi dos Palmares, Nelson Mandela. Porque o interessante que eu quero mostrar nessa semana é da importância que teve Zumbi dos Palmares para a cultura. Saber o que ele fez, o Nelson Mandela, o que ele fez dentre outros líderes com o Ministro da Cultura Gilberto Gil. A gente quer frisar que se destacaram e fizeram por onde. Porque se não me engano, acho que há 24 anos atrás os próprios funcionários encenaram a peça do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, até essa peça foi pra fora, encenada. Tem fotos. E a gente quer fazer esse ano. Imagina a gente fazer de novo. Colocar no salão nobre, que é espaçoso e chamar as escolas pra que venham. É literatura brasileira, a gente leva motivação para os funcionários e trazer as escolas pra estar participando conosco. Mas vai ser mais lá por meados do ano que vem, no meio do ano.

São projetos que virão. Toda e qualquer atividade da biblioteca é projeto. Tem que ter projeto.

Ângela Fontana – Existe um controle de frequência da sala de Literatura Infantil?

Larissa de Carvalho – tem na recepção, mas é muito pouco. A gente chegou a quase quinhentas crianças na época do projeto, mas agora acho que dá umas cinco por dia. Não teve matéria na TV, porque infelizmente a TV Centro América não veio, a Gazeta não veio. Vou falar pra você... em notícia de tragédia vai até o helicóptero, mas pra um evento de leitura não veio ninguém.

ANEXO 13 – Entrevista realizada em outubro de 2008 com o arte educador CLÓVIS REZENDES MATOS

Ângela Fontana – Clóvis, gostaria que você me falasse sobre o seu projeto.

Clóvis Rezendes Matos – Eu vou fazer uma retrospectiva dos anos 80, que é quando eu comecei a fazer um trabalho... Eu sou funcionário da Universidade Federal desde 1979. Virei funcionário efetivo dentro da universidade e naquele período... durante 12 anos eu dirigi o Cine Clube da universidade e comecei a fazer um trabalho de itinerância com o cinema. Levar cinema para os bairros, levar cinema para o interior, levar cinema onde o povo estava. Era uma coisa meio sem condições na época, não tinha nada com a universidade. E depois eu saí, fui fazer outros trabalhos e um dos trabalhos que eu fiz foi um trabalho de direção de marketing pra Livraria Adeptus. Trabalhei durante três anos com eles e dentro dos trabalhos que eu desenvolvia na livraria, além do trabalho de marketing, eu me envolvi em projeto de leitura dentro da livraria. Programa de incentivo à leitura dentro da livraria. Pra que as pessoas entrassem, lessem, e pesquisassem. Pra que vissem a livraria como uma biblioteca. E foi um trabalho que me fez gostar ainda mais de livros. Eu sempre li muito, sempre gostei muito de livros. E dentro das pesquisas que eu fazia eu cheguei à seguinte conclusão: não existe nenhum bom programa de educação se não estiver ligado, paralelamente, a um bom programa de leitura. E não é leitura de ler por obrigação, aquela coisa de pegar o livro pra trabalhinho escolar. Não. É ler e entender, né?! Porque tem a leitura... você pega a criança... os adolescentes pegam um livro desse pra ler, pra fazer um trabalho escolar e a hora que termina o livro já não sabe mais o que leu. Então, essa é a intenção desse projeto que eu desenvolvo... que é levar o livro e também ensinar as pessoas a ler. Claro, não vou alfabetizar ninguém, mas eu quero que as pessoas leiam e saibam o que estão lendo. E pra isso eu desenvolvo algumas ações junto com esse trabalho, mesmo eu não sendo um pedagogo. Mas tem um roteiro de leitura e eu trabalho com teatro, com o próprio cinema, com música, com cursos literários... Então, tudo isso faz parte do projeto. Eu comecei implantando bibliotecas, de preferência em localidades isoladas, onde as pessoas não têm mesmo acesso. Não bibliotecas em escolas, aliás,

preferencialmente não em escolas, porque a escola limita a participação da comunidade. A escola vai ter... a freguesia vai ser os alunos da escola. E eu quero que a comunidade como um todo participe desse projeto, quero que os pais venham também. Que o irmão que não está na escola leia também. Então a intenção do projeto é essa. E tem que fazer treinamento de pessoal, tem que ter alguém que vai tomar conta dessa biblioteca pra poder continuar com o trabalho. Aí, eu estava tendo dificuldade... por problemas financeiros... O valor do projeto foi estimado em noventa mil e em 2006 eu consegui 30% desse valor. Quer dizer, isso limitou muito, mas nem por isso eu parei. Montei uma pequena estrutura e continuei bancando. Já gastei o dobro ou o triplo de dinheiro meu pro projeto não parar. E agora ele vai receber mais força ainda. Ele recebeu um prêmio... foi premiado pelo Ministério da Cultura. Foi um programa que eles lançaram o ano passado, um programa experimental de pontos de leitura. E foram inscritos 730 projetos, se não me engano. Desses, 516 foram premiados. Dentre esses, duzentos e vinte e qualquer coisa, foram pessoas físicas, onde eu me incluí. E eu fiquei em vigésimo quinto lugar na classificação pelo tipo de projeto e tal. Isso no Brasil inteiro, no Brasil inteiro. E tem mais alguns projetos de Mato Grosso que estão dentro desse... que também vão receber esse tipo de ajuda. Não é um prêmio em dinheiro, é um prêmio em equipamento, em material, em livro. E o projeto é fantástico. Se você pega em dinheiro, de repente nem cobre o projeto, né?! Então assim vão dar computador, vão dar muitos livros, pufes, sofás, mesas, cadeiras... É uma estrutura legal. E eu fico super contente em saber que o projeto já tenha chegado... partindo do ponto de que faço isso sozinho, não tenho uma equipe, não tenho ninguém. Faço sozinho. Eu faço feiras de livros. Estou fazendo agora uma feira do livro. Todo domingo de manhã eu estou lá na universidade, perto do RU, por ali, com uma feirazinha do livro. Eu vendo livros baratos, que é um dos objetivos do projeto. Dentro do projeto eu tenho a realização de feiras em cidades do interior e eu vou começar a fazer isso acho que ainda esse ano. Fazer pequenas feiras. Aonde eu chegar com o projeto eu vou fazer uma pequena feira de livro, pra vender livros baratos. Pra isso eu fiz contato com editoras, com livrarias aqui de Mato Grosso que conseguem livros que há dois ou três anos atrás custava trinta ou quarenta reais e eu vou ter condições de vender a 10 reais. São livros novos, não são livros usados. E outra. Em

contrapartida, eu aceito doações. As pessoas me doam livros e eu faço uma seleção. Os livros que servem para as bibliotecas vão para as bibliotecas, os que não servem eu ponho pra vender. E esse dinheiro retorna todo pro projeto. Não é venda de livro ou qualquer outra coisa pra eu ficar rico. Eu não vou ficar mesmo. Com isso não tem condições (risos). Mas é uma forma de arrecadar dinheiro pro projeto, porque só o dinheiro do meu salário não é suficiente pra fazer. E tem dado certo, tem funcionado. Agora, eu não me prendo a locais, sabe?! Onde tiver gente eu levo livro. Tem gente que pensa que, então, eu vou só à periferia da cidade. Não. Eu vou pra shopping, eu vou pra festa, pra periferia, eu vou pro centro, eu vou pra feiras, pra todos os lugares onde eu não esteja escondido. Acho que quanto mais espaços eu ocupar e as pessoas lerem, poderem ter acesso ao livro... eu acho fantástico. Isso é o que é o projeto. Não é complicado. É uma coisa que a gente vai tocando, vai fazendo. Agora eu estou mantendo contato com essas pessoas que concorreram ao prêmio lá do Ministério da Cultura e fiz uma proposta pra eles de criarmos uma rede... desses projetos que foram premiados... criarmos uma rede no Brasil todo pra troca de idéias, troca de experiências. Coisas nesse sentido e crescer. Acho que se a gente se juntar, teremos mais força, até pra conseguir junto ao Ministério mais força, mais material, mais dinheiro pra bancar essa coisa toda aí. Em 2005 eu já fazia esse trabalho. Na verdade já fazem 4 anos que o projeto está sendo tocado.

Ângela Fontana – Qual o nome do projeto?

Clóvis Rezendes Matos – Inclusão Literária: leitura e cidadania. Está no blog. Se você digitar no google “Inclusão Literária” já aparece.

Ângela Fontana – Quando você resolve ir pra um determinado local, você vai com uma programação específica?

Clóvis Rezendes Matos – Não. Quando eu tenho dinheiro..., tem duas pessoas que trabalham comigo. Tem uma atriz. É uma garota que desenvolve um trabalho de leitura, ela é contadora de histórias, e um garoto. Eles fazem junto esse trabalho. Eu topei fazer seis meses no Shopping Goiabeiras. Lá, eu fazia esse trabalho com esses meninos. E junto eu levo jogos. Jogos que você já não vê mais hoje. Eu tenho um... aquele joguinho de argola, uma coisa simples que as crianças gostam. Tem aquela da garrafinha, tem o livro de

história, tem o xadrez... Eu acho que o xadrez é uma forma de desenvolver a mente. É uma forma legal de se concentrar e depois você desenvolver isso na leitura. Tem brincadeiras, essas coisas assim. Então eu vou mais nesse sentido de brincar mesmo, de chamar atenção e chegar até o livro. Onde tiver gente eu vou: praça, feira, shopping. E eu tô participando do... E eu tenho uma vantagem que eu sou Papai Noel. Então, onde eu vou não tem alguém que não me conheça. Lá na universidade outro dia... eu tava lá parado, de cabelo curto, assim, bem baixinho e parou uma caminhoneta... toda... e o cara: “olha, minha filha conheceu você!” (risos) “Conheceu o senhor. Conheceu o senhor e pediu pra parar aqui pra ver”. Aí, desceu, brincou, comprou livro. Então eu tenho isso aí que chama a atenção. Então, eu acabei virando uma pessoa pública, né?! (risos) Não tem como. Então eu levo isso em qualquer lugar. Levo na periferia, levo na zona rural. Tenho uma biblioteca instalada em Varginha. Essa tá na escola porque a comunidade quis que ficasse na escola e eu não vou entrar em atrito com a comunidade. E uma outra instalada aqui no bairro Sucuri. Essa é numa associação que desenvolve um trabalho lá. Social. Então instalei uma biblioteca lá com eles também. Tem uma outra que foi instalada na... os funcionários da Tauro Motos, aqui na avenida... eles foram parceiros comigo. Eu comprei uma caminhonete e eles reformaram a caminhonete. Uma caminhonete antiga, uma pick-up 64. Eu comprei e eles arrumaram ela pra mim. É o carro que eu uso pra fazer o trabalho, pra desenvolver a ação. E eu vou em qualquer lugar, eu não tenho muita... muita diferença, não. Mas o projeto nasceu com a idéia de atender comunidades isoladas, né?! Por isso a preferência é pelas comunidades rurais como a da Varginha aqui. A do Sucuri. Eu vou... esse ano... Eu já to fazendo uma parceria com um grupo que é criado na Universidade Federal, com o professor (Dielson Moreira)³⁹. Não sei se você conhece. Ele é do departamento de Comunicação e hoje é Secretário de Comunicação da Universidade. Foi criada uma cadeira de comunicação. E ele tem um núcleo de trabalhos com os alunos do curso de comunicação pra desenvolver ações nesse sentido. Não só de inclusão literária, mas de inclusão de informática, de trabalhos sociais, de possibilidades de você formar mão-de-obra... E ele me convidou e eu entrei junto com ele com o projeto pra fazer um

³⁹ Nesse momento, houve dificuldade para compreender a fala na gravação, deixando dúvidas em relação à escrita do nome citado.

trabalho de leitura também. Então, todo sábado nós saímos pra uma comunidade. O primeiro bairro escolhido foi o do Coxipó Açú. Vamos começar lá. Era comunidade rural perto da Guia. Vamos começar lá e depois partir pra outros lugares. Minha intenção é o Estado inteiro. Eu quero levar esse projeto pelo Estado todo. Eu tenho me preparado pra isso. Só pra complementar, o projeto está chamando atenção de algumas pessoas. Eu tenho recebido, inclusive, e-mails de empresários que querem investir no projeto, que querem atuar junto com a gente. E eu fui procurado por uns garotos do curso de administração, ciências contábeis e economia da universidade. Eles estão fazendo um trote. Esse ano é um trote diferente do trote deles. O pessoal, ao invés de sair na rua... o calouro vai ter que entregar um livro. Porque eles viram uma matéria sobre o meu projeto e me procuraram e pediram a minha ajuda, pra eu participar com eles. Ontem me ligaram que já vão fazer as doações. E tem uma empresa junto, que é uma incubadora, e a partir daí vão repassar os livros pra junto com eles criar uma biblioteca. Quer dizer: isso já está criando segmentos. Acho que é interessante.

Ângela Fontana – E sobre a literatura infantil mato-grossense, você tem alguma coisa direcionada para ela?

Clóvis Rezendes Matos – Não. O projeto tem uma... um segmento que vai ser a produção literária mato-grossense de uma forma geral, não especificamente a infantil. Até porque a produção infantil de Mato Grosso é muito pequena. Muito insipiente, eu diria. Nós temos muito pouca gente que faz esse material. Até outro dia a gente estava conversando, e eu me lembrei do Ivens, que é um cara que faz isso. Você já deve ter falado com ele. Ele é um cara muito importante. Tem o... não sei se é o Gabriel ou o Aclyse, mas eles tem alguma coisa nesse sentido. Tem o Vander. Hoje ele não faz mais, mas já desenvolveu trabalho nesse sentido. Ele desenhava e tinha um trabalho infantil dele também. Ele começou com uma revistinha chamada “Gonçalinho”, que era fantástica. Eu ajudei muito ele no começo. Quando ele começou eu era Secretário de Cultura. E hoje ele é um cara de nome internacional. Ele nem desenha mais. Hoje ele só escreve pra França, pra... tem outros países. Tem um outro moço que se chama Generino, ele tem um trabalho que se chama

“Menina Pantanal”. É um trabalho muito legal, voltado pro meio ambiente. E é isso.

Ângela Fontana – Clóvis, muito obrigada.

ANEXO 14 – Entrevista realizada em novembro de 2008 com o escritor e poeta ACLYSE DE MATTOS

Ângela Fontana – Aclyse, gostaria que você me falasse sobre você, sobre o escritor de literatura infantil, o poeta e sua obra.

Aclyse de Mattos – Eu sou cuiabano. Nasci aqui, passei a minha infância aqui em Cuiabá. Era um ovinho. Meu avô morava ali no centro, na 13. Tinha que aguar a rua pra carro não fazer poeira. Ele ficava lá apostando pra ver qual carro que vinha chegando, porque dava pra apostar se era Willy, se era Ford, se era GM. Só tinha esses e poucos. Sou cuiabano e morei em várias ruas aqui de Cuiabá, morei no Coxipó. Aí com 17 anos fui pra São Paulo, morei um ano, depois fui pro Rio de Janeiro onde estudei e morei 14 anos. Fiz faculdade no Rio. Fui sair de lá pra estudar música. Na época lá não tinha música e eu acabei não formando em música e fiz outros cursos. Administração, marketing e sempre escrevendo. Tem até uma época que eu ia fazer letras, mas aí, o meu professor de redação falou pra eu não fazer letras, mas eu sempre escrevi. Quando eu era criança... eu com o meu irmão... a gente tinha o hábito de um contar sonho ou inventar uma história e o outro desenhava e vice versa. A gente fez alguns livros juntos, alguns folhetos de poesia juntos. Então eu sempre escrevi. Fazia a letra da música, fazia roteiro pra história em quadrinhos. E esse livro “Natal Tropical” começou pelo seguinte: Eu conhecia a Patrícia Gwinner no Rio. Freqüentava roda de pessoas que escreviam e ela trabalhava pra Vozes como ilustradora. Fazia... ela também escreve, aí... mas antes disso ela tinha me pedido... porque eu fazia um trabalho de roteiro pra gibi, história em quadrinhos... desde a minha infância, né, com o meu irmão. Inclusive ele é apaixonado por quadrinhos, pesquisa muito isso. Aí, que que eu fiz, então. Eu e ela recebemos, se não me engano, uma proposta de um jornal da Bahia, que eles queriam publicar tiras sobre o natal, então eles iam comprar vinte e poucas tirinhas que era pra sair uma de 1º de dezembro até o dia 25. Não era pra ser 25 porque aos domingos não tinha tira. Então eu fiz com ela 21 tiras, fiz o roteiro. Na época tinha um projeto com um museu que a gente fez também, que é a história de um menino e uma menina que ficavam presos no museu... e depois teve o filme, né, “Uma noite no museu”. Então a gente fez e

fizemos várias tirinhas que eram pra sair no jornal. Aí eles gostaram tanto, o Papai Noel tropical de bermuda com papagaio... aí a Editora Vozes, na qual a Patrícia Gwinner trabalhava, quis comprar a história pra fazer um livrinho. Aí eu transformei a história em quadrinhos em livro. Então aqueles cortes que a gente tinha nas tirinhas acabaram montando uma história maior. Eu então transformei das tirinhas na própria historinha. E dá pra colorir. Tinha mãe que comprava duas. Dois exemplares. Um pra criança pintar e outro pra guardar incólume. Mas o livro é todo... tem joguinhos, brincadeiras... e foi assim que acabei transformando os quadrinhos em formato de livro. Então, começa, o Papai Noel não trabalha mais no Pólo Norte. Ele se mudou pra uma ilha tropical no litoral da Bahia, claro! Atlântico Sul. Ele é alegre, bronzado, até magrinho, né?! E tem a fábrica que é lá no Pólo Norte. Ao invés de ter aqueles duendes, aqueles anõezinhos trabalhando, eram anjinhos. No caso Nabu, que as crianças adoram, é um anjinho etíope, negrinho. Ele morreu de fome. Então ele adora comer tudo. Ele come bife de baleia, ele vai acabar comendo uma rena do Papai Noel porque estava com fome. Ele é muito voraz, trabalha demais e depois as renas ficam injuriadas com ele. Então, depois eu fiz uma outra, continuando, mas na negociação a Editora Vozes, aquela famosa... na época tinha inflação. Quando você recebia os direitos autorais de 6 em 6 meses, não valia mais nada. Acabou que esse livro vendeu tudo. Acho que eram uns 3 mil e poucos exemplares, esgotou. Eles venderam todos e aí eu propus uma outra história, mas na negociação, a própria Patrícia brigou com eles e aí a gente não fez o segundo que está todo com o roteiro pronto. Eu tenho vários livros na manga. Então, nesse segundo o Nabu, que era personagem secundário, acaba virando principal. Ele vai acompanhar os reis magos visitando Cristo pequenininho. Ele tinha tanta fome que ele acaba comendo tudo pelo caminho e dá origem ao deserto Sahara e o Cristinho, lá, recém nascido na manjedoura já faz o primeiro milagre. Faz a camela do Nabu dar leite com chocolate, aí o Nabu não fica com tanta fome. Então o livro é tão cheio de brincadeira... no "natal Tropical", na página central tem uma ilha pra você recortar e colar. A gente trabalhava muito junto assim. Eu fazia o roteiro, ela fazia alguma coisa e a gente brincou também com a história em quadrinhos porque tem os balõezinhos com falas dos personagens também. Tem coisa pra

ser lida com um espelho... parece que o Papai Noel estava com um problema. Pode contar a historinha?

Ângela Fontana – Pode sim. Fique a vontade.

Aclyse de Mattos – Porque ele vem pra cá e dá um problema na fábrica. O que leva o Nabu a vir procurá-lo na ilha, porque não tinha bolinha de gude. Pra nós cuiabanos, bolita, né?! Porque não tinha bolinha de gude? Era um mistério que Nabu foi querer saber. Os piratas tinham comprado todas as bolinhas de gude pra fazer olho de vidro, pra pular o carnaval e aí o Papai Noel faz um pacto com os piratas, as bolinhas de gude voltam pro mercado, as crianças ficam felizes e o Papai Noel sai no carnaval junto com os Piratas. E o Nabu a hora que vê o papagaio fala: dá uma cochinha loro? E aí tem o papagaio que se apaixona aqui pela pomba da paz. São várias histórias paralelas. Você tem o nível do texto escrito e tem o nível das brincadeiras e dos balões, as imagens... então era super gostoso de trabalhar. E ela tem esse traço super fácil e não tem cor e o livro ficou mais barato. E a criançada pintava mesmo. Eu via alguns livros depois, de pessoas conhecidas, todo pintadinho.

Ângela Fontana – Você pretende reeditar esse livro?

Aclyse de Mattos – Eu pretendo. Até, talvez, com uma editora local, porque o contrato com a Vozes terminou. A gente fez o acerto final. Eu achei interessante fazer a história dos Reis Magos com a Vozes porque ela é uma editora de caráter religioso. Um eu quis abraçar completamente o Papai Noel e o outro eu já puxei a brasa pros 3 Reis Magos. Pretendo reeditar, sim. Eu tenho várias histórias pra criança que estão inéditas. Poemas. Porque quando eu era criança eu fiz duas. Eu era criança ainda. Uma chamava “Alegoria no Telhado”, que a cidade era o telhado, o prefeito era o gato, claro! Tinha uma gatinha de rua, que era paralela. Quem conta a história é a coruja e tem o rato, a lagartixa, a pomba, o pardal. Mas era tudo em versos, metrificados, mas eu tinha acho que uns 12 ou 13 anos na época. Completamente inviável. Mas eu fiz um outro depois, já com 17. Com 12 ou 14, não me lembro, eu participei de um concurso na escola técnica CEFET sobre Anchieta e eu fiz em verso, porque eu fazia tarefa de redação de 20 linhas em verso, porque acabava logo. Então eu comecei fazendo verso por preguiça, aí depois comecei a fazer por gosto mesmo. Mas eu, aí, tinha participado desse concurso e um dos jurados falou

que era muito interessante o meu trabalho. Eu tinha o maior orgulho de nunca pegar premio nenhum. Eu era um poeta rebelde. Aí, eu ganhei um prêmio de haikai há alguns anos atrás e fiquei desapontado. Eu estava sendo entendido. Não tenho mais nada de inovador. Mas aí ele (a pessoa que o havia elogiado no concurso) me deu um livro que ensinava como fazer versos, métricas... e eu estava praticando. E também na época eu lia Castro Alves, aqueles poetas mais antigos que usavam métrica. Era fã de Castro Alves.

Ângela Fontana – Então essa idéia de escrever pra criança veio meio que por acaso?

Aclyse de Mattos – Não. Desde que eu era criança eu era um leitor super voraz, lia quadrinhos. Quando eu era criança queria fazer quadrinhos. Esse livro veio por encomenda. Eu trabalho bem por encomenda. É estímulo. Pressão. Esse ano eu tava fechando um livro de contos porque tive prazo pra fechar, senão estava com o livro aí, mudando coisa pra lá e pra cá.

Ângela Fontana – O que está impedindo a publicação do material que você tem, Aclyse?

Aclyse de Mattos – Eu sou preguiçoso.

Ângela Fontana – Acomodado?

Aclyse de Mattos – Acomodado! Eu não sou preguiçoso, porque escrevo, mas eu não tenho pressa de escrever, acho que pode sempre melhorar. Aí, fico guardando. Acho que é acomodação mesmo. Eu não sou de ficar correndo atrás. Esse livro saiu porque ela (Patrícia Gwinner) vivia de desenhar, ganhava pela ilustração, então ela fazia o livro e já ganhava. Eu nunca... Geralmente, meus livros... inclusive, faço meus livros, porque gosto da feitura também. Ou eu me ligo a alguém que faz desenho. No caso, o primeiro livro, o meu ir, ao desenhou pra mim, fez a capa, fez os desenhos. Com exceção dos desenhos mais primários, que sou eu mesmo que faço. Esses dois poemas saíram em um livro pra criança, um pra menina e outro pra menino. Costura e escanteio. Futebol, o formato daquele escanteio, daquele campo lá do futebol e costura um verso na horizontal e outro na vertical imitando aquele traçado das mãos. Agora to com idéia também, já tem alguns poemas, para fazer uma coletânea para crianças. Porque quando eu vou mostrar nas escolas eu faço

transparências pra poder mostrar. Tem alguns poemas que são muito visuais e acabam sendo selecionados.

Ângela Fontana – E sobre o livro que é a continuação do “Natal Tropical”, como seria o título dele? E as outras obras para crianças?

Aclyse de Mattos – “Nabu no Rastro da Estrela”. Porque ele vai com os reis magos seguindo a estrela e porque os reis eram todos nobres e ele, enquanto etíope, é que sabia o caminho. Então ele vai guiando os reis magos até chegarem lá levando o ouro, o incenso e a mirra. E o Nabu sai com leite e chocolate. Esse “Alegoria no Telhado”, escrevi de 13 pra 14 anos, depois eu escrevi um chamado “Ventania”, que era todo com a letra V e F. assim, a geração Cruz e Souza de “vozes veladas, veludas vozes”. Eu fiz o poema só com a letra V e a letra F. Eram quatro páginas de poemas que eu adaptei e meu irmão fez algumas ilustrações pra criança.

Ângela Fontana – Então os livros infantis não publicados são: “Nabu no Rastro da Estrela”, “Ventania” e...

Aclyse de Mattos – ...“Ratos de Cinema”. O “Alegoria no Telhado” não pretendo publicar, porque eu fiz e nunca mais li. Pode ser que eu leia e ache que tem tudo a ver, mas a linguagem não é muito pra criança. hoje em dia você não tem livro assim. Acho que pareceriam... talvez só curiosidade. Talvez até se eu relesse, eu poderia adaptar, mas aí já não é o que eu escrevi. Fica como idéia. Talvez faça uma outra versão em formato conto. Fiz muitos roteiros pra história em quadrinhos. Fiz, inclusive, pro Wander, na revista “Gonçalinho”. Uma época, eu e meu irmão fizemos o suplemento de domingo do jornal “Diário de Cuiabá” que se chamava “Diarinho” e a gente publicava quadrinhos, publicava contos infantis. E eu fazia uma que era o “Pedrinho e o Dragão”, esse ta em formato de quadrinhos, ele também tem projeto que eu cheguei a encaminhar pra Lei Hermes de Abreu de Incentivo à Cultura. Só que não passou. Não sei se eles não gostam de quadrinhos ou o que houve. Então esse é um projeto que cheguei a fazer, fechar, fazer o projeto todinho. O desenhista é Ricardo Leite. Ta tudo pronto, depois eu fiz um a continuação também, a turma dele indo pra Chapada. A historinha dele é Joãozinho tem um cãozinho, Mariazinha tem um gatinho, Pedrinho tem um dragão. Aí tem um colega... nunca acha que ele é um dragão, acha que é um curimpampam que

tomou calcigenol, um grande jacaré e então vai lá o dragão e cospe fogo. Esse eu fiz pro meu filho, porque ele tinha um dragãozinho de brinquedo que arrancou o olho, arrancou a gravata... eu fazia música pra ele. Aí, fiz essa historinha. Esse tá todo pronto em formato de livro que também nasceu de história em quadrinhos. Publicava todos os domingos, duas tirazinhas e depois acabei fazendo charges... tem vários formatos, é muito interessante. É muito gostoso trabalhar com a criança, o lado lúdico. Eu falei que vou pra escola e mostro os poemas. A criançada produz cada coisa... na juventude eu fazia folhetos e saía vendendo em porta de faculdade, fila de teatro, de cinema, dentro do ônibus. Era bem cara de pau, assim. Era a época que tinha poesia de mimeógrafo, poesia marginal. A gente produzia tudo em formato popular, super baratinho. Hoje eu venderia a um real. Nem vendo mais, né?! Tinha um colega meu que trabalhava na gráfica. Eu fazia o projeto... sempre gostei de estar tratando da coisa... objeto. Por exemplo, o poema telegrama eu peguei um formulário, digitei, levei pros correios carimbarem. Eles tiveram que zerar, por favor. Depois eu coloco nos créditos: agradecimentos telegráficos. Então, os dois primeiros folhetos estão incorporados no meu primeiro livro "Assalto a mão Amada", que são os poemas menores. Eu uso um pseudônimo aqui. As crianças adoram, por exemplo, o poema que eu fiz aqui, "Doutor Frankenstein" que é a história do Frankenstein, só que ele vai dar vida para as palavras mortas. Foi um trabalho de uma oficina de poesia lá no Rio. coube a mim fazer um poema com as palavras *algaria*, *algame*, *bedame* e *carboreto*. A Aclyse coube as palavras com A,B e C. Então, eu fiz a primeira parte, ele indo ao cemitério... qual é o cemitério? O dicionário. Ele vai lá e tira cadáveres de palavras que não eram mais usadas e depois num segundo momento ele vai dar vida com raios, relâmpagos, naquele laboratório. Aí, eu uso palavras em inglês: game over, fliperama... então, eles vão lá no cemitério, tiram as palavras e depois eles dão vida às palavras. E como bom escultor, ele se apaixona pelas palavras vivas, só que os gramáticos estão batendo na porta do castelo pra colocar fogo, e o castelo é uma kitnet em Copacabana, não tem outra saída... Então, eu brinco demais, esse lado humorístico... até às vezes eu ia fazer recital e as pessoas nem achavam que era poesia de tanta brincadeira que eu acabava fazendo. Então eu fiz esse livro que na realidade é uma coletânea de partes do período que eu estudava em São Paulo, onde morei um

ano. Poemas industriais, são poemas sobre... até capitalistas contra essa exploração. Tem uma sessão de poemas de amigos meus que também escreviam. Os folhetins foram incorporados... álbuns de fotografias... meu primeiro livro saiu em 1985, aí no ano seguinte saiu "O Saxofonista", que são contos. Se nesse primeiro livro eu não tenho nada de Cuiabá, a não ser "Serenata", mas não tá com o nome de Cuiabá. No livro de contos são todos contos ambientados aqui. São quatro contos, todos passados no Coxipó, a história de um saxofonista que tocava em cabaré, boate. Outro é de um viajante que de tanto viajar não sabia onde que ele estava. Ele estava perdido lá por Goiás, Minas, Mato Grosso e a única coisa igual era a lua. Onde ele estava ele via a lua. A lua era sempre a mesma pra ele. E um chamado "Empório de versos", que é a história também na época da ditadura. Porque eu tive várias músicas censuradas... então, eu gosto da palavra empório e parece que aquela loja onde ninguém compra, tá tudo criando pó. Empório tem a palavra pó, ali. Então ele tem uma loja onde ele vende versos, versos eróticos, versos de amor, versos políticos... e tem aquela sessão escondida com versos contra o poder. Um belo dia a recessão vai lá e queima o empório e aí as poesias circulam com as pessoas. Esse livrinho tá esgotado também. Eu devo ter uns 50 ainda lá em casa. Fiz por minha conta e risco, como o primeiro também. Fazia e saía vendendo. Esse aqui inclusive (mostrando o livro), eu acabei me separando na época e vindo pra Cuiabá logo depois. 1985, 86, 87... saiu o "Papel Picado". É o menor livro, são todos de papel picado, tem vários sentidos. Um porque o papel é muito pequenininho, porque os poemas são muito curtos, três, quatro linhas no máximo. Na época não tinha o word, isso aqui era tudo fotocomposição. Era terrível montar. Em 90 eu tive duas publicações. Um prêmio que eu ganhei na Bahia num livro de contos no qual eu fui contemplado com um conto. Era um concurso nacional. Tinham quatro prêmios para autores baianos e três pra autores brasileiros. Eu fui o terceiro ou quarto colocado, não me lembro. Aí saiu um livro com dez contos e eu tive um conto publicado que saiu nesse livrinho pela Editora Vozes, na Bahia. Olha só os vínculos com a boa terra! Aí, vim pra Cuiabá, hibernei, casei pela segunda vez, tive um filho, dei aula à noite durante treze anos, aí entrei no mestrado com a USP, fiz um trabalho como poeta. Concomitantemente... terminei o mestrado em março e em julho estava saindo "Quem Muito Olha a Lua Fica

Louco”. Esse já foi feito com a lei de incentivo. Não tive que vender tudo pra poder pagar. Não tem poemas pesados, porque... até a professora Lúcia Helena, uma das minhas leitoras... eu gosto de sempre trocar idéia com pessoas que escrevem. Conversei com pessoas daqui e com pessoas do Rio. eu queria tirar vários poemas sobre Cuiabá e as pessoas do Rio achavam ótimo, porque era um universo diferente do deles. E eu achando que era muito meu próprio umbigo e eles acharam ótimo. Vários poemas aqui foram salvos pelo Antônio Carlos Sequim que hoje é da Academia Brasileira. Ele falou: “Não, deixa esse poema, é ótimo”. Eu queria tirar o poema porque era das minhas experiências de pescador, de criança. tem poema pro Manoel de Barros, um poema pro Silva Freire e um pro Ricardo Guilherme Dick. Então esse livro é bem... tem poema sobre a mangueira... eu tinha vizinhos japoneses, daí meu interesse por haikai. Eu tenho vários haikais. Antônio Carlos Sequim também pediu pra eu tirar o título desse poema que era aqui em baixo. Só ele disse pra tirar e o Wander disse pra tirar um poema sobre Rondonópolis. Ele falou: “Não, esse poema está mais fraco em relação aos outros”. Aí eu acabei tirando. Tem poema pra Cáceres, pra Chapada... Então esse livro saiu no ano 2000 e 2002. eu ganhei outro concurso de contos nacional, eu fui o primeiro colocado com um conto sobre o Ricardo Guilherme Dick. Na verdade... o conto se chama “Tigres de Borges, Tigres de Cortazar”, são meus ídolos. Adoro Borges e Cortazar. Dizem que eles não se tocaram muito. Um morando fora, não sei o quê, um de influência francesa e o outro de influência de língua inglesa. Mas aí, a história é que o Ricardo Guilherme Dick importa dois tigres, o tigre de Borges e o tigre de Cortazar. Porque os dois têm contos e poemas, né?! Tem o Bestiário, tem um conto do Júlio Cortazar de um tigre que mora em casa. Fabuloso. E o “Olho dos Tigres”, um dos livros de Jorge Luiz Borges. Também tem alguns poemas de tigre. Ele importa dois tigres pra dar garra nesse sol cuiabano que todo mundo fica mole. Eu sei que os tigres acabam entrando no ritmo cuiabano também, e começam a pegar galinha igual uma onça, uma rele onça. E o Ricardo Guilherme Dick acaba virando um lobo, um lobo guará, porque ele também é fera. Se não é o tigre do Borges ele é o nosso lobo guará. Esse conto foi premiado em 2002 e saiu esse livro que eu fiz o texto pro Laércio Miranda que é sobre Cuiabá. Então eu faço “foto-legendas”, faço textos. Tem um poema... conto sobre a igreja do Bom Despacho. De lá pra cá

eu tenho outros livros prontos que também são feitos com projeto de lei e até hoje não saiu. Mas os livros não são... é chamado "Com Por". Tem um poema que eu também estarei escrevendo... é "Pré Posições"... falando do vôo da letras sobre as páginas e termina sem pré-posições. Sem ter nada pré, sem nenhuma atitude prévia. É um poema que tem três páginas e acabou dando o nome pro livro... que tem várias sínteses também... mas todos eles sobre o ato de criar, de compor. Isso é também influência dos meus amigos do Rio. Fernando Bueno Guimarães que tem um livro que se chama "Compor" junto, escrito tudo junto. E eu, pra homenageá-lo, coloquei "Com Por" separado. Que acaba juntando com quem escreve e com quem lê. Mesmo separado acaba juntando no ato da leitura. E tem um livro que ta pronto também, mas como ele não saiu, eu sempre mecho. É... romance eu nunca consegui. Eu não tenho método, sou muito disperso, faço muitas coisas. Daria conta, mas levaria anos. Eu gosto mais de sentar e ser tomado por aquilo e fazer tudo de uma vez. Escrevi já livro com conto de setenta páginas. Acho que demorou um ano pra ser escrito. A gente prepara assim, página por página. O livro "Sexofonista"... o conto era pra ser em formato de carta de baralho, eram várias páginas, cada parte seria uma página solta, como carta de baralho e que você poderia embaralhar mesmo, porque o conto pode ser flashback. Ele começa pelo fim, não lembro o que aconteceu pela noite e acaba voltando pra ele retomar o que ele tinha começado. Então cada página era uma carta de baralho... pra embaralhar. Mas também não consegui realizar. Mexi e deixei como conto corrido ali. E não tinha lido o jogo amarelinha, que você salta casa. Talvez escrever um conto de xadrez que se move igual a peça do cavalo. Você vai duas pra gente e uma pro lado, de repente algum poema que seja possível assim.

Ângela Fontana – Sobre esse livro, o *Natal Tropical*...

Aclyse de Mattos – Esse livro da editora Vozes vendeu aqui também. Aqui tinha posto da Editora Vozes e eu fiz uma tarde de autógrafo no shopping Goiabeiras. Na época era o único shopping que tinha aqui... 1991 ou 92. Acho que foi o natal de 91. Isso mesmo! Porque o Thiago nasceu em janeiro de 93 e foi um ano antes de ele nascer. Foi 91. E ainda cheguei a ver alguns aqui. Mas era assim, a editora mandava pra própria livraria aqui. Foi só a tarde de

autógrafos. Algumas pessoas têm esse livro. Eu tenho só esse. Eu vou correr atrás, quero fazer esse e o outro logo. Fazer os dois.

Ângela Fontana – Precisa fazer os outros também.

Aclyse de Mattos – É, eu tenho até quem iria ilustrar esse da “Motosblim”, que é o nome da loja. Antigamente todo bairro tinha uma loja que consertava bicicleta. Hoje ninguém anda mais de bicicleta, não tem mais loja de bicicleta.

Ângela Fontana – Esse é livro ou formato HQ?

Aclyse de Mattos – Não, esse é formato livro e é junto, “Motosblim” escrito tudo junto.

Ângela Fontana – Esse você escreveu em que ano?

Aclyse de Mattos – Em 92. Eu já estava aqui de volta e concorri em um concurso do governo e ganhei em segundo lugar, mas nem o primeiro lugar saiu publicado. Quem saiu em primeiro lugar foi o Ivens... Isso mesmo, o Ivens tirou em primeiro, eu tirei em segundo e tem uma pessoa de Barra do Garças que ficou em terceiro. O do Ivens talvez tenha sido o “Uma Maneira Simples de Voar”, não tenho certeza. Mas o Ivens ficou indignado porque algum tempo depois ele achou o original dele num armário, numa secretaria aí, perdido sem ser publicado. Tinha um prêmio em dinheiro para o primeiro lugar e supostamente ia sair o livro, mas não tinha lei ainda... de incentivo... isso foi em 92.

Ângela Fontana – “Quem Muito Olha a Lua Fica Louco” saiu pela lei de incentivo. Qual foi a tiragem e como foi a distribuição?

Aclyse de Mattos – Esse aqui... foram 2.400 exemplares, dos quais eu distribuí alguns fora de Cuiabá. Eu distribuí na própria Bienal do livro em São Paulo. Fiz contato com editoras e foram distribuídos pra Amazonas, Bahia, Rio, Minas Gerais, São Paulo. Então 3000 foram distribuídos assim, tipo cortesia, troca com editoras, instituições, universidades de todos os estados. Todas as editoras das universidades receberam porque eu estive lá na própria Bienal. Tinha os estandes e eu distribuí pra todo mundo. Quinhentos exemplares foram pra nossa Secretaria estadual, pra distribuição em bibliotecas, escolas... Acho que eles distribuíram tudo porque algumas escolas têm. O restante, uns mil e

pouquinho, eu acabei fazendo o lançamento, vendendo a um preço bem simbólico, dez reais. A qualidade é super, o livro é super bonito.

Ângela Fontana – Então você não teve problemas com a distribuição?

Aclyse de Mattos – Não, mas esse aqui eu vendo pela... tem pela livraria Janina, livraria Adeptus. Colégio Master utilizou e tem outros colégios que acabaram utilizando também. Mas esse eu lembro que me chamaram pra fazer oficina em escolas, em vários lugares. Escolas do próprio município eu estive também. Não tive problema. Eu devo ter aí uns 100 exemplares. Acho que dá mais porque eu tenho 100 ainda em São Paulo, porque ele acabou mandando quase 500 pra São Paulo. Eu distribuí 300 e devo ter uns 100 ainda lá e uns 100 aqui.

Ângela Fontana – Eu estou muito feliz por saber de tudo isso, mas me dá certa tristeza também. Penso que todo esse material deveria estar editado, circulando por aí. É coisa demais pra ficar guardada em gaveta.

Aclyse de Mattos – Quando a pessoa fala pra mim: “Faz, que eu vou publicar”, aí eu faço rapidinho. Mas eu tenho um processo de amadurecimento das idéias, das formas... Então tem poemas... por exemplo, esse poema que abre aqui, se chama “História com H”. Ontem com “H”, hoje não tem mais, amanhã tem “H”. Era um poema que eu fiz e achei horrível depois, mas tinha “oje” sem “H”. Falei: vou pegar isso. Então tem um trabalho que eu faço assim... quando eu era mais... eu sou muito obsessivo, porque eu quero fazer o livro, por exemplo, eu detesto quando você tá lendo e tem um poema que precisa passar a página e o poema continua. Então, nesse livro os poemas de duas páginas são espelhados, tem até uma tarja. Quando tem uma tarja é poema de duas páginas. Quando são dois poemas não tem tarja. E um poema joga com o outro. Então tem um poema sobre o Pantanal aqui e atrás um haikai. Então assim você trabalha o que vem antes e o que vem depois. Eu gosto desse trabalho. Talvez eu não tenha feito porque eu quero alguém... Eu vou dizer que temos duas editoras muito boas aqui... Eu queria fazer esse ano o haikai, que é uma caixa de haikai. Idéia desde o Rio de Janeiro. Tem vinte anos, não fiz até hoje. E era eu mesmo quem fazia os desenhos, aí falei: não! Vou pegar gente talentosa. Uma hora eu penso em deixar cada poema com um artista, aí já penso: esse vai pra fulano, esse vai pra Verônica, uma aluna minha que

desenha. São essas idéias assim... até quando to fazendo o livro eu to colocando poemas. Então quando eu faço o livro eu acabo construindo mais o livro também.

Ângela Fontana – O livro inteiro é uma poesia.

Aclyse de Mattos – É... uma macro poesia. Uma galáxia, como diria Haroldo de Campos. Eu tenho um poema livro dele. Poesia é o livro inteiro. Por exemplo, esse meu primeiro livro tem muito desenho. O segundo livro não tem nenhum desenho a não ser o homem e a lua que abre e fecha. E todos os poemas são desenhados pelas palavras. Esse aqui parece um cartaz, aquele cartaz que tinha antigamente em teatro, né?! Companhia de poesia. Pra você ver como eu sou pirado. Eu queria botar uma luazinha em cada poema, se o poema era cheia, crescente, minguante ou nova. É o ponto de detalhe que eu queria fazer no livro. Essa idéia não consegui colocar, até porque não quero marcar os poemas, mas tinha poemas cheias, poemas minguantes, poemas novas, poemas crescentes. Não tenho certeza, mas eu queria fazer 52 poemas. Esse aqui tem 100 poemas. Eu tinha mil poemas escritos nessa época e selecionei dez por cento e falei: eu vou ficar por aqui. Eu sou uma máquina de escrever. Adoro. Adoro ler. Eu leio como quem vê TV, não tem? De um programa passa pro outro. Eu leio um livro... tô lendo um livro de poemas em espanhol... leio um livro de romance, de ficção. Leio uma outra revista, leio um livro pra dar aula. Como se fosse um programa de TV. Esse livro, então, tem essa grande viagem aí, quando faz o livro eu gosto de construir o livro.

Ângela Fontana – Você tem muitas idéias.

Aclyse de Mattos – É, e eu fico preso dentro delas. Às vezes é tão difícil ter essa ... eu tomo nota. Por exemplo, tem um roteiro de um vídeo sobre um poema. Quem disse que eu já falei com alguém pra fazer? Nada. Mas tá lá, tudo escrito. É um poema que vai estar nesse outro livro, “Com Por”.

Ângela Fontana – E você compõe músicas também, né?!

Aclyse de Mattos – Eu comecei assim... eu participei de festivais. No CEFET eu ganhei dois festivais. Uma chamada “Agora” e outra chamada “Contovérsia”. Essa “Controvérsia” foi em parceria com Alex, um amigo meu. Ele era muito

assim... porque eu faço a letra pra ele colocar a música. Tem umas que eu coloco música. Pra mim é mais fácil fazer a música, por a letra. Isso eu tenho quando escrevo também. Eu tenho muito medo de juízo, tomar... Partindo daquelas coisas categóricas, eu tenho muito medo dessa categorização. Por isso que a minha música parece que tem de um tudo, porque eu gosto de blues, tem alguns blues, eu gosto de samba, tem alguns sambas, chorinhos. Depende do momento. Tem rasqueado ⁴⁰. Passei por uma fase... foi uma fase que eu compus... eu tinha uns vinte rasqueados. Começou com um chamado “Pedido”. O cara vinha pedir a mão da mulher, mas aí ele pede os braços, pede as cochas, pede tudo... o queixo... Vai tudo por aí, pra trabalhar esse lado oral, né?! Essa que a criançada gosta chama “Chacaiá”, tudo no “chá”, “chá”, “chá”. Porque eu posso trabalhar esse outro lado. Mas tem o rock. Eu sempre fui contra rock. Eu gosto de fazer coisas diferentes pra não ficar repetindo. Eu gosto de teatro, música, roteiro. Cada livrinho tem que ser uma coisa diferente. Cada obra tem o seu próprio processo. Esse fazer é único. Se você for pegar uma fórmula e repetir até tem ajuste, mas tem certas pistas. Tem é que inovar. Quando eu faço um poema que não aparece aqueles risquinhos do word lá... vermelho e verde... não tô satisfeito. Tem que ter um erro. Acho que o erro é altamente criativo. Então você tem essas coisas. Na realidade eu saí de Cuiabá porque eu queria estudar música, só que eu aprendi música errado. Eu aprendi a ler a partitura tocando no violão e não sei solfejar até hoje. Bota qualquer coisa no violão eu sei tocar, mas na hora que eu canto aquela música eu não sei, porque a minha formação foi errada. Mas eu tenho conhecimento de harmonia. Tem hora que eu componho bossa nova e depois faço assim, uma... e o meu irmão sabe as minhas músicas, eu mesmo esqueci. Aí ele canta. Eu tenho dois irmãos. Um mora aqui, o Gabriel que também escreve, que é esse que toca comigo. O outro que tocava flauta. Eu tocava violão, o Gabriel tocava piano e o outro tocava flauta e gaita. Quando era blues tocava gaita, quando era MPB tocava flauta. Tenho várias músicas. Algumas da época lá do Rio, que eu gravei. Mas gravei em fita cassete que hoje em dia nem acha o aparelho pra rodar e é aquela chiadeira. Então tem muita música. Quando eu fiz o show no SESC com os meus poemas, as pessoas queriam o CD. Eu cantei sete

⁴⁰ Música típica cuiabana.

músicas, todas minhas. Uma inclusive, a letra não era minha. A música era minha e a letra era de uma amiga que chama Adriana. Chama “Isabel”. Adoro! Eu fiz a música. Então têm vários amigos poetas que eu pegava e fazia a música, mas hoje a gente tem músicos tão bons que eu prefiro pegar e fazer a parte da letra. Então tem os rasqueados que eles adoram. Quando eu vou, as crianças todas pedem: “Chacaiá”, Chacaiá”! tem outra que eu digo: só saio do Araés de for pro Coxipó⁴¹. Aí, ponho tudo que tem de bom no Araés, depois tudo que tem de bom no Coxipó. E outra que eu falo que turismo pra cá tem que ser turismo radical: mosquito, um monte de coisa. Eu falo tudo que tem de ruim. Tinha que falar bem, né?! Mas não. Falo que aqui é selvagem. A imagem que eles (os de fora) tem daqui. Vem pra cá que civilização não tem. (risos) Eu brinco com o meu nome que é Mattos com dois “T”, que é de antes de ter essa onda de desmatamento, mas que agora vai ficar só com um. Eu brinco com a minha mulher também porque ela detesta mato e eu falo: mas como que você se casou com um Mattos? No plural ainda? (risos) Eu tenho poemas de vinte e cinco anos atrás. Tem, por exemplo, um “Telegrama”. Aí, eu tenho que explicar que naquela época não tinha internet, não tinha e-mail. Eu faço o código morse pra dar o clima que era na época. E por aí vai. Só eu falei, né?! Mas é isso.

⁴¹ Araés e Coxipó são bairros de Cuiabá.

ANEXO 15 – Entrevista realizada em novembro de 2008 com a escritora MARIA DAS GRAÇAS CAMPOS

Ângela Fontana – Maria das Graças, me fale sobre o *As meninas e o sabiá* e como foi que o livro aconteceu.

Maria das Graças Campos – O que que acontecia naquele tempo que eu comecei o trabalho literário? É que o trabalho literário é muito precoce pra mim. Meu primeiro poema, escrevi quando eu era criança. Depois na adolescência eu escrevi o *Andarilho*, que eu acho que é um poema atual. Se eu pego o *Andarilho*, ele é de hoje. Com 14 anos então, eu já escrevia. Eu tenho essa coisa de escrever comigo. Se a professora falava: faz uma oração, uma frase, a frase já fluía. Porque eu sou mineira, lá em Minas as crianças participam muito de declamação. Minha família valorizava muito a literatura. Meu avô apoiava muito a parte literária. Eu tenho pessoas da família que faziam teatro, eram músicos, pessoas da arte. Então eu valorizava muito a profissão. Meu pai tocava muito bem, cantava. Essa coisa da arte lá em casa era muito convivência. Minha avó tocava bem também. Aí a família valorizava esse negócio. Essa questão de escrever pra mim, realmente... as pessoas falam hoje assim: “Ah! Porque quem escreve por inspiração não é profissional... não sei o que... Eu até posso escrever, mas eu sou assim, eu sou muito pelo que eu sinto pra escrever. E quando eu vi que eu levava jeito pra escrever poesia, principalmente, porque na verdade eu comecei mesmo com a poesia, né?! Aí, o que que nós fazíamos? Quando eu vim pra Cuiabá, eu comecei a escrever em Corumbá, quando eu fazia a licenciatura lá, de literatura. Quando entrei na graduação as pessoas falavam: você deve seguir, você escreve legal. Aí, quando eu vim pra Cuiabá, exatamente na década de 80, nós começamos. Então eu encontrei Adir Sodré, Antônio Sodré. Nós éramos vizinhos em Jucimeira. A gente vivia junto com Adir, com Antônio. E o Antônio também gostava de literatura. E o Adir também, muito. Já também trabalhava nessa área de artes plásticas. E eu comecei a freqüentar esse meio cultural. Naquele tempo, a poesia pra nós... nós não tínhamos compromisso de estar publicando livro, porque não havia jeito também. Você pode ver que naquela década o que que acontecia? Mais especificamente pela minha observação. Algumas

peessoas ou faziam edições fora daqui, ou eram edições institucionais pra aquelas pessoas que pertenciam à elite cultural, que não era o meu caso. Eu vinha de uma família de migrantes e o meu contexto é outro. Então nós que escrevíamos aqui naquele tempo, não tínhamos acesso a editora. Tanto que *As meninas e o sabiá* é um trabalho quase mimeografado. Porque não havia mesmo a editora. Agora já existem as editoras e mesmo que houvesse não era do nosso alcance. Então nós fazíamos varal de poesia, nós fazíamos poesia na praça, qualquer coisa que você fizesse a gente tava fazendo poesia. Então a gente não tinha compromisso com edição. Eu sempre me preocupei muito assim, eu nunca quis entrar na auto-edição. Talvez tenha sido uma de minhas falhas, não sei. Inclusive, tudo que eu participo tem um coletivo. Alguém promove alguma coisa e eu estou lá. Não é humildade. É porque realmente eu não gostava da auto edição. Eu achava que eu me editar, eu me lançar... mas que desastre, né?! É um desastre. É como se eu me elogiasse, entendeu? Então quem fugiu da auto edição ficou quase sem edição. A gente passava o tempo todo escrevendo. Eu me lembro que quando o Drummond morreu, eu e Antônio e Adir fizemos uma série de cartazes com os poemas do Drummond. E nós fomos pra Praça da República de ônibus. Eu e Antônio Sodré. Era um sábado e já era o sétimo dia de falecimento do Drummond. Fomos, eu e ele com os poemas embrulhados no ônibus e montamos os varais e passamos o dia na praça porque estávamos homenageando Drummond. A gente fazia umas coisas assim, muito anti-institucionais também. Porque agora você vê, tem toda uma produção. Poesia pra gente... escrever pra gente era voz. Nós conseguimos ter voz aqui, onde não éramos daqui, onde nossas famílias não faziam parte dessa elite cultural. E as pessoas nos ouviam. Nós íamos fazer o projeto *Sexta-feira na Praça...* dia Internacional da Mulher eu ia lá e fazia o meu poema. Então, foi uma coisa bem latente. O *As meninas e o sabiá* é porque eu também entrei no movimento ambientalista. Não entrei por acaso. Eu nasci no campo e achava que na cidade as pessoas tinham pouco zelo com a questão da água, com o próprio espaço verde. E eu entrei na campanha em defesa do rio Coxipó, que foi uma das primeiras campanhas. Depois entrei na associação mato-grossense de ecologia e nessa questão eu pensava: e as crianças? E comecei a ver essa questão dos garimpos, nós já estávamos no movimento lutando pela criação do Parque Nacional e éramos um grupo: Sérgio

Guimarães... Fontele, Marta Prezoti, Viviane Amaral... muitos outros. Nós éramos um grupo que militava. Saíamos de noite, fazíamos vigília, atormentávamos o povo no fórum, íamos na praça. Tem uma vez... e isso foi emblemático... pegamos todo o lixo que estava na Salgadeira e lavamos pra praça da república. Nós nos pintávamos de índio. Nós tínhamos a militância que eu acho... eu sinto pena da juventude porque ela não faz mais essa militância. Era uma coisa muito forte. E nisso a questão ambiental foi meio que entrando na minha produção literária. Inclusive todo esse “*As meninas e o sabiá*”... eu sentei uma tarde assim, e comecei a criar os personagens. E ele é um trabalho que fala dessa questão ambiental. É uma narrativa entre quatro meninas que se sentam à beira de um bosque, à margem de um rio e elas começam a conversar sobre temas ambientais e entra conversa com bicho, o sabiá sempre vem e faz a interlocução com as personagens. E eu pego um pouco de poesia... porque a poesia sempre vem. A poesia é uma coisa muito forte. Esse livro foi muito louco, porque nós não tínhamos a editora, como eu te falei, né?! E o SESC promoveu uma feira de livros. E a Tê ⁴² falou: “vamos editar.” Na época ela tinha uma livraria, daí que a gente se encontrou. Ela tinha muito Drummond e eu ia lá buscar Drummond. Eu adoro Drummond até hoje. E era lá que você encontrava os poetas. Essa livraria era pioneira na literatura. Aí, a Tê falou: “Vamos fazer o livro, a história é legal.” Ela pediu apoio na Universidade, tinha a gráfica da Universidade que apoiou a gente. O SESC deu o papel e os meus amigos fizeram cada um uma coisa. A capa, por exemplo. Aqui morava uma artista plástica francesa, Maty Vitart, muito talentosa. Ela falou que estava muito sem tempo, mas ia jogar alguns desenhos. E o Amaury Lobo que fazia arte gráfica, desenho, poesia e música e tudo... ele fez a capa. Mas assim, pra você ter uma idéia, ninguém ganhou nada com isso, porque nós também não tínhamos essa intenção. É que nós fazíamos arte porque a gente queria fazer arte. nós respirávamos isso. A gente não passava uma semana sem uma coisa, sem um acontecimento na nossa vida. Ontem eu estava olhando um negócio interessante. Foram 3 mil exemplares. Foi uma grande tiragem. Eu tenho impressão que aquilo foi uma loucura. Aí o que que deu na minha cabeça... porque toda vida de professora, em escola, eu vi que

⁴² refere-se aqui a Maria Teresa da editora Entrelinhas.

as crianças não pegam o livro. eu queria que elas ficassem com o livro na mão, mas aí a escola também não tem biblioteca. Aí fale: quer saber? Eu vou dar tudo. Eu vou pra praça. Nós fomos pra praça lançar o livro. Eu trabalhava com negócio de cultura, coordenava uma área de cultura e as pessoas me ajudaram. Inclusive Maurício Leite que está nessa foto no jornal (mostra o jornal), um grande estudioso, um grande divulgador da literatura aqui. E depois no Brasil. Ele tinha um projeto que chamava *Mala de leitura*, que ele levava pro Vale do Araguaia. Nosso primeiro contador de história. Pode procurar que você ainda encontra referência sobre ele. Porque ele continua. Ele é muito expressivo. Então, o Maurício me ajudou. Todo mundo me ajudou. O pessoal da equipe de cultura me ajudou. Nós levamos uma coisa de livro pra Praça da República e eu sentei pra fazer o lançamento onde passavam todas as pessoas... pra pegar ônibus. Quando as pessoas viram que ninguém pagava nada pra levar o livro... eles ganhavam... foi uma coisa. Foi uma coisa assim na minha vida que eu acho que eu nunca vou passar de novo um momento daquele. As pessoas diziam: "Escreve o nome do meu filho aí!" E eu escrevia. Eu acho que naquela tarde, sem exagero, ali foram uns mil livros... naquele lançamento. Foi indo, o pessoal que estava trabalhando comigo, eles saturaram. "Vamos embora, Graça, pelo amor de Deus!" Eu tinha uma coisa comigo que eu não gostava de nada oficial. Eu não gostava da academia, eu não gostava daqueles discursos, porque eu não fazia parte daquelas coisas, eu não dava valor àquelas coisas. Eu era uma migrante. Eles faziam aqueles lançamentos, todo muito... muito bem paramentado e só convidavam aquelas pessoas que liam. Esse lançamento foi meio que um escracho que eu fiz com tudo isso. E foi assim: eu continuei lançando o livro. o lançamento sempre acaba, né? E eu não parei. Alguém me chamava pra falar de literatura e não sei o que... lançava de novo o livro. aí, alguém ia viajar: leva um pacote de livro! Levava. Eram 3 mil livros. Esse livro foi lançado até em Porto Seguro. Nós tivemos um encontro de ambientalistas pra discutir a constituinte, porque era aquela fase de 87/88. E nós fomos. E lá no encontro... nós já conversamos com os organizadores... daqui... e colocaram uma pauta pra lançar o *As meninas e o sabiá*. Eu lancei num ginásio. Estavam lá Fábio Celso, Carlos Minc que hoje é ministro. Todo aquele pessoal que trabalhava... os escritores que queriam uma constituição cidadã... que queriam mais qualidade de vida. E as

peessoas gostavam do livro porque era uma coisa assim, muito simpática. Porque nós não tínhamos uma pretensão. Acho que por aí também. Não que ele seja uma grande literatura, mas foi um livro que todas as pessoas que pegaram leram. Eu não vi nenhum livro desse por aí mais. Inclusive algumas professoras trabalharam com as crianças na sala de aula, na época. Esse livro causou muita polêmica. Por exemplo, quando chegou em Poconé. Porque eu questionava o garimpo mecanizado em Poconé, a derrubada da igreja pra escavação do garimpo. E isso, os donos dos garimpos não gostaram. Então, assim, eu nunca vi uma coisa tão interessante. E teve a história da *Nova Poesia em Mato Grosso* também. Que essa nova poesia era assim: foi um concurso do jornal *Fim de Semana*, isso em 86. Esse concurso, a Teresa está junto dele. Eu acho que se eu tivesse ficado perto da Teresa eu era hoje uma grande escritora da literatura infantil. Repare bem. A Teresa fazia um jornal chamado *Fim de Semana* que era cheio de artes plásticas, de literatura. Esse jornal, junto com o *Jornal do Dia*, promoveu um concurso. Era uma coisa bem legal. Os concursos aconteciam mesmo aqui. E foram muitos poemas. Todo mundo que escrevia participou. Esse concurso teve Joice Cavalcante, Ferreira Goular, Guilherme Dick... Foi muito bom. A Joice, inclusive, era uma escritora muito conhecida. Naquele tempo, um livro dela virou filme. Depois o Inácio Brandão Loyola esteve aqui também, que a Teresa trouxe. Quando o Loyola veio aqui eu peguei um envelope de poemas meus e disse assim: abre só em São Paulo. Depois ele me mandou uma carta dizendo que ele havia colocado um poema meu num quadro e dado pra uma grande amiga dele. Ele falou: “Não se esqueça que o que é bom aí, é bom aqui, é bom em Paris, é bom em qualquer lugar. Eu fiquei assim... imagina... porque eu tinha vergonha de mostrar... e imagina, foi uma coisa na minha vida. E você vai falar assim: “Pô! E por que você não continuou?” É o seguinte: eu senti que o apelo era visual. O apelo nesse período vem fortemente visual. Aí entrou a TV, entrou a mídia e agora você vê que tem a internet. E eu não conseguia, nessa questão toda, ver aonde estaria colocada essa produção. A minha produção é coletiva. Eu não tenho noção do individualismo na literatura. Quando chegou a editoração eu achei que era a minha hora de sair. Porque aquele tempo de efervescência pra mim, da minha juventude, ele é passado. Mas é raro o dia que eu não escrevo alguma coisa. Só que é aquela história, você tem fases na sua vida que você

converge pra outro rumo. Por exemplo, o Joãozinho (personagem do novo livro) eu fiz a muito tempo. Meu irmão falou: “Ah! Você podia fazer alguma coisa com rima... poesia.” Na minha adolescência ... Eu fiz a história toda rimada. Eu fiz ‘no tapa’. Eu tenho lá em casa, porque eu escrevo ‘no tapa’. Eu tenho lá em casa o *Camila que amava um sapo que dizia não*. É uma crônica que eu me inspirei em Sartre, quando ele fala que liberdade é saber dizer não. E ele fala dos caminhos da liberdade, da pessoa que mesmo livre, no conjunto, no seu meio, ela precisa ter a sua identidade, a sua individualidade. E tenho lá em casa muitos poemas, muitas coisas. Nunca parei de escrever. Eu acho que agora é uma questão de fazer memória. Então eu quero analisar as fases da minha literatura... não sei se interessa tanto pras pessoas hoje o que eu escrevi ou o que eu deixei de escrever, mas de certa forma o que a gente escreve num determinado período, serve pra ler o mundo naquele momento. As impressões daquele tempo.

ANEXO 16 – Correspondência via e-mail trocada com a escritora MARIA DE LOURDES FIGUEIREDO BASTOS DA SILVA RAMOS

Pedagogia, onde andavas?

De: Maria de Lourdes da Silva Ramos

Para: angelafontana

Assunto: Pedagogia, onde andavas?

Ângela, ai vai um acalanto dos mais cruéis: Antoninho vá à aula/ é preciso aprender ler/ Papai eu não vou à aula/ porque sei que vou morrer. Antoninho foi à aula/ chorando pelo caminho/ chegou ao portão do mestre/ soluçando coitadinho. Bom dia senhor mestre/ Bom dia lhe venho dar/ matei o seu pavão / mas meu pai vem lhe pagar. O mestre de Antoninho/ furioso então ficou/ tirando o punhal do lado/ No coração lhe cravou.

Essa página que suponho ser de origem portuguesa.
Por onde andaria a pedagogia a psicologia e outros quietais?
Obrigada por suas palavras tão gentis, eu é que me senti lisonjeada,
Continuo por aqui oferecendo o que esta velha cabeça se lembra, graças a Deus.
Com carinho,

Lourdes

Literatura infantil

De: Maria de Lourdes da Silva Ramos

Para: Angelafontana

Assunto: Literatura infantil

Data: 30/03/2009 14:03

Cara Ângela: Não sendo psicóloga tampouco pedagoga, as notas que vou lhe passar, são estritamente fruto das lembranças de uma escrevinhadora de 85 anos. Não tenho informação de nenhum autor(a) de literatura infantil na Cuiabá de meus tempos de menina(década de 30).

Acredito que a literatura infantil tenha sido oral, e aqui sim, encontramos farto número de narrativas, contos, histórias, Contos da carochinha, não faltando as do folclore da Chapada dos Guimarães, onde se destacava o Pe de garrafa.

Numerosos os acalantos entoados por mães, babás (na maioria das vezes de sangue mestiço filhas ou netas de escravas, que conviviam como se da família (A mãe preta foi uma realidade no Brasil colônia como vc sabe) e sua herança foi marcante no sentido de formar o imaginário infantil onde se mesclavam mitos, fatos verídicos de lembranças que trouxeram etc.

Doces canções de ninar como a dirigida às meninas: Menina bonita/ não dorme na cama/ Dorme no regaço /de Senhora Sant'Ana., ou a da Calunga: Lá atrás da

serra Calunga/Na casa de d.Quitéria Calinga etc, ao lado de muitos terrivelmente apavorantes como a do Antoninho (veja! Não é uma afirmativa e sim suposição) creio ser essa página do cancionero português) E assim não tínhamos nada absolutamente autóctone.

A poesia de Olavo Bilac foi de grande importância em Cuiabá. Data de 1894 a primeira incursão no Brasil na literatura infantil. Sua poesia Pátria, que muitas crianças aprenderam recitar. Em Cuiabá sendo que sei até hoje (Há alguns anos conversando com um de meus muitos tios, o querido tio Néco, na ocasião com 90 anos, ele declamou para mim a poesia Pátria, ele que era de uma geração antes da minha.) As Poesias Infantis de cunho menos patriótico, mas de forte apelo moral, seu conteúdo é bem mais lúdico. Também data da mesma ocasião a tradução de Pinóchio feita por Monteiro Lobato. . e...

Ângela, nessa toada vou longe, pois faltam as cantorias dos brinquedos de roda, inúmeras as cirandas que, bem decoradas por toda a meninada do meu tempo, tornavam encantadas nossas tardes, que logo mais seriam coroadas pelo manto de estrelas do céu da noite cuiabana.

Ângela, minha pena foi movida pela saudade. Não creio que possa ser útil para seu trabalho, em todo o caso, arrisquei!

A mulher tem grande importância na literatura cuiabana, Muitas se destacaram, mas nenhuma delas, dedicou qualquer página à criança., quando muito já à adolescente.

Beijo Lourdes

De: Maria de Lourdes da Silva Ramos

Para: angelafontana

Assunto: Re: a gata Bana visita o Pantanal

Data: 27/03/2009 17:02

Cara Ângela: Respondendo ao que indaga, devo dizer-lhe que nunca me afastei de Cuiabá espiritualmente... Amo Cuiabá. Enquanto estudante visitava minha extensa família, todas as férias, e mais tarde com meus filhos e netos.

Aguarde umas notas que estou escrevendo para vc. Amanhã possivelmente lhe enviarei.

Quero seu endereço para enviar-lhe um trabalho meu: Cuiabá no olhar de Raimundo e Cláudio Bastos.

Abraço, Lourdes

----- Original Message -----

From: [angelafontana](#)

To: [Maria de Lourdes da Silva Ramos](#)

Sent: Friday, March 27, 2009 12:30 PM

Subject: Re: a gata Bana visita o Pantanal

Maria de Lourdes, ficarei feliz em saber o que tem a me dizer sobre o fato de como aconteceu a literatura infantil em Cuiabá. O seu relato é de grande importância. Tê-lo, enriquecerá o capítulo onde faço essa construção. Até o momento não encontrei ninguém que possa me fornecer informações desse período. Gostaria de conversar a

respeito. Poderia escrever-me?

Abraço.
Ângela

Em 27/03/2009 02:36, **Maria de Lourdes da Silva Ramos** <mlourdessramos@globo.com> escreveu:

Cara Ângela: Obras na manga, na gaveta e na Editora Entrelinhas, mas infelizmente nada sobre literatura infantil especificamente O que acontece é que de um modo geral meus trabalhos ,acredito, sejam de teor educativo e escritos de maneira um tanto lúdica. No livro MENINA DE CUIABÁ eu trago a Cuiabá de minha meninice, que segundo a Professora de literatura da USP ,Telê Porto Ancona Lopes, a "minha "Cuiabá " é cheia de vida e refrões", lembrando um tanto o Recife de Manoel Bandeira. Esse livro recria a cidade ao tempo que as crianças brincavam de roda ,na rua à porta de casa...Acredito poder até ser adotado em Escolas, pois ele relembra uma Cuiabá que não mais existe. No gênero publiquei Relembrando os Festejos do Senhor Divino, onde também a narrativa se prende aos festejos que se davam ainda das maneira tradicional, com touradas, leilões, quermesses, bailes , ao lado de missas e procissões, enfim, de um modo geral o que venho escrevendo acredito que se adaptem perfeitamente aos jovens.

Aqui estou a oferecer-lhe meus préstimos, uma vez que tenho alguma noção de como aconteceu a literatura infantil em Cuiabá.

Abraço, Lourdes

----- Original Message -----

From: angelafontana

To: Maria de Lourdes da Silva Ramos

Sent: Thursday, March 26, 2009 10:45 PM

Subject: Re: a gata Bana visita o Pantanal

Sem problemas. Acontece.

Mas tentei e mesmo assim não consegui, não sei o que está havendo.

Bem, talvez possamos conversar por aqui mesmo, são só algumas perguntas para que eu monte a sua biografia para apresentar juntamente com a análise do livro.

O 'nosso' livro "A Gata Bana Visita o Pantanal" foi publicado em 2005 e pelas informações na última página, você estava com outras obras na manga. Gostaria de saber se publicou, depois disso, mais algum livro voltado para crianças e adolescentes.

Sobre sua mudança para São Paulo... mudou-se aos 8 anos e reside aí desde então ou houve momento em que retornou a Cuiabá, residindo por algum tempo?

Espero não incomodá-la. Fico grata pela sua atenção e agradeço desde já.

Obrigada.

Um grande Abraço.

Ângela

Em 25/03/2009 22:37, **Maria de Lourdes da Silva Ramos** <mlourdessramos@globo.com> escreveu:

Cara Angela: A falta foi toda minha que não mencionei ser esse telefone de São Paulo, cujo prefixo é 011

Mil desculpas, e um abraço da Lourdes

----- Original Message -----

From: angelafontana

To: [Maria de Lourdes da Silva Ramos](mailto:mlourdessramos@globo.com)

Sent: Wednesday, March 25, 2009 6:19 PM

Subject: Re: a gata Bana visita o Pantanal

Maria de Lourdes, não consigo completar ligação para este número. Este telefone é de Cuiabá ou outra localidade?

Abraço

Ângela

24/03/2009 15:38, **Maria de Lourdes da Silva Ramos** escreveu:

Cara Angela: Estou a seu dispor no que precisar. Meu telefone é 3057 -0753

Aguardando seu telefonema, envio-lhe um abraço!

Maria de Lourdes F.B. da Silva Ramos

----- Original Message -----

From: angelafontana

To: mlourdessramos@globo.com

Sent: Monday, March 23, 2009 7:43 PM

Subject: a gata Bana visita o Pantanal

Olá, Lourdes, tudo bem?

Estou entrando em contato pelo fato de você ter escrito livros de literatura infantil. Sou mestrandanda do Instituto de Linguagens da UFMT e desenvolvo um projeto onde pretende-se escrever a história da literatura infantil e juvenil no estado de Mato Grosso. Gostaria de, nesse momento, saber se podemos realizar um encontro para que eu possa entrevistá-la. Caso você não esteja aqui em Cuiabá, podemos conversar por telefone ou por e-mail mesmo, como você preferir.

O seu endereço de e-mail me foi dado pela Maria Teresa da editora Entrelinhas, que me falou de você e da sua obra com muito carinho. Preciso realmente desse contato. Estou aguardando ansiosa a sua resposta.

Obrigada.

Ângela Fontana Velho

ANEXO 17 – Correspondência via e-mail trocada com a Professora Doutora Hilda Gomes Dutra Magalhães, realizada em agosto de 2009.

Boa noite, pode citar, sim.
Um abraço
Profa.Hilda

Em 04/08/09, **angelafontana** <angelafontana@uol.com.br> escreveu:

Professora Hilda, gostaria de saber se posso citar suas palavras (abaixo) na minha dissertação, para reforçar a justificativa de não ter encontrado obras para o público infantil escritas na década de 70.

Forte abraço.
Angela

Em 02/05/2009 00:26, **Hilda Gomes Dutra Magalhaes** <hildadutra@uft.edu.br> escreveu:

Boa noite, Ângela
Fico feliz por haver entrado em contato comigo para falar de um tema tão pouco estudado em Estado de Mato Grosso.
O livro mais antigo que nossa equipe encontrou foi *As meninas e o sabiá*, de Maria da Graça Campos (1987), mas acreditamos que, no início do século XX, quando o teatro passou a se desenvolver nas escolas, foram criadas peças para o público infanto-juvenil (de caráter didático e moralizante, já que as escolas eram religiosas), entretanto essa produção, se de fato existiu, se perdeu. Não pudemos encontrar nada a respeito.
Após a divisão do Estado, o fluxo populacional oriundo principalmente do Sul e Sudeste criou as condições para o surgimento de novas linguagens literárias, dentre as quais, a de natureza infanto-juvenil. Vale ressaltar também a publicação de *Natal Tropical*, por Aclyse de Mattos, inicialmente em quadrinhos (1990).
Um abraço e boa sorte em seu trabalho, que em muito contribuirá para a compreensão do cenário literário de Mato Grosso.
Continuo à disposição para o caso de precisar de alguma coisa.
Profa.Hilda Magalhães

--

Open WebMail Project (<http://openwebmail.org>)

----- **Original Message** -----

From: angelafontana
To: hildadutra@uft.edu.br
Sent: Tue, 28 Apr 2009 20:40:57 -0300
Subject: literatura mato-grossense (mestrado UFMT)

> Olá, professora Hilda!

>

> Sou mestranda de Estudos Literários da UFMT e estou escrevendo sobre a Literatura Infanto-Juvenil em Mato Grosso.

> Com o processo de investigação consegui encontrar muitas obras.

> O que ocorre é o seguinte: o livro mais velho encontrado até agora é de 1987 (*As Meninas e o Sabiá* de Maria das Graças Campos). No entanto, em seu livro *História da Literatura de Mato Grosso: Século XX*, encontrei a informação de que essa literatura destinada ao público infanto-juvenil surge na década de 70 (pág. 212). Como não identifiquei a referência a essa(s) obra(s) e também no meu processo de investigação até o momento não consegui localizar nenhum livro desse período, resolvi entrar em contato para tentar informações a respeito. Gostaria, se puder fazê-lo, que me enviasse os títulos dos livros dessa década bem como seus autores para que eu possa localizá-los mais facilmente - ou mesmo se houver algum que conheça anterior a 87. E se houver algum outro material de seu conhecimento que trate do assunto, ficarei grata em receber a indicação.

>

> Um abraço e minha admiração.

>

> Ângela

>

> p.s. Consegui seu e-mail através da universidade.

----- **End of Original Message** -----

ANEXO 18 – Correspondência via e-mail trocada com a professora Ana Arlinda em agosto de 2009

Re: literatura infantil na UFMT

De: aarlinda@terra.com.br

Para: angelafontana

Assunto: Re: literatura infantil na UFMT

Data: 17/08/2009 11:24

Angela, essa disciplina faz parte da grade do curso de pedagogia há anos como disciplina optativa. Peça para a coordenação de Pedagogia a nova estrutura do curso, para você saber qual o lugar da literatura. Lecionei esta disciplina em 2008, no período noturno, mas tenho trabalhado a Literatura Infantil na disciplina Linguagem e Metodologia do Ensino II - Alfabetização, pois penso que ela precisa ser sempre retomada, pela importância que tem para a formação do leitor e, mais precisamente, do leitor literário.

Outro ponto que julgo importante, é o fato dos escritores da Literatura Infantil matogrossense não serem divulgados na escola. Poucos professores conhecem esses autores, e menos ainda os usam em sua prática pedagógica. Estou à sua disposição. Profa Dra. Ana Arlinda de Oliveira.

ANEXO 19 – CAIXAS DE LIVROS - SEDUC

LIVRO	EDITORA
História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais	Entrelinhas
O que é rasqueado cuiabano (livro + CD)	Entrelinhas
Cabelo ruim?	Tantatinta
Clássicos Rideel –série I	Ridel
Almanaque Maluquinho – Esportes radicais	Globo
Aventura Sítio do Pica Pau Amarelo – O tesouro de Emília	Globo
O batalhão das letras	Globo
Coleção Almanaque da Turma do Sítio: bichos brasileiros	Globo
Diário da Julieta – As histórias mais secretas da Menina Maluquinha	Globo
Dom Quixote	Ridel
Maluquinho por bichos	Globo
Memórias de Emília	Globo
O saci	Globo
Reinações de Narizinho vol. 1	Globo
Reinações de Narizinho vol. 2	Globo
Turma do Pererê – 365 dias na Mata do Fundão	Globo
Viagem ao céu	Globo

Clássicos de Literatura – A mão e a luva	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – Amor de perdição	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – Helena	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – Lira dos vinte anos	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – Marília de Dirceu	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – O Alienista	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – O Ateneu	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – O Cortiço	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – O crime do Padre Amaro	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – O Mulato	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – Quincas Borba	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – Três peças de Martins Pena	Ciranda Cultural
Clássicos de Literatura – Triste fim de Policarpo Quaresma	Ciranda Cultural
Literatura Brasileira – Cinco minutos e Viuvinha	Ciranda Cultural
Literatura Brasileira – Dom Casmurro	Ciranda Cultural
Literatura Brasileira – Escrava Isaura	Ciranda Cultural
Literatura Brasileira – Inocência	Ciranda Cultural
Literatura Brasileira – Iracema	Ciranda Cultural

Literatura Brasileira – Lucíola	Ciranda Cultural
Literatura Brasileira – Memórias de um sargento de milícias	Ciranda Cultural
Literatura Brasileira – Memórias póstumas de Braz Cubas	Ciranda Cultural
Literatura Brasileira – A moreninha	Ciranda Cultural
Literatura Brasileira - Senhora	Ciranda Cultural

Obs.: Esta é uma reprodução exata de uma das listas cedidas pela Secretaria de Educação. Nesta, não consta local e ano, somente títulos e editoras.

CUIABA - MT	SÉRIE INICIAL	CX. 01
TÍTULO	AUTOR	EDITORIA
	15 Cxs	
Dia e noite	Mary França	Ática
O gato e o novelo de lã	Liliana	Ática
O jogo e a bola	Mary França	Ática
Devagar, devagar bem devagar	Eric Carle	Brinque-Book
Pato Atolado	Jez Alborough	Brinque-Book
A Porta	Cristina Von	Callis
O presente que veio do céu	Regina Rennó	Compór
Faniquito e Siricutico no Mosquito	Jonas Ribeiro	Elementar
Um avião e uma viola	Ana Maria Machado	Formato
A polegarzinha	Selma Braido (adapt.)	FTD
Rita Sapeca vai pescar	Peral - Gilson	Larousse
O bebê que sabia brincar	Zivaldo	Melhoramentos
Um bebê em forma de gente	Zivaldo	Melhoramentos
Um amor de família	Zivaldo	Melhoramentos
Assim assado	Eva Furnari	Moderna
Gente e mais gente	Elias Jose	Paulus
Saudando quem chega	Elias Jose	Paulus
Banho	Mariana Massarani	Global
Brincadeira de Sombra	Ana maria Machado	Global
Bruxinha Atrapalhada, A	Eva Furnari	Global
Caixa de Surpresas	Claudia Ramos	Global
Casulos	André Neves	Global

Ciranda de Anél e Céu	Sylvia Orthof	Global
Dá um Sorriso pra Titia!	Diane Paterson	Global
Feliz Aniversário Lua	Franck Asch	Global
Haroldo Vira Gigante	Crockett Johnson	Global
Livro do Alfabeto	Marcelo Cipis	Global
B.C. Embalagens Vazias	Apoio ao Professor	Global
B.C. lãs, linhas e retalhos	Apoio ao Professor	Global
<i>Dicionário Global Escolar</i>	Silveira Bueno	Global
Lendo e Formando Leitores	Walda Antunes	Global

1ª série cx. 2/3			
	Cuiaba - MT		
	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1	O dourado	Mary França	Ática
2	O piquenique	Mary França	Ática
3	Bicholiques	Tatiana Belinky	Biruta
4	Bom Dia, Marcos	Marie-Louise Gay	Brinque-Book
5	Aqui está tão quentinho!	Jang Seon-Hye	Callis
6	Cata-vento	Sandra Lopes	Cortez
7	O curumim	Ingrid Bellinghausen	DCL
8	Meu amigo Etelvildo	Telma Guimarães	Editora do Brasil
9	Um Brinquedo Diferente	Telma Guimarães	Editora do Brasil
10	Um redondo que pode ser quadrado?	Canini	Formato
11	Rapunzel	Eunice Braido (adap.)	FTD
12	Um novo amigo	Sergio Merli	FTD
13	A televisão da bicharada	Sidônio Muralha	Global
14	Bichos fantásticos: como é bom sermos Amigos, 2	Gian Calvi	Global
15	Bichos fantásticos: como é bom sermos	Gian Calvi	Global

	Colaboradores, 3		
16	Bichos fantásticos: como é bom sermos Diferentes, 1	Gian Calvi	Global
17	Dança dos Pica-Paus	Sidônio Muralha	Global
18	História em 3 atos	Bartolomeu C. de Queirós	Global
19	O ovo e o anjo	Bartolomeu C. de Queirós	Global
20	Os Três Ladrões	Tomie Ungerer	Global
21	Strega Nona a Avó Feiticeira	Tomie de Paola	Global
22	A abelha Amélia	Antoon Krings	Globo
23	A formiga Filó	Antoon Krings	Globo
24	Brincadeiras de Pedrinho	Col Sitio do Pic. Amarelo	Globo
25	Conselheiro, o sábio burro falante	Col Sitio do Pic. Amarelo	Globo
26	Macaquinho	Ronaldo S.Coelho	Lê
27	Sai da toca, amigo!	Anna Göbel	Lê
28	Tem bicho no circo	Ziraldo	Melhoramentos
29	Zapi Zapi	Ziraldo	Melhoramentos
30	A formiga e a pomba	Pedro Bandeira	Moderna
31	A história da baratinha	João de Barro (reconto)	Moderna
32	O que tem nesta venda?	Elias José	Paulus
33	O que você lê ali?	Elias José	Paulus
34	No barraco do carrapato	Ana Maria Machado	Salamandra
35	<i>Dicionário Global Escolar</i>	Silveira Bueno	Global
36	Lendo e Formando Leitores - 2 Vols.	Walda Antunes	Global

ACELERA - 2008		Caixa . 03
CUIABÁ - MT		45 Cxs.
Título	Autor	Editora
Reciclagem: a aventura de uma garrafa	Mick Manning e Brita Granström	Ática
A Água	C. Vance Cast	Callis
Historias da Tia Regina - Vol.3	Regina Helena	Cidadela
A nuvenzinha que não gostava de Chover	Ricardo Zimmer	Cidadela
Vida pra que te quero	Salizete Freire	Cidadela
A criança e seus direitos	Eustáquio Rodrigues	Compor
Villa-Lobos	Nereide S. Sta Rosa e Angelo Bonito	Callis
O consultório do Dr. Coruja	Luís Cláudio do Carmo	Cortez
A história vazia da garrafa vazia	Jonas Ribeiro	Ed.Brasil
De olhos bem abertos	Telma Guimarães Castro Andrade	Ed.Brasil
Uma Idéia Solta no Ar	Pedro Bandeira	FTD
Tot	Marcelo Xavier	Formato
O livro do papel	Ruth Rocha e Otávio Roth	Melhoramentos
Esta casa é minha	Ana Maria Machado	Moderna
A felicidade dos pais	Rubem Alves	Paulus
Re-Fabulando	Elias José	Paulus
Sabendo ler o mundo	Lúcia Fidalgo	Paulus
Gente Bem Diferente	Ana Maria Machado	Quinteto
Minhas Férias pula uma linha	Cristiane Gribel	Salamandra
Cada bicho seu capricho	Marina Colassanti	Global
Gota D"Agua	Moacir Scliar	Global
A princesa de Bambuluá	Luís Câmara Cascudo	Global
A torre do Reno	Sanches Neto	Global
Amor, amor, amor	Lúcia Fidalgo	Global
As patas da vaca	Bartolomeu Campos de Queirós	Global
Aventura na neve	Alex George	Global
Cavaleiros das sete luas	Bartolomeu Campos de Queirós	Global
O livro mágico de Holda	Heloísa Galves	Global
O mistério do poço do alemão	Ganymédes José	Global
O menino e a sombra	Orígenes Lessa	Global
O mistério da berinjela	Maria Heloisa Penteado	Global

O rouxinol e o Imperador da China	Hans Christian Andersen	Global
O selvagem	Walcyr Carrasco	Global
Os Quatro...?	Cláudia Pacce	Global
Poema do Milho	Cora Coralina	Global
O incrível duelo de magia	Rosana Rios	Global
Seis tempos	Sylvia Manzano	Global
Um pipi choveu aqui	Sylvia Orthof	Global
Viagem no tempo	Luca Boal Silbert	Global
Dicionário Global Escolar	Silveira Bueno	Global
Lendo e Formando Leitores - 2 Vols.	Waldia Antunes	Global

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)